

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
MESTRADO EM FILOSOFIA

RUTE RAQUEL PRATES FERREIRA

**FASCISMO DE ONTEM E O FASCISMO DE HOJE:**  
TRAÇOS DA PERSONALIDADE AUTORITÁRIA NO BRASIL A PARTIR DE THEODOR ADORNO

Porto Alegre  
2025

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

RUTE RAQUEL PRATES FERREIRA

**FASCISMO DE ONTEM E O FASCISMO DE HOJE:  
TRAÇOS DA PERSONALIDADE AUTORITÁRIA NO BRASIL A PARTIR DE THEODOR  
ADORNO**

Dissertação apresentada como requisito para a  
obtenção do grau de Mestra em Filosofia pelo  
Programa de Pós-Graduação em Filosofia da  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande  
do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza

Co-Orientador: Prof. Dr. Augusto Jobim do Amaral

Porto Alegre

2025

## Ficha Catalográfica

F383f Ferreira, Rute Raquel Prates

Fascismo de ontem e o Fascismo de hoje : Traços da personalidade autoritária no Brasil a partir de Theodor Adorno / Rute Raquel Prates Ferreira. – 2025.

163.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza.

Coorientador: Prof. Dr. Augusto Jobim do Amaral.

1. Theodor Adorno. 2. fascismo. 3. Psicologia das massas. 4. extrema-direita no Brasil. 5. resistência. I. Souza, Ricardo Timm de. II. Amaral, Augusto Jobim do. III. ,. IV. Título.

RUTE RAQUEL PRATES FERREIRA

**FASCISMO DE ONTEM E O FASCISMO DE HOJE:  
TRAÇOS DA PERSONALIDADE AUTORITÁRIA NO BRASIL A PARTIR DE THEODOR  
ADORNO**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestra em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de concentração: Ética e Filosofia Política.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2025

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza – PUCRS

---

Prof. Dr. Augusto Jobim do Amaral – PUCRS

---

Prof. Dr. Gustavo Oliveira de Lima Pereira – PUCRS

---

Prof. Dra. Renata Guadagnin – UniRITTER

*Isabella...*

*Para vencer esta fase, foi preciso sentenciar a memória do que juntas poderíamos ter vivido no Natal de 2024 e posterior Réveillon...*

*Mamãe precisou escolher a solidude para concluir este projeto que, ao fim, residem minhas esperanças dum porvir melhor para nós e, sobretudo, para os Outros.*

*Apesar de tudo, eu preciso que saibas: nos momentos em que cansei, a força do amor que nos une me sustentou.*

*Eu te amo... e, por isso, desejo-te o verdadeiro amor, mas não aquele pueril dos contos de fadas...*

*Desejo-te o amor que há na vontade de potência e de subversão ética, para encarar o mal transvestido de bem – acordada, sorrindo e, sobretudo, sem temer!!!*

*Ainda,*

*da minha infância a este exato instante, também dedico este trabalho a todos os perfis autoritários que, para o bem ou para o mal, cruzaram os meus caminhos... Por serem o que são, sou hoje o que sou: mais forte e Sobrevivente. Testemunhem o porvir deste trabalho — como um ato de minha própria Resistência.*

*Com razão, já dizia Mário Quintana: vocês passarão... Eu passarinho!*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus. Porém, trata-se Daquele que está para os vencidos, para os moribundos e para os que sucumbiram sob as rezas cínicas dos verdadeiros pagãos da história. Sou grata a uma Entidade que não está na igreja e que vê a religião como um caminho metódico de adestramento idólatra.

Minha devoção honesta está para o Deus clamado pelas mulheres que arderam por intermédio das mãos conservadoras... Exalando ervas, curvo-me a Ele em reza braba: “Juro fidelidade à luta, ao levante em resistência, ao cultivo da essência que irrompe como uma flecha na frente fascista através do conhecimento e da palavra!”.

Todavia, apesar desses pesares, nossa subversão tem *algo* em comum: a loucura. No entanto, que me lancem às suas serpentes se, um dia, no lugar da minha que pulsa em rebelião e por justiça, me flagrarem ombreando aos de razão artilosa. A peste está no ar, e é preciso imunizar o pensamento para não se contagiar.

Em tempo, neste tempo e noutros, serei grata ao Deus que me uniu aos seus quando, em súplica, implorei por ajuda me sentindo queimar...

CNPq, obrigada pela oportunidade de financiar esta pesquisa e acreditar nos sonhos dos sonhadores. O fomento à educação é indispensável para a resistência no campo de atuação estudantil.

Prof. Ricardo Timm de Souza, obrigada pela oportunidade. Este percurso alterou significativamente o meu rumo em todos os sentidos. Levarei por toda vida os aprendizados, seu olhar afetuoso e humano, bem como seu acolhimento amigo e o lema que contigo aprendi: “Ubuntu — eu sou porque nós somos”.

Por este caminho, esbarrei com o Prof. Gustavo Pereira, que me entregou um pacote com uma tarja preta em mãos. Com medo, abri. Nele tinha uma advertência seguida de uma sugestão: “*O monstro que te aflige tem um nome... e Theodor Adorno sabe qual é... quem sabe, deixe-o conduzi-la?*” — eu o escolhi ou, como diz Ricardo Timm, “*somos por eles escolhidos*”. Prof. Gustavo, obrigada! Tu foste, sobretudo, uma luz.

Prof. Augusto Jobim, sou grata pela coorientação, pela paciência e pelo encorajamento: “*Forçaa!!!*”. Um dia, você me disse: “*Em determinados momentos que estamos em aula, simplesmente ouvimos algo que...*” — e inclinou o corpo para trás, como se estivesse assustado e fosse afetado por algo. Noutras palavras: sujeite-se às possibilidades advindas do conhecimento! Obrigada, porque a lição daquele momento me atravessou e hoje me constitui.

Renata Guadagnin, reconhecemos os espíritos livres, e eu agradeço pelo seu auxiliar o meu. Um dia, você me perguntou: “*Por que escolheu a Filosofia?*”. Perdida, ainda não sabia defender a minha escolha. Mas hoje advogo por ela: porque o caminho fora dela me era insuficiente... porque o convencionalismo do mundo não me tocava... não foi uma escolha refletida... perdida na mata, percebi alguns vaga-lumes e simplesmente os segui. A queda pelo caminho me desconstruiu, e hoje posso te responder: foi uma das melhores escolhas da minha vida... reconstruindo-me, seguirei perseguindo-a.

Lisiane Prado, para mim, tu és mais que uma força integrante do Programa de Pós-graduação em Filosofia na PUCRS, mas uma amiga que, além de me direcionar em todos os momentos, sempre dizia: “*Vai dar tudo certo*”. Acreditei em você e nisso pensava nos instantes de angústia.

Agradeço a tod@s @s colegas que, de alguma maneira ou outra, fizeram parte desse encontro e contribuíram para que a luz fosse finalmente alcançada.

Agradeço à minha família, em especial, à minha filha Isabella, à qual tenho por missão apresentar o *nosso* Deus, de modo a incliná-la a *rejeitar*, com respeito, o deles.

Agradeço, com afeto, respeito e admiração, a Adalto Ferreira e Maria Marinho, por todo suporte técnico, sem o qual não caminho há mais de anos. Obrigada, meus amigos.

Enfim, ninguém sai *ilesa* de ninguém, e foram muitos os momentos em que fui impulsionada positivamente neste processo de maturação pessoal, acadêmica e profissional. E vocês foram essências nesta jornada que não acaba aqui, porque absolutamente nada é capaz de repelir o meu propósito, que é tocar o Outro como fui tocada. Obrigada a tod@s.

*È questo il fiore del partigiano  
O bela ciao, bela ciao, bela ciao, ciao, ciao,  
È questo il fiore del partigiano  
Morto per la libertà*

*Esta é a flor do homem da Resistência,  
Adeus, minha bela, adeus, adeus, adeus,  
Esta é a flor do homem da Resistência  
Que morreu pela liberdade*

(“Bella Ciao”, canção antifascista italiana)

## RESUMO

Passados 100 anos do Fascismo histórico na Europa, as questões que permeiam movimentos autoritários e antidemocráticos voltam a suscitar, porém, no Brasil. Motivados por esse fator, o trabalho terá por objetivo emergir as pulsões libidinais trabalhadas por Theodor Adorno, que, com base em Sigmund Freud, buscou nos recônditos da psique humana as motivações que a predispõe a amar e desejar o amor do próprio opressor. Junto aos seus colegas frankfurtianos, Adorno destaca a importância de uma sociedade emancipada e esclarecida, para que o retorno da barbárie ocorrida em Auschwitz não seja uma possibilidade. Sendo assim, empregamos esforços para abordar o fascismo de acordo com as teorias desenvolvidas por ele que, em muitas ocasiões, as empreendeu junto a Horkheimer. Para tanto, desenvolvemos as variáveis da personalidade potencialmente antidemocrática, advindas da famosa Escala F da obra *Estudos sobre a personalidade autoritária*, as quais são: 1. Convencionalismo; 2. Submissão autoritária; 3. Agressão autoritária; 4. Anti-introspecção; 5. Superstição e estereotipia; 6. Poder e dureza; 7. Destrutividade e cinismo; 8. Projetividade; e 9. Atitude obsessiva com relação ao sexo. Além disso, associamos tais características — as quais, de acordo com Adorno, delineiam o perfil fascista — a casos brasileiros ocorridos a partir de 2018, tendo como foco a política exercida pela extrema-direita, representada por Jair Messias Bolsonaro, presidente do país na época. Em busca de compreender o que é o Fascismo para Adorno, trabalhamos em temas basilares para clarificar essa questão, como o papel da Indústria Cultural no Brasil, formas de manipulação, condução e adoração das massas pelo líder adorado e, ainda, o conceito de semiformação e aniquilação do processo de emancipação social. Em seu tempo, Adorno lançou a seguinte pergunta: “*Como é possível que indivíduos, filhos de uma sociedade liberal, competitiva [...], condicionados a se manterem como unidades independentes e autossustentáveis, possam integrar-se passivamente a aglomerados fascistas?*”<sup>1</sup>. Logo, pretendemos clarificar essa grande questão, mas não ousaremos isso sem falar em resistência.

**Palavras-chave:** Theodor Adorno; fascismo; Psicologia das massas; extrema-direita no Brasil; resistência.

---

<sup>1</sup> ADORNO, T. W. *Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise*. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 168.

## RESUMEN

Cien años después del Fascismo histórico en Europa, las cuestiones que rodean a los movimientos autoritarios y antidemocráticos resurgen, ahora en Brasil. Motivado por este fenómeno, este trabajo tiene como objetivo analizar las pulsiones libidinales trabajadas por Theodor Adorno, quien, basándose en Sigmund Freud, exploró los rincones de la psique humana para entender las motivaciones que predisponen a los individuos a amar y desear el amor del propio opresor. Junto con sus colegas de la Escuela de Frankfurt, Adorno destaca la importancia de una sociedad emancipada e ilustrada para evitar el regreso de la barbarie, como la ocurrida en Auschwitz. Por lo tanto, nos esforzamos en abordar el fascismo según las teorías desarrolladas por Adorno, en muchas ocasiones junto a Horkheimer. Para ello, trabajamos las variables de la personalidad potencialmente antidemocrática descritas en la famosa Escala F de la obra Estudios sobre la personalidad autoritaria, que incluyen: 1. Convencionalismo; 2. Sumisión autoritaria; 3. Agresión autoritaria; 4. Anti-introspección; 5. Superstición y estereotipia; 6. Poder y dureza; 7. Destructividad y cinismo; 8. Proyectividad; y 9. Actitud obsesiva respecto al sexo. Además, asociamos dichas características —que, según Adorno, delinean el perfil fascista— a casos brasileños ocurridos a partir de 2018, con foco en la política ejercida por la extrema derecha, representada por Jair Messias Bolsonaro, presidente del país en ese período. En busca de comprender qué es el Fascismo según Adorno, trabajamos temas fundamentales para esclarecer esta cuestión, como el papel de la Industria Cultural en Brasil, las formas de manipulación, conducción y adoración de las masas por parte del líder idolatrado, y el concepto de semiformación y aniquilación del proceso de emancipación social. En su época, Adorno planteó la siguiente pregunta: “¿Cómo es posible que individuos, hijos de una sociedad liberal y competitiva [...], condicionados a mantenerse como unidades independientes y autosuficientes, puedan integrarse pasivamente en aglomeraciones fascistas?”<sup>2</sup>. Por lo tanto, nuestro objetivo es esclarecer esta gran cuestión, pero no lo intentaremos sin hablar de resistencia.

**Palabras clave:** Theodor Adorno; fascismo; Psicología de massas; extrema derecha en Brasil; resistencia.

---

<sup>2</sup> ADORNO, T. W. **Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 168, tradução nossa.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI-5	Ato Institucional nº 5
AIB	Ação Integralista Brasileira
AS	Antissemitismo
CCEM	Curso de Comando e Estado-Maior do Exército
CITA	Conselho Indígena Tapajós Arapiuns
COIAB	Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira
COVID-19	Coronavírus 19
CPG	Campo de Prisioneiros de Guerra
E	Etnocentrismo
EUA	Estados Unidos da América
F	Fascismo
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual
PEC	Conservadorismo político-econômico
PIX	Pagamento instantâneo brasileiro
PP-AL	Progressistas – Alagoas
PSD-MG	Partido Social Democrático – Minas Gerais
PTN-RJ	Partido Trabalhista Nacional – Rio de Janeiro
SC	Santa Catarina
STF	Supremo Tribunal Federal
TAT	Teste de Apercepção Temática
TSE	Tribunal Superior Eleitoral

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>AS FACES DO FASCISMO, POR THEODOR ADORNO .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>Escala (f): um estudo social sobre o fascínio dos fascistas .....</b>	<b>27</b>
<b>2.2</b>	<b>Psicologia das massas e anulação do eu .....</b>	<b>41</b>
<b>3</b>	<b>A RAZÃO FASCISTA DA EXTREMA-DIREITA NO BRASIL.....</b>	<b>53</b>
<b>3.1</b>	<b>Indústria cultural e propaganda antidemocrática no Brasil: ontem e hoje .....</b>	<b>83</b>
<b>4</b>	<b>POR AMOR À RESISTÊNCIA: A EDUCAÇÃO COMO MOVIMENTO EMANCIPATÓRIO .....</b>	<b>103</b>
<b>4.1</b>	<b>Enriquecimento subjetivo: pensar e amar a justiça .....</b>	<b>120</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>141</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>147</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A pretensão de voo deste trabalho é alta, pois, junto a Adorno, Horkheimer e seus colegas frankfurtianos, analisaremos o fenômeno que permeia o fascismo para além do histórico, mas sob um viés psicológico, social e filosófico. Trata-se, sobretudo, de um caminho difícil a ser trilhado, mas, como já dizia Rilke, “[...] tudo que é sério é difícil, e quase tudo é sério”<sup>3</sup>.

Esta jornada nos demandará abertura para um diálogo interdisciplinar com inúmeros pensadores que, neste porvir, ombrearão junto aos filósofos recém-mencionados. Por aqui, dialogaremos com Marx, Darwin, Kierkegaard, Kafka, Orwell, Nietzsche, Bauman, Camus, Virgínia Woolf, Victor Hugo, dentre outros intelectuais que contribuíram essencialmente para a construção desta pesquisa e, conseqüentemente, para a radicalização dos pensamentos que formularão os capítulos vindouros.

A intenção basilar deste trabalho será compreender o que é o fascismo para Theodor Adorno e como ele afeta as pessoas. Noutras palavras: de que maneira essa energia totalitária as toca e as faz ser como são — acríicas, sob a ótica do indivíduo comum; manipuladoras, sob a ótica do indivíduo que pretende a liderança.

Entre um conceito e outro, advindos dos empreendimentos teóricos legados por Adorno e Horkheimer, temos por dever ético advertir que, neste escrito, em que pese a tentativa do rigor científico em consonância com Adorno e os seus, ousaremos segurar nas mãos da Literatura e, junto da Filosofia, divagaremos dentre um exemplo ou outro que se faça necessário — o que significa dizer que a imaginação do leitor será muito bem-vinda nesta viagem que, como já mencionamos, de fácil não terá nada.

Apesar disso e de tudo, seguiremos, porque os acontecimentos da contemporaneidade nos demanda lidar com essa pauta que, mesmo *ultrapassada*, insiste em resistir no tempo. Portanto, não se esqueçam de observar as flores pelo caminho e sentir o amor que mostraremos como ato de resistência a todo o mal que antecederá a parada de número 4.

Começemos, no entanto, pelo (re)começo — em Adorno, que, após anos de exílio nos EUA, em que muitos membros da primeira geração da Teoria Crítica fugiram da perseguição nazista, viu-se diante da intolerância que se contrastava com a democracia nos EUA. Afetado

---

<sup>3</sup> “quase tudo o que é sério é difícil; e quase tudo é sério” (RILKE, R. M. **Cartas a um jovem poeta**. Trad. Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 16, *e-book*. Disponível em: <https://rathziel.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/11/rainer-maria-rilke-cartas-a-um-jovem-poeta.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2024).

pela Segunda Guerra, foi nesse clima de tensão que Adorno se valeu do próprio brilhantismo para observar o que poucos podiam ver.

Inquieto por sentir a dor do Outro em meio à barbárie, questionou-se: “Seria possível que um fenômeno análogo ao nazifascismo ocorresse em um país democrático como os Estados Unidos?”<sup>4</sup>. Ele não confiava naquele ar de calma que testemunhava, tampouco na felicidade mansa das massas. Pensava que tal mansidão era muito dócil para quem já ouvira falar das chaminés que nuvearam Auschwitz. Essa falsa passividade dos cidadãos americanos o levou aos estudos sociais que resultaram na obra *Estudos sobre a personalidade autoritária*, a qual será o nosso norte.

Na segunda parada, discorreremos sobre como as faíscas do tempo reluziram para Adorno e Horkheimer, os quais escreveram juntos a *Dialética do esclarecimento*, obra que também será a base da nossa viagem. Além de perceberem que estavam cercados por aporias, eles verificaram que os problemas da época perpassavam os problemáticos, os quais nada eram além de *solução* para a barbárie seguir triunfando.

Nesse compasso, conduzida por Levinson, Sanford, Frenkel-Brunswik e Adorno, dentre outras escalas, nasceu a Escala F (de fascismo), que emergiremos na parada 2.1. Aqui, abordaremos as suas variáveis que, ao fim, caracterizam o perfil autoritário e potencialmente fascista, o qual se dá por intermédio da atomização e massificação dos indivíduos na sociedade de massas.

Superada a referida Escala — cujos resultados ditarão o clima das próximas paradas — a de número 2.2 terá por objetivo clarificar a razão dos adeptos ao não pensamento, uma vez que, tomados de amor pela idiotia, fazem de quem os faz idiotas objeto de desejo e adoração: falaremos, portanto, do que se passa no âmago do adorado e do adorador.

Com os bilhetes do esclarecimento acerca da Escala F, assim como dos truques psicológicos utilizados pelos líderes para conduzir o povo, seguiremos rumo à parada de número 3, na qual buscaremos clarificar — com base em Adorno e Horkheimer — a razão fascista que faz dos sujeitos da extrema-direita quem eles são: a personificação da Escala F, uma vez que a ilustraremos a partir de casos ocorridos no Brasil de 2018 em diante, do governo *à lá Bolsonaro* aos governados *à lá bolsominion*.

Viagem adentro, a parada 3.1 abordará o espírito obsessivo que flerta com os fantasmas da regressão para Adorno e seu amigo Horkheimer: a grande Indústria Cultural. Porém, isso

---

<sup>4</sup> COSTA, V. H. F. da. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 17.

não será feito sem abordar a propaganda como meio de manipulação das massas, as quais vendem suas forças de trabalho às máquinas. Sem esclarecimentos, elas reduzem qualquer possibilidade de superação da minoridade e, ao fim, deixam-se abobar pela cultura da felicidade tóxica.

Na reta final, na parada de número 4, buscaremos por redenção. Por meio dela, ansiaremos por amor, resistência, educação como movimento à emancipação e, sobretudo, ética, que, aqui, figura justiça. Nesse ponto, um amigo vos aguarda... o nome dele é Bahorel... dos nossos, porque tem aversão ao *cidadão de bem*.

Por fim, obcecados por justiça, atendem para a sugestão de *morte* pelo caminho, pois, no bilhete da chegada, haverá um pedido: “*Radicalizem-se, para, juntos, sobreviver às outras viagens*”.

## 2 AS FACES DO FASCISMO, POR THEODOR ADORNO

Deflagrou-se um incêndio nos bastidores de um teatro. O palhaço foi dizer aos espectadores. Pensavam que era uma piada e aplaudiram. O palhaço repetiu que havia um incêndio e eles riam-se ainda mais. É dessa forma, penso eu que o mundo será destruído – entre a universal hilaridade de avisos e acenos que são tomados como piada.<sup>5</sup>

A teoria de Theodor Adorno nos ensina que a historicidade dominante e o pragmatismo dominador são dois expoentes sob os quais se fundamenta a razão autoritária. Nessa alegoria literária, Kierkegaard consegue rapidamente demonstrar a passagem do tempo; do cômico à tragicidade social, quando a cultura não reage mais e apenas incorpora elementos ficcionais, deixando de nos alertar sobre os perigos do fascismo que nunca se satisfazem. A razão autoritária é a utopia da destruição, e a cultura é o seu palco. Os alertas são sons difusos que ressoam insuspeitos em um cenário permanente de crise, sob o qual já estamos mais adaptados do que se percebe.

O incêndio é a brutalidade do fogo que avança contra a negação dos espectadores. Adorno nos adverte sobre a nossa fascinação por comportamentos miméticos, que, tal como o fogo, reúne laços de familiaridade animalescos, ancestrais, que ora nos humaniza, ora nos desumaniza, reduzindo as civilizações a cinzas morais. O palhaço na alegoria de Kierkegaard simboliza a verdade ignorada; o mito fascista funde-se com a nossa natureza ao mesmo tempo em que celebra o antinatural por meio da adoração da mimese autoritária. Nesse contexto, a razão idolátrica é representada pela massa de espectadores indiferentes ao perigo iminente.

O fascismo ronda a plateia como uma ideia perpétua e obstinada, sempre à espreita do fogo. A razão autoritária eleva o homem à soberania total do seu saber, reforçando os privilégios históricos e, sobretudo, criando utopias idolátricas que legitimam a construção de espetáculos de poder e em torno dele — todos são mitos que perpetuam o domínio sobre a humanidade.

A história e seus processos descivilizatórios perpetuam-se em sua teia de acontecimentos mitológicos no movimento fascista, um regime de cunho ideológico que emergiu dos recônditos das trevas como subterfúgio à bondade dos bons. Estabelecido em 1920 por Benito Mussolini na Itália, o fascismo já demonstrava uma finalidade clara: potencializar o ódio capaz de embrutecer os repugnantes flagelados; isso assim vociferado em panfletos e

---

<sup>5</sup> KIERKEGAARD, S. **Ou-Ou**: um fragmento de vida. Trad. Elisabete M. de Sousa. [S. l.]: Relógio D'Água Editores, 2013, p. 61.

cartazes de propaganda fascista da época: “[...] Vossa justiça tem grande voz: não a coloqueis nos lábios daqueles que causam repugnância com suas palavras”.<sup>6</sup>

Nesse contexto, o hálito do ódio estava entranhado nos lábios dos parciais que entoavam por justiça, visto que, onde há intolerância à recepção das palavras, não há encontro passível de identificação mútua. Não há troca, entendimento, consenso e democracia — solo fértil à totalidade basilar do fascismo. Essa ideologia de apelo ao extermínio valoriza os ideais de uma nação e raça em detrimento dos valores individuais, sendo, portanto, representada por um líder autoritário envolto em massas que glorificam o pensamento abjeto ao em torno da dimensão da diferença.

O antissemitismo e o fascismo atingiram seus ápices a partir de movimentos autoritários em diversas partes do mundo, mas sua potência foi capitaneada pela experiência nazificada do pós-guerra alemão. Essa confluência ocorreu por intermédio científico das teorias raciais sobre a origem da evolução social, tendo ampla aceitação da comunidade acadêmica.<sup>7</sup> A chancela das autoridades governamentais à época também ajudou a naturalizar a competição social e a exploração capitalista.<sup>8</sup>

As teorias da evolução — lamarckismo, darwinismo e neodarwinismo — transformaram profundamente a compreensão da humanidade, questionando paradigmas científicos e religiosos. Contudo, o darwinismo social, em sua tentativa de aplicar princípios biológicos à sociedade, buscava naturalizar as diferenças sociais, legitimando desigualdades pela desumanização do Outro. Ao fazer isso, promovia a dissolução da alteridade, obstaculizando a capacidade de se reconhecer e sentir alteridade pelo Outro.

As teorias naturalistas de Charles Darwin<sup>9</sup>, por exemplo, provocaram uma verdadeira revolução epistemológica ao redefinir a compreensão sobre a catalogação de organismos

<sup>6</sup> Panfletos e cartazes de propaganda fascista, 1919 *apud* PARIS, R. Documento 4: Os fascistas e o 1.º de maio de 1919. In: PARIS, R. **As origens do Fascismo**. Trad. Elisabete Perez. Paris: Flammarion, 1972, p. 93-94.

<sup>7</sup> FRIEDLANDER, 1995, p. 18-19 *apud* ROITBERG, G. P.; SILVA, M. B. D.; SOUZA, E. G. de; GOMES, L. R. Fascismo e antissemitismo à brasileira. **Revista Devir Educação**, Lavras, v. 5, n. 2, p. 126-147, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/492>. Acesso em: 17 nov. 2024.

<sup>8</sup> ROITBERG, G. P.; SILVA, M. B. D.; SOUZA, E. G. de; GOMES, L. R. Fascismo e antissemitismo à brasileira. **Revista Devir Educação**, Lavras, v. 5, n. 2, p. 126-147, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/492>. Acesso em: 17 nov. 2024.

<sup>9</sup> “No dia 24 de novembro de 1859 é lançada a obra *Sobre a origem das espécies por meio da seleção natural*, do inglês Charles Darwin, sendo que seus 1.250 exemplares foram vendidos todos no mesmo dia. Entre as ideias de Darwin, destacavam-se: a crença em um mundo vivo mutável, a crença de que os homens e macacos são ramos diferentes de uma mesma espécie (os mamíferos) que têm todos um ancestral comum; a crença de que o processo de mutação é lento e gradual e que o mecanismo de mudança é a seleção natural” (GODOY, 1988 *apud* BOLSANELLO, M. A. Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. **Educar**, Curitiba, n. 12, 1996, p. 153. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-da-regiao-da-campanha/direito-civil-iii/darwinismo-social-eugenia-e-racismo-cientifico-sua-repercussao-na-sociedade-e-na-educacao-brasileira-maria-augusta-bolsanello/66214252>. Acesso em: 17 nov. 2024).

complexos e adaptáveis a ambientes hostis. Sob outra perspectiva, ao presumir que o princípio da seleção natural (1842 e 1844) também se aplicaria a meios artificiais, surgiu a ideia de que a vida, em suas dinâmicas e interações, poderia imitar a complexidade estrutural de sistemas ficcionais, como o financeiro. Essa analogia sugere que os mecanismos evolutivos não estariam restritos aos biológicos, mas estendidos ao social e econômico, refletindo as adaptações e transformações do capital.

Das flores aos gafanhotos, o olhar de Darwin, capaz de perceber a orquestração da divisão do trabalho, a metonímia da competição, a abertura de novos mercados e invenções, não passou despercebido por Marx. Ele viu, em tais ideias, reflexos da dinâmica de sua própria sociedade burguesa, marcada pela luta pela existência.<sup>10</sup> No entanto, foi de maneira distorcida que outros pensadores se apropriaram dessa teoria para dar origem ao infame darwinismo social. Herbert Spencer, por exemplo, lamentou as intervenções que, a seu ver, impediam o processo de “purificação social”, crendo que essas interferências interromperiam o curso natural da seleção, na qual apenas os mais aptos sobreviveriam e prosperariam na sociedade. Nesse sentido, ele afirma o seguinte:

Devemos chamar os filantropos de espúrios, pois, ao evitar a miséria presente, implicam maior miséria sobre as gerações futuras. Todos os defensores da Lei dos Pobres devem, porém, ser classificados entre tais. [...] Cegos ao fato de que, sob a ordem natural das coisas, a sociedade está constantemente excretando seus membros insalubres, imbecis, lentos, vacilantes e sem fé, esses homens não pensam, embora sejam bem-intencionados, e defendem uma interferência que não só interrompe o processo de purificação, mas ao mesmo tempo aumenta o vício – incentivando absolutamente a multiplicação do imprudente e do incompetente, oferecendo-lhes infalivelmente provisões, e desencorajando a multiplicação do competente e providente, por aumentar a dificuldade prospectiva de manter uma família. E assim, em sua ânsia de evitar os sofrimentos realmente salutares que nos rodeiam, esses aspirantes a sábios e pessoas tolas legam à posteridade uma contínua e crescente maldição.<sup>11</sup>

As teorias de Darwin não se limitaram a impactar as questões sociais, econômicas e políticas. Como grande “cicerone” de sua época, exerceu influência positiva em diversas especialidades médico-científicas, como a genética, a psicologia, a neurologia, a antropologia

---

<sup>10</sup> “Karl Marx lhe fez uma dedicatória no segundo volume de *O capital*: ‘é notável como Darwin reconhece entre os animais e plantas sua sociedade inglesa, com sua divisão do trabalho, competição, abertura de novos mercados, invenções e uma malthusiana luta pela existência’” (GODOY, 1988 *apud* BOLSANELLO, M. A. Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. *Educar*, Curitiba, n. 12, 1996, p. 153. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-da-regiao-da-campanha/direito-civil-iii/darwinismo-social-eugenia-e-racismo-cientifico-sua-repercussao-na-sociedade-e-na-educacao-brasileira-maria-augusta-bolsanello/66214252>. Acesso em: 17 nov. 2024).

<sup>11</sup> SPENCER, 1851, p. 323-324 *apud* COSTA JÚNIOR, J. Darwin foi um darwinista social? *Temporalidades*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, maio/ago. 2018, p. 267. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/6056>. Acesso em: 17 nov. 2024.

e a etnologia<sup>12,13</sup> Herbert Spencer, primo de Darwin, compreendia o processo seletivo de evolução social como um acontecimento biossociológico, trazendo prejuízos à intervenção do Estado, sobretudo ao amparar os pobres.

De certo modo, o darwinismo social abriu as possibilidades para a consolidação de ideologias parasitárias, fomentando interpretações raciais equivocadas e pseudocientíficas, como a eugenia, a frenologia e o racismo científico. Essas distorções legitimaram práticas de exclusão e violência, vinculando tal teoria evolutiva a escopo de projetos políticos e sociais baseados em hierarquias biológicas e na crença das desigualdades sociais. Pode-se dizer que esse entendimento resultou no genocídio capitaneado por Hitler aos ideais de uma sociedade progressista e próspera — para uns.

Nesse sentido, “quem não quiser falar do capitalismo deverá também calar-se no que diz respeito ao fascismo”<sup>14</sup>, alertou Max Horkheimer. Isso porque esse movimento também se deu por intermédio das aporias circundantes das lutas de classes, as quais foram gestadas no embrião de uma crise política. É, portanto, precisamente, uma crise política que corresponde à instauração do fascismo, de modo que, na nevrálgia da crise, consiste em uma série de características particulares da luta de classes, como lembrou Poulantzas.<sup>15</sup> Ademais, representa, pois, a luta de classes da pequena burguesia, que se enquadra entre o capitalismo e o proletariado, como um terceiro entre dois litigantes.<sup>16</sup>

Há, contudo, um silencioso processo de fascização gradativa, capaz de corromper a visão sem efetivamente cegá-la, como ilustra Poulantzas:

---

<sup>12</sup> BOLSANELLO, M. A. Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. **Educar**, Curitiba, n. 12, 1996, p. 154. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-da-regiao-da-campanha/direito-civil-iii/darwinismo-social-eugenia-e-racismo-cientifico-sua-repercussao-na-sociedade-e-na-educacao-brasileira-maria-augusta-bolsanello/66214252>. Acesso em: 17 nov. 2024.

<sup>13</sup> “Observa-se com amarga ironia que o desenvolvimento do darwinismo social, do racismo ‘científico’ e da eugenia, foi paralelo ao do ideal liberal e democrático, os quais apelaram para o novel prestígio da ciência quando foi preciso justificar as desigualdades e acalmar as consciências pesadas ante a recusa do reconhecimento ou a flagrante violação dos direitos de uma parte da humanidade” (BOLSANELLO, M. A. Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. **Educar**, Curitiba, n. 12, 1996, p. 155. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-da-regiao-da-campanha/direito-civil-iii/darwinismo-social-eugenia-e-racismo-cientifico-sua-repercussao-na-sociedade-e-na-educacao-brasileira-maria-augusta-bolsanello/66214252>. Acesso em: 17 nov. 2024).

<sup>14</sup> HORKHEIMER, M. Fascismo e capitalismo. In: POULANTZAS, N. **Fascismo e ditadura**. Trad. João G. P. Quintela e M. Fernanda S. Granado. Rev. Carlos Roberto F. Nogueira. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p. 17.

<sup>15</sup> POULANTZAS, N. **Fascismo e ditadura**. Trad. João G. P. Quintela e M. Fernanda S. Granado. Rev. Carlos Roberto F. Nogueira. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p. 64.

<sup>16</sup> “L. Salvatorelli foi um dos primeiros a salientar o fascínio que o fascismo exercia sobre uma pequena burguesia nutrida pela ‘retórica’: antiproletário, o fascismo não deixou de se entregar a declarações ‘contra a plutocracia, a burguesia, as classes dirigentes...’” (SALVATORELLI, 1923 *apud* PARIS, R. **As origens do Fascismo**. Trad. Elisabete Perez. Rev. Mary Amazonas Leite de Barros. Paris: Flammarion, 1972, p. 105).

Da chegada do fascismo ao poder não se pode ter a ideia simplista e singela de que qualquer um comitê do capital financeiro teria decidido instaurar, em tal data, a ditadura fascista. Na realidade, o fascismo chega normalmente ao poder através de uma luta recíproca, e por vezes aguda, com velhos partidos burgueses. [...] Tudo isto sem diminuir, no entanto, a importância do fato de que, antes da instauração da ditadura fascista, os governos burgueses passam normalmente por uma série de etapas preparatórias e tomam uma série de medidas reacionárias que contribuem para o direto estabelecimento do fascismo<sup>17,18</sup>.

No entanto, pode-se verificar que o fascismo mostra suas faces em passos lentos e sorrateiros sobre a ponta do *iceberg* que o camufla, tendo em vista que a maldade de seus adeptos ganha formas progressivas de acordo com seus próprios interesses. Sobre isso, Poulantzas explica que o processo de fascização passa necessariamente por estas quatro etapas:

1. *O período que vai do início do processo até o ponto de “irreversibilidade”*: [...] se nos fixarmos exclusivamente no que se passa na cena política, ela acaba por funcionar como uma cortina que esconde os mecanismos profundos da luta de classes onde o poder real é jogado. 2. *O período que vai do ponto de irreversibilidade à chegada do fascismo ao poder*: [...] período importante no que se refere à sua natureza e ao seu caráter político preciso. 3. *O primeiro período do fascismo no poder*: [...] É o período em que o fascismo ainda está fortemente marcado pelo seu começo, vendo-se obrigado, na maioria das vezes, a tomar medidas de compromisso, próprias para alimentar numerosas ilusões. 4. *O período de estabilização do fascismo*: ele próprio efetuado em várias etapas.<sup>19</sup>

No entanto, o fascismo não alcança sua fase de estabilização sem a ruptura da paz em que reside o silêncio noturno, onde jaz, sobretudo, a expectativa do sono inocente. Nessa fase, ao contemplar o céu, a possibilidade do suspiro sereno extraído duma constelação romântica é tomada pela retração dos corpos ensurdecidos por singulares brilhos mortais. São pontuais, precisos, planejados e colocados maquiavelicamente a serviço da finitude duns, como lamentou George Orwell:

No momento em que escrevo, seres humanos extremamente civilizados estão voando sobre mim, tentando me matar. Eles não sentem nenhuma inimizade contra mim enquanto indivíduo, nem eu contra eles. Estão “apenas cumprindo o seu dever”, como diz o ditado. A maioria deles, não tenho dúvida, são homens de boa índole, que respeitam as leis e, em sua vida privada, jamais sonhariam em cometer assassinatos. Por outro lado, se um deles conseguir me fazer em pedaços com uma bomba bem

<sup>17</sup> DIMITROV, p. 40 *apud* POULANTZAS, N. 2. O processo de fascização. In: POULANTZAS, N. **Fascismo e ditadura**. Trad. João G. P. Quintela e M. Fernanda S. Granado. Rev. Carlos Roberto F. Nogueira. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p. 71-72.

<sup>18</sup> Poulantzas observou: “É verdade que Trotsky já havia assinalado estes pontos em 1930” (POULANTZAS, N. **Fascismo e ditadura**. Trad. João G. P. Quintela e M. Fernanda S. Granado. Rev. Carlos Roberto F. Nogueira. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p. 72).

<sup>19</sup> POULANTZAS, N. **Fascismo e ditadura**. Trad. João G. P. Quintela e M. Fernanda S. Granado. Rev. Carlos Roberto F. Nogueira. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p. 64.

colocada, é certo que não vai perder o sono por isso. Ele está servindo ao seu país, que tem o poder de absolvê-lo do mal.<sup>20</sup>

O início do período de estabilização do fascismo manifesta-se em depurações maciças e sangrentas nas suas próprias fileiras; dessa forma, ele desmascara-se e passa a desempenhar plena e diretamente as suas funções de classe. Se não é verdade, como afirmava Trotsky, o fascismo se degenera, durante esse período, numa “vulgar ditadura militar”<sup>21</sup>, considerando o fato de que vulgarmente dita quais são as vidas matáveis.

Foi com esse mal tempo que se deparou Theodor Adorno ao sentir pulsar sua existência em meio à barbárie. Mesmo diante de um céu em chamas, ele não se retraiu. Suspirou, trilhando uma jornada de resistência sob as ruínas do seu tempo. Ele teve de trabalhar como se dispusesse de todo o tempo do mundo, examinando fragmento por fragmento e colecionando os restos da história. Pulando de pedra em pedra.<sup>22</sup> Em suma, lembra Ricardo Timm de Souza:

[...] pode-se dizer que o pensamento adorniano é tudo, menos leve e fácil, por uma simples razão: nada tinha de leve e fácil o mundo no qual vivia o pensador. Trata-se de um intrincado microcosmo filosófico infinitamente variado, elaborado em estilo singular, e que não se deixa diminuir por alguma redução de seus tecidos e de sua dinâmica a qualquer instância ideal. Pode-se dizer que a própria vida se faz ali presente, simplesmente porque em cada momento “Adorno pretendia demonstrar [...] a premência da realidade sobre o pensamento”.<sup>23</sup>

Nesse ínterim, no que tange à contribuição filosófica vertente do pensamento de Adorno sobre o fascismo, a questão crítica emergida por ele e por seu colega também frankfurtiano Max Horkheimer, no prefácio de *Dialética do Esclarecimento*, é a seguinte:

[...] o que nos propuséramos era, de fato nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie. [...] O que os fascistas ferrenhos elogiam hipocritamente e os dóceis especialistas da humanidade ingenuamente levam a cabo: Se a opinião pública atingiu um estado em que o pensamento inevitavelmente se converte em mercadoria e a linguagem, em seu encarecimento, então a tentativa de pôr a nu semelhante depravação tem de recusar lealdade às convenções linguísticas e conceituais em vigor, antes que suas consequências para a história universal frustrem completamente essa tentativa.<sup>24</sup>

<sup>20</sup> ORWELL, G. **Por que escrevo e outros ensaios**. Trad. Claudio Marcondes. 1. ed. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021, p. 47.

<sup>21</sup> POULANTZAS, N. **Fascismo e ditadura**. Trad. João G. P. Quintela e M. Fernanda S. Granado. Rev. Carlos Roberto F. Nogueira. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p. 73.

<sup>22</sup> SOUZA, R. T. de. **Adorno & Kafka: paradoxos do singular**. Passo Fundo: IFIBE, 2010, p. 95.

<sup>23</sup> SOUZA, R. T. de. **Adorno & Kafka: paradoxos do singular**. Passo Fundo: IFIBE, 2010, p. 62-63. Souza menciona Buck-Morss, 1981, p. 16, nessa passagem.

<sup>24</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 11-12.

Em outras palavras, Adorno e Horkheimer, nessa obra, dedicaram-se a desvendar os mistérios que corrompem a racionalidade de seu tempo. Eles observaram um declínio e distanciamento em relação à resposta humana esperada ao acolhimento do esclarecimento. A autodestruição do pensamento foi uma inquietação para ambos, pois perceberam que a liberdade na sociedade é impossível sem a existência do pensamento crítico e esclarecido.<sup>25</sup> Os mesmos esforços que os levaram à conclusão de que a liberdade não pode florescer em um terreno infértil para a reflexão também os fizeram perceber que o esclarecimento não pode ser construído sem lidar com o próprio solo que nutre os germes da regressão.

O elemento regressivo do fascismo, quando irrompe sem ser compreendido, deixa o esclarecimento reflexivo à própria sorte. Isso ocorre porque, ao “abandonar aos inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde a sua capacidade de superação e, portanto, também se perde da relação com a verdade”<sup>26</sup>. Adorno buscava resistir a essa entrega do “pensamento crítico” aos inimigos, já que, mesmo de toda inalcançável e não completamente racional, a verdade projeta uma imagem que pode enganar nossos sentidos. Isso o leva a concluir que, apenas por meio do verdadeiro esclarecimento, é possível enxergar além dessas ilusões.<sup>27</sup>

Sobretudo, para isso, é preciso descortinar o palco para perceber a arte e, em seguida, averiguá-la. A distância do objeto pode nos causar momentâneo sentimento de segurança, mas, assim como o ignorante é mais feliz porque da realidade se esquivava, não se aproximar do palco acarreta a falsa impressão do que é real.

Todavia, “do medo o homem presume estar livre quando não há nada mais de desconhecido. É isso que determina o trajeto da desmitologização e do esclarecimento que identifica o animado ao inanimado, assim como o mito identifica o inanimado ao animado”<sup>28</sup>.

Para compreender a surrealidade que permeia a barbárie, é necessário estar disposto a desconstruir os mitos, afrontar a verdade com base no conhecimento e despir-se do medo que

---

<sup>25</sup> “A aporia com que defrontamos em nosso trabalho revela-se assim como o primeiro objeto a investigar: a autodestruição do esclarecimento. Não alimentamos dúvida nenhuma – e nisso reside nossa *petitio principii* – de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor” (ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 13).

<sup>26</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 13.

<sup>27</sup> “Assim como o esclarecimento exprime o movimento real da sociedade burguesa como um todo sob o aspecto da encarnação da sua Ideia em pessoas e instituições, assim também a verdade não significa meramente a consciência racional, mas, do mesmo modo, a figura que esta assume na realidade efetiva” (ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 13).

<sup>28</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 26.

repele o sujeito do palco. Essa foi a proposta de Adorno e Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento*: uma aproximação no estado da arte que, mesmo nebulosa, ao menos tinha a vantagem de se mostrar real. E é para essa realidade que o sujeito esclarecido deve voltar-se, afinal, “só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos”<sup>29</sup>, uma vez que a radicalização da angústia mítica se dá no esclarecimento.<sup>30</sup> Com base nisso, Adorno e Horkheimer resgatam o conceito de esclarecimento advindo da filosofia kantiana em *Dialética do Esclarecimento*, ilustrando-o da seguinte forma:

Esclarecimento (*Aufklärung*) é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento.<sup>31</sup>

O esclarecimento, embora totalitário<sup>32</sup>, é mais que esclarecimento, pois vai além de si mesmo. É a natureza que se torna perceptível, revelando-se em sua alienação<sup>33</sup>, recolocando toda a coerência, sentido e vida dentro da subjetividade que só se constituem plenamente nesse processo de reposição<sup>34</sup>. Desse modo, para discernir, é necessário esclarecer:

É preciso “levar o esclarecimento ao povo, para que os padres se tornem todos padres cheios de má consciência — é preciso fazer a mesma coisa com o Estado. Eis a tarefa do esclarecimento: tornar para os príncipes estadistas, todo seu procedimento uma mentira deliberada...”<sup>35, 36</sup>

Diante da falta do conhecimento esclarecedor, articulado em massas livres, o povo tende a se deixar levar pelo que se predispõe a aderir. Mas a verdadeira liberdade só existe quando

<sup>29</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 18.

<sup>30</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 26.

<sup>31</sup> KANT, 1784, p. 100 *apud* ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 71, grifo nosso. O texto foi escrito em 1783, seis anos antes da Revolução Francesa.

<sup>32</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 11-12.

<sup>33</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 44.

<sup>34</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 77.

<sup>35</sup> NIETZSCHE, v. XIV, p. 206 *apud* ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. Excurso I: Ulisses ou Mito e Esclarecimento. *In*: ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 47-48.

<sup>36</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 47-48.

ancorada no saber que libera as engrenagens da ignorância. Depositar fé nos mamulengos que dominam as artes subliminares das entrelinhas sociais faz do indivíduo um mero espectador do próprio destino, não raro, incapaz de ser, porque, no desencontro da própria individualidade, ele se perde no padrão coletivizado.

Nesse contexto, por meio de uma disciplina férrea, o fascismo poupa o povo dos sentimentos morais, guiando-se por uma disciplina que não tem por escopo nenhuma outra, senão:

Em oposição ao imperativo categórico e em harmonia tanto mais profunda com a razão pura, ele trata os homens como coisas, centros de comportamentos. Os dirigentes estavam dispostos a proteger o mundo burguês contra o oceano da violência aberta que realmente assolou a Europa, apenas enquanto a concentração econômica ainda não havia progredido suficientemente. Antes, só os pobres e os selvagens estavam expostos à fúria dos elementos desencadeados pelo capitalismo. Mas a ordem totalitária instala o pensamento calculador em todos os seus direitos e atém-se à ciência enquanto tal. Seu cânon é sua própria eficiência sanguinária.<sup>37</sup>

A objetificação do ser humano advinda da totalidade do capitalismo, o qual é uma vertente do fascismo, tem por método a transformação social em torno da eficiência progressiva a uns, o que resulta em uma dinâmica relação de sujeição por parte das minorias. Nesse processo, sentimentos éticos e morais capazes de possibilitar a esperança de uma vida igualitária são anulados.

Entretanto, quando o oprimido se levanta contra essa ordem, ele subverte a sua lógica. “Quando o fraco se defende, ele comete uma injustiça: a injustiça de sair do caráter que a natureza imprimiu nele, pois, ela criou-o para ser escravo e pobre, ele não quer submeter-se a isso, eis aí sua falta.”<sup>38</sup> Assim, surge a coerção severa advinda da lógica fascista, porque comete injustiça a tal sistema aquele que sente a ardência dos antolhos que o sujeitam e ousa questionar a totalidade que impossibilita sua própria visão.

Para Adorno, a indústria cultural comporta essa totalidade que permeia a atmosfera fascista. Ele entende a falta de resistência aos comportamentos promovidos pela indústria cultural como suporte a uma sociedade fascista.<sup>39</sup> Se o fascismo vai atingir ou não seu grande objetivo espiritual, esse é apenas um detalhe quando comparado ao elo íntimo existente entre a

---

<sup>37</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 75.

<sup>38</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 84-85.

<sup>39</sup> SANTOS, M. L. dos. **Constelação vital**: da vida excitada à vida incitada um ensaio sobre o pensamento de Theodor W. Adorno. Orientador: Ricardo Timm de Souza. 2010. Tese (Programa de Pós-Graduação em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010, p. 46. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2842>. Acesso em: 17 nov. 2024.

ingenuidade e a euforia.<sup>40</sup> As emoções promovidas e incitadas pela referida indústria não se limitam à ingenuidade dos fãs, que, guiados, ajustam suas aspirações quotidianas de acordo com a toxidade que influi o modo de enxergarem seu próprio mundo. Portanto, o que se oferece ao público veicula a forte impressão de ser desejado, demandado por ele. É nesse sentido que se pode dizer que a diversão proporcionada pela indústria cultural é uma fuga.<sup>41</sup>

A irresponsabilidade dos setores da indústria cultural, apontada por Adorno, é capaz de energizar negativamente o ingênuo eufórico e beira o precipício da idolatria. Nesse aspecto, a suspensão do raciocínio crítico, indispensável para uma razão esclarecida, anula o ser como indivíduo, predispondo-o à cultura de massas que se curva aos regimes autoritários. Dessa forma, “a violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos os consumirão alertamente”<sup>42</sup>.

As contradições da indústria cultural preocupavam Adorno e Horkheimer, culminando no texto atemporal — *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*. O pensar acrítico dessas massas, induzido pelos monopólios culturais, facilita a adesão a ideologias totalitárias, despolitizando o indivíduo que se torna um meio para fins mercantis. O valor da massa está na oferta de sua alma e força de trabalho e persegue a todos, como zumbis que inspiram extasiados e flutuantes o aroma da idiotia, o qual é originário das corporações culturais dominantes.

Assim, a consolidação do poder é mais eficaz nas mentes entretidas, capazes de ter uma visão político-artística pueril. Prostrados em um corpo saudável, mas de essência doente, os oprimidos aderem ao sistema do próprio opressor, mesmo diante das luzes do iluminismo, que também é objeto de crítica para Adorno e Horkheimer.<sup>43</sup> Nesse giro, todos os caminhos

---

<sup>40</sup> SANTOS, M. L. dos. **Constelação vital**: da vida excitada à vida incitada um ensaio sobre o pensamento de Theodor W. Adorno. Orientador: Ricardo Timm de Souza. 2010. Tese (Programa de Pós-Graduação em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010, p. 46. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2842>. Acesso em: 17 nov. 2024.

<sup>41</sup> DUARTE, R. **Adorno**: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano. Belo Horizonte: UFMG, 1997, p. 57.

<sup>42</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 105.

<sup>43</sup> No iluminismo surgiu uma exaltação à razão que liberta, nesse sentido: “Horkheimer e Adorno não negam que a razão instrumental tem em si mesma, certa possibilidade de emancipação. Esta é, porém, uma tentativa eivada de uma fé ingênuo nas ciências empíricas que, ao término de tudo, quase sempre recai no mito, na barbárie e na dominação. A razão instrumental determina um saber voltado para a técnica e a dominação da natureza e dos homens, tolhendo qualquer tentativa de promover uma situação na qual os sujeitos possam almejar a verdade. A Teoria Crítica diz que essa razão se transformou num poder que define os homens como meros manipuladores de instrumentos e transforma as pessoas em máquinas. Esses pressupostos se apóiam no princípio objetivista da ciência que reduz o sujeito a mero objeto de observação e controle” (PIZZI, J. **Ética do Discurso**: a racionalidade ético-comunicativa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994, p. 19).

relacionados a este tema deságuam à família residente no incontornável destino: o capitalismo permeia o autoritarismo, que manipula as massas a serviço da eficiência do fascismo.

Sendo assim, a crítica de Adorno perpassa os meros instrumentos que conduzem a corrente cultural de sua época no século XX: televisão, rádio, videocassete, cinema etc. Ele toca especificamente na tomada desses dispositivos pela indústria, a qual ansiava pela previsibilidade na conduta de seus consumidores por meio da enganação vigorada pelos monopólios capitalistas da Europa e EUA fascistas.

Adorno foi um fervoroso defensor das artes, reconhecendo nelas um potencial para romper com a lógica e possibilitar o estímulo reflexivo da sociedade. No entanto, a indústria cultural, conforme Adorno denuncia, configurou-se como o elemento de transformação da realidade, privando o sujeito de sua prerrogativa fundamental de protagonista de sua própria construção.<sup>44</sup> A comercialização indiscriminada da cultura a reduz a um espectro padronizado e comercializável em série, perdendo a sua autenticidade e diluindo a sua potência artística. O que se entrega ao ninho das massas, portanto, é um conteúdo estrategicamente fragmentado e superficial, que sacia a sede do entretenimento, mantendo o espectador preso à falta e, ao mesmo tempo, incapaz de alimentar-se do conhecimento que emancipa e liberta. Sendo assim, “todos podem se tornar felizes, desde que se entreguem de corpo e alma, desde que renunciem à pretensão de felicidade”<sup>45</sup>. Em relação a esse cenário, Adorno e Horkheimer ilustram o seguinte:

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo [...] O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas. O aparelho econômico, antes mesmo do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens. [...] As inúmeras agências da produção em massa e da cultura por ela criada servem para inculcar no indivíduo os comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes, racionais. De agora em diante, ele só se determina como coisa, como elemento estatístico [...].<sup>46</sup>

Segundo Adorno e Horkheimer, na sociedade contemporânea, as *almas coisificadas* – porque manipuladas, revelam o auge da objetificação do ser humano. Esta é a principal capacidade da indústria cultural: moldar indivíduos de forma padronizada e conformista, o que os aproxima do fenômeno fascista, o qual se sustenta sob os predispostos à aceitação de

<sup>44</sup> DUARTE, R. **Adorno**: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano. Belo Horizonte: UFMG, 1997, p. 57.

<sup>45</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 127.

<sup>46</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 35.

ideologias autoritárias. É dessa forma que a indústria cultural homogeniza e limita o pensamento crítico.

Essa conformidade garantida pelo entretenimento, que oferece uma falsa sensação de liberdade, é, portanto, “a promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação [...]: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio”<sup>47</sup>. Tal afirmação significa que os consumidores são frequentemente logrados no tocante às expectativas de consumirem a vitalidade em tela ofertada, quando, na verdade, a indigestão se dá na ilusão de fuga da própria existência pacata. Logo, “a diversão favorece a resignação, que nela quer se esquecer”<sup>48</sup>.

Assim, ao crer na liberdade do desfrute cultural, os consumidores não percebem as amarras que possibilitam o sucumbir, não dando a si, em nenhum momento, o pressentimento da resistência.<sup>49</sup> Tanto a grande indústria quanto o fascismo não permitem ao indivíduo expressar sua indignação contra o capitalismo e oferecer uma verdadeira alternativa de resistência. Em vez de nutrir esse potencial de florescimento, sufocam suas possibilidades de transformação, resultando no confinamento das raízes da criatividade e da indignação. “Contrariamente ao que se passa na era liberal, a cultura industrializada pode se permitir, tanto quanto a cultura nacional-popular [*völkisch*] no fascismo, a indignação com o capitalismo [...]”<sup>50</sup>.

Adorno tece uma crítica severa à passividade e à falta de indignação daqueles que se curvam ao sistema, relacionando-a, contudo, à doença que permeia a diversão condicionante da impotência da razão: o ócio. Tal análise não significa dizer que ao indivíduo não é possibilitada a faculdade do lazer, mas que este figura um mecanismo furtado pela indústria cultural para abobar mentes e direcionar olhares como uma forma de vida.

O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento –, mas através de sinais. Toda ligação lógica que pressupunha um esforço intelectual é escrupulosamente evitado. Os desenvolvimentos devem resultar tanto quanto possível da situação imediatamente anterior, e não da ideia de todo. Não há enredo que resista ao zelo com que os roteiristas se empenham em tirar

<sup>47</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 115.

<sup>48</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 117.

<sup>49</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 117.

<sup>50</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 117.

de cada cena tudo o que se pode depreender dela. Por fim, o próprio esquema parece perigoso na medida em que estabelece uma conexão inteligível, por mais pobre que seja, onde só é aceitável a falta de sentido.<sup>51</sup>

Em suma, pode-se falar na indústria da diversão como promotora de uma vulgaridade que prolifera no ócio incentivando o pensamento acrítico. Isso traduz a pretensão de se disfarçar na própria realidade, solapando ao sujeito a tarefa de construí-la a partir de sua perspectiva pessoal.<sup>52</sup> Assim, a indústria cultural está corrompida, não como uma “Babilônia do pecado”, e sim como uma “catedral do divertimento de alto nível”<sup>53</sup>. Aliás, sob as lentes da referida indústria, a arte não tem por finalidade tocar o espírito, mas conduzi-lo pelos tortuosos caminhos demarcados pelo capitalismo, ao passo que não é possível seguir por esse trajeto sem vestir as roupagens do fascismo.

Nesse contexto, Duarte faz este resumo:

Essa “subordinação da razão ao que existe imediatamente” pode ser entendida como uma das principais manifestações da chamada alienação na sociedade contemporânea, uma vez que – paradoxalmente – a consciência que se torna outra com relação a si própria, torna-se incapaz de vislumbrar toda e qualquer alteridade, enxergando na realidade empírica a forma acabada – e sempre a mesma – da realidade em geral.<sup>54</sup>

Dessa forma, a consciência converte-se noutra que abstrai um recorte fragmentado do que se tem por real. Lucram, portanto, os monopólios econômicos circundantes da indústria e, ainda, apáticos, fazem padecer seus clientes que são ideologicamente direcionados. Do processo ideológico extraem-se variáveis capazes de afetar os indivíduos, os quais são subjetivados e reduzidos a números, cifras e cinzas. Nesse sentido, Adorno e Horkheimer se inclinaram a esclarecer as nuances obscuras em torno do projeto de dominação política do totalitarismo, o qual se vale grandemente dos modernos meios de comunicação de massa.<sup>55</sup>

Na caracterização do antissemitismo, Adorno e Horkheimer identificaram traços de todo e qualquer autoritarismo, inclusive aquele no qual podem se degenerar posições políticas pretensamente progressistas.<sup>56</sup> Especialmente nos estudos sobre a personalidade autoritária, foi possível identificar uma predisposição àquela ideologia, que, para ser bem-sucedida como um movimento político, precisaria ter uma massa como base, a fim de assegurar não apenas a

<sup>51</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 113.

<sup>52</sup> DUARTE, R. **Adorno**: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano. Belo Horizonte: UFMG, 1997, p. 56-57.

<sup>53</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 118.

<sup>54</sup> DUARTE, R. **Adorno**: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano. Belo Horizonte: UFMG, 1997, p. 47.

<sup>55</sup> DUARTE, R. **Adorno**: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano. Belo Horizonte: UFMG, 1997, p. 58.

<sup>56</sup> DUARTE, R. **Adorno**: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano. Belo Horizonte: UFMG, 1997, p. 58.

submissão temerosa, mas também a cooperação ativa da maioria das pessoas.<sup>57</sup> Com isso, desenvolveram a Escala (F) sobre o fascismo, buscando, sobretudo, dismantelar o núcleo que impulsiona o preconceito, embasado na referida Escala que será objeto de análise a seguir.

## 2.1 Escala (f): um estudo social sobre o fascínio dos fascistas

Abordaremos, nesta parte, as investigações conduzidas por Adorno, Levinson, Sanford e Frenkel-Brunswik no contexto da obra *Estudos sobre a personalidade autoritária*. Financiados pelo Instituto de Pesquisa Social da Escola de Frankfurt e baseados nas teorias de Freud, esses estudos tiveram como foco a Escala F e adotaram um viés psicanalítico para interpretar as motivações do fascismo, em latente expansão, por diversos setores da sociedade americana nas décadas de 1930 e 1940. O tema do autoritarismo foi tratado como uma característica distintiva e estrutural das sociedades capitalistas e da cultura de massas, ajudando a revelar uma compatibilidade potencial com as democracias liberais no modo de incorporação do fascismo na subjetividade do sujeito moderno.

A obra foi produzida em 1944, durante o delicado momento do exílio nos EUA, em que muitos membros da primeira geração da Teoria Crítica fugiram da perseguição nazista. Naquele período, o preconceito antissemita e a intolerância contrastavam com os princípios democráticos dos EUA<sup>58</sup>, a ponto de ser levantada a seguinte questão: seria possível que um fenômeno análogo ao nazifascismo ocorresse em um país democrático como os Estados Unidos? Em busca de respostas, Virginia da Costa ilustrou esta problemática:

Na tarefa de procurar a presença de opiniões, atitudes e valores autoritários em plena democracia, **os autores não encontraram muitos casos de pessoas abertamente antidemocráticas, mas identificaram traços de potenciais fascistas em indivíduos que seriam suscetíveis à propaganda ideológica autoritária. Foi considerado que o apoio a tais ideologias poderia passar de um estado latente ou velado e muitas vezes não consciente para uma defesa aberta e ações violentas contra minorias em momentos específicos de crise social.** Para tanto, os autores procuraram encontrar quais seriam as gratificações na economia emocional e pulsional subjetivas envolvidas na identificação com ideologias autoritárias. Contudo, o livro que inicialmente voltava-se ao antissemitismo, viu-se transformado em uma pesquisa

<sup>57</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 88.

<sup>58</sup> COSTA, V. H. F. da. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 17.

sobre posicionamentos contra diversas minorias, tendo como norte principal o preconceito de forma geral, ou, mais especificamente, o etnocentrismo.<sup>59</sup>

Nesse ínterim, a pesquisa capitaneada por Adorno e seus colegas teve por escopo compreender o núcleo propulsor do preconceito, focando as razões determinantes que inclinavam os indivíduos a conceituações irrefletidas, considerando o contexto social no qual estavam inseridos. Assim, foram realizados estudos de opiniões provenientes de níveis diferentes de consciência e inconsciência na personalidade, o que, de forma geral, resultou na constatação da existência do sujeito “potencialmente fascista e etnocêntrico”<sup>60</sup>. Embora este não seja facilmente identificado na sociedade, ele permanece à espreita, observando o bem a serviço do mal, noutras palavras: buscando colonizar o Outro em favor das maiorias privilegiadas.

Ao se dedicarem nesse trabalho, os frankfurtianos empreenderam esforços para desenvolver um estudo mais elaborado sobre o fascismo, a Escala F – (onde o “F” se refere ao fascismo), com o intuito de expor como o autoritarismo manteve relações profundas com o “clima cultural geral” do modo capitalista de organização socioeconômica<sup>61</sup> da época.

No que tange à contribuição de Adorno<sup>62</sup> nessa pesquisa, suas investigações não se restringiram ao fenômeno fascista em suas circunscrições histórica, geopolítica e institucional. Elas vão muito além, abordando o fenômeno totalitário sob a perspectiva da psicologia grupal, da vulnerabilidade emocional do cidadão comum a ideologias segregadoras e da compatibilidade do fascismo com regimes democrático-liberais.<sup>63</sup> A pesquisa, aliás, aborda o

---

<sup>59</sup> COSTA, V. H. F. da. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 21, grifo nosso.

<sup>60</sup> COSTA, V. H. F. da. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (Org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 22.

<sup>61</sup> COSTA, V. H. F. da. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 14.

<sup>62</sup> “A autoria da escala F é um dado com variadas fontes. Sua produção se iniciou em 1943 em um estudo-piloto com vinte mulheres entrevistadas pelo grupo de Berkeley, especialmente por Levinson e Sanford. A sua primeira aplicação ocorreu, portanto, um pouco ‘antes de Adorno se tornar membro do grupo’. Contudo, em cartas trocadas entre Adorno e Horkheimer, somos informados de que a avaliação de potenciais antissemitas e antidemocráticos por itens indiretos já estava sendo gestada paralelamente por Adorno. Ele próprio ‘tinha elaborado, pessoalmente, de oitenta a cem perguntas das quais uma parte ‘provinha de um trabalho de destilação de *Elemente des Antisemitismus* a partir de uma espécie de tradução’. Nas palavras de Adorno: ‘Já se achava uma abordagem nessa linha nos *projective* item do antigo questionário de Berkeley; mas eu gostaria de ir muito mais longe e realizar um questionário ‘desjudeuzado’ para uma avaliação estatisticamente confiável do antissemitismo” (COSTA, V. H. F. da. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 24-25).

<sup>63</sup> BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021, p. 24.

tema pelo viés da atomização e massificação dos indivíduos na sociedade de massas.<sup>64</sup> Assim, Adorno buscou analisar as contradições psíquicas de seus entrevistados, as quais figuraram reflexos das fraturas da totalidade social capitalista em ambientes democráticos.<sup>65</sup>

Dois caminhos principais foram traçados por ele: primeiro, a análise das técnicas psicológicas mobilizadas por líderes fascistas americanos dos anos 30 e 40; segundo, a análise do fascismo oculto nos cidadãos comuns. Inquietava Adorno o fato de que os indivíduos aderiam, sem nenhuma resistência, o absurdo propagado pelas pautas fascistas. Isso o levou a questionar: “Como é possível que indivíduos, filhos de uma sociedade liberal, competitiva [...], condicionados a se manterem como unidades independentes e autossustentáveis, possam integrar-se passivamente a aglomerados fascistas?”<sup>66</sup>.

Esclarecer essa questão, no entanto, não se tratou de um exercício de simples complexidade, levando Adorno à reflexão metafísica acerca do mal. A redução do ser humano a nada, aliada à indiferença diante do seu sofrimento, denuncia a incoerência do moralismo burguês, uma vez que, como ele afirma, “não há vida correta na falsa”<sup>67</sup>.

Em essência, o fascismo frequentemente se resume à difusão do desamor, da ignorância, e à eliminação daqueles que se opõem a ele, figurando o próprio mal que conduz os seus em vista dos sórdidos fins. Compreender os fatores que o sustentam não é simples, pois trata-se de um fenômeno complexo. Acerca do mal, nesse sentido, Bauman observa:

A pergunta ‘o que é o mal[?]’ é irresponável, pois tendemos a chamar de ‘mal’ precisamente o tipo de iniquidade que não podemos entender [...]. Chamemos esse tipo de iniquidade de ‘mal’ pelo próprio fato de ser ininteligível, inefável e inexplicável [...], sendo, contudo, aquilo que desafia e explode essa inteligibilidade que torna o mundo suportável.<sup>68</sup>

O mal, então, representa “a carência de perfeição no sujeito em que se dá algum bem que este deveria possuir, mas do qual se encontra privado. Ele é *no* sujeito, mas não existe *como* sujeito”<sup>69</sup>. Na verdade, o mal que fascina, por essência, é inerente à personalidade daquele que o alenta, pois é na privação do bem que ele o contingencia e se manifesta.

<sup>64</sup> BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021, p. 24.

<sup>65</sup> COSTA, V. H. F. da. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 16.

<sup>66</sup> ADORNO, 2015, p. 168 *apud* BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021, p. 28.

<sup>67</sup> ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Ática, 1992, p. 33.

<sup>68</sup> BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 74.

<sup>69</sup> TOMÁS DE AQUINO, 2005 *apud* BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021, p. 152.

Nesse contexto, a história está repleta de cínicos que, publicamente, clamavam por paz, justiça e liberdade, mas, sob o manto da clandestinidade, flertavam com a idiotice e a irracionalidade. Esse fenômeno desafiou pesquisadores sobre a personalidade autoritária, os quais se inclinaram a analisar o irracionalismo persistente nas mentes suscetíveis ao fascismo em contextos técnicos e desencantados da própria sociedade burguesa moderna<sup>70</sup>, de modo que:

Os considerados mais preconceituosos se identificaram com conteúdos relacionados a algumas ideologias antidemocráticas circulantes na cultura, constituindo um conjunto ideológico que, muitas vezes, apresenta contradições entre si. Contradições estas, no entanto, que não interferem na coesão do padrão ideológico pessoal considerado pelos autores como relacionado a gratificações psíquico-emocionais da pessoa, havendo uma íntima relação entre personalidade e ideologia. A racionalidade do autoritário se mostra bastante irracional ao substituir uma reflexão mais profunda por estereótipos e racionalizações recebidas “prontas”. Suas opiniões – emitidas sob formas socialmente aceitas e difundidas que ocultam autoritarismos – seriam compreendidas como modos de afastamento da realidade externa, fruto de certa inacessibilidade às experiências vividas.<sup>71</sup>

Acerca do exposto, no que tange à metodologia empregada pelos pesquisadores, o trabalho foi difundido a parcelas diferentes da população norte-americana por intermédio de seis técnicas aplicadas a 2.099 pessoas, as quais foram divididas em 21 grupos:

As técnicas utilizadas foram:

- 1) Preenchimento de questionário;
- 2) Fornecimento de dados gerais;
- 3) Respostas discursivas a questões projetivas;
- 4) Entrevista ideológica;
- 5) Entrevista clínica;
- 6) Teste de Apercepção Temática (TAT).

Ao todo, foram aplicados quatro questionários compostos por quatro escalas temáticas, as quais se deram a partir da quantificação de informações específicas:

- 1) Antissemitismo – AS (destinada a aferir o grau de antissemitismo);<sup>72</sup>

<sup>70</sup> BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021, p. 45.

<sup>71</sup> COSTA, V. H. F. da. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 22-23.

<sup>72</sup> **Escala AS:** [...] “Sendo considerado um modo de pensar sobre judeus e sobre a relação entre judeus e gentios, o antissemitismo seria expresso por opiniões negativas e atitudes hostis relativas a judeus, além de valores morais que as justificariam. A composição dos itens de AS foi inspirada em escritos de antissemitas e fascistas, além de casos e vivências preconceituosos cotidianamente experienciados nos Estados Unidos em conversas informais e regras institucionalizadas em empresas e grupos sociais diversos. [...] A escala AS completa abarcava cinco subescalas: a de opinião ofensiva, ameaça social, atitudes em relação a judeus, além de visão de que os judeus seriam excessivamente segregadores ou assimiladores. Suas afirmações descreviam, dentre outras ideias, que ‘os judeus são todos iguais’, sendo extravagantes, agressivos, excessivamente sexuais, fétidos, feios. Ao

- 2) Etnocentrismo – E (destinada ao etnocentrismo);<sup>73</sup>
- 3) Conservadorismo político-econômico – PEC (destinada a opiniões gerais sobre a organização econômica e social);<sup>74</sup>
- 4) Fascismo – F (destinada a aferir inclinações fascistas).

A Escala F destacou-se das demais porque consistiu em trazer à tona o âmago da síndrome existente nos potenciais movimentos familiares ao fascismo. Assim, ao comparar os resultados entre as pontuações mais baixas e mais altas, bem como entre a Escala F e a Escala PEC, os pesquisadores identificaram duas categorias distintas: os “conservadores genuínos” e os “pseudoconservadores”. Ambas foram diferenciadas com base nos seguintes critérios:

---

mesmo tempo que eles seriam excessivamente fechados em seu grupo, qualquer tentativa de interação com outros grupos seria paradoxalmente entendida como um bisbilhotar ou fugir de suas raízes. Eles seriam considerados perigosos, dominadores, corruptos, de grande poder econômico e político, inescrupulosos, imorais, sendo uma ameaça para a nação e a civilização. [...] Na análise dos resultados da escala AS, é evidenciado que, para os altos pontuadores, se o antissemitismo é culpa das vítimas judias e se os judeus são incapazes de ‘melhorar’ ou se desfazer de sua ‘judaicidade’, a relação preconceituosa seria vista como inevitável” (COSTA, V. H. F. da. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 42-43).

<sup>73</sup> **Escala E:** “A escala de Etnocentrismo foi formulada na sequência da escala AS e tem como objetivo analisar a discriminação de modo mais geral. Isso porque o antissemitismo seria considerado apenas como um aspecto de um esquema mental mais amplo do preconceito. Tal esquema mental é designado como etnocêntrico por se voltar contra qualquer grupo considerado estranho. Para além da raça, a ideologia etnocêntrica está preocupada em delimitar os membros dos *outgroups* como eticamente distintos. Inicialmente, a escala E consistia em 32 itens – que, como nas demais escalas, teve de ser encurtada nas subsequentes versões de formulários menores – organizados em três subescalas: *negros*, *outras minorias* e *patriotismo*(os *outgroups* extranacionais). Foram utilizados muitos estereótipos circulantes no clima cultural geral em relação a diversos grupos de minorias: nas afirmações da escala E, negros são descritos como preguiçosos, ignorantes, violentos, excessivamente sexuais, além de não quererem realmente a igualdade com os brancos; os movimentos sociais e sindicatos foram incluídos no interior das *outras minorias*, assim como os loucos e criminosos” (COSTA, V. H. F. da. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 43-44).

<sup>74</sup> **Escala PEC:** “No espectro político da direita e esquerda abrangido pela escala PEC, os autores resolveram abandonar os extremos da expressão política (fascismo e socialismo-comunismo, respectivamente) por sua menor incidência em solo norte-americano nos anos 1940, focando no liberalismo (como centro-esquerda) e conservadorismo (centro-direita). Assim, um alto pontuador da escala PEC seria considerado um conservador no espectro político-econômico – por mais que ele ainda esteja ajustando suas ideias à passagem do liberalismo individual ao monopolista. Suas características são designadas pelo apoio ao *status quo* norte-americano, resistência a mudanças sociais como forma de tradicionalismo – liberais sendo considerados utópicos sonhadores ou perigosos agitadores –, naturalização de decisões socioeconômicas – como a inevitabilidade da guerra –, foco excessivo na praticidade, ambição, ascensão social, sucesso mensurado em termos econômicos, a falência econômica sendo considerada um problema individual e moral. Trata-se, portanto, da visão conservadora tradicional da economia capitalista que defende a competição individual sem interferência governamental, com Estado mínimo e desprezo por valores não capitalistas, sindicatos, movimentos e ações sociais. Já o baixo pontuador da escala PEC tende a se opor ao *status quo*, pensa os problemas em termos sociológicos, simpatiza com as organizações trabalhistas, opondo-se aos negócios, além de apoiar a interferência governamental em questões econômicas para fins sociais” (COSTA, V. H. F. da. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 45-46).

[...] Não se verificou idêntica correspondência entre a Escala F e a Escala PEC, voltada para opiniões de natureza ideológica sobre a organização social. Isso significa que entre pessoas com alta pontuação na Escala F, foram encontrados perfis opinativos de direita, conservadores favoráveis à manutenção do *statu quo* capitalista (defensores incondicionais da propriedade privada, simpáticos à meritocracia, ao liberalismo econômico e aos valores do *american way of life*), mas também perfis opinativos de esquerda, liberais e críticos do *statu quo* (simpatizantes de ideologias socialistas, críticos da meritocracia e do *american way of life* e favoráveis ao controle estatal da economia. [...] Os conservadores genuínos poderiam ser também denominados como uma “direita conservadora”, pois expressam opiniões simpatizantes com a tradição norte-americana e com o funcionamento das instituições burguesas [...] porém, são pouco inclinados a mentalidades preconceituosas e baixamente pontuados nos itens que dizem respeito à suscetibilidade fascista (agressividade, obsessão etc.). Já os pseudoconservadores, que traduzem um perfil de direita fascista correspondem de maneira mais fiel ao perfil geral de personalidade associado ao fascismo pela ciência política. Sua simpatia manifesta pelas tradições conservadoras encobre desejos destrutivos latentes, revelando grande vulnerabilidade emocional a oposições grupais caracterizadas pela estereotipia e pelo preconceito.<sup>75</sup>

Em suma, os potenciais fascistas foram caracterizados por traços, como: convencionalismo, submissão autoritária, anti-introspecção, superstição e estereotipia, obsessão pelo poder, destrutividade e cinismo, projetividade e atitude obsessiva com relação ao sexo.<sup>76</sup> A partir dessa divisão categorial, emergiram mais duas vertentes advindas da Escala PEC (destinada a opiniões gerais sobre a organização econômica e social): os liberais genuínos e os pseudoliberais. Os liberais genuínos não se inclinavam às pautas autoritárias; já os pseudoliberais destacavam-se por representar o “fascismo de esquerda”. Embora tenham apresentado ideias manifestamente contrárias ao *status quo*, estas se mostraram compatíveis com uma estrutura de personalidade sadomasoquista, agressiva e preconceituosa.<sup>77</sup>

Na busca por compreender a vulnerabilidade do indivíduo que regredia à comunidade fascista e manifestava o preconceito sob diversas formas, a Escala F suscitou nove variáveis de personalidade potencialmente antidemocráticas, “que se tornaram áreas fundamentais de pesquisa em psicologia social”<sup>78</sup>. A primeira dessas variáveis é o Convencionalismo<sup>79</sup> (que se

<sup>75</sup> BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021, p. 47-48.

<sup>76</sup> ROUANET, S. P. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986, p. 172.

<sup>77</sup> “[...] Analogamente aos pseudoconservadores, os pseudoliberais aceitam, no nível manifesto das opiniões políticas, uma ideologia crítica em relação à estrutura capitalista e às instituições burguesas, porém revelam-se, no nível das emoções latentes, fortes inclinações a oposições binárias entre grupos, e a mentalidades inclinadas à estereotipia e ao preconceito. A possibilidade de que uma mesma pessoa ser manifestamente de esquerda e ao mesmo tempo revelar atitudes autoritárias e fascistas representa a contribuição original da análise empreendida pelos pesquisadores de Frankfurt em relação aos padrões da ciência política, que em geral associa o fascismo unicamente com ideologias de direita” (BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021, p. 49).

<sup>78</sup> ADORNO, T. W. **Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 31.

<sup>79</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 135.

compreende como a adesão rígida a valores convencionais de classe média). Isso remete a uma fixação em valores convencionais e acriticamente aceitos [...], representando aquele indivíduo *down-to-Earth*, ou seja, prático, realista e “pé no chão”.

Assim, tudo que não parte da realidade vivida de forma socialmente hegemônica é, para esse indivíduo, facilmente descartado como ilusório, imaginativo e impossível.<sup>80</sup> Todavia, os mesmos padrões que o tornam ofendido pelo que ele concebe como comportamento moralmente permissivo da classe baixa o levariam a resistir à violência que caracteriza os estágios avançados do fascismo.<sup>81</sup>

Em outras palavras, é “um pé no chão e outro na cabeça”, pois figuram valores contraditórios: o *idiota*, então, mantém-se atado a valores conservadores que o asseguram, mas não valora ou reconhece as necessidades próprias do *outgroup*. Contudo, “em uma sociedade de classes e desigual, essa passividade, esse conformismo e essa atitude resignada do indivíduo servem apenas àqueles que querem manter a desigualdade, a opressão e a exploração”<sup>82</sup>.

A segunda variável da Escala F é a Submissão autoritária<sup>83</sup> (atitude submissa, acrítica a autoridades morais idealizadas do *ingroup*).<sup>84</sup> Essa variável designa a submissão completa e acrítica a um líder.<sup>85</sup> Ela diz respeito a uma necessidade emocional de submissão autoritária, que, por si só, contribui significativamente para o potencial antidemocrático, tornando o

---

<sup>80</sup> COSTA, V. H. F. da. As contradições da personalidade autoritária, segundo Theodor W. Adorno. In: ALVES JÚNIOR, D. G. (org.). **A Personalidade autoritária: ontem e hoje**. 1. ed. São Paulo: Editora Bregantini, 2022, p. 34.

<sup>81</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 138.

<sup>82</sup> CASARA, R. R. R. **A construção do idiota: o processo de idiossujetivação**. Rio de Janeiro: Da Vinci, 2024, p. 59.

<sup>83</sup> “Tabela 7 (VII) – *Clusters* da 3ª escala F: formulários 45 e 40.: 1. Obediência e respeito pela autoridade são as virtudes mais importantes que as crianças deveriam aprender; 4. A ciência tem o seu lugar, mas há muitas coisas importantes que possivelmente a mente humana jamais entenderá; 8. Toda pessoa deve ter uma fé total em alguma força sobrenatural cujas decisões ela obedece sem questionar; 21. Jovens às vezes tem ideias rebeldes, mas ao crescer eles devem superá-las e sossegar; 23. O que este país mais precisa, mais do que leis e programas políticos, é de alguns poucos líderes corajosos, incansáveis, devotados, nos quais as pessoas possam depositar sua fé; 42. Nenhuma pessoa em sã consciência, normal e desceite, jamais poderia pensar em ferir um amigo próximo ou parente; 44. Ninguém jamais aprendeu nada importante a não ser através do sofrimento” (ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 188).

<sup>84</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 135.

<sup>85</sup> DUARTE, R. Rastreado o autoritarismo. In: ALVES JÚNIOR, D. G. (org.). **A Personalidade autoritária: ontem e hoje**. 1. ed. São Paulo: Editora Bregantini, 2022, p. 25-26.

indivíduo particularmente receptivo ou vulnerável à manipulação pelos poderes externos mais fortes.<sup>86</sup>

Tal estratégia de submissão encontra expressão na agressão autoritária, pois envolve a projeção de obediência e respeito à projeção que o indivíduo faz em relação à autoridade do *ingroup*, no lugar da subordinação que sente, simbolicamente, por seus pais. No entanto, os impulsos reprimidos são canalizados e direcionados agressivamente aos integrantes do *outgroup*. Assim, baseando-se em Freud, Adorno destacou a vontade de sujeição: “[...] ele revelou nos confins monadológicos do indivíduo os traços de sua crise profunda e a vontade de se submeter inquestionavelmente às poderosas instâncias (*agencies*) coletivas externas”<sup>87</sup>.

A terceira variável é a Agressão autoritária<sup>88</sup> (tendência a vigiar e condenar, rejeitar e punir pessoas que violam os valores convencionais)<sup>89</sup>. Esta representa o componente sádico do autoritarismo.<sup>90</sup> Em outras palavras, é o punitivista com tendência a punir pessoas consideradas *outsiders*<sup>91</sup>: “Ele diz para si mesmo: eu não sou mau e merecedor de punição; ele é”<sup>92</sup>. Essa característica remete a uma tendência mais geral de punir os violadores dos valores convencionais, como homossexuais, criminosos sexuais, pessoas com maus modos etc., e, convencendo-se da necessidade de punição, a ele é provido um canal por meio do qual seus

---

<sup>86</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 141-142.

<sup>87</sup> ADORNO, W. T. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: ADORNO, W. T. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. São Paulo: Editora UNESP, 2015, p. 157.

<sup>88</sup> “Tabela 7 (VII) – *Clusters* da 3ª escala F: formulários 45 e 40.: 12. Uma pessoa que tem maus modos, maus hábitos e é malcriada dificilmente pode esperar ser querida e aceita por gente decente; 13. O que a juventude mais precisa é de disciplina estrita, determinação severa e a vontade de trabalhar e lutar pela família e pelo país; 19. Um insulto à nossa honra deverá sempre ser punido; 25. Crimes sexuais, tais como estupro e ataques a crianças, merecem mais do que mero encarceramento; tais criminosos devem ser publicamente açoitados ou pior; 27. Dificilmente há algo mais baixo do que uma pessoa que não tem um grande amor, gratidão e respeito por seus pais; 34. A maioria de nossos problemas sociais seria resolvida se pudéssemos de algum jeito nos livrar das pessoas imorais, desonestas e de mente fraca [feebleminded]; 37. Se as pessoas falassem menos e trabalhassem mais seria melhor para todo mundo; 39. Homossexuais não são muito melhores do que criminosos e deveriam ser punidos com severidade” (ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 188-189).

<sup>89</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 135.

<sup>90</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 143.

<sup>91</sup> DUARTE, R. Rastreando o autoritarismo. In: ALVES JÚNIOR, D. G. (org.). **A Personalidade autoritária: ontem e hoje**. 1. ed. São Paulo: Editora Bregantini, 2022, p. 26.

<sup>92</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 145.

impulsos agressivos são expressos.<sup>93</sup> Isso diz respeito a uma íntima projeção que, em essência, é própria do detentor da paranoia:

[...] Os impulsos que o sujeito não admite como seus e que, no entanto, lhe pertencem são atribuídos ao objeto: a vítima em potencial. Para o paranoico usual, sua escolha não é livre, mas obedece às leis de sua doença. No fascismo, esse comportamento é adotado pela política, o objeto da doença é determinado realisticamente; o sistema alucinatorio torna-se a norma racional no mundo, e o desvio a neurose. O mecanismo que a ordem totalitária põe a seu serviço é tão antigo quanto a civilização. Os mesmos impulsos sexuais que a raça humana reprimiu souberam se conservar e se impor num sistema diabólico, tanto dentro dos indivíduos, quanto dos povos, na metamorfose imaginária do mundo ambiente. **O indivíduo obcecado pelo desejo de matar sempre viu na vítima o perseguidor que o forçava a uma desesperada legítima defesa, e os mais poderosos impérios sempre consideraram o vizinho mais fraco como uma ameaça insuportável, antes de cair sobre eles.**<sup>94</sup>

A quarta variável é a Anti-intracção<sup>95</sup> (oposição ao subjetivo, ao imaginativo, a um espírito compassivo).<sup>96</sup> *Introspecção* é um termo introduzido por Murray<sup>97</sup> e refere-se à predominância de sentimentos, fantasias, especulações, aspirações, representando, assim, um perfil humano imaginativo e subjetivo. A Anti-intracção caracteriza-se pela falta de interesse em voltar-se para dentro e refletir sobre si e seu entorno. O cotidiano é dominado pela praticidade, levando o sujeito a um subjetivismo raso e a um objetivismo maniqueísta. Significa, portanto, uma reação extrema contra tudo que é subjetivo ou imaginativo.<sup>98</sup> Dessa tendência à ignorância emerge o empobrecimento subjetivo.

Acerca desse desinteresse cognitivo, Rubens Casara pontua:

[...] a razão neoliberal se sustenta na hegemonia do “vazio do pensamento” expressa no empobrecimento da linguagem, na incapacidade de reflexão e em uma percepção democrática de baixíssima intensidade. Qualquer processo reflexivo ou menção aos

<sup>93</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 144.

<sup>94</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 154, grifo nosso.

<sup>95</sup> “Tabela 7 (VII) – *Clusters* da 3ª escala F: formulários 45 e 40.: 9. Quando uma pessoa tem um problema ou preocupação, é melhor que ela não pense nisso, mas que se ocupe com coisas mais alegres; 31. Hoje em dia, mais e mais pessoas se intrometem em assuntos que deveriam ser pessoais e privados; 37. Se as pessoas falassem menos e trabalhassem mais seria melhor para todo mundo; 41. O homem de negócios e o industrial são muito mais importantes para a sociedade do que o artista e o professor” (ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 188.).

<sup>96</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 135.

<sup>97</sup> MURRAY, *et al.*, 1938 *apud* ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 147.

<sup>98</sup> DUARTE, R. Rastreado o autoritarismo. *In*: ALVES JÚNIOR, D. G. (org.). **A Personalidade autoritária**: ontem e hoje. 1. ed. São Paulo: Editora Bregantini, 2022, p. 26.

valores democráticos representam uma ameaça a esse projeto de mercantilização do mundo.<sup>99</sup>

A quinta variável diz respeito à Superstição e estereotípi<sup>100</sup> (a crença em determinantes místicos do destino individual e a disposição a pensar por meio de categorias rígidas).<sup>101</sup> Indica, portanto, a crença na determinação mística do próprio destino.<sup>102</sup> Ela alude à superstição, como a busca de esclarecimento sobre o próprio destino por meio da astrologia e do sobrenatural. Nesse sentido, a supersticiosidade indica uma tendência a transferir a responsabilidade do interior do indivíduo para forças externas, que estão além do próprio controle.<sup>103</sup>

A sexta variante refere-se a Poder e dureza (*toughness*).<sup>104</sup> Nesse aspecto, há uma tendência a interpretar todas as relações humanas sob as categorias rígidas, como: a dimensão de dominação-submissão, forte-fraco, líder-seguidor; a identificação com figuras de poder; a ênfase excessiva nos atributos convencionalizados do eu; e a asserção exagerada de força e dureza.<sup>105</sup> Corresponde, portanto, à hostilidade generalizada e gratuita, de modo que se manifesta como demonstrações gratuitas de força.<sup>106</sup> Essa variável toca especificamente o

<sup>99</sup> CASARA, R. R. R. **Bolsonaro**: o mito e o sintoma. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020, p. 13.

<sup>100</sup> “Tabela 7 (VII) – *Clusters* da 3º escala F: formulários 45 e 40.: 4. A ciência tem o seu lugar, mas há muitas coisas importantes que possivelmente a mente humana jamais entenderá; 8. Toda pessoa deve ter uma fé total em alguma força sobrenatural cujas decisões ela obedece sem questionar; 16. Algumas pessoas nascem com a ânsia [urge] de pular de lugares altos; 26. As pessoas podem ser divididas em duas categorias distintas: os fortes e os fracos; 29. Algum dia provavelmente será mostrado que a astrologia consegue explicar um monte de coisas; 33. Guerras e problemas sociais talvez acabem por causa de um terremoto ou inundação que destruirá o mundo inteiro” (ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 189.).

<sup>101</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 135.

<sup>102</sup> DUARTE, R. Rastreado o autoritarismo. In: ALVES JÚNIOR, D. G. (org.). **A Personalidade autoritária**: ontem e hoje. 1. ed. São Paulo: Editora Bregantini, 2022, p. 26.

<sup>103</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 150.

<sup>104</sup> “Tabela 7 (VII) – *Clusters* da 3º escala F: formulários 45 e 40.: 2. Nenhuma fraqueza ou dificuldade pode nos impedir de algo se tivermos suficiente força de vontade; 13. O que a juventude mais precisa é de disciplina estrita, determinação severa e a vontade de trabalhar e lutar pela família e pelo país; 19. Um insulto à nossa honra deverá sempre ser punido; 22. O melhor é empregar algumas autoridades do pré-guerra na Alemanha para manter a ordem e evitar o caos; 23. O que este país mais precisa, mais do que leis e programas políticos, é de alguns poucos líderes corajosos, incansáveis, devotados, nos quais as pessoas possam depositar sua fé; 26. As pessoas podem ser divididas em duas categorias distintas: os fracos e os fortes; 38. A maioria das pessoas não percebe o quanto nossas vidas são controladas por complôs feitos em lugares secretos” (ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 190.).

<sup>105</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 135.

<sup>106</sup> DUARTE, R. Rastreado o autoritarismo. In: ALVES JÚNIOR, D. G. (org.). **A Personalidade autoritária**: ontem e hoje. 1. ed. São Paulo: Editora Bregantini, 2022, p. 27.

complexo de poder, pois existe uma disposição de ver todas as relações entre as pessoas em termos de categorias como forte-fraco, dominante-submisso, líder-seguidor, martelo-bigorna.<sup>107</sup> A aspiração ao poder não se limita somente ao líder; ela se torna um desejo latente no seguidor.

Expressões como “imorrível”, “imbrochável” e “incomível”, como já ocorreu no mandato do ex-presidente Jair Bolsonaro, membro da extrema-direita no Brasil<sup>108</sup>, são exemplos típicos de jargões daqueles que almejam o poder e tendem a se mostrar “o messias/o grande homem” das massas idiotizadas que o idolatram. Todavia, nelas também residem figuras que se alinham a esse nicho, reforçando a lógica de dominação e submissão que permeia tal ideologia. Como exemplo, podemos observar:

[...] um homem relata que a experiência mais inspiradora para ele teria sido a de apertar a mão do Presidente, provavelmente encontra sua gratificação não apenas na submissão, mas na ideia de que parte do poder do grande homem, por assim dizer, impregnou-se nele, de modo que ele é uma pessoa mais importante por ter “apertado a mão dele” ou por “tê-lo conhecido” ou por ter “estado lá”. O mesmo padrão de gratificação pode ser obtido ao atuar no papel de “lugar-tenente” ou ao desempenhar uma função em uma posição intermediária em alguma hierarquia claramente estruturada, na qual sempre há alguém acima e alguém abaixo.<sup>109</sup>

A sétima variante é a Destrutividade e cinismo<sup>110</sup> (hostilidade generalizada, desprezo pelo humano).<sup>111</sup> Sem nenhuma censura moral, a agressividade revela-se em sua forma mais crua, e o fascista, a sua sinceridade. Nessa variável, a massa se identifica, sentindo-se livre para ecoar o seu ódio, e se expressa livremente ao crer que todos estão fazendo o mesmo.<sup>112</sup> Assim,

<sup>107</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 152.

<sup>108</sup> MOLITERNO, D.; VARELA, G. Bolsonaro puxa coro de “imbrochável” em discurso no Dia da Independência. **CNN Brasil**, [s. l.], 07 set. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-puxa-coro-de-imbroschavel-em-discurso-no-dia-da-independencia/>. Acesso em: 21 set. 2024.

<sup>109</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 135.

<sup>110</sup> “Tabela 7 (VII) – *Clusters* da 3ª escala F: formulários 45 e 40.: 6. Sendo a natureza humana o que é, sempre haverá guerra e conflito; 43. A familiaridade gera desdém” (ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 190).

<sup>111</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 190.

<sup>112</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 155.

reforça falsos limites diante do que julga diferente de si, devido à sua incapacidade de se identificar com o que considera inferior.

[...] É pelo gemido da vítima que, pela primeira vez, chamou a violência por seu nome, e até mesmo pela simples palavra que visa as vítimas: francês, negro, judeu, que eles se deixam intencionalmente transportar para o desespero dos perseguidos obrigados a reagir com violência. Eles são o falso retrato da mimese assustadora. Eles reproduzem em si a insaciabilidade da potência de que têm medo. Tudo deve ser usado, tudo deve lhes pertencer. **A mera existência do outro é motivo de irritação. Todos os outros são “muito espaçosos” e devem ser recolocados em seus limites, que são os limites do terror sem limites.**<sup>113</sup>

A penúltima variante é a Projetividade<sup>114</sup> (a disposição para acreditar que coisas tresloucadas [*wild*] e perigosas acontecem no mundo; a projeção para fora de impulsos emocionais inconscientes).<sup>115</sup> Aqui, trata-se da projeção de pulsões emocionais reprimidas para fora. Esses impulsos inconscientes são atribuídos a outras pessoas, que acabam sendo culpabilizadas sem sequer compreender o motivo.<sup>116</sup> No imaginário fascista, essas vítimas são frequentemente escolhidas com base em preconceitos culturais, étnicos ou sociais, servindo de alvo para a projeção de ódios irracionais.

Em virtude da flexibilidade do fenômeno autoritário, é essencial considerar, em primeiro lugar, que dado o seu caráter projetivo, inseparável da dinâmica emocional da produção coletiva do tipo de estranheza atinente ao *unheimlich*, e da hostilidade proporcionada pelo narcisismo das pequenas diferenças, o preconceito, embora se alimente de elementos reais sedimentadores de uma estereotipia imaginária, está relacionado essencialmente com “as necessidades e desejos psicológico do sujeito que o experimenta”<sup>117, 118</sup>

<sup>113</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 151, grifo nosso.

<sup>114</sup> “Tabela 7 (VII) – *Clusters* da 3º escala F: formulários 45 e 40.: 18. Hoje em dia, com tantas espécies diferentes de pessoas indo de um lugar ao outro e se misturando tão livremente, temos de ser especialmente cuidadosos para nos proteger contra infecção e doença; 31. Hoje em dia, mais e mais pessoas se intrometem em assuntos que deveriam ser pessoais e privados; 33. Guerras e problemas sociais talvez acabem por causa de um terremoto ou inundação que destruirá o mundo inteiro; 35. A selvagem [*wild*] vida sexual dos antigos gregos e romanos era contida perto de algumas coisas que acontecem neste país, mesmo em lugares nos quais as pessoas menos esperariam; 38. A maioria das pessoas não percebe o quanto nossas vidas são controladas por complôs feitos em lugares secretos” (ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 190-191).

<sup>115</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 135.

<sup>116</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 156.

<sup>117</sup> ADORNO, 1965, p. 572 *apud* BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021, p. 51.

<sup>118</sup> BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021, p. 51.

A última variável da Escala F diz respeito à Sexualidade<sup>119</sup> (preocupação exagerada com eventos sexuais)<sup>120</sup>, refletida na obsessão por comportamentos sexuais alheios.<sup>121</sup> Esse fenômeno está ligado a uma forte inclinação a punir transgressores dos costumes sexuais (homossexuais, criminosos sexuais).<sup>122</sup> No entanto, essa variante também se relaciona à projeção, uma vez que o agressor reprime os desejos que condena no outro. Assim, manifesta-se como uma inclinação violenta e reprimida, oculta por trás do moralismo exacerbado.

Uma prontidão em acreditar em orgias sexuais pode ser um indicativo de uma tendência geral a distorcer a realidade por meio da projeção, mas o conteúdo sexual dificilmente seria projetado a menos que o sujeito tivesse impulsos dessa mesma espécie que estariam inconscientes e fortemente ativos. [...] a punição de homossexuais, de criminosos e à existência de orgias sexuais podem, portanto, dar alguma indicação da força das pulsões sexuais inconscientes do sujeito.<sup>123</sup>

O homem primitivo, que habita cada indivíduo na civilização com seus impulsos latentes à beira da eclosão, evidencia os perigos da manipulação de massas das sociedades modernas.<sup>124</sup> Nesse sentido, a obra de Freud *Psicologia das massas e análise do eu* foi primordial para Adorno formular sua compreensão sobre o fenômeno que envolve as massas, que tendem a aderir a ideologias totalitárias e, por isso, representam um perigo para a democracia.

Ademais, a Escala F relacionada ao fascismo, com suas variáveis, demonstra que o fascismo não é pauta de urgência apenas pelos fatos precedentes à pesquisa, mas também pelo fato de que o fascismo era latente no tempo em que a pesquisa foi realizada. O fascismo foi superado apenas no que tange à formalidade do termo. Por isso, mais do que temer os fantasmas

<sup>119</sup> “Tabela 7 (VII) – *Clusters* da 3ª escala F: formulários 45 e 40.: 25. Crimes sexuais, tais como estupro e ataques a crianças, merecem mais do que mero encarceramento; tais criminosos devem ser publicamente açoitados ou pior; 35. A selvagem [*wild*] vida sexual dos antigos gregos e romanos era contida perto de algumas coisas que acontecem neste país, mesmo em lugares nos quais as pessoas menos esperariam; 39. Homossexuais não são muito melhores do que criminosos e deveriam ser punidos com severidade” (ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 191).

<sup>120</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 135.

<sup>121</sup> DUARTE, R. Rastreado o autoritarismo. In: ALVES JÚNIOR, D. G. (org.). **A Personalidade autoritária: ontem e hoje**. 1. ed. São Paulo: Editora Bregantini, 2022, p. 26.

<sup>122</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 158.

<sup>123</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 159.

<sup>124</sup> SILVA, T. C. F. C. da; CAMINHA, I. de. O. O fascismo e as massas: uma análise da teoria freudiana sobre o contágio do ódio. **Problemata**: R. Intern. Fil. v. 10. n. 5, 2019, p. 186. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/47439>. Acesso em: 14 nov. 2024.

da regressão<sup>125</sup>, Adorno demonstrou que devemos nos preocupar com os sujeitos que, fechados em suas próprias convicções, se tornam a encarnação da assombração da razão.<sup>126</sup>

As características apontadas pela escala, que, em conjunto, moldam os sujeitos fascistas, permanecem atuais, sem deixar de ser subjetivas e sutis. Isso não lhes concede a invisibilidade da clandestinidade para aderirem ao fenômeno. Sendo assim, são muitos os caminhos a serem percorridos por intermédio da análise sociológica, da psicanálise e da psicologia das massas, que permitem desvendar as motivações que atraem o sujeito a essa ideologia e ao culto reacionário em massas.

Um outro elemento interessante trazido por Adorno é o seu interesse pela ideia de que os indivíduos perdem suas características únicas e se fundem na totalidade, algo que ele identifica como central e que servirá de base atual para robustecer a sua própria dialética negativa: “Sob o monopólio da cultura, ‘a tirania deixa o corpo livre e vai direto à alma. O mestre não diz mais: você pensará como eu ou morrerá. Ele diz: você é livre de não pensar como eu [...] mas de hoje em diante você será um estrangeiro entre nós.’<sup>127,128</sup>

Nesse sentido, Adorno conclui que, de forma perversa, a indústria cultural apequenou o ser humano, de modo a reduzi-lo ao comum e a mais um entre as massas. As pessoas valem apenas como moeda de troca substituível a fins intercambiáveis, perdendo, com isso, o próprio valor e tornando-se descartáveis. Contudo, será a partir desse último caminho que encontraremos um terreno mais aprofundado de estudo para identificar elementos projetivos da cultura contemporânea para insculpir a totalidade do eu na cultura da universalidade e nas direções de identidade por meio das massas.

---

<sup>125</sup> Sobre a utilização do termo – fantasmas da regressão –; Adorno inspirou-se nas formulações freudianas acerca da regressão. Elaboradas em *A interpretação dos sonhos de Freud*: “Assim, cabe distinguir três tipos de regressão: a) *regressão tópica*, no sentido do quadro esquemático dos sistemas [...] que explicamos atrás; b) *regressão temporal*, na medida em que se trata de um retorno a estruturas psíquicas mais antigas; e c) *regressão formal*, onde os métodos primitivos de expressão e representação tomam o lugar dos métodos habituais. No fundo, porém, todos esses três tipos de regressão constituem um só e, em geral, ocorrem juntos, pois o que é mais antigo no tempo é mais primitivo na forma e, na tópica psíquica, fica mais perto da extremidade perceptiva” (FREUD, 1988 [1900], p. 501 *apud* MOREIRA, A. C. G. O conceito freudiano de regressão e a prática da psicoterapia em ambulatório de hospital universitário. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, ano X, n. 1, mar. 2007, p. 4. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2330/233017474005.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2024).

<sup>126</sup> A partir desse entendimento, Adorno vale-se do termo fantasmas da regressão, no sentido de atribuí-los à regressão do sujeito à barbárie, porque uma vez não emancipado em seus pensamentos, regride psiquicamente influenciado pela cultura que utiliza a razão para justificar práticas opressivas. Assim, o fantasma ressurgue constantemente ao fim de lembrar a civilização seu potencial regressivo, mesmo que, supostamente, ela esteja com o progresso em curso.

<sup>127</sup> TOCQUEVILLE, 1864, p. 151 *apud* ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 110.

<sup>128</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 110.

## 2.2 Psicologia das massas e anulação do eu

[...] Um belo dia, a propaganda de marcas específicas, isto é, o decreto da produção escondido na aparência da possibilidade de escolha, pode acabar se transformando no comando aberto do *Führer*. Numa sociedade dominada pelos grandes bandidos fascistas, que se puseram de acordo sobre a parte do produto social a ser destinado às primeiras necessidades do povo, pareceria enfim anacrônico convidar ao uso de um determinado sabão em pó. O *Führer* ordena de maneira mais moderna e sem maior cerimônia tanto o holocausto quanto a compra de bugigangas.<sup>129</sup>

Adorno e Horkheimer, em suas análises, elucidam o poder e a influência que o líder fascista exerce sobre seus adeptos e seguidores. Estes, que acreditam gozar da liberdade de escolha, são, na verdade, conduzidos como rebanhos ordenados e direcionados para aquilo que consideram escolhas próprias, decisões. Oprimidos, acabam por alimentar as ideologias totalitárias dos próprios opressores, sem ter a consciência do que fomentam. Tal manipulação, que não se dá de forma lógica, mas indireta e sorrateira, foi motivo de inquietação para Adorno, levando-o a buscar compreendê-la nas profundezas da psique humana e utilizando-se das teorias freudianas.

Desprovidas de capacidade reflexiva e empobrecidas em sua subjetividade, as massas aderem, sem resistência, às formas de domínio psíquico, facilmente capturadas pelos discursos infundados dos líderes e da propaganda, que Adorno considera ser “a substância da política”<sup>130</sup>. Nesse contexto, Adorno alerta sobre a falta de reflexão, que predispõe o indivíduo à adesão de uma cosmovisão estereotipada e à reprodução de pensamentos prontos, sem questionamento.

Ao prefaciá-la obra *Estudos sobre a personalidade autoritária*, Horkheimer reforça essa preocupação ao mencionar a existência de um indivíduo inclinado à submissão, em contraste com o fanático, que agora ameaça substituir o tipo individualista predominante há 150 anos:

O tema central do trabalho é um conceito relativamente novo – o surgimento de uma espécie ‘antropológica’ que chamamos de tipo autoritário de homem. Em contraste com o fanático [*bigot*] do estilo antigo, ele parece combinar ideias e habilidades típicas de uma sociedade altamente industrializada com crenças irracionais ou antirracionais. Ele é ao mesmo tempo esclarecido e supersticioso, orgulhoso de ser um individualista e com medo constante de não ser como todos os outros, zeloso de sua independência e inclinado a se submeter cegamente ao poder e à autoridade.<sup>131</sup>

<sup>129</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 132.

<sup>130</sup> ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 55.

<sup>131</sup> HORKHEIMER, 1950, p. 9 *apud* COSTA, V. H. F. da. Resumo de The Authoritarian Personality. *In*: ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 29.

Horkheimer argumenta que há indivíduos cuja inclinação se volta para fenômenos autoritários, pessoas que necessitam de uma figura paterna (ir)responsável para articular seus movimentos, como marionetes em busca da idealização de privilégios que lhes são devidos, enquanto marginalizam e invisibilizam “os outros” — as minorias desconsideradas. Esses movimentos são frequentemente seguidos por perfis padronizados, revestidos de uma falsa ideologia pessoal e carregados de antidemocracia.

Quando Adorno e seus colegas conduziram suas pesquisas após a derrota do fascismo em guerra, o foco central não se baseou nos indivíduos declaradamente fascistas, mas nos *potenciais fascistas* — aqueles cuja estrutura psicológica os tornava especialmente suscetíveis à propaganda antidemocrática.<sup>132</sup> Em outras palavras, eles se preocuparam mais com os que pulsavam em silêncio, cujas condutas massificadas evidenciavam padrões comuns, do que com os que ostentavam a bandeira fascista abertamente.

O clima cultural em que o indivíduo está inserido exerce uma grande influência sobre as suas convicções íntimas. Assim, compreender as tendências mais profundas é crucial, pois é nelas que repousa o potencial do indivíduo para o pensamento e as ações antidemocráticas em momentos decisivos.<sup>133</sup> Em busca de esclarecimento, Horkheimer, junto a Adorno, desenvolveu o artigo *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista*<sup>134</sup>. Nele, basearam-se na obra de Sigmund Freud chamada *Psicologia das massas e análise do eu*, publicada em 1920, e no clássico livro de Gustave Le Bon (1895), *Psicologia das multidões*, mencionado por Freud no decorrer de sua obra e fundamental para analisar a alma coletiva.

Freud buscou demonstrar “o caminho que vai da análise do indivíduo para a compreensão da sociedade”<sup>135</sup>. Adorno, por sua vez, ampliou essa perspectiva ao entender que o fenômeno não se limita aos processos psicológicos do sujeito irracional, mas se enraíza na sociedade reificada, a qual, segundo ele, “reduziu o ser humano a mero átomo social, a uma

---

<sup>132</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 71.

<sup>133</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 76.

<sup>134</sup> “O artigo *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista* foi elaborado por Adorno, com a colaboração de Max Horkheimer, em um período em que as pesquisas do Instituto de Pesquisas Sociais foram financiadas pela Comissão Judaica Norte-Americana, devido a crítica situação financeira na qual se encontrava, sobretudo, por conta do exílio para os Estados Unidos” (JAY, M. **A imaginação dialética: história da escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisa Sociais, 1923/1950**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 282-283).

<sup>135</sup> ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionários de Psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1998, p. 313.

mera função da coletividade”<sup>136</sup>. Em outras palavras, o fascista entusiasta representava ser apenas uma peça dentro do tecido do tabuleiro social. Assim, a psicologia individual, sozinha, é incapaz de abarcar o todo sombrio da questão, porque o autoritarismo transcende o sujeito, refletindo, assim, as condições da sociedade moderna.

Essa visão de Adorno sobre os átomos sociais desindividualizados, que necessitam de sujeição, encontra sincronia com o pensamento freudiano. A próxima passagem exemplifica essa conexão profunda entre os dois pensadores:

[...] As massas nunca tiveram a sede da verdade. Requerem ilusões, às quais não podem renunciar. Nelas, o irreal tem primazia sobre o real, o que não é verdadeiro as influencia quase tão fortemente quanto o verdadeiro. [...] A massa é um rebanho dócil, que não pode jamais viver sem um senhor. Ela tem tamanha sede de obediência, que instintivamente se submete a qualquer um que se apresente como seu senhor [...].<sup>137</sup>

Adorno e Horkheimer, em suas análises sobre o fascismo, elucidam como o sujeito se prende a uma lógica que nega a liberdade ao abdicar da capacidade crítica e entregar-se à idolatria de líderes e ideologias totalitárias. Ao renunciar às dores de uma vida que não se apequena diante da realidade empírica, envolve renúncia à singularidade e à autonomia do pensamento, bem como à submissão a discursos e práticas que estão distantes da verdade.

O sujeito, então, se reconforta nos recônditos da própria gaiola e, conseqüentemente, resta tolhido do que Kant nomeou de “superação da minoridade”<sup>138</sup>, que, não raro, acarreta na “ausência de pensamento e da linguagem (*Unmündigkeit*) autônomos. A incapacidade de sair da “gaiola” da não reflexão, como descrito por Kant, leva à submissão a discursos e práticas que estão distantes da verdade, assumindo a responsabilidade pela própria linguagem e pelo pensamento autônomo capaz de se expressar no tempo.<sup>139</sup>

Essa superação da minoridade proposta por Kant requer o esforço da disposição para trilhar o caminho do porvir que assombra, mas que possibilita a libertação de si. Ao abdicar da própria singularidade ao fim do culto às inverdades que circundam o irreal, ele “ocupa lugar de

<sup>136</sup> ADORNO, T. W. **Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 187.

<sup>137</sup> FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 29-30.

<sup>138</sup> KANT, 2004, p. 5 *apud* SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 84.

<sup>139</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 84.

objeto de idolatria, que também, imediatamente, afasta de seu caminho toda possibilidade, por remota que seja, de que algo fora dele seja também verdadeiro”<sup>140</sup>.

“A verdade idolátrica exige a entrega completa em um sentido que nenhuma racionalidade descolada dela pode compreender”<sup>141</sup>. Assim, o sujeito ensimesmado e prisioneiro de si, predestinado às próprias cercas, valida-se na sombra doutras e, sem questionar, decai no ardiloso assossego dos seus (*ingroup*). Ausentes os pressupostos lógicos que possibilitam ao discurso coerência e verdade, esvazia-se de sentido a fábula do líder vendida às massas. Logo, ele investe somente o que tem: sua calculada hostilidade que assujeita e escraviza.

Contudo, mais que se limitar à lógica para compreender o fundamento do fenômeno fascista, Adorno concluiu que se tratavam de cálculos psicológicos. A propaganda fascista intencionada a angariar as massas pouco se preocupava com as questões sérias, em que uma política democrática e igualitária deveria se preocupar com colocações racionais para fins racionais.<sup>142</sup> Isso significa que o agitador não age sem predeterminar sua rota e utiliza a violência como meio para atingir seus fins. Amarrados afetivamente a seus princípios sem ética, seus adeptos militam por sua causa, avançando as barreiras democráticas e cometendo até crimes de natureza hedionda. Embora contraditório, deturpam a democracia em nome desta. Assim, provocam a violência para justificar legítimas suas defesas.

Está nos planos do agitador fascista reduzir pessoas à condição de turba, ou seja, em “multidões tendentes à ação violenta sem nenhum fim político sensato, e a criar a atmosfera do ‘pogrom’<sup>143</sup>”<sup>144</sup>. Nesse sentido, Freud lembra que o que a massa espera é fortaleza de seus heróis, e até mesmo violência, pois deseja ser dominada e oprimida, almejando temer os seus senhores.<sup>145</sup>

---

<sup>140</sup> SOUZA, R. T. de. **O pensamento e o outro, o outro do pensamento**: a questão da alteridade em configurações contemporâneas. Porto Alegre: Zouk, 2022, p. 72.

<sup>141</sup> SOUZA, R. T. de. **O pensamento e o outro, o outro do pensamento**: a questão da alteridade em configurações contemporâneas. Porto Alegre: Zouk, 2022, p. 73.

<sup>142</sup> ADORNO, T. W. **Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 153.

<sup>143</sup> “A palavra *pogrom*, oriunda do idioma russo, pode ser traduzida de forma literal como matança, massacre ou chacina. No entanto, esta palavra somente assume característica própria quando define a matança de judeus. O vocábulo está em curso há cerca de 200 anos, tendo sido absorvido por outras dezenas de idiomas” (GHIVELDER, Z. O estigma do Pogrom. *Morashá*, [s. l.], abr. 2024. Disponível em: <https://www.morasha.com.br/antissemitismo/o-estigma-do-pogrom.html>. Acesso em: 1 out. 2024).

<sup>144</sup> ADORNO, T. W. **Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 154.

<sup>145</sup> FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 27.

Dessa necessidade perpetua-se *algum* fator determinante que nutre essa relação permeada de fetiches. Trata-se, portanto, de um sadomasoquismo entre as partes envolvidas, em que a dor advinda da submissão encontra seu antídoto no prazer de submeter-se — elo típico de uma relação cuja razão que a comporta é doentia e idolátrica.

Nesse contexto, há, sobretudo, um elemento característico que une a massa entre si e a faz renunciar da própria individualidade<sup>146</sup>, como observou Freud em seu livro *Psicologia das massas e análise do eu*, após emergir essa passagem de Le Bon:

O fato mais singular, numa massa psicológica, é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, sejam semelhantes ou dessemelhantes o seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva. Esta alma os faz sentir, pensar e agir de uma forma bem diferente da que cada um sentiria, pensaria e agiria isoladamente. Certas ideias, certos sentimentos aparecem ou se transformam em atos apenas nos indivíduos em massa. A massa psicológica é um ser provisório, composto de elementos heterogêneos que por um instante se soldaram, exatamente como as células de um organismo formam, com a sua reunião, um ser novo que manifesta características bem diferentes daquelas possuídas por cada uma das células.<sup>147</sup>

Após mencionar Le Bon, Freud alertou que toda tentativa de explicação deve ser precedida pela descrição daquilo que se pretende explicar.<sup>148</sup> Assim, partindo das explicações de Le Bon, Freud levantou seus questionamentos, considerando outras descrições de seu tempo, as quais também inspiraram Adorno a questionar, sob sua ótica, o fenômeno do fascismo. Esse fenômeno não se justifica por si só sem antes buscar explicação nas motivações de seus aderentes.

Freud, ao tentar identificar as forças psicológicas que transformam o indivíduo em massa, destacou que há um “*algo*” que os une. Esse “*algo*” representa o “ponto de partida” para Adorno sobre as próprias reflexões acerca do fascismo. Adorno concluiu que a questão levantada por Freud — O que é esse “*algo*”?:

Equivale a uma exposição do problema fundamental da manipulação fascista, pois o demagogo fascista precisa angariar o apoio de milhões de pessoas para objetivos

<sup>146</sup> “Se os indivíduos da massa estão ligados numa unidade, tem de haver algo que os une entre si, e este meio de ligação poderia ser justamente o que é característico da massa” (FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 18).

<sup>147</sup> LE BON, 1971 [1895], p. 11 *apud* FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 18.

<sup>148</sup> FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 17.

altamente incompatíveis com seu próprio autointeresse racional, e só pode fazê-lo ao criar artificialmente o *vínculo* que Freud procura.<sup>149</sup>

Na concepção de Adorno, esse vínculo é, portanto, criado artificialmente pelo demagogo. E dessa invenção de elos manipulativos surge o princípio unificador por trás de seus vários dispositivos, de modo que sua essência, segundo Adorno com base em Freud, tem uma natureza *libidinal*. Não se trata, porém, de um vínculo libidinal no sentido de uma sexualidade não inibida, mas, sim, do “problema de quais mecanismos psicológicos transformam a energia sexual primária em sentimentos que mantêm as massas coesas”<sup>150</sup>.

Essa *libido não ligada e sem um fim específico*, segundo Rechartd, é perturbadora, uma vez que:

[...] Quando a qualidade de libido mal ligada ultrapassa a capacidade que cada indivíduo tem de a ela se acomodar num determinado momento, em virtude, por exemplo, de um aumento brutal, isto será vivido como uma perturbação. Isto intensifica muito os diversos derivados da pulsão de morte. Quanto mais o caos e a impotência são ameaçadoras, mais estes derivados correm o risco de serem graves.<sup>151</sup>

Em suma, nesse descontrole libidinal, a pulsão de morte é latente e permeia o âmago do inconsciente das massas, tornando-as irracionais e emocionalmente agressivas, o que cumpre, necessariamente, a condição básica para sua manipulação.<sup>152</sup> Freud, por sua vez, analisa a questão do vínculo libidinal a partir do conceito de *sugestão*, reconhecendo a sugestão como um “abrigo” ou “véu” que oculta “relações amorosas”. Logo, os laços de sentimento, ocultos no biombo da sugestão, constituem a essência da alma coletiva.<sup>153</sup> Embora haja muito pouco conteúdo da ideologia fascista que poderia ser amado<sup>154</sup>, o *algo* de Freud que *vincula* um ser ao outro, reduzindo-o à massa abjeta, segundo ele, é o amor.<sup>155</sup>

<sup>149</sup> ADORNO, T. W. **Ensaios sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 159.

<sup>150</sup> ADORNO, T. W. **Ensaios sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 162.

<sup>151</sup> RECHARDT, 1988, p. 45 *apud* SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 84.

<sup>152</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 83.

<sup>153</sup> FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 45.

<sup>154</sup> ADORNO, T. W. **Ensaios sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 163.

<sup>155</sup> Definição de amor libidinal em Freud: “‘Libido’ é uma expressão proveniente da teoria da afetividade. Assim denominamos a energia, tomada como grandeza quantitativa – embora atualmente não mensurável –, desses instintos relacionados com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra “amor”. O que constitui o âmago do que chamamos amor é, naturalmente, o que em geral se designa como amor e é cantado pelos poetas, o amor entre os sexos para fins de união sexual. Mas não separamos disso o que partilha igualmente o nome de amor, de um lado o amor a si mesmo, do outro o amor aos pais e aos filhos, a amizade e o amor aos seres humanos

O afeto mais nobre, capaz de munir a humanidade de alteridade, acaba por ser “metamorfoseado à obediência, e todo obedecer, nesse sentido, conduz à naturalização do autoritarismo”.<sup>156</sup> Fascismo e amor são, portanto, incompatíveis. Nesse caso, trata-se de idolatria, pois só há espaço para a idolatria onde o amor está ausente.<sup>157</sup> Parece contraditório justificar o fascismo latente no mesmo coração capaz de amar, mas esse sentimento pueril do idólatra é apenas uma projeção das suas próprias expectativas em torno do objeto amado.

O fascista não ama pela pureza do amor, mas pela possibilidade de amar algo tão destrutivo quanto ele mesmo. Destarte, verifica-se que a base do fascismo nas massas está também relacionada à teoria da afetividade, embora não se resuma a ela.

Parece significativo que na sociedade de hoje, com suas massas fascistas integradas artificialmente, exclui-se quase completamente referência ao amor. Hitler recusou o papel tradicional do pai amoroso e o substituiu integralmente pelo negativo da autoridade ameaçadora. O conceito de amor foi transferido para a noção abstrata de *Alemanha* e raramente mencionado sem o epíteto de “fanático”, através do qual até mesmo este amor obteve um círculo de hostilidade e agressividade contra aqueles que estão fora dele. Um dos princípios básicos da liderança fascista é manter a energia libidinal primária em um nível inconsciente, de modo a desviar suas manifestações de uma forma adequada a fins políticos. Quanto menos uma ideia objetiva, tal como a salvação religiosa, desempenha um papel na formação de massas e quanto mais a manipulação de massas se torna o único fim, tanto mais o amor completamente não inibido precisa ser recalcado e transformado em obediência.<sup>158</sup>

Adorno entende que a psicologia do fascismo é engendrada pela manipulação dos demagogos interessados em usar as massas para fins próprios. De fato, há mecanismos psicológicos que facilitam a suscetibilidade dos indivíduos ao fascismo, e “é igualmente certo que a manipulação do inconsciente [...], é indispensável para a atualização de seu potencial”<sup>159</sup>.

Contudo, o que leva o indivíduo a regredir e sujeitar-se ao fascismo vai além da psicologia; está diretamente ligado à capacidade persuasiva do agitador fascista de ideologizar. Isso significa dizer que “a psicologia das massas foi apropriada por seus líderes e transformada

---

em geral, e também a dedicação a objetos concretos e a ideias abstratas. Nossa justificativa é que a investigação psicanalítica nos ensinou que todas essas tendências seriam expressão dos mesmos impulsos instintuais que nas relações entre os sexos impelem à união sexual, e que em outras circunstâncias são afastados dessa meta sexual ou impedidos de alcançá-la, mas sempre conservam bastante da sua natureza original, o suficiente para manter sua identidade reconhecível (abnegação, busca de aproximação)” (FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 43).

<sup>156</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 86.

<sup>157</sup> “Só existe idolatria quando inexistente amor” (SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 85).

<sup>158</sup> ADORNO, T. W. **Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 162-163.

<sup>159</sup> ADORNO, T. W. **Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 185.

em um meio para dominação. Ela não se expressa diretamente através de movimentos de massa”<sup>160</sup>. Dessa forma, o fascismo não pode ser justificado pela simples ideologia A ou B, embora o líder necessite da turba para potencializar sua luta totalizante. O que se esconde no véu de suas intenções é o domínio político-ideológico.

O fascismo, como tal, *não* é um problema exclusivamente psicológico, e qualquer tentativa de compreender suas raízes e seu papel histórico unicamente em termos psicológicos permanece no nível das ideologias, tal como a ideia das “forças irracionais” promovida pelo próprio fascismo.<sup>161</sup> Assim sendo, o *elo* de identificação é um pressuposto crucial para o sucesso do fenômeno, mas o que seria das massas sem a soberania do mandatário que as coordena? Da mesma forma, o líder que se apropria da psicologia de massas utiliza-a para alcançar seus objetivos e interesses econômicos e políticos.

Como um rebanho, a massa precisa ser organizada e ter alguém para projetar seu amor doentio, pois a necessidade de *identificação* pulsa em seu espírito. Assim, o incitador, que ainda não é amado pela turba, primeiro, organiza-a como enlatados de uma prateleira qualquer, no mesmo padrão das massas artificiais da igreja e do exército. Uma vez organizada, o indivíduo pertencente à horda sente-se acolhido por uma causa de acordo com o que faz sentido em sua indigência racional.

Da indigência dessa racionalidade idolátrica extrai-se um imaginário tangente à estética fascista. Os indivíduos se identificam entre os seus, e saltam aos seus olhos os adornos que os unem à causa. Trata-se, sobretudo, de um reconhecimento afetivo, bem como erótico; da virilidade do sujeito imbatível predestinado ao mundo à sutileza e à fragilidade da mulher servil destinada ao lar. O conservadorismo e a mentalidade apregoada no passado fazem deles grupos alinhados em princípios conservadores fechados em si.

Uma criação visual fascista que ilustra perfeitamente esse cenário foi, infelizmente, perpetuada no filme feito pela cineasta Leni Riefenstahl para o governo nazista de Hitler. Suzan Sontag assim o descreveu:

*Triunfo da vontade* usa planos gerais superpovoados com imagens de massa que se alternam com closes que isolam uma paixão individual, uma submissão singular e perfeita: numa região temperada, pessoas limpas e distintas, em uniformes, se agrupam e se reagrupam, como se estivessem à procura da coreografia perfeita para expressar sua lealdade.<sup>162</sup>

<sup>160</sup> ADORNO, T. W. **Ensaios sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 186.

<sup>161</sup> ADORNO, T. W. **Ensaios sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 185.

<sup>162</sup> SONTAG, S. **Sob o signo de saturno**. Trad. Rubens Figueiredo. Companhia das Letras, 1980, p. 104-105.

Eis a energia da submissão em cena em torno do *Führer*, que se apresenta ao povo como o que Adorno chamou de um *pequeno grande homem*<sup>163</sup>, caracterizado pelo indivíduo que, sob a névoa da humildade, desvia a atenção de seus seguidores de sua onipotência e altivez com uma falta de humanidade. Isso está em consonância com a seguinte contradição destacada por Adorno: “Embora apareça como super-homem, o líder precisa, ao mesmo tempo, operar o milagre de aparecer como uma pessoa mediana, tal como Hitler posava como uma união de King Kong e barbeiro suburbano”<sup>164</sup>. Hitler sabia dos sentimentos subversivos que despertava em seus adoradores, e, segundo Sontag, em *Triunfo da vontade*, ele fez a massa gozar:

Boa parte da imagística do sexo exótico foi colocada sob o signo do nazismo. Botas, couro, correntes, cruzes de ferro sobre peitos lustrosos, suásticas, acompanhados de ganchos de açougue e motocicletas pesadas, se tornaram a parafernália secreta e extremamente lucrativa do erotismo. Nas lojas de artigos sexuais, nas saunas, nos bares gays, nos bordéis, as pessoas carregam seus acessórios. Mas por quê? Por que a Alemanha nazista, que era uma sociedade sexualmente repressiva, se tornou erótica? Como um regime que perseguiu homossexuais pôde tornar-se excitante para os gays? Encontra-se uma pista nas predileções dos próprios líderes fascistas por metáforas sexuais. Como Nietzsche e Wagner, Hitler encarava a liderança como uma dominação sexual das massas “femininas”, como um estupro. (A expressão das massas em Triunfo da vontade é de êxtase; o líder faz a multidão gozar.)<sup>165</sup>

Esse imagético apresenta duas faces: conservadora e destrutiva, resultando numa arte dissimulada que glorifica a rendição, exalta a ausência de pensamento e glamoriza a morte.<sup>166</sup> Todo esse enredo acontece a partir de uma motivação acrítica do indivíduo, que, hipnotizado, se entrega à máxima que nutre sua irracionalidade: *viva la muerte!*<sup>167</sup>. “A motivação é sistematicamente controlada e absorvida pelos mecanismos sociais que são dirigidos a partir de

---

<sup>163</sup> “[...] um dos dispositivos básicos da propaganda fascista personalizada é o conceito do ‘pequeno grande homem’, uma pessoa que sugere tanto onipotência quanto a ideia de que é apenas mais um do povo, um norte-americano pleno e viril, não maculado por riqueza material ou espiritual” (ADORNO, T. W. **Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 172).

<sup>164</sup> ADORNO, T. W. **Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 171.

<sup>165</sup> SONTAG, S. **Sob o signo de saturno**. Trad. Rubens Figueiredo. Companhia das Letras, 1980, p. 123-124.

<sup>166</sup> “A arte fascista glorifica a rendição, exalta a falta de pensamento, glamoriza a morte” (SONTAG, S. **Sob o signo de saturno**. Trad. Rubens Figueiredo. Companhia das Letras, 1980, p. 109).

<sup>167</sup> “‘Viva la Muerte!’. Esse era o grito de guerra das falanges franquistas durante a Guerra Civil espanhola, que terminou numa das ditaduras mais retrógradas e longevas do século XX. A ele se agregam os corolários de “Morte à Cultura!” ou “Morte à inteligência!”. Para que a pulsão de morte prevaleça é preciso eliminar qualquer resquício de cultura ou inteligência” (MARTINS, C. F. *Viva la Muerte!* UOL: Opera Mundi, São Paulo, 04 abr. 2021. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/opiniao/carlos-ferreira-martins-viva-la-muerte/>. Acesso em: 28 dez. 2024).

cima”<sup>168</sup>, em que o interesse do líder não se limita a ser aceito pela massa, mas dominá-la visando aos seus próprios privilégios econômicos.

Em conferência realizada na Universidade de Viena em 1967, Adorno afirmou que os pressupostos sociais do fascismo ainda perduram, sendo sua condição primeira a concentração do capital<sup>169</sup>, da qual deriva o ódio ao socialismo e aos que nele estão inseridos. Esse ódio angaria forças para gerar uma verdadeira catástrofe social, cuja luta sem vencedores desemboca em lógicas idealizantes, ou melhor, *mitologizantes*<sup>170</sup>.

É precisamente essa idealização de si mesmo que o líder fascista tenta promover em seus seguidores, e que é auxiliada pela ideologia do *Führer*. As pessoas com quem ele tem de contar padecem geralmente do conflito moderno característico entre uma instância do eu racional, fortemente desenvolvida e autoconservadora, e o contínuo fracasso em satisfazer as demandas de seu próprio eu. Este conflito resulta em impulsos narcísicos fortes, que podem ser absorvidos e satisfeitos apenas através de idealização, como a transferência parcial da libido narcísica ao objeto.<sup>171</sup>

O sonho de dominação do líder fascista é permeado pela ideologia da morte, em que o desejo inconsciente é de desgraça e catástrofe.<sup>172</sup> Em outras palavras, ou impera a vontade do líder, ou o mundo pode acabar. Como uma criança mimada que faz birra pela ausência de sua chupeta, ele é capaz de promover a destruição social como se estivesse apenas desfazendo o próprio castelo de lego. “Para quem não vê nada diante de si e não deseja a transformação da base social, não sobra nada, senão dizer, como o Wotan de Richard Wagner: ‘Sabes o que Wotan quer? O fim’<sup>173</sup>”<sup>174</sup>. Logo, mais que ansiar a finitude dos seus adoradores, por sua ideologia, o *Führer* é capaz de idealizar a destruição dos Outros. Contudo, a busca cega pelos ideólogos desguarnecidos de ética corrói o coração e envenena o espírito, resultando no amor servil e idólatra.

<sup>168</sup> ADORNO, T. W. **Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 186.

<sup>169</sup> ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 46

<sup>170</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idólatra: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 86.

<sup>171</sup> ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 169.

<sup>172</sup> “Se eu devesse falar de modo psicanalítico, diria que o desejo inconsciente de desgraça, de catástrofe, não é aqui a menor das forças mobilizadas a que esses movimentos fazem apelo” (ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 52).

<sup>173</sup> “Referência a um verso da ópera *O anel do Nibelungo*, de Richard Wagner. (N. T.)” (ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 169).

<sup>174</sup> ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 169.

A ideologia usurpa as aparências da ciência, mas o enunciado de seu conceito arruína o crédito da moral. A suspeita da ideologia desfere na moral o golpe mais duro que ela jamais recebeu; ela marca, provavelmente, o fim de toda uma ética dos homens e, em todo caso, desconcerta a teoria do dever e dos valores.<sup>175</sup>

Por ideologia, deturpa-se a realidade e turva-se a razão, negando princípios basilares da ciência, de modo que, “hoje como ontem, falsa consciência é incapacidade de distinguir a realidade, devido à cegueira socialmente necessária induzida pela ideologia”<sup>176</sup>. O negacionismo é uma das vertentes da ideologia, bem como o anti-intelectualismo, inimigos por essência do esclarecimento que flerta com a justiça e com a verdade.

Da idiotia que ao fascista fascina nasce a sua projeção. Ele ama seu objeto de adoração porque nele vislumbra sua ideologia em movimento; se verdadeiramente enxergasse, veria além do que vê e percebe, tendo em mente que o corpo do seu adorado é mero instrumento que abriga a pútrida essência que ele realmente ama.

A ideologia já não é uma arma, mas um fim. A mentira que não é mais desmentida torna-se loucura. A realidade, assim como a finalidade, são dissolvidas na proclamação ideológica totalitária: tudo o que ela diz é tudo o que é. É um primitivismo local do espetáculo.<sup>177</sup>

A título de exemplo, recentemente, o Brasil foi palco de um espetáculo ideológico capitaneado pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e seus representantes de extrema-direita. Conhecido popularmente por mito pelas suas massas, ele fez da mentira uma performance de atuação, capaz de ilustrar perfeitamente a loucura mencionada por Guy Debord.

Suas massas ideólogas ficaram conhecidas por suas contradições ao “evocarem uma verdadeira democracia e acusarem os outros de antidemocráticos”<sup>178</sup>. Os grupos reacionários do “Brasil bolsonarista” de 2019 incitaram publicamente a violência e performaram a verdadeira razão idolátrica trabalhada por Ricardo Timm de Souza, bem como a psicologia de massas aderentes ao fascismo, ilustrada por Adorno na Escala F.

A incoerência dos adoradores do “mito” foi progressivamente reconhecida, com uma série de graves acontecimentos marcando a sua política fascista. Ultrapassando os limites da liberdade de expressão, houve até pedidos do retorno da ditadura militar, como a volta do AI-5

<sup>175</sup> LEVINAS, 2005, p. 19 *apud* SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 208.

<sup>176</sup> ROUANET, S. P. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983, p. 73

<sup>177</sup> DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Coletivo Periferia, 2003, p. 82, *e-book*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>178</sup> ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 64.

(ato institucional nº 5 — decreto que reforçou medidas autoritárias durante o regime militar de 1968, como a suspensão de direitos e garantias constitucionais individuais, dentre outras medidas abusivas). Além disso, culminou na invasão ao Congresso Nacional, Palácio do Planalto e STF em Brasília.

O discurso de ódio foi a marca registrada desse governo, da liderança aos liderados, resultando na energia fascista e autoritária que permeava todos os lados do país. Foi preciso, sobretudo, muita resistência da oposição à esquerda e reflexão crítica para frear a violência, e o que Rubens Casara nomeou de “lógica do gado”<sup>179</sup>, que se refere à reação em cadeia do igual, fenômeno que não seria possível sem o empobrecimento subjetivo da população brasileira.<sup>180</sup>

Em *Ensaios sobre psicologia social e psicanálise*, Adorno conclui seu artigo com um lembrete: “[...] a apropriação da psicologia de massa pelo líder, o aperfeiçoamento de sua técnica, o permitiram coletivizar o encantamento hipnótico. O grito de guerra nazista ‘Desperte, Alemanha’ esconde precisamente seu contrário”<sup>181</sup>.

Será mera semelhança que, no Brasil do “deus, pátria e família”, o despertar também jamais ocorreu? O lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” pode transparecer um nobre patriotismo, se, nas mãos, as “genuínas arminhas”, com alvos marcados, não estivessem em punhos ostentando a defesa legitimada pela incitação à violência. Nesse cenário, no fim, “despertarão aqueles que mantêm seus olhos fechados embora não estejam mais dormindo”<sup>182</sup>.

No Brasil, a política fomentada pela extrema-direita reacionária cultiva esse “sono da razão”. O problema é que, mesmo sonâmbulos, com passos firmes e preordenados, causam a desordem basilar da morte. E é justamente essa razão fascista que será objeto de estudo no próximo capítulo.

---

<sup>179</sup> CASARA, R. R. R. **Bolsonaro: o mito e o sintoma**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020, p. 14.

<sup>180</sup> CASARA, R. R. R. **Bolsonaro: o mito e o sintoma**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020, p. 15.

<sup>181</sup> ADORNO, T. W. **Ensaios sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 189.

<sup>182</sup> ADORNO, T. W. **Ensaios sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 189.

### 3 A RAZÃO FASCISTA DA EXTREMA-DIREITA NO BRASIL

O bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nos porões, nos baús, nos lenços e na papelada. E sabia, também, que viria talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordaria os seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz.<sup>183</sup>

Eis a alegria em constante ameaça, como alertou Albert Camus. A peste, por ele evidenciada, é capaz de camuflar-se por entre tralhas e farrapos, mas não percebê-la a olho nu não significa sua inexistência. Pelo contrário, sua proliferação, não raro, se dá em silêncio. Despertam, assim, de forma tardia, os ratos que, sob efeito dela, padecem sorrindo, porém iludidos de estar imunes e alertas. Eis a ilusão de felicidade que, do mesmo modo, toma parte do mundo e, mais especificamente, do Brasil.

Neste capítulo, serão apresentados os casos brasileiros e a peste perniciososa que contaminou seus ratos fascistas. Assim, o capítulo será delimitado a partir dos tempos de obscurantismos que se seguiram de 2018 em diante, no governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. A sua política exercida como um sintoma da extrema-direita a serviço da necropolítica foi capaz de demonstrar o delírio encapsulado das massas denunciado por Adorno. Portanto, usaremos os efeitos dessa loucura como fio condutor, haja vista que tal peste, há muito, estava passando despercebida em tempos de aparente calma.

De maneira progressiva, ela vem ganhando forças e se transmutando, de modo que, se um dia, enquanto praga, prostrou-se pacientemente à espera do momento ideal para agir, esse dia já faz parte de um passado bem distante. Isso porque, atualmente, vem sendo naturalizada e disputa espaços de convivência diária com o cidadão brasileiro. Naturalizou-se a peste, e os que a ela resistem, sob indignação, sobrevivem. Às espreitas, correm e levantam a bandeira para dizer o óbvio: também precisamos denunciar os crimes dessa pandemia fascista, abrir os baús e refletir sobre os antídotos da esperança.

O fascismo à brasileira será basicamente ilustrado com base nas características elencadas por Adorno em *Estudos sobre a personalidade autoritária*, dando ênfase às personalidades agressivas autoritárias e manipuladoras, as quais melhor desenham o estado da arte do gado-eleitorado dos últimos anos no Brasil. A tipologia agressiva autoritária é marcada pelo Ser inclinado ao punitivismo do Outro diferente de si; já a tipologia manipuladora foi

---

<sup>183</sup> CAMUS, A. **A Peste**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999, p. 269. O romance foi escrito durante os anos que Camus integrou o movimento da resistência francesa ao nazismo e publicado pela primeira vez em 1947.

considerada por ele a mais perigosa e elaborada a partir das características dos altos pontuadores na Escala F. Essa estereotipia extrema é clarificada com maestria por Renake David:

[Trata-se de] noções rigidamente dicotômicas (bom vs. mau, nós vs. os outros, eu vs. o mundo) tornam-se fins e não meios, e o mundo é dividido em campos administrativos, vazios e esquemáticos –, o tipo manipulador tem obsessão por “fazer coisas”, não se importando minimamente com o conteúdo de tais ações, e faz da atividade, da eficiência enquanto tal, um culto. Seu amor não consegue ser dirigido a outras pessoas, sendo absorvido por coisas, máquinas, equipamentos, enquanto as pessoas são tratadas como uma massa amorfa. Possui um tipo de consciência coisificada – “No começo, as pessoas desse tipo se tornam, por assim dizer, iguais a coisas. Em seguida, na medida em que o conseguem, tornam os outros iguais a coisas”<sup>184</sup>. Adorno notava que este era um padrão encontrado “em numerosos homens de negócio e também, em número cada vez maior, entre membros da ascendente classe gerencial e tecnológica que mantêm, no processo de produção, uma função entre o antigo tipo de proprietário e a aristocracia dos trabalhadores”<sup>185</sup>.<sup>186</sup>

A fim de identificar o espírito antidemocrático brasileiro, essas duas tipologias (agressiva autoritária e manipuladora) serão percorridas com mais atenção em última análise, trazendo à baila exemplos que corroboram com as investigações frankfurtianas e, conseqüentemente, demonstram a atemporalidade da pesquisa. O caminho a ser seguido por meio das referidas tipologias será trilhado em torno desta questão: inicialmente, o sujeito do tipo manipulador se reduz para encaixar-se no grande sistema capitalista e, posteriormente, reduz o Outro.

Isso ocorre a partir da afirmação de Adorno mencionada anteriormente: As pessoas primeiro se tornam coisas, e depois coisificam pessoas<sup>187</sup>. Sendo assim, o sujeito que subjetiva a própria existência e a valora de acordo com os ideais capitalistas não valoriza a própria essência no sentido existencial, e, conseqüentemente, o outro se torna mero figurante.

Esse problema acarreta outros, como a repulsa ao diferente, ao sujeito sem valor mercantil aos olhos do fascista e às minorias invisibilizadas, desaguando, portanto, no autoritarismo e punitivismo estatal — desde políticas de segurança pública destinadas à repressão até as políticas voltadas à educação tendentes à militarização e à uniformização de

<sup>184</sup> ADORNO, 2021, p. 141 *apud* DAVID, R. O *ethos* neoliberal e o bacilo do fascismo. **Outras Mídias**, São Paulo, 17 jun. 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-ethos-neoliberal-e-o-bacilo-do-fascismo/>. Acesso em: 29 out. 2024.

<sup>185</sup> ADORNO, 2019, p. 561-562 *apud* DAVID, R. O *ethos* neoliberal e o bacilo do fascismo. **Outras Mídias**, São Paulo, 17 jun. 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-ethos-neoliberal-e-o-bacilo-do-fascismo/>. Acesso em: 29 out. 2024.

<sup>186</sup> DAVID, R. O *ethos* neoliberal e o bacilo do fascismo. **Outras Mídias**, São Paulo, 17 jun. 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-ethos-neoliberal-e-o-bacilo-do-fascismo/>. Acesso em: 29 out. 2024.

<sup>187</sup> ADORNO, 2021, p. 141 *apud* DAVID, R. O *ethos* neoliberal e o bacilo do fascismo. **Outras Mídias**, São Paulo, 17 jun. 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-ethos-neoliberal-e-o-bacilo-do-fascismo/>. Acesso em: 29 out. 2024.

indivíduos que, nessa dinâmica cíclica, replicam o eterno fascismo como máquina de padronização do senso crítico.

O autoritarismo, por sua vez, é basilar na sociedade brasileira e se torna mais potente como regime político, porém não se limita a isso, haja vista que há a vontade de eliminação do Outro como sujeito. Sobretudo, os motivos que levam o outro a se submeter ao opressor é o ponto nevrálgico para Adorno, pois, não bastassem as forças políticas que o apequenam, fala-se, ainda, da vontade de submissão e de apequenar-se.

Essa dominação alcança diferentes instâncias do poder judiciário — que manifesta subjetivamente o fascismo por intermédio do processo judicial e pela busca mecanizada por agilidade e eficiência numérica aos órgãos de segurança pública que, operacionalmente, cumprem a ânsia por lei e ordem à custa de muitas vidas inocentes. No que tange ao fascismo nos procedimentos legais no judiciário, Adorno e Horkheimer assim entendem:

[...] Antes, o juízo passava pela etapa da ponderação, que proporcionava certa proteção ao sujeito do juízo contra uma identificação brutal com o predicado. Na sociedade industrial avançada, ocorre uma regressão a um modo de efetuação do juízo que se pode dizer desprovido de juízo, do poder de discriminação. Quando o fascismo substituiu no processo penal os procedimentos legais complicados por um procedimento mais rápido, os contemporâneos estavam economicamente preparados para isso; eles haviam aprendido a ver as coisas, sem maior reflexão, através dos modelos conceituais e termos técnicos que constituem a estrita reação imposta pela desintegração da linguagem. [...] Na era do vocabulário básico de trezentas palavras, a capacidade de julgar e, com ela, a distinção do verdadeiro e do falso estão desaparecendo.<sup>188</sup>

Isso mostra que pensar é um objeto de luxo fora de moda<sup>189</sup>, e, em busca de respostas rápidas à sociedade, não raro, substituem esse luxo por métodos numéricos. Logo, direitos básicos são vilipendiados em nome de uma meta animalésca, a qual tende a reduzir a possibilidade de ver um rosto onde há somente folhas rascunhadas com o poder de traçar destinos. Nesse sentido, o fascismo e o autoritarismo — como sua vertente — encontram-se em todas as esferas do poder. Mas, partiremos da dimensão política, haja vista que “o autoritarismo se nutre da tristeza dos outros e é sustentado por bajuladores e adoradores fervorosos”<sup>190</sup>. Ele

<sup>188</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 166.

<sup>189</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 166.

<sup>190</sup> SAWAIA, B. O autoritarismo entre potência e poder, multidão e massa, paixão e emoção. In: SAWAIA, B.; ALBUQUERQUE, R.; BUSARELLO, F. (org.). **Afeto e autoritarismo**: expressões psicossociais da política brasileira. 1. ed. Taubaté - SP: Letra Selvagem; Manaus, AM: Edua/AM, 2023, p. 8. Disponível em: [https://www5.pucsp.br/nexin/livros/Afeto\\_and\\_Autoritarismo\\_Expressoes\\_Psico.pdf](https://www5.pucsp.br/nexin/livros/Afeto_and_Autoritarismo_Expressoes_Psico.pdf). Acesso em: 14 nov. 2024.

não só se nutre, como também se sustenta a partir da tristeza, do medo e da subserviência dos outros.

Entretanto, por que dessa melancolia advém a adesão política à extrema-direita em vez da possibilidade de levante em resistência? Por que o oprimido nutre laços de idolatria quando deveria ter medo de não sentir o medo? Como foi esclarecido por Adorno, não há pressupostos lógicos que possibilitam coerência no diálogo com um adorador, de modo que as declarações dos agitadores é dirigida *ad hominem*. Elas são baseadas mais em cálculos psicológicos que na intenção de conseguir seguidores por meio da expressão racional de objetivos racionais.<sup>191</sup>

Melhor dizendo, é do encontro cuja racionalidade se mostra ética e esclarecida que advém a possibilidade de felicidade – em resistência – à tristeza fomentada pelo autoritarismo brasileiro. Todavia, “esse método exige que a pessoa tenha informações precisas e úteis e os recursos mentais para pensar racionalmente”<sup>192</sup>, sendo, portanto, necessários pressupostos psicológicos para o desenvolvimento de uma racionalidade mais substantiva, superior à instrumental que ainda predomina.<sup>193</sup>

Acerca disso, Casara, por sua vez, também questionou: “Para além da inadequação moral do conservadorismo no Brasil, o que se pretende conservar? A desigualdade aberrante? O extermínio da população pobre? O racismo? A homofobia?”<sup>194</sup>. Para compreender melhor a inadequação moral que mobiliza as vítimas desse ciclo, é preciso entender a subjetividade fascista e as dinâmicas pulsionais apontadas por Adorno, as quais engendram essa maquinaria cíclica e faz do oprimido também um opressor, de modo que o poder que se exerce sobre o indivíduo o leva ao convencimento de que deseja o mesmo que o detentor do poder.<sup>195</sup>

Nesse sentido, Adorno também alertou que “poderíamos caracterizar os movimentos fascistas como as feridas, as cicatrizes de uma democracia que até hoje ainda não faz justiça a seu próprio conceito”<sup>196</sup>. Desse modo, a democracia é uma utopia que reside numa ferida aberta, e o despertar da razão é o primeiro passo para curá-la ou, ao menos, estancar seus maléficos sintomas. Às voltas dessa ferida e tomados pelos sintomas da peste autoritária, seus adeptos constroem um mundo no qual eles mesmos não gostam de viver, visto que é o próprio fascismo

<sup>191</sup> ADORNO, T. W. A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: ADORNO, T. W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 153-154.

<sup>192</sup> ARONSON, E; ARONSON, J. **O animal social**. Trad. Marcello Borges. Editora Goya, 2023, p. 41.

<sup>193</sup> DUARTE, R. Rastreado o autoritarismo. In: ALVES JÚNIOR, D. G. (org.). **A Personalidade autoritária: ontem e hoje**. 1. ed. São Paulo: Editora Bregantini, 2022, p. 23.

<sup>194</sup> CASARA, R. R. R. **Bolsonaro: o mito e o sintoma**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020, p. 69.

<sup>195</sup> CASARA, R. R. R. **Sociedade sem lei: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 11.

<sup>196</sup> ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 51.

que permite manifestações populares antidemocráticas, com todas as contradições inerentes dos próprios portadores da personalidade fascista.<sup>197</sup>

Sobretudo, o desafio é destruir e vomitar a serpente capaz de conduzir nossas vidas ao fascismo e, ainda, ajudar o outro a destruir e vomitar a sua serpente.<sup>198</sup> A partir dessa percepção, no que tange às características da personalidade autoritária elencadas por Adorno, e em vias de fazer uma aproximação e analogia à razão fascista brasileira manifestada pela extrema-direita, conforme proposto inicialmente, abordaremos dez variáveis do autoritarismo<sup>199</sup> com base na pesquisa de Adorno (as quais já trabalhamos no capítulo 1, porém serão abordadas com ênfase nos casos brasileiros).

Nesse giro, além de considerar que a síndrome da personalidade autoritária trata de uma resposta do sujeito ao clima cultural em que está inserido, Adorno não caracteriza o sujeito antidemocrático sem desvendar os complexos que permeiam o seu padrão ideológico pessoal.<sup>200</sup> Assim, para que o indivíduo seja capaz de corresponder com suas necessidades internas às externas, é necessário o *elo* de identificação com um padrão ideológico responsável por mediar essa interação doentia. Logo, a ordem dessa relação se resume em criar uma unidade entre a organização psíquica e a percepção norteadas pelas ideologias: a discussão dos sujeitos

<sup>197</sup> CASARA, R. R. R. **Sociedade sem lei**: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 140.

<sup>198</sup> CASARA, R. R. R. **Sociedade sem lei**: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 135.

<sup>199</sup> No capítulo 1.1 Escala (F): Um estudo social sobre o fascínio dos fascistas, abordamos a referida Escala (F), a qual suscitou nove variáveis de personalidade potencialmente antidemocráticas: 1. Convencionalismo; 2. Submissão autoritária; 3. Agressão autoritária; 4. Anti-intracepção; 5. Superstição e estereotipia; 6. Poder e dureza; 7. Destrutividade e cinismo; 8. Projetividade e 9. Sexualidade. No entanto, nesse capítulo em que estamos trabalhando, as variáveis foram abordadas na seguinte ordem: 1. Convencionalismo; 2. Submissão autoritária; 3. Anti-intracepção; 4. Poder e dureza; 5. Superstição; 6. Sexualidade; 7. Projeção; 8. Destrutividade e cinismo; **9. Perfil manipulador** e 10. Agressão autoritária. A variável do perfil manipulador não fora listada dentre as mencionadas na Escala (F), porém, da página 532 à 568 da obra *Estudos sobre a personalidade autoritária*, Adorno destaca as *Síndromes encontradas entre altos pontuadores* da Escala (F), sendo elas: 1. Ressentimento superficial; 2. A síndrome “convencional”; 3. A síndrome “autoritária”; 4. O rebelde e o psicopata; 5. O alucinado e **6. O tipo “manipulador”**. Assim sendo, levando em consideração que Adorno pontua a gravidade advinda dessa última variável, optamos por desenvolvê-la melhor, inserindo-a dentre as variáveis da Escala (F), da qual advém seu desdobramento aos considerados altos pontuadores na Escala.

<sup>200</sup> Ideologia para Adorno em Estudos sobre a Personalidade Autoritária: “Seria um conjunto de opiniões, valores, ideais e atitudes relacionadas a concepções da natureza humana e estrutura social circulantes na cultura. Mediante a assunção de ideologias, cada sujeito procura guiar a sua percepção, pensamento e ações sociais relativamente às esferas que compõem a cultura. As ideologias se formam por deslocamentos de sentidos, condensações de conteúdos, simbolizações, inversões de causa e efeito, naturalizações e projeções em relação a aspectos da realidade social. Contudo, nem todas as ideologias seriam igualmente manipuladoras, já que algumas ideologias estão mais próximas do que outras da realidade vivenciada. Isso quer dizer que algumas ideologias assumem as contradições sociais mais do que as mascaram, estando estas mais próximas da objetividade real. Haveria, então, ideologias mais autoritárias do que outras” (FERREIRA, V. H. da C. **A personalidade autoritária**: antropologia crítica e psicanálise. São Paulo, 2019, p. 235).

sobre aquilo em que eles *acreditam* está intimamente ligada à discussão do que, mais ou menos explicitamente, eles *querem*<sup>201</sup>.

Elliot Aronson e Joshua Aronson, no clássico sobre psicologia social intitulado *O animal social*, nesse mesmo sentido, advertiram que, na maior parte do tempo, usamos razão, fatos e análise crítica não para formar nossas opiniões, mas para confirmar aquilo em que já acreditamos.<sup>202</sup> Dessa forma, a partir do *elo* de identificação com o padrão ideológico, aniquilam-se as possibilidades de consenso advindas de um novo repertório reflexivo, tendo em vista que o indivíduo que se restringe à ilha do próprio conhecimento não se dispõe à abertura para a verificação do desconhecido. Disso, conseqüentemente, não vê as coisas como são, mas as vê como ele mesmo é.<sup>203</sup>

Contudo, sob uma falsa percepção da vida em torno de si e projetando suas crenças no Outro, o fascista à brasileira passa pelas seguintes características advindas da Escala F: *convencionalismo*, que trata dos valores acriticamente aceitos; nas mulheres, há uma ênfase especial na limpeza e na feminilidade; nos homens, em ser um homem viril “comum”<sup>204</sup>. Essa característica, ainda, enaltece valores autoritários<sup>205</sup>, como a política do nós e eles. Isso acontece em decorrência da subjetividade autoritária que permeia esse cenário. Cita-se, assim, a naturalização da violência contra a mulher a partir dos pressupostos que validam sua submissão como o sujeito frágil da relação. A família, por exemplo, é estruturada rigidamente de forma triangular — ele, ela e nós (filhos) —, em decorrência de uma grandiosa construção ideológica, e, para isso, falam disparatadamente da salvação da família, da pátria, da humanidade.<sup>206</sup>

A ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, num palco à moda propaganda cor-de-rosa em *prol* de seu marido, Bolsonaro, que teve grande rejeição do eleitorado feminino no Brasil por suas declarações machistas, declarou que “mulher tem que ser ajudadora do esposo, tendo em vista ser a mulher que o aguenta”<sup>207</sup>. Essa afirmação reforça a misoginia estrutural e a sujeição

<sup>201</sup> ADORNO; FRENKEL-BRUNSWIK; LEVINSON; SANFORD, 1950, p. 55 *apud* COSTA, V. H. F. da. **A personalidade autoritária: antropologia crítica e psicanálise**. São Paulo, 2019, p. 235.

<sup>202</sup> ARONSON, E.; ARONSON, J. **O animal social**. Trad. Marcello Borges. Editora Goya, 2023, p. 39.

<sup>203</sup> “Não vemos as coisas como são; vemo-las como nós somos” (NIN, 1961 *apud* ARONSON, E.; ARONSON, J. **O animal social**. Trad. Marcello Borges. Editora Goya, 2023, p. 40).

<sup>204</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 538.

<sup>205</sup> CASARA, R. R. R. **Sociedade sem lei: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 119.

<sup>206</sup> “Eles saem a pilhar e constroem uma ideologia grandiosa para isso, e falam disparatadamente da salvação da família, da pátria, da humanidade” (ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 142).

<sup>207</sup> CRAVO, A. Em evento com Bolsonaro, Michelle diz que mulher tem que ser 'ajudadora do esposo': 'É a gente que aguenta, né?'. **O Globo**, Brasília, 14 set. 2022. Disponível em:

da mulher que a reduz a mero fetiche belo, recatado e do lar. Dessa maneira, o indivíduo preconceituoso se considera conservador, ao passo que seu conservadorismo é uma impostura.<sup>208</sup>

A *submissão autoritária*, segunda característica emergida da escala F, corresponde à submissão a um líder. Trata-se, portanto, do que Souza clarifica por adoração idolátrica: “[...] Vivemos a era por excelência da idolatria, no sentido consagrado por Flusser: ‘Idolatria: incapacidade de decifrar os significados da ideia, não obstante a capacidade de lê-la, portanto, adoração da imagem’<sup>209</sup>”<sup>210</sup>. Nesse sentido, “vivemos um tempo de glória da mediocridade, ou seja, de desvalia da inteligência”<sup>211</sup>.

Para esse diagnóstico, o Brasil foi palco de laboratório nos últimos anos, porque o empobrecimento subjetivo pairou como pólen pelo ar, sendo, não raro, inspirado pela massa bolsonarista que se destacou como adoradores do mito representante do fascismo à brasileira. Para demonstrar seu *amor* idolátrico, seus apoiadores curvaram-se diante dos quartéis em reza braba como resistência à vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, atual presidente do Brasil<sup>212</sup>, assim como se prostraram diante da estátua, representando-o (Bolsonaro).<sup>213</sup> Percebe-se que é sentindo prazer na obediência e na subordinação que o sujeito alcança o seu próprio ajuste social.<sup>214</sup>

Essa submissão acrítica faz com que a pessoa autoritária aplauda medidas tomadas por seus “superiores”, mesmo que contrárias aos seus direitos, e reproduza acriticamente posturas daqueles tidos como do mesmo “grupo moral” a que considera pertencer.<sup>215</sup> Essa adesão

---

<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2022/09/em-evento-com-bolsonaro-michelle-diz-que-mulher-tem-que-ser-ajudadora-do-esposo-e-a-gente-que-aguenta-ne.ghtml>. Acesso em: 13 nov. 2024.

<sup>208</sup> ADORNO, T. W. **Liderança democrática e manipulação de massas [1951]**. Trad. Francisco Rudiger. Reproduzido de *Gesammelte Schriften*, v. 20. T. I. [Soziologische Schriften] Frankfurt: Surhkamp Verlag, 1986, p. 267-286. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Theodor\\_Adorno\\_-\\_Lideranca\\_democratica\\_e\\_manipulacao\\_de\\_massas.htm](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Theodor_Adorno_-_Lideranca_democratica_e_manipulacao_de_massas.htm). Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>209</sup> FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002, p. 18.

<sup>210</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 11.

<sup>211</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 11.

<sup>212</sup> BOLSONARISTAS ajoelham e oram em frente ao muro do Exército no RJ; vídeo. **UOL**, São Paulo, 08 nov. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/08/bolsonaristas-ajoelham-e-oram-em-frente-ao-muro-do-exercito-no-rj-video.htm>. Acesso em: 13 nov. 2024.

<sup>213</sup> BONIN, R. Bolsonaro ganha estátua de concreto em feira ruralista no RS. **Veja**, [s. l.], 29 abr. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/bolsonaro-ganha-estatuade-concreto-em-feira-ruralista-no-rs>. Acesso em: 13 nov. 2024.

<sup>214</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 544.

<sup>215</sup> CASARA, R. R. R. **Sociedade sem lei: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 120.

irrefletida é perigosa, visto que é na naturalização da flexibilização de garantias e direitos mínimos que o totalitarismo se impõe. Acerca disso, Weinmann empreende uma nova conexão, a qual Santos e Damico pontuam:

A subserviência míope a um poder soberano e a submissão das massas fascistas diante da autoridade despótica exercida por um líder admirado/temido, encontraria sustentação psíquica nos registros da ligação erótica de ambivalência e assujeitamento estabelecidas outrora com o pai real. Nessas condições, se alcançaria a seguinte fórmula: horda primeva – pai real – massas transitórias – fascismo/barbárie.<sup>216</sup>

A terceira característica que sustenta a psique autoritária é a *anti-intracção*: que diz respeito à oposição extremada à mentalidade subjetiva, imaginante e sensível.<sup>217</sup> Nesse sentido, são aos anti-intelectuais, os quais são apegados à mentalidade neoliberal do “fazer” sem “refletir”, tendo em vista que a verdadeira reflexão, para eles, não monetiza nem movimenta as engrenagens da maquinaria capitalista. Quando pensam, agem dessa forma por *amar* o que somente o dinheiro compra. Assim, Adorno explicou que “o anti-intelectualismo, o medo de que o inconsciente torne-se consciente e o caráter autoritário formam aqui uma espécie de síndrome”<sup>218</sup>, visto que esse tipo de indivíduo “ostenta conhecimentos que dificilmente podem ser verificados, mas que, justamente por sua dificuldade de verificação, dão um tipo especial de autoridade àquele que os enuncia”<sup>219</sup>.

Essa ilusão de autoridade, porém, não raro, é embasada em uma dinâmica paranoica, porque, sem conhecimentos prévios capazes de solidificar um discurso, o sujeito de pouco repertório intelectual busca refugiar-se na sombra do conhecimento, sem ao menos saber que “a paranoia é sombra do conhecimento”<sup>220</sup>. O ego do semicultivado reflete a grandeza da sua ignorância no espelho, porque satisfeito, sorri encantado com seu dente de ouro adquirido à custa de muitas prestações, ao passo que é incapaz de verificar a própria fraqueza que permeia

---

<sup>216</sup> SANTOS, B. M. dos; DAMICO, J. G. S. A interpretação metapsicológica do fascismo na abordagem freudo-adorniana. *Acta Scientiarum: Human and Social Sciences*, v. 44, 2023, p. 9. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/373693992\\_A\\_interpretacao\\_metapsicologica\\_do\\_fascismo\\_na\\_abordagem\\_freudo-adorniana](https://www.researchgate.net/publication/373693992_A_interpretacao_metapsicologica_do_fascismo_na_abordagem_freudo-adorniana). Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>217</sup> CASARA, R. R. R. **Sociedade sem lei**: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 122.

<sup>218</sup> ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 68.

<sup>219</sup> ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 69.

<sup>220</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 161.

o pensamento.<sup>221</sup> Vê-se atraente e forte, quando, na verdade, não passa de um fantoche desprovido de beleza e sem cultivo conduzido pelos demônios da própria paranoia.

Essa constatação nos leva ao caso brasileiro do paranoico que contribuiu com a morte de milhões de seres humanos durante a pandemia da Covid-19. Já é sabido que o vírus em si tinha um alto grau de letalidade, mas o problema reside na omissão de quem tinha o condão para prevenir a ascensão da morte e, de forma contrária — porém previsível —, desdenhou ao vociferar que não era um coveiro.<sup>222</sup> O negacionismo é uma característica dos sujeitos à própria ignorância, mas, quando se trata de um Presidente da República (à época, Jair Bolsonaro), faz-se necessário citar o crime contra a saúde pública, bem como o atentado à democracia a serviço da necropolítica, visto que o que se espera de um representante político, no mínimo, são valores como responsabilidade, postura e coerência.

Em uma entrevista, ao abordar esse cenário, Ricardo Timm de Souza explicou do que se trata a estratégia necropolítica, a qual foi metodicamente utilizada com cinismo pelo jogador que lançou a sociedade em um tabuleiro, onde os corpos não passaram de peças lucrativas, manipuláveis e descartáveis:

**Recentemente, deputados do parlamento europeu defenderam que o poder executivo brasileiro deveria ser responsabilizado por omissão na gestão da epidemia de Covid-19 no país. Como o contexto em que vivemos pode ser analisado a partir da necropolítica?** Trata-se, no caso brasileiro, de um exemplo típico de estratégia necropolítica: as ações necroéticas não necessitam ser eloquentemente ativas à visão geral, como atear fogo na floresta ou dizimar um grupo específico de pessoas: podem ser igualmente “passivas”, como no caso em questão, e obterão resultados semelhantes. Como já dizia Brecht, “existem muitas formas de matar – enfiar uma faca em alguém, deixar morrer de fome, deixar morrer por doenças, negar os direitos básicos... Só a primeira forma é punida em nossas sociedades”.<sup>223</sup>

Além da omissão criminoso do ex-presidente, como um inimigo da educação, ele cortou verbas públicas destinadas às Universidades e aos Institutos Federais<sup>224</sup>, porém não sem chamar

<sup>221</sup> “[...] a fraqueza do paranoico é a fraqueza do próprio pensamento” (ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 160).

<sup>222</sup> “NÃO SOU coveiro”, diz Bolsonaro ao ser questionado por mortes por COVID-19. **CNN Brasil**, São Paulo, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/nao-sou-coveiro-diz-bolsonaro-ao-ser-questionado-por-mortes-por-covid-19/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>223</sup> TREULIEB, L.; DIAS, M. Arco entrevista Ricardo Timm de Souza sobre necropolítica. **Revista Arco**: Jornalismo Científico e Cultural, Santa Maria: RS, 13 maio 2021, grifo nosso. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/arco-entrevista-ricardo-souza-necropolitica>. Acesso em: 18 nov. 2024.

<sup>224</sup> INIMIGO da educação, bolsonaro corta novamente verbas de universidades e institutos federais. **Federação Nacional dos Sindicatos de Trabalhadores em Saúde, Trabalho, Previdência e Assistência Social – FENASPS**, [s. l.], 07 out. 2022. Disponível em: <https://fenasps.org.br/2022/10/07/inimigo-da-educacao-bolsonaro-corta-novamente-verbas-de-universidades-e-institutos-federais/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

estudantes de idiotas úteis, ressaltando que “são manipulados por uma minoria que comanda as universidades federais”<sup>225</sup>. Há, nesse tipo de afirmação reducionista, um fantasma à regressão que, no discurso, serve para causar o medo e fomentar o ódio a determinados grupos. Entretanto, Adorno entende que, nessas manifestações, no fundo, há fraqueza envolta em medo:

[...] A anti-intraceção, uma atitude de impaciência e oposição ao subjetivo e ao espírito compassivo, pode muito bem ser uma marca do eu fraco. O indivíduo extremamente anti-intraceptivo tem medo de pensar sobre os fenômenos humanos porque poderia, por assim dizer, pensar os pensamentos errados; ele tem medo de sentimentos genuínos porque suas emoções podem ficar fora de controle. [...] Essa atitude geral leva facilmente a uma desvalorização do objeto físico; quando é extrema, os seres humanos são vistos como se fossem objetos físicos a serem manipulados.<sup>226</sup>

Eis a projeção objetificada do ser humano, tendo em vista que, na ausência da coragem para encarar a si por meio da introspecção, opta-se pela superficialidade da entrega quotidiana e dos afazeres práticos, os quais, de modo geral, entretêm a mente e abobam a alma. Não há, portanto, mecanismos que possibilitem o mergulho ético necessário aos debates que exigem maior carga de conhecimento e complexidade. E isso figura o que Adorno chamou de “método salame”<sup>227</sup>, pois corta-se um pedaço de um complexo, e então mais um, e mais um, e assim resta ao discurso a simplicidade de jargões clichês, lacradores e midiáticos.

A quarta característica trata-se do *poder e dureza*: que designa a identificação com o poder. Essa ênfase na força e na dureza, segundo Casara, leva ao anti-intelectualismo e à negação de análises minimamente sofisticadas, de modo que reafirma posições duras (lei e ordem) como reflexo de sua debilidade e das funções as quais é chamado a exercer.<sup>228</sup> Nessa identificação, o indivíduo projeta o seu eu à modelação de figuras de poder, porque, ciente da própria insuficiência e do vazio de sentido, necessita alçar seus pequenos voos a partir da imaginação alicerçada nas possibilidades de grandeza.

É uma fuga de sua pobre realidade, e isso independe do seu *status* econômico, haja vista que a pobreza não se limita à sua conta bancária, mas advém de seu espírito. Tal fator acarreta na ânsia de ter, porém sente medo de conquistar. Essa contradição é ilustrada por Adorno:

<sup>225</sup> DOS EUA, Bolsonaro chama estudantes de “idiotas úteis”. *Hora do povo*, [s. l.], 15 maio 2019. Disponível em: <https://horadopovo.com.br/dos-eua-bolsonaro-chama-estudantes-de-idiotas-uteis/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>226</sup> ADORNO, T. W. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 148.

<sup>227</sup> ADORNO, T. W. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 71-72.

<sup>228</sup> CASARA, R. R. R. *Sociedade sem lei: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 123.

[...] Parece que ele quer conseguir poder, tê-lo e não o perder, e ao mesmo tempo tem medo de conquistá-lo e exercê-lo. Parece que também admira o poder nos outros e está inclinado a se submeter a ele – e ao mesmo tempo tem medo da fraqueza nisso implicada. [...] Ele espera que ao se submeter ao poder, possa participar dele.<sup>229</sup>

O delírio de grandeza e a sensação de sentir-se gente de valor ao tocar em quem, não raro, mal gente é, nesse instante cômico, se perfazem, e o cântico fascista ganha forma a partir desse exemplo: *Sinto-me mais digno porque encostei num grande homem, o que justificará minha altivez e prepotência, pois não sou mais um Ser qualquer, sou é cidadão de bem, logo estufei o peito e, como um cão raivoso com plaquinha de identificação de ouro, passarei a ladrar — sabes com quem estás a falar?*<sup>230</sup> No entanto, a questão fenomenológica basilar dessa ambição idolátrica não atinge seu fim colonizador sem este pressuposto: “*Metafísica geral da compra e venda*”<sup>231</sup>.

Não é possível falar dessa angústia que emerge dos caminhos percorridos pelo adorador sem apontar o que há no fim de sua busca onde “*tudo é mercadoria, e nada, a rigor, pode ser pensado fora dessa classificação*”<sup>232</sup>. Portanto, “o homem é sujeito somente naquele grau em que é reconhecido como tal pela produção mercantil”<sup>233</sup>, o que, conseqüentemente, o impulsiona ao desejo de pertencer a essa dinâmica própria do neoliberalismo.

No que tange ao caso brasileiro, o que ilustra esse cenário é o *homem empresário de si mesmo*, marcado na política — ou na tentativa de exercê-la — do *coach* Pablo Marçal. Esse sujeito se candidatou a prefeito na campanha de 2024 para representar o Estado de São Paulo, e, nos seus discursos tão abissais quanto os de Bolsonaro, a teoria da prosperidade, marcada pela tríade “Deus, pátria e família”, também sustentou seu palco. Porém, a tentativa de creditar fé sob a expectativa de Deus elegê-lo restou frustrada, o que nos leva a crer que Deus ama a democracia.

A quinta característica psicológica da personalidade autoritária é a *superstição e estereotipia*, considerada por Adorno e Horkheimer farelos lançados aos pombos supersticiosos

<sup>229</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 153.

<sup>230</sup> Como já mencionamos no Subcapítulo 1.1, ao abordarmos a sexta variante que refere-se a Poder e dureza: “[...] um homem relata que a experiência mais inspiradora para ele teria sido a de apertar a mão do Presidente, provavelmente encontra sua gratificação não apenas na submissão, mas na ideia de que parte do poder do grande homem, por assim dizer, impregnou-se nele, de modo que ele é uma pessoa mais importante por ter ‘apertado a mão dele’ ou por ‘tê-lo conhecido’ ou por ter ‘estado lá’” (ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 153).

<sup>231</sup> SOUZA, R. T. de. **Filosofia da Escravidão**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2024, p. 42.

<sup>232</sup> SOUZA, R. T. de. **Filosofia da Escravidão**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2024, p. 42.

<sup>233</sup> HINKELAMMERT, 1983, p. 107 *apud* SOUZA, R. T. de. **Filosofia da Escravidão**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2024, p. 42.

e fascistas, os quais são inspirados pela grande indústria, tendo em vista que “o pão com que a indústria cultural alimenta os homens continua a ser a pedra da estereotipia”<sup>234</sup>. Tal alimento influi diretamente no que eles se curvam em idolatria, porque, na ausência de uma razão sadia, qualquer pedra rotulada é capaz de “nutrir o ciclo do assombro”<sup>235</sup>.

O preconceito como sintoma dessa alimentação tóxica não os satisfaz sem promover o medo como indigestão. Ao combinar tudo no repugnante caldo do não pensamento, vê-se a efervescência que transborda em superstição, pela magia, que é a expressão objetiva do homem medroso.<sup>236</sup> A partir desse cenário em que a mágica delimita o itinerário, o que resta para os iludidos é a falsa percepção do que é real, de modo que a lógica em que delineiam o mundo dos fatos se dá imbuída num imaginário paranoico:

A partir da não introjeção dos limites, a realidade do sujeito da psicose, em especial do paranoico, torna-se povoada por criações inconscientes, projetadas nos parentes, vizinhos, colegas ou em pessoas com visibilidade. Os delírios ou versões alucinadas a que adere o sujeito passam a influir na vida pessoal e no trabalho. Forma-se ódio onde antes existia inveja e ressentimento. Lula da Silva, por exemplo, foi vítima desse ódio.<sup>237</sup>

Além da aversão ao que Lula representa para a extrema-direita no Brasil, no governo Bolsonaro, a ex-ministra Damares Alves foi uma das fundamentalistas que capitaneou debates homofóbicos e antigêneros, aludindo ao que está para a vida e para a morte, para o bem e para o mal, fazendo o que Adorno e Horkheimer entendem por colar etiquetas: “Ou se é amigo, ou inimigo. A falta de consideração pelo sujeito torna as coisas fáceis para a administração”<sup>238</sup>.

Nesse diapasão, Damares partiu de uma pauta moralista e religiosa intuída a repelir o que, de forma paranoica, ela entendia tratar-se de uma luta contra o “cão articuloso”<sup>239</sup> que estava a serviço do demônio. Sobre essa pobreza que permeia um imagético doentio como o mencionado anteriormente, Lucas Bulgarelli explica que os inimigos imaginários são:

<sup>234</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 123.

<sup>235</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 123.

<sup>236</sup> “‘Preconceitos’: expressões exponenciais do medo. Tudo combinado no caldo repugnante e indigesto do não pensamento, cujo lugar é preenchido pela superstição, pela magia, expressão objetiva do homem medroso” (SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 277).

<sup>237</sup> CASARA, R. R. R. **Bolsonaro**: o mito e o sintoma. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020, p. 59.

<sup>238</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 166.

<sup>239</sup> ALENCAR, M. L.; SANTANA, E. A sinistra damares e seu projeto de destruição. **Carta Capital**, [s. l.], 04 dez. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/a-sinistra-damares-e-seu-projeto-de-destruicao/>. Acesso em: 17 nov. 2024.

[...] movimento LGBTs, as feministas, o campo progressista, que operariam por mecanismos conspiratórios. Então, essa ideia do “bem x mal” acaba sendo materializada em termos como “a ideologia da morte” ou “a cultura da morte” *versus* “a ideologia da vida” e a “cultura da vida”, de acordo com o ponto de vista conservador dessas campanhas antigênero. O “mal” está sempre localizado fora, um elemento externo que poderia adentrar na escola, na família, na cidade como se fosse uma contaminação.<sup>240</sup>

Supersticiosa, a pastora imprimiu no seu *slogan* a marca da estereotipia e do preconceito ao decretar, por exemplo, que a nova era começou e, com isso, meninos usavam azul e meninas, rosa<sup>241</sup>. Logo, marcou, por excelência, o método etiquetador *à la direita*, o que, por fim, resultou na precarização dos laços sociais e na consolidação de um projeto político autoritário e conservador. Nesse mesmo sentido, o parlamentar evangélico Ezequiel Teixeira (PTN-RJ) apresentou o Projeto de Lei nº 4931 de 2016<sup>242</sup>, intuído a normatizar um caminho para a “cura gay”, o que possibilitaria tratamento psicológico contra a homossexualidade. Essa conduta demonstra o viés homofóbico que permeia o cenário político brasileiro.

Assim, a *preocupação exagerada com o “sucesso”<sup>243</sup> sexual do Outro* é a sexta característica advinda da personalidade autoritária, visto que o ideal a esse cenário, de acordo com os valores conservadores, é o estereótipo do homem viril em sua masculinidade e o da mulher procriadora em sua feminilidade. Sua fragilidade corpórea, sob esse aspecto, não raro, é sexualizada, visto que ela ocupa o polo que lhe é próprio, na ótica conservadora e autoritária. No entanto, ao reduzir os seres humanos às funções fisiológicas e às expectativas sociais acerca do controle dos corpos, negam sua essência e o que há neles para além da percepção.

Dessa maneira, pode-se dizer, a partir de Adorno, que a força das pulsões sexuais inconscientes do sujeito está presente na formação da personalidade autoritária<sup>244</sup>, ao passo que os próprios desejos sexuais do indivíduo autoritário são reprimidos e correm o risco de sair do

<sup>240</sup> PINHEIRO-MACHADO, R.; BULGARELLI, L. Entrevista: 'Damares e Guedes são parte do mesmo projeto político', diz pesquisador. **Intercept Brasil**, [s. l.], 01 set. 2020. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2020/09/01/entrevista-lucas-bulgarelli-damares-guedes-conservadorismo/>. Acesso em: 17 nov. 2024.

<sup>241</sup> EM VÍDEO, Damares diz que 'nova era' começou: 'meninos vestem azul e meninas vestem rosa'. **G1**, Brasília, 03 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2024.

<sup>242</sup> BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 4.931, de 2016 (Do Sr. Ezequiel Teixeira)**. Dispõe sobre o direito à modificação da orientação sexual em atenção a Dignidade Humana. Dep. Ezequiel Teixeira. Brasília: DF, 06 abr. 2016. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=10CE0096CBD49679451AE377200DE689.proposicoesWeb1?codteor=1452043&filename=Avulso+-PL+4931/2016](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=10CE0096CBD49679451AE377200DE689.proposicoesWeb1?codteor=1452043&filename=Avulso+-PL+4931/2016). Acesso em: 17 nov. 2024.

<sup>243</sup> CASARA, R. R. R. **Sociedade sem lei: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 125.

<sup>244</sup> CASARA, R. R. R. **Sociedade sem lei: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 125.

controle. Portanto, o conteúdo sexual dificilmente seria projetado, a menos que o sujeito tivesse impulsos dessa mesma espécie que estivessem inconscientes e fortemente ativos.<sup>245</sup>

Nesse interim, a virilidade do sujeito autoritário é constantemente evidenciada por ele mesmo, e o que ocorre é um “*Show*”<sup>246</sup>, de fato, porque a construção do líder autoestilizado é uma *performance* remanescente do teatro, do esporte e do assim chamado renascimento religioso. É característico dos demagogos fascistas se vangloriarem de terem sido heróis atléticos em sua juventude.

Jair Bolsonaro, em muito, protagonizou o *show* mencionado por Adorno, pois, em diversos momentos, vangloriou-se do seu histórico de atleta e até mesmo de ser um tipo imbrochável. Eis a necessidade de aprovação e pertencimento à horda inerente ao caráter fascista, a qual, em tom idólatra e sem vergonha, bradou: “Bolsonaro, guerreiro, orgulho brasileiro”<sup>247</sup>. Não nutrem tal sentimento os familiares das vítimas do tempo sombrio da Covid-19, por exemplo, os que empacotaram os Seus por conta de inúmeros descasos e irresponsabilidades por parte do governo federal da época.

A sétima variante da Escala F que desenha o perfil fascista e autoritário é a *projeção*: Projeção: “[‘Projeção ‘é] [...] uma operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo ‘objetos’ que ele desconhece ou recusa nele. Trata-se aqui de uma defesa de origem muito arcaica [...]”<sup>248</sup>

Trata-se de uma característica do indivíduo antidemocrático que tende a projetar-se em outras pessoas, às quais ele acaba por atribuir toda culpa por pulsões e pensamentos que, na realidade, dizem respeito a ele.<sup>249</sup> Nesse âmbito, esse dispositivo desempenha uma função essencial na psique do sujeito autoritário, pois a ele possibilita ser quem ele é. Não há autoritarismo sem projeção, de modo que o sujeito antidemocrático exterioriza o que há em si. O fascista, por exemplo, projeta no Outro uma aniquilação que lhe é própria, porque a pulsão de morte vibra em seu Ser e o mobiliza aos caminhos da violência:

---

<sup>245</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 158.

<sup>246</sup> ADORNO, T. W. **Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 145.

<sup>247</sup> BOLSONARO guerreiro orgulho brasileiro. [S. l.: s. n.], 21 ago. 2015. 1 vídeo (3:25 min.). Publicado pelo canal Esse Bicho É Animal (Robson J. Dos Santos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BxDNhqLacyI>. Acesso em: 17 nov. 2024.

<sup>248</sup> Vocabulário da Psicanálise, p. 382 *apud* SOUZA, R. T. de. **Filosofia da Escravidão**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2024, p. 87.

<sup>249</sup> CASARA, R. R. R. **Sociedade sem lei: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 124.

Se um indivíduo que alguém tem desígnios hostis sobre ele e não podemos encontrar nenhuma evidência de que isso seja verdade, temos uma boa razão para suspeitar que ele tem, na verdade, intenções agressivas e está buscando justificá-las por meio da projeção.<sup>250</sup>

Assim, quanto maior a preocupação do sujeito com as forças do mal, mais fortes são seus próprios anseios inconscientes de sexualidade e destrutividade.

Contudo, o Brasil entrou em guerra no mandato do ex-presidente Jair Bolsonaro, cujo alarde foi feito pela ex-primeira-dama Michelle, a qual incitava o medo na massa bolsonarista, decretando um tempo de guerra no país, porém, espiritual<sup>251</sup>, o que significa dizer que, sob uma forma espiritualizada, eles ressuscitam a idolatria. Contudo, se os tempos não eram de “paz declarada”, já é sabido que a bandeira vermelha antifascista fora instaurada no plano espiritual, tendo em vista a inelegibilidade do tal mito até, pelo menos, 2030<sup>252</sup> e o seu indiciamento pela Polícia Federal por, pelo menos, três crimes<sup>253</sup>, o que demonstra uma trégua na guerra imaginada pela conservadora mencionada.

O exemplo acima demonstra a pulsão destrutiva e a preocupação com um mal imagético e fenômenos que Adorno chamou de eróticos selvagens<sup>254</sup>. Contudo, Souza adverte que viver ultrapassa qualquer possibilidade de fabulação projetiva:

Estamos, definitivamente, em um mundo muito concreto, e é desta situação que pode *partir* a construção de nossa concepção de mundo – mas ela *transbordará necessariamente* os limites de nossas percepções, e provará, com isso, ser real, e não uma fabulação ou um mero projetar-se alienado de nossa situação particular propriamente dita no espaço aparentemente “vazio” que nos cerca.<sup>255</sup>

<sup>250</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 157.

<sup>251</sup> BEHNKE, E. Michelle cita "guerra espiritual" em encontro com evangélicas. **Poder 360**, [s. l.], 30 ago. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/michelle-cita-guerra-espiritual-em-encontro-com-evangelicas/>. Acesso em: 17 nov. 2024.

<sup>252</sup> BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Por maioria de votos, TSE declara Bolsonaro inelegível por 8 anos**. [Brasília]: TSE, 30 jun. 2023. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>. Acesso em: 17 nov. 2024.

<sup>253</sup> MARTINS, L.; MAIA, E. Bolsonaro indiciado: saiba quais foram os crimes do ex-presidente apontados pela PF. **CNN Brasil**, São Paulo, 21 nov. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-indiciado-saiba-quais-foram-os-crimes-do-ex-presidente-apontados-pela-pf/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

<sup>254</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 157.

<sup>255</sup> SOUZA, R. T. de. **O pensamento e o outro, o outro do pensamento**: a questão da alteridade em configurações contemporâneas. Porto Alegre: Zouk, 2022, p. 109-110.

De modo geral, o Ser, como indivíduo, não vive só, partindo do pressuposto que só é o que é porque, desde o nascimento, necessitou do Outro para existir, resistir e sobreviver<sup>256</sup>. Em seu desenvolvimento, a projeção subsiste e a ele é inerente; assim, não significa uma escolha, mas uma faculdade. O problema reside na projeção dos loucos resultante da razão artilosa, porque é a partir dessa dinâmica de perseguição imagética que o fascismo engatinha, caminha e voa. E, sobretudo, “só os loucos que sofrem de delírio de perseguição toleram a perseguição em que necessariamente resulta a dominação, na medida em que lhes é permitido perseguir os outros”<sup>257</sup>.

A destrutividade e o cinismo são as características dessa totalidade que, preliminarmente, projeta suas forças para com ela aniquilar e, assim, conduzir “*ad nihilo*” — que significa reduzir a nada.<sup>258</sup> Essa variante aparece como a antepenúltima para delinear o perfil fascista. Nesse perfil autoritário, há um desprezo à humanidade de tal modo que o indivíduo antidemocrático exerce uma agressão racionalizada.<sup>259</sup> Eis a violência em seus termos a partir dessa característica milenar na humanidade.

Acontece uma negação da alteridade do Outro, restando a possibilidade de objetivá-lo, e isso diz respeito à “miragem capitalista final da pós-história — do exorcismo da alteridade, que é o motor de toda mudança histórica”<sup>260</sup>. O assombro da violência de ontem ainda encontra potência no presente quando, acerca da alteridade, há indiferença, pois o colapso ocorre na transformação da *diferença* como distinção lógica e evidente por si mesma em *indiferença* moral e antivital.<sup>261</sup>

Adorno, por sua vez, entende que a destrutividade e o cinismo expressam várias ideias que são particularmente importantes na síndrome F, pois, além de um elemento de opinião

---

<sup>256</sup> “O ‘indivíduo’ isolado não passa de uma ficção, pois ser humano é provir e viver na *multiplicidade do humano*. E não qualquer multiplicidade, mas multiplicidade qualificada ou, exatamente, em termos filosóficos, *multiplicidade ética*, do agir de uns com relação aos outros e dos sentidos desde agir. Pois, para que a gestação tenha chegado a um *bom* termo, é necessário que nem nossa mãe, nem todos os que a apoiaram, houvessem agido de forma *má*, pelo menos não ao ponto de impedir nosso desenvolvimento” (SOUZA, R. T. de. **O pensamento e o outro, o outro do pensamento**: a questão da alteridade em configurações contemporâneas. Porto Alegre: Zouk, 2022, p. 291-292).

<sup>257</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 163.

<sup>258</sup> SOUZA, R. T. de. **Filosofia da Escravidão**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2024, p. 65.

<sup>259</sup> CASARA, R. R. R. **Sociedade sem lei**: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 124.

<sup>260</sup> CRARY, 2016, p. 19 *apud* SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 128.

<sup>261</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 134.

antipacifista, há um desprezo pelos homens e a aceitação da ideia de “sobrevivência do mais apto”<sup>262</sup>, característica do homem neoliberal e empresário dos próprios sonhos de dominação.

Não é possível passar por essa característica sem remetê-la à sua origem: necropolítica como um projeto festivo do “*Viva la muerte*”, uma vez que vigiar e punir é insuficiente, restando a ânsia pela ascensão à vigília aniquiladora.<sup>263</sup> Se o olhar fuzilasse, nesse giro, eles bradariam *Viva* aos moribundos punidos por eles e pelo sistema capitalista ao qual seus corpos se submeteram em vida – porque sem sorte, ou, porque sem dinheiro para comprá-la.

Ao ser questionado sobre a quais situações o conceito de necropolítica se aplica na sociedade, Souza assim a define:

O conceito de necropolítica – ao mesmo tempo uma derivação e uma ampliação do escopo das questões de biopolítica desenvolvidas especialmente por Foucault e Agamben desde a influência de Benjamin – traz à vista uma quantidade de situações nas quais se percebe uma passagem do tradicional “controle dos corpos” a uma situação de “não mais... vigiar e punir, mas vigiar e aniquilar”, nas precisas palavras de Grégoire Chamayou. Este conceito tem sido difundido por Achille Mbembe, com muito proveito para a análise da atual situação contemporânea no mundo e no Brasil em particular. Todas as situações nas quais há a aniquilação de pessoas, de grupos, de minorias – e também de biomas, animais e bens culturais, sociais e da vida em geral (tudo isto expressões de *Eros*) – traduzem de algum modo uma lógica necropolítica.<sup>264</sup>

A tradução da lógica necropolítica no Brasil exposta por Souza é mais bem ilustrada a partir da emersão deste caso brasileiro:

**Na operação policial realizada no dia 6 de maio na zona norte do Rio de Janeiro, que ficou conhecida como a “Chacina do Jacarezinho”, ocorreram 28 mortes – sendo que ao menos 13 pessoas não eram investigadas na operação. Como o conceito de necropolítica se relaciona com questões de raça, classe e gênero?** Cada dimensão que se configure como o “outro” – em relação ao poder hegemônico – significa uma ameaça potencial a este poder, incapaz de lidar com a diversidade, pois se constitui como necessariamente totalizante. Quando este outro reivindica necessariamente uma posição própria, esta ameaça ao “*status quo*” se torna iminente e, portanto, será criada uma linguagem legitimadora de afastamento simbólico da ameaça – “eram todos bandidos”. No caso específico, temos como complicador a situação das milícias no Rio de Janeiro, crescentemente ousadas em suas ações por exemplos que “vêm de cima”. O todo significa uma situação necropolítica vigente há bastante tempo, mas que se acirra muito nos últimos tempos.<sup>265</sup>

<sup>262</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 171.

<sup>263</sup> “Não mais, portanto, vigiar e punir, mas vigiar e aniquilar” (CHAMAYOU, 2015, p. 55 *apud* SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 134).

<sup>264</sup> TREULIEB, L.; DIAS, M. Arco entrevista Ricardo Timm de Souza sobre necropolítica. **Revista Arco**: Jornalismo Científico e Cultural, Santa Maria: RS, 13 maio 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/arco-entrevista-ricardo-souza-necropolitica>. Acesso em: 18 nov. 2024.

<sup>265</sup> TREULIEB, L.; DIAS, M. Arco entrevista Ricardo Timm de Souza sobre necropolítica. **Revista Arco**: Jornalismo Científico e Cultural, Santa Maria: RS, 13 maio 2021, grifo nosso. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/arco-entrevista-ricardo-souza-necropolitica>. Acesso em: 18 nov. 2024.

Isso mostra que a variante *destrutividade e cinismo* descreve uma particular configuração de muitos casos no Brasil, da omissão do poder executivo, que aniquila sem tocar, à violência policial que, não raro, diz respeito à verdadeira corporificação do perfil fascista e autoritário, prestando, assim, um desserviço à democracia.

No que tange à penúltima variante, o *perfil manipulador*, como já mencionado anteriormente, sobre esse tipo, Adorno entende que, inicialmente, as pessoas desse grupo se apequenam, no sentido de reduzir-se às coisas [...].<sup>266</sup> Isso resulta do que ele entende ser uma tendência dominante de concentração do capital.<sup>267</sup> Desse desejo egoístico de atrair para si um entorno de prosperidade material é que o perfil manipulador é gerado, visto que a mentalidade reificada<sup>268</sup> é o que o conduz.

Esse tipo antropológico chamando por Adorno de “tipo manipulador”<sup>269</sup> diz respeito à frieza do sujeito que, de modo geral, é desprovido de emoções e inclinado à tecnologia e seus benefícios. Isso, porém, não se dá em prol do progresso humano, mas em favor de seus próprios fins. Himmler é o símbolo perpetuado desse tipo, de acordo com Adorno, uma vez que “sua inteligência sóbria, junto com a ausência quase completa de quaisquer afetos, torna-os talvez os mais impiedosos de todos”<sup>270</sup>.

O ódio não é um pré-requisito para impulsionar os atos desse perfil, visto que, para erguer uma câmara de gás com o objetivo de exterminar judeus, por exemplo, basta a visão meramente administrativa e matemática. A título de exemplo, essa reflexão calculista ilustra o teorema da morte: *Um mais um resulta em dois, logo, se para chegar ao dois é preciso sujar os coturnos com sangue inocente, isso é uma consequência irrelevante, porque a meta, seja qual for o preço a se pagar ou a cabeça a se pisar, é chegar ao dois.*

---

<sup>266</sup> ADORNO, 2021, p. 141 *apud* DAVID, R. O *ethos* neoliberal e o bacilo do fascismo. **Outras Mídias**, São Paulo, 17 jun. 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-ethos-neoliberal-e-o-bacilo-do-fascismo/>. Acesso em: 29 out. 2024.

<sup>267</sup> ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 45.

<sup>268</sup> “Reificação é o tornar-se coisa de uma função do homem. A própria análise etimológica da palavra indica tal afirmação, onde *res*, do latim coisa, indica o caráter justamente de: tornar-se coisa” (PEDRON, L. L. **Razão e reificação em Lukács**: Estudos sobre a consciência reificada. Orientador: Paulo Vieira Neto. 2019. Dissertação (Pós-Graduação em Filosofia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019, p. 63. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/62950/R%20-%20D%20-%20LUCAS%20LIPKA%20PEDRON.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 nov. 2024).

<sup>269</sup> ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 57.

<sup>270</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 562

A dor que normalmente afetaria uma pessoa que vê o exaurir da pulsão da existência do Outro inexistente nesse padrão manipulador, pois, além de não enxergar a humanidade do seu semelhante, os “fascistas frequentemente comparam seus ‘inimigos’ a ‘vermes’”<sup>271</sup>. Foi, na verdade, a partir dessa lógica que o antissemitismo foi reificado, um artigo de exportação que simplesmente deveria funcionar.<sup>272</sup>

A racionalidade instrumental organiza a sociedade de forma administrada, ao passo que, na ótica do manipulador fascista, onde deveria haver pessoas, há tão somente peças de um quebra-cabeça a serem manejadas para, ao fim, vê-las governadas e, com isso, lucrar. Isso favorece o cego movimento da sociedade rumo à aniquilação do indivíduo<sup>273</sup>, substituível em uma existência cuja finalidade é meramente sua utilidade e força de trabalho.

*Não importa o levante dos “vermes”, mas, se ele potencializar a nossa causa, que sobrevivam até o esvair do sulco que erige suas utilidades*, diriam aqueles que, incapazes de um espelhamento ético ao Outro, projetam nele o que, por fim, são. Em outras palavras: “O que repelem por sua estranheza é, na verdade, demasiado familiar”<sup>274</sup>.

Para Adorno, essa síndrome trata de uma característica no sujeito com a qual se deve ter muito cuidado, pois é a verdadeira definição do lobo em pele de cordeiro:

Essa síndrome, potencialmente a mais perigosa, é definida pela estereotipia extrema: noções rígidas tornam-se fins e não meios e o mundo inteiro é dividido em campos administrativos, vazios e esquemáticos. Há uma quase completa falta de investimento objetual e de laços afetivos. Se a síndrome do “Alucinado” tinha algo de paranoico, a “Manipuladora” tem algo de esquizofrênico. No entanto, a ruptura entre o mundo interno e externo, nesse caso, não resulta em algo como uma “introversão” comum, mas, pelo contrário: em uma espécie de super-realismo compulsivo que trata tudo e todos como um objeto a ser utilizado, manipulado, apreendido pelos próprios padrões teóricos e práticos do sujeito. [...] O padrão é encontrado em numerosos homens de negócios e também, em número cada vez maior, entre membros da ascendente classe gerencial e tecnológica que mantém, no processo de produção, uma função entre o antigo tipo de proprietário e a aristocracia dos trabalhadores.<sup>275</sup>

<sup>271</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 564.

<sup>272</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 562.

<sup>273</sup> SILVA, P. F. Psicologia Social de Adorno: Resistência à violência do mundo administrado. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, jan./abr. 2015. p. 37. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/gLzxwRWZp9Hx4tVgNQ3BTss/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>274</sup> ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 170 *apud* BUENO, S. A crítica dialética de Theodor Adorno ao fascismo: Implicações no campo formativo. **Educação**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, set./dez. 2017, p. 493. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/25982>. Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>275</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 561.

Das noções rígidas advém o que Adorno entende ser uma “racionalização do punitivismo”<sup>276</sup>, tendo em vista que, na mente do autoritário, a inclusão, a ressocialização e a inserção do Ser em conflito com a lei na sociedade, por exemplo, são perda de tempo, pois não há benefício nesse mesmo tempo em termos financeiros. Portanto, deixar morrer é o caminho, já que são vidas matáveis e corpos sem valor.

Contudo, a coisificação da consciência equivale a um estado de alienação e representa o mais sombrio dos fenômenos da barbárie fascista, pois ela é a recusa da alteridade representada pela estigmatização<sup>277</sup>. Essa estranheza em relação ao Outro é ambivalente, porque, além de gerar indiferença, tem o condão de impulsionar a repulsa e o desejo de destruição.

O mundo do manipulador é fechado, porém abre-se para colonizar e totalizar o terreno do Outro e, como um sujeito acovardado que é, logo volta sem titubear para sua caverna. Mas, apesar do seu medo, “ele pode dominar, matar ou aniquilar, pois percebeu ser ele quem ‘encarna’ o sentido, através da razão feita autoconsciência, de seus atos; pois a razão está nele, e ela é o critério único de seu (próprio) valor”<sup>278</sup>.

Essa razão é tão pronta quanto uma receita originária da mentalidade de “*ticket*” fascista. Acerca disso, Adorno e Horkheimer apontam que a raiva feroz pela diferença é imanente a essa mentalidade e está presente — enquanto houver ressentimento dos sujeitos dominados pela dominação da natureza.<sup>279</sup> Isso significa que se trata de um rancor que mobiliza o eterno retorno do ódio.

Por definição, a mentalidade do “*ticket*” diz respeito a uma espécie de adesão automática à ideologia fascista<sup>280</sup>, ao passo que, de acordo com Adorno, a psicologia antisemita foi substituída por um simples “sim” dado ao *ticket* fascista<sup>281</sup>. Essa simplicidade advém da ausência de senso crítico para identificá-lo, fazendo do sujeito uma *ameba passiva* que vive à espera do que a vida lhe oferta sem ao menos questionar. Isso, além de ser fomentado pela

---

<sup>276</sup> ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 573.

<sup>277</sup> BUENO, S. F. **O fascismo em dez lições**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2022, p. 81. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/h77ny/pdf/bueno-9786557143049-00.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>278</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 77.

<sup>279</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 171.

<sup>280</sup> ALVES JÚNIOR, D. G. Theodor Adorno e a psicologia do anti-semitismo. **Revista de Estudos Judaicos**, Belo Horizonte, p. 50-58, ago. 2001. Disponível em: [https://www.academia.edu/36491581/Adorno\\_e\\_a\\_psicologia\\_do\\_antisemitismo](https://www.academia.edu/36491581/Adorno_e_a_psicologia_do_antisemitismo). Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>281</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 165.

indústria cultural, também ocorre de forma semelhante na política. Alves, com base em Adorno e Horkheimer, elucida essa questão:

O *ticket*, a lista pronta de candidatos representa aqui o modelo do que Adorno chama, no mesmo texto, de semicultura: a tendência, própria da modernidade tardo-capitalista, a apresentar blocos toscos de informação como verdades acabadas, prontas para o consumo de massa. Essa tendência, que envolve padronização e exclusão de tudo aquilo que não se dobre ao estereótipo fácil de ser digerido por um público que é nivelado pela média, se acha presente tanto no mundo do entretenimento, através do cinema, das novelas, da música ligeira etc, como no mundo da política, que passa a ser apresentado ao público segundo os mesmos moldes da publicidade e do show. Ou seja, a política é transformada em algo como um setor da indústria do entretenimento. O *ticket* é totalitário, no sentido de que impõe a necessidade de responder afirmativamente, de conformar-se a ele, já que uma alternativa possível simplesmente não existe.<sup>282</sup>

Essa crítica aos *tickets* perpassa a questão política e toca a sociedade como um todo, que, mesmo constituída, de modo geral, por pessoas livres, estas acabam por despir-se da própria autonomia e maturidade psíquica. Esse comportamento inconsciente estimula as massas a comportarem-se como filhotes de passarinhos que, boquiabertos à espera de alimento, aguardam *tickets* prontos, enquanto a vida passa por baixo do ninho e os cupins fascistas tramam a queda da árvore que os sustenta.

Sobretudo, da razão instrumental à sujeição acrítica que comporta os *tickets* fascistas, há o que Adorno designou ser a reificação do espírito:

[...] Os acontecimentos são, por assim dizer, substituídos pela sua moldagem reificada, coalhada. Os homens tornam-se atores de um documentário monstruoso que já não tem espectadores, porque até o último deve ter um papel na pantalha. Este momento é justamente aquele que funda a expressão de *phony war*. Brota ela, decerto, da disposição fascista para rejeitar a realidade do horror como "simples propaganda", a fim de que o horror se leve a cabo sem a menor oposição. Mas como todas as tendências do fascismo, também esta tem a sua origem em elementos da realidade que se impõem precisamente em virtude dessa atitude fascista, que os assinala com cinismo.<sup>283</sup>

Em outras palavras, na mesma medida em que racionalizam, eles desespirtualizam-se<sup>284</sup>. Na passagem acima, Adorno ilustra a objetificação do espírito em um contexto de guerra,

<sup>282</sup> ALVES JÚNIOR, D. G. Theodor Adorno e a psicologia do anti-semitismo. **Revista de Estudos Judaicos**, Belo Horizonte, ago. 2001, p. 51. Disponível em: [https://www.academia.edu/36491581/Adorno\\_e\\_a\\_psicologia\\_do\\_antissemitismo](https://www.academia.edu/36491581/Adorno_e_a_psicologia_do_antissemitismo). Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>283</sup> ADORNO, T. W. **Mínima Moralía**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 45, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30 nov. 2024.

<sup>284</sup> "Através da racionalização torna-se desespirtualizado" (ADORNO; BENJAMIN; HORKHEIMER; HABERMAS, 1983, p. 245 *apud* COSTA, V. D. F. de C. e. Sociologia, reificação e dialética no pensamento de Theodor W. Adorno. **Revista Habitus**: Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de

de modo que o horror é minimizado e reificado. Os corpos empilhados não comovem, e ao manipulador desespiritualizado resta a racionalização sobre os meios mais eficazes de otimizar o descarte para possível adubo, por exemplo.

Partindo da concepção de que o manipulador tem uma razão instrumentalizada, pode-se dizer, ainda, que ele é capaz de racionalizar com frieza os trilhos que destinarão seres humanos a sucumbir em vida, como aconteceu em Auschwitz. Ele ignora a beleza do caminho e é suficientemente maquiavélico para lançar ferros e parafusos onde havia a expectativa do florescer.

Nesse sentido, ele também é acrítico, pois, assim como Eichmann, que foi um pássaro fadado à obediência cega com as penas podadas sob as asas do Führer, o perfil manipulador emana não apenas ordens, mas também as recebe com prontidão. Essa dinâmica doentia é capaz de eclodir na banalidade do mal, ilustrada magistralmente por Hannah Arendt:

[...] quando falo da banalidade do mal, falo num nível estritamente factual, apontando um fenômeno que nos encarou de frente no julgamento. Eichmann não era nenhum Iago, nenhum Macbeth, e nada estaria mais distante de sua mente do que a determinação de Ricardo III de “se provar um vilão”. A não ser por sua extraordinária aplicação em obter progressos pessoais, ele não tinha nenhuma motivação. E essa aplicação em si não era de forma alguma criminosa; ele certamente nunca teria matado seu superior para ficar com seu posto. Para falarmos em termos coloquiais, ele *simplesmente nunca percebeu o que estava fazendo*.<sup>285</sup>

A obediência cadavérica de Eichmann desembocou no que Ricardo Timm de Souza compreende ser a antecipação do triunfo da Necroética, como resultado de um processo de idolatrização<sup>286</sup>. Para a antecipação do êxito, a preparação é um requisito. E foi exatamente essa preparação fascista que foi desvendada no Brasil no verão de 2024. O caso brasileiro que ilustra a tentativa frustrada de um golpe à democracia antecipou o que poderia ter sido um triunfo da morte.

Em dois grupos de WhatsApp, intitulados “Dosssss!” e “CCEM 16/17” — nome em referência ao Curso de Comando e Estado-Maior do Exército —, foi verificada pela Polícia Federal a trama em que se discutiam arroubos antidemocráticos para o golpe.

---

Janeiro, v. 14, n. 2, mar. 2017, p. 5. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus/article/view/11488>. Acesso em: 14 nov. 2024).

<sup>285</sup> ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém**: Um relato sobre a banalidade do mal. Trad. José Rubens Siqueira. Companhia das letras, 1963, p. 351.

<sup>286</sup> “A idolatrização necessita radicalmente pressupor, para existir, que a existência em todas as suas manifestações, que a realidade em todas as suas versões, que o mundo em todos os seus estados, são expressões de entidades mortas, que só adquirirão vida – no sentido idolátrico do termo – pelo próprio processo de idolatrização. Seu mundo é o mundo da *Necroética*, da ética necro-lógica” (SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentativa de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 130).

Membros do alto escalão militar, como o ex-ajudante de ordens do então ex-presidente Jair Bolsonaro, Mauro Cid, dentre outros militares, percebendo o que estavam fazendo, porém banalizando todas as possibilidades do mal de suas condutas manipuladoras, tiveram revelados seus diálogos que antecipavam o triunfo do ódio. Além do plano para suspender a diplomação do atual presidente eleito e o afastamento de ministros do Supremo Tribunal Federal, o projeto de aniquilação que comprova que “o passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo”<sup>287</sup> foi trazido à tona a partir do seguinte diálogo:

Um major questiona no grupo Dosssss!: “Alguém tem algum planejamento ou viu em algum momento a condução de um CPG (Campo de Prisioneiros de Guerra) sem aparelhos? Caso sim, chamar no privado”.

Como resposta, o tenente-coronel Rafael Martins de Oliveira, escreveu: “Auschwitz!!”<sup>288</sup>.

Eis o fascismo eterno, eis o fascismo hoje e sempre, eis uma expressão eloquente da totalidade da morte<sup>289</sup>, como previu Souza.

Por fim, acerca da educação após Auschwitz, Marcia Tiburi nos alerta sobre o lembrete de Adorno quanto ao elemento desesperador que há no retorno de Auschwitz. Logo, não devemos deixar de analisar tudo que lembra Auschwitz, metáfora e imagem de uma sociedade bárbara que não cessa de reaparecer e se reproduzir.<sup>290</sup>

Sendo assim, indo ao encontro do que Weinmann definiu despontar em barbárie<sup>291</sup>, encontra-se a *agressão autoritária*, que é última categoria da Escala F a ser ilustrada neste capítulo. Trata-se, sobretudo, da tendência à intolerância, a estar alerta, condenar, repudiar e castigar pessoas.<sup>292</sup> Nesse campo, a rigor, imperam os desejos primitivos e a pulsão de morte.

<sup>287</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 29. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>288</sup> TEÓFILO, S. Militar questionou sobre campo de prisioneiros de guerra em grupo que tratou sobre golpe: 'Auschwitz!'; leia mensagem. **O Globo**, Brasília, 27 nov. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/11/27/militar-questionou-sobre-campo-de-prisioneiros-de-guerra-em-grupo-que-tratou-sobre-golpe-auschwitz-leia-mensagem.ghtml>. Acesso em: 01 dez. 2024.

<sup>289</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentativa de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 101.

<sup>290</sup> TIBURI, M. Turbofascismo: Fascismo na era digital e o caso brasileiro. In: SABARIEGO, J.; AMARAL, A. J. do.; SALLES, E. B. C. (coord.). **Algoritarismos**. Valencia: Tirant lo blanch, 2020, p. 88.

<sup>291</sup> SANTOS, B. M. dos; DAMICO, J. G. S. A interpretação metapsicológica do fascismo na abordagem freudo-adorniana. **Acta Scientiarum: Human and Social Sciences**, v. 44, 2023, p. 9. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/373693992\\_A\\_interpretacao\\_metapsicologica\\_do\\_fascismo\\_na\\_abordagem\\_freudo-adorniana](https://www.researchgate.net/publication/373693992_A_interpretacao_metapsicologica_do_fascismo_na_abordagem_freudo-adorniana). Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>292</sup> CASARA, R. R. R. **Sociedade sem lei**: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 121.

*Viva la muerte* seria um brado em orgulho, dada a ignorância necessária para sustentar esse perfil medíocre e animalesco. Nesse sentido, Casara explica o seguinte:

As ameaças cada vez mais próximas de retorno da barbárie parecem indicar que elementos deste modo de pensar e de agir continuam a ser estimulados na sociedade. E identificá-los é necessário para reagir à escalada autoritária. Todavia, os processos de subjetivação neoliberal não só dificultam essa identificação como também estimulam um modo de agir mortífero [...].<sup>293</sup>

O tipo autoritário tende a repudiar e castigar severamente quem os enfrenta, tendo em vista sua própria incapacidade de dar à luz razões pelas quais tais valores foram questionados<sup>294</sup>, o que significa dizer que não há pressupostos básicos capazes de possibilitar uma troca de entendimento pacífico, porque, ausente em sua razão, o autoritário simplesmente vê uma cadeira onde há uma laranja. Eles são alimentados pela intolerância ao diferente, ao Outro do pensamento; portanto, o ódio consequente da subordinação recai sobre os indivíduos e convoca mecanismos psicológicos capazes de suprimir esse sentimento ou substituí-lo por uma admiração cega<sup>295</sup>. No que tange a essas aporias, Amaral explica como se deu a reação pelo ódio no Brasil consagrada exatamente no que proferiu o ex-presidente Jair Bolsonaro em sua posse:

“Libertar a nação do politicamente correto”, ou seja, reforço da autorização expressa tanto de propagar seus sentimentos reprimidos de tripudiar minorias quanto de aniquilá-las [...].<sup>296</sup> Opressões capilares autorizadas e reproduzidas que estampam a necropolítica brasileira. Bolsonaro materializou aquilo que sempre alimentou os fascismos nossos de cada dia [...].<sup>297, 298</sup>

Essa vontade de sentir-se à vontade diante de ruínas é impelida pela agressão autoritária. Todavia, essa pulsão resulta em condutas direcionadas à finitude, à desgraça e à morte. Tal

<sup>293</sup> CASARA, R. R. R. **A construção do idiota**: o processo de idiosubjetivação. Rio de Janeiro: Da Vinci, 2024, p. 159.

<sup>294</sup> CASARA, R. R. R. **Sociedade sem lei**: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 121.

<sup>295</sup> FROMM, 1983, p. 135-136 *apud* SANTOS, G. dos.; OLIVEIRA, T. de. Capítulo II: Conflito e medo: aproximação de teorias e confrontação de aspectos biológicos, psicológicos e sociais na arqueologia do autoritarismo. In: SAWAIA, B.; ALBUQUERQUE, R.; BUSARELLO, F. (org.). **Afeto e autoritarismo**: expressões psicossociais da política brasileira. 1. ed. Taubaté - SP: Letra Selvagem; Manaus, AM: Edua/AM, 2023, p. 34.

<sup>296</sup> DUNKER, 2018 *apud* AMARAL, A. J. do. A “mediocracia brasileira” e o Brasil que não hesita em resistir. **Instituto Humanitas Unisinos**, [s. l.], 20 fev. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/586765-a-mediocracia-brasileira-e-o-brasil-que-nao-hesita-em-resistir>. Acesso em: 19 nov. 2024.

<sup>297</sup> AMARAL, 2018, p. 09-14 *apud* AMARAL, A. J. do. A “mediocracia brasileira” e o Brasil que não hesita em resistir. **Instituto Humanitas Unisinos**, [s. l.], 20 fev. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/586765-a-mediocracia-brasileira-e-o-brasil-que-nao-hesita-em-resistir>. Acesso em: 19 nov. 2024.

<sup>298</sup> AMARAL, A. J. do. A “mediocracia brasileira” e o Brasil que não hesita em resistir. **Instituto Humanitas Unisinos**, [s. l.], 20 fev. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/586765-a-mediocracia-brasileira-e-o-brasil-que-nao-hesita-em-resistir>. Acesso em: 19 nov. 2024.

pulsão de morte é latente no indivíduo que a fomenta, porque, conduzido pela própria loucura, não mais vive das possibilidades éticas típicas do que é, verdadeiramente, viver, de modo que a sua cegueira tudo alcança porque nada compreende.<sup>299</sup>

Esse desejo de aniquilar pressupõe, de algum modo, a transformação do Outro em *objeto* e, assim, em objeto matável — é a negação da possibilidade de estabelecer relação, e relação ética.<sup>300</sup> Na ausência do reconhecimento da alteridade do Outro diante de si, o fascista destrói o que nele já não há: a potência inerente ao mundo do Outro. No seu olhar, carrega as dores de ser o que miseravelmente é, ao passo que só é capaz de *tolerar*, quando deveria aceitar e respeitar o *diferente* da sua pobre existência. Está fora do âmbito dos poderes do agente circunscrever um olhar e todas as representações pictóricas de sua realidade, e, por isso, pode provocá-lo a ser objetificado e, posteriormente, aniquilado.<sup>301</sup>

Um caso emblemático capaz de refletir a quotidianidade fascista ilustrada por Amaral ocorreu em Brasília, no dia 13 de novembro de 2024, remetendo os cidadãos a um passado recente que marcou a depredação em massa nas sedes dos Três Poderes. Tal agressão foi manifestada sob as luzes dos holofotes; o problema é que, dessa necessidade de aniquilação vazia de sentido, não surtem outros efeitos senão dor, desesperança e ódio.

Um bolsonarista com vestes que faziam alusão ao Coringa simplesmente virou as costas à sua família e viajou de SC a Brasília para destilar o seu ódio. Lançou bombas caseiras na estátua da justiça em frente ao STF e, posteriormente, deitou-se e colocou a bomba em sua cabeça, vindo a explodi-la, o que o levou ao próprio fim.<sup>302</sup>

A cena de um pobre homem atirado no chão de ventre para o céu com o que restou de sua cabeça envolta num lodo vermelho, misturado na chuva torrencial que preenchia o vazio daquela noite triste, é lamentável, própria de um cenário cuja face não pode ser outra senão a do fascismo — porque é desse terror que advém a sua potência.

O corpo foi identificado como o de Francisco Wanderley Luiz, o “Tiü França”, catarinense de 59 anos.<sup>303</sup> Uma hora antes do atentado, ele direcionou críticas ao presidente

---

<sup>299</sup> “A cegueira alcança tudo, porque nada compreende” (ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 142).

<sup>300</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 74.

<sup>301</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 75.

<sup>302</sup> NUNES, V. ‘A cabeça dele explodiu!’: os minutos seguintes ao ataque terrorista em Brasília. **Intercept Brasil**, [s. l.], 14 nov. 2024. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2024/11/14/minutos-seguintes-atentado-brasil/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>303</sup> BELIC, G. Autor de atentado contra STF em Brasília não foi morto por bomba que ‘quicou’ em estátua da Justiça. **Estadão**, [s. l.], 14 nov. 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/bomba->

Luiz Inácio Lula da Silva, ao STF e aos presidentes da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), em suas redes sociais. Isso é a emersão de um lamaçal no qual o fascismo está imerso.

Contudo, “o ódio como combustível político oferece ares quase determinantes para entender a ‘nova direita’ no Brasil”<sup>304</sup>. Adorno previu esse terrível porvir ao declarar que os verdadeiros sujeitos de um estudo, aqueles que devem ser compreendidos e transformados, são os radicais de direita, e não aqueles contra os quais eles mobilizaram o seu ódio.<sup>305</sup>

Poderíamos, sobretudo, partir de um olhar esperançoso e sugerir a possibilidade de diálogo para alçar um horizonte democrático de união e amor, no qual a derrota do fascismo se daria em luta coletiva e o único inimigo a ser vencido seria o próprio mal. Porém, resta admitir que, nessa utopia, residem ingenuidade e fé em um nível de humanidade jamais alcançado na história. A bandeira cuja estampa é um pedido à *paz mundial* fede a putrefação de corpos desnudados em vida pelo totalitarismo, assim como sua escrita — que subjaz o sonho da resistência antifascista, marcada pelo sangue dos que foram vencidos.

Adorno, em seu tempo, alertou que, apesar de sugerir percursos para o *encontro ético*; para ingênuo não servia:

Ora, senhoras e senhores, não sou tão ingênuo a ponto de acreditar que com essa virada para dentro seria possível alcançar imediatamente muita coisa no que concerne às pessoas em questão [...]. É da essência dessa síndrome que esse caráter fixado na autoridade seja difícil de ser abordado, que eles não permitam que nada se aproxime deles. Apesar disso [...] ficou demonstrado que, simplesmente ao fazer das personalidades que se comportam dessa forma e não de outra um problema sociopsicológico, refletindo sobre elas, sobre o nexo de sua ideologia e sua característica psicológica e psicossocial, ao tornar isso um problema, dissolve-se assim uma certa ingenuidade e ocorre uma certa desintoxicação.<sup>306</sup>

Voltar-se para dentro sem perder-se pode ser uma das velas diante de tantas outras, mas, para entender a *potência* do mal para o qual o fascinado fascista labuta, é preciso despir-se da rigidez típica da ignorância que ensurdece. Nesse aspecto, ele fecha para si todas as

---

quicou-estatua-justica-atentado-brasilia-stf-enganoso/?srsltid=AfmBOoqKixDYQ3koafs0-2D9XcT02rz26vzPOWPSIvxnscl6p7jMsU0G. Acesso em: 19 nov. 2024.

<sup>304</sup> GALLEGO, 2018 *apud* AMARAL, A. J. do. A “mediocracia brasileira” e o Brasil que não hesita em resistir. **Instituto Humanitas Unisinos**, [s. l.], 20 fev. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/586765-a-mediocracia-brasileira-e-o-brasil-que-nao-hesita-em-resistir>. Acesso em: 19 nov. 2024.

<sup>305</sup> ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 75.

<sup>306</sup> ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 75.

contingências que circundam suas misérias ao negar-se à sujeição do que desconhece e que, ao fim, tem por *possibilidade* ética afrontar seus monstros.

Adorno e Horkheimer, já em seu tempo, alertaram que não é fácil dialogar com um fascista, pois, quando o outro toma a palavra, ele reage, interrompendo-o com insolência. Ele é inacessível à razão porque só a enxerga na capitulação do outro.<sup>307</sup> Logo, não são poucos os convictos à moda boi, bala e bíblia; e, ainda, os que anseiam pelo próprio progresso creditando fé de mãos estendidas à espera de prosperidade. O problema em questão não diz respeito às possibilidades advindas da fé, mas, se em suas mãos há sangue e em seu coração reside ódio, a que deus servem esses servos da hipocrisia?

Adorno nos lembra de que eles não permitem que *nada* se aproxime deles. Podemos considerar a hipótese que seja, porque o *nada*, no sentido de nadificação, para eles, é muito. Aliás, diante da pequenez a qual comporta o espírito fascista, para voltar-se ao *nada*, é preciso ter coragem para soltar crenças que, na verdade, configuram toda a sua essência.

No *nada* reside a possibilidade de afronta, de jogar-se, porque livre e, sem medo, voa, noção de liberdade à qual remete Sartre: “O homem é livre porque não é si mesmo, mas presença a si. [...]. A liberdade é precisamente o nada que tendo sido no [...] [coração] do homem e o obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser”<sup>308</sup>. O fascista não ambiciona *fazer-se* porque considera que *já é*. Essa autossuficiência covarde figura no sujeito de muito medo e pouca coragem, e, justamente pela incompletude, busca aporte nas massas tão vazias quanto ele. São multidões, as quais só são incapazes de *Ser*.

Sobre a impossibilidade de existência autônoma, de acordo com Freud, “numa massa todo sentimento, todo ato é contagioso, e isso a ponto de o indivíduo sacrificar facilmente o seu interesse pessoal ao interesse coletivo.”<sup>309</sup> Não bastassem o medo e a falta de coragem, ainda são “*Maria vai com as outras*”<sup>310</sup>. De todo modo, como sugerido por Adorno, ao verificar os problemas sociopsicológicos e refletir sobre os nexos de suas ideologias, ocorre certa

---

<sup>307</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 174.

<sup>308</sup> SARTRE, 1998, p. 545 *apud* SILVA, A. M. V. B. da. A concepção de liberdade em Sartre. **Revista Filogênese** – Revista Eletrônica de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP, Marília – SP, v. 6, n. 1, 2013, p. 97. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2024.

<sup>309</sup> FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 21-22.

<sup>310</sup> Trata-se de uma expressão que diz respeito à pessoa que não tem opinião própria e, por isso, segue a vontade de outros. FAGUNDES, E. Descubra a curiosa origem da expressão "maria vai com as outras". **Aventuras na história**, [s. l.], 10 jul. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/almanaque/origem-expressao-maria-vai-com-as-outras.phtml>. Acesso em: 19 nov. 2024.

desintoxicação, a qual, conseqüentemente, acaba por dissolver a ingenuidade acerca das intenções desses indivíduos.

Essa multidão mal-intencionada, no entanto, precisa ser controlada. E a dessimbolização é um ponto nodal para desfazer as fissuras do olhar idolátrico. Por meio da simbolização, efeito do encontro com a cultura, o sujeito recalca seus fantasmas fundadores. Submetendo-se à linguagem que esburaca o real, ele passa a ser constituído pelo simbólico<sup>311</sup>, definido neste contexto por Balbo:

O simbólico é o que organiza os sintomas na linguagem, a partir de seus equivalentes significantes e significados: os sintomas são estruturados como uma linguagem; o simbólico libera o sujeito de sua alienação a seu eu (*moi*), cujo semelhante é a miragem; ele é mediação, e a este título introduz o terceiro na relação imaginária, sempre exclusivamente dual.<sup>312</sup>

Nesse mesmo sentido, Casara alerta que a desimobilização é uma consequência necessária da racionalidade neoliberal, a qual gera “assujeitos”, zumbis demitidos da faculdade de julgar e propícios a posturas perversas, quando não psicóticas. Em suma, ela gera o bolsonarismo.<sup>313</sup>

O fenômeno bolsonarista no Brasil é a prova viva de que o fascismo permeia a nação, porque, partindo do pressuposto de que a verdade, por mais submersa que esteja nas mãos dos que a submergem, tão bela como uma baleia que, em sua natureza livre, visita as profundezas do mar e o irrompe num estrondoso salto capaz de ser visto até mesmo por quem nega toda sua grandiosidade, ele aparece.

A verdade encontra-se nua e com vergonha alheia, pois o perfil Agressor Autoritário que faz do país uma chacota nas ruas, sequestrando a simbologia do verde e amarelo para vociferar o padrão patriótico fanático, é um reflexo de uma cúpula muito maior<sup>314</sup> e mais

<sup>311</sup> PIMENTEIRA, M. L. de A. Capitalismo e roteiro de gozo: o sujeito diante da dessimbolização. **Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, Recife, v. 2, n. 1, 2018, p. 8. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/praca/article/view/236200>. Acesso em: 19 nov. 2024.

<sup>312</sup> BALBO, 1998, p. 31 *apud* PIMENTEIRA, M. L. de A. Capitalismo e roteiro de gozo: o sujeito diante da dessimbolização. **Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, Recife, v. 2, n. 1, 2018, p. 8. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/praca/article/view/236200>. Acesso em: 19 nov. 2024.

<sup>313</sup> CASARA, R. R. R. **Bolsonaro: o mito e o sintoma**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020, p. 64-65.

<sup>314</sup> “Polícia Federal prende um general da reserva, três militares das Forças Especiais do Exército e um agente da própria corporação, suspeitos de envolvimento em trama que previa a execução do então presidente eleito, [Luiz Inácio Lula da Silva], de seu vice [Geraldo Alckmin] e do ministro do Supremo [Tribunal Federal Alexandre de Moraes]” (GIRALDI, R. O que se sabe sobre o plano golpista para matar Lula, Alckmin e Moraes. **Correio Braziliense**, [s. l.], 20 nov. 2024. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2024/11/6992552-o-que-se-sabe-sobre-o-plano-golpista-para-matar-lula-alckmin-e-moraes.html>. Acesso em: 22 nov. 2024).

articulada<sup>315</sup>, e Amaral nos lembra de que devemos chamar, seja lá com a intensidade que for, o momento do atual governo brasileiro de neofascista do neoliberalismo:

[...] “momento neofascista do neoliberalismo”<sup>316</sup> [...], “fascismo neoliberal”<sup>317</sup> [...], ou uma forma de “novo neoliberalismo autoritário”<sup>318</sup> [...] quaisquer destas aproximações apenas espelham a estratégia política peculiar de um regime de “presidencialismo de ocupação”<sup>319</sup> [...], ou seja, a visão da nação como um território a ser ocupado militarmente, onde qualquer opositor é um traidor da pátria. Sua logística teológica e militar impõe, portanto, a fabricação permanente de inimigos. Lembremos que o então candidato Bolsonaro prometeu enviar a esquerda, senão para a prisão ou exílio, para a “ponta da praia” (alusão ao lugar onde se jogavam os cadáveres dos opositores políticos na ditadura militar). Para além da retórica que se poderia alegar, o elemento de uma visão eliminacionista da política é central<sup>320</sup> [...].<sup>321</sup>

Essa alusão a inimigos imaginários intuída ao resgate de um passado idealizado, marcado pela escravidão e pela ditadura, diz respeito ao que Casara chamou de efeito escravocrata, o qual resvala na naturalização da desigualdade e na hierarquização entre os seres humanos. Portanto, não é por acaso que nossos mitos, que preenchem os vazios narrativos, são autoritários.<sup>322</sup>

O fomento ao autoritarismo no Brasil não se limita às margens da incitação à violência, como no caso do *Mito/bobo da Corte*, cuja capacidade de idiotia, não raro, é subestimada e se

<sup>315</sup> “[...] [Polícia Federal] indica que autor de plano terrorista esteve com Bolsonaro em pelo menos duas ocasiões” (BRAGA, J. PF indica que autor de plano terrorista esteve com Bolsonaro em pelo menos duas ocasiões. **G1**: Globo News, [s. l.], 19 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/andrea-sadi/post/2024/11/19/pf-indica-que-autor-de-plano-terrorista-esteve-com-bolsonaro-em-pelo-menos-duas-ocasioes.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2024).

<sup>316</sup> FASSIM, 2018 *apud* AMARAL, A. J. do. A “mediocracia brasileira” e o Brasil que não hesita em resistir. **Instituto Humanitas Unisinos**, [s. l.], 20 fev. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/586765-a-mediocracia-brasileira-e-o-brasil-que-nao-hesita-em-resistir>. Acesso em: 20 nov. 2024.

<sup>317</sup> GIROUD, 2018 *apud* AMARAL, A. J. do. A “mediocracia brasileira” e o Brasil que não hesita em resistir. **Instituto Humanitas Unisinos**, [s. l.], 20 fev. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/586765-a-mediocracia-brasileira-e-o-brasil-que-nao-hesita-em-resistir>. Acesso em: 20 nov. 2024.

<sup>318</sup> LAVAL; DARDOT, 2018 *apud* AMARAL, A. J. do. A “mediocracia brasileira” e o Brasil que não hesita em resistir. **Instituto Humanitas Unisinos**, [s. l.], 20 fev. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/586765-a-mediocracia-brasileira-e-o-brasil-que-nao-hesita-em-resistir>. Acesso em: 20 nov. 2024.

<sup>319</sup> COHN, 2018 *apud* AMARAL, A. J. do. A “mediocracia brasileira” e o Brasil que não hesita em resistir. **Instituto Humanitas Unisinos**, [s. l.], 20 fev. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/586765-a-mediocracia-brasileira-e-o-brasil-que-nao-hesita-em-resistir>. Acesso em: 20 nov. 2024.

<sup>320</sup> LESSA, 2019 *apud* AMARAL, A. J. do. A “mediocracia brasileira” e o Brasil que não hesita em resistir. **Instituto Humanitas Unisinos**, [s. l.], 20 fev. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/586765-a-mediocracia-brasileira-e-o-brasil-que-nao-hesita-em-resistir>. Acesso em: 20 nov. 2024.

<sup>321</sup> AMARAL, A. J. do. A “mediocracia brasileira” e o Brasil que não hesita em resistir. **Instituto Humanitas Unisinos**, [s. l.], 20 fev. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/586765-a-mediocracia-brasileira-e-o-brasil-que-nao-hesita-em-resistir>. Acesso em: 20 nov. 2024.

<sup>322</sup> CASARA, R. R. R. **Bolsonaro: o mito e o sintoma**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020, p. 67.

evidencia desde a falta de respeito à história dos que sucumbiram e, como dejetos, foram lançados à “ponta da praia”, conforme lembrou Amaral, às ameaças de morte aos integrantes da esquerda sob os aplausos e gritos de incentivo da massa bolsonarista.

Tomado por essa energia, simulando uma arma em punhos, Jair Bolsonaro ostentou um tripé de televisão para o alto e, imposturado, defendeu de maneira naturalizada: “Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre!”<sup>323</sup>. Esses discursos agressivos, em tom altivo e autoritário, marcam, com maestria, o código de ética da extrema-direita. Todavia, não se considera representante do povo aquele que não se predispõe à alteridade necessária para reconhecer no Outro uma face, pois, em sentido Levinasiano, Souza adverte que “é exatamente isso que o assassino pretende anular: anular a Alteridade do Outro absolutamente, sua *visage*”<sup>324</sup>.

Em suma, o que pretende um sujeito de pouca índole, como o mencionado anteriormente, é a aniquilação daquilo com o qual não se identifica, porque aparenta uma pedra em seu caminho. Ao fitar algo que não seja tão abjeto quanto ele, não enxerga um rosto, porque nega-se a olhar para além do que vê. Assim, aniquila mais que chances de exercício democrático, influenciando suas massas aos mesmos princípios sem valor.<sup>325</sup>

Contudo, *aniquilação é, sempre, negação absoluta de um Rosto*. E essa negação em forma de verdade é como uma linda baleia que irrompeu os mares da hipocrisia e está sendo demonstrada. A partir de mais um indiciamento do *mito* que ombreia com os miseráveis fascistas da história, ele vem colecionando denúncias de acusação em seu desfavor, as quais revelam os fortes indícios de sua pulsão ao declínio egoístico e à morte.

Indo ao encontro da pesquisa de Adorno, ele se enquadra em todas as características de um *líder* autoritário e fascista, além de haver dois indiciamentos, os quais dizem respeito às joias sauditas, que eram presentes ao governo brasileiro, mas que foram apropriadas de maneira criminosa por Bolsonaro<sup>326</sup>, e ao cartão de vacinação referente à sua participação em um

---

<sup>323</sup> BONIN, R. Em 2018, Bolsonaro defendeu 'fuzilar a petralhada'. *Veja*, [s. l.], 10 jul. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/em-2018-bolsonaro-defendeu-fuzilar-a-petralhada>. Acesso em: 19 nov. 2024.

<sup>324</sup> SOUZA, R. T. de. *Filosofia da Escravidão*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2024, p. 73.

<sup>325</sup> Em 2022, um Bolsonarista invadiu uma festa de um Petista e matou o aniversariante. Segundo relatos, o agressor adentrou o local gritando – em tom de adoração: “Bolsonaro o mito”. BONIN, R. Bolsonarista invade festa de petista e mata aniversariante. *Veja*, [s. l.], 10 jul. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/bolsonarista-invade-festa-de-petista-os-dois-trocam-tiros-e-morrem/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

<sup>326</sup> MARTINS, L.; MAIA, E. Bolsonaro indiciado: saiba quais foram os crimes do ex-presidente apontados pela PF. *CNN Brasil*, São Paulo, 21 nov. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-indiciado-saiba-quais-foram-os-crimes-do-ex-presidente-apontados-pela-pf/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

esquema de fraude em registro no cartão vacinal contra a Covid-19<sup>327</sup>. Também foi, ainda, indiciado em abolição violenta do Estado Democrático de Direito, golpe de Estado e organização criminosa.

Além disso, em seu relatório final, a Polícia Federal apontou que o sujeito estava ciente da trama para envenenar o atual Presidente do Brasil, Lula da Silva, seu vice, Geraldo Alckmin, e o ministro do STF, Alexandre de Moraes.

Isso significa dizer que a possibilidade de um porvir merecido encontra-se em iminência. Todavia, mesmo que ninguém seja considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória<sup>328</sup>, para os perfis autoritários, as regras do processo penal brasileiro também devem valer, e ao menos a afronta aos *truques* desse representante da extrema-direita encontra-se firme e presente. Contudo, a busca pela justiça, mesmo que não seja de toda alcançável, deve ecoar, pois “não existem, nas vozes que escutamos, ecos das vozes que já emudeceram?”<sup>329</sup>.

Logo, a luta antifascista ganha forças ao perceber o apequenar do que ainda pelas massas é considerado um grande homem. Este que, a bem da verdade, não passa de uma peste passageira intuída a despertar, sem acordar seus ratos e, ao fim, como previu Albert Camus, ordenar morrer numa cidade — iludida, porém *feliz*.<sup>330</sup>

### 3.1 Indústria cultural e propaganda antidemocrática no Brasil: ontem e hoje

O mecanismo da reprodução da vida, da sua dominação e da sua aniquilação, é exatamente o mesmo, e de harmonia com ele se fundem a indústria, o Estado e a propaganda.<sup>331</sup>

<sup>327</sup> MARTINS, L.; MAIA, E. Bolsonaro indiciado: saiba quais foram os crimes do ex-presidente apontados pela PF. **CNN Brasil**, São Paulo, 21 nov. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-indiciado-saiba-quais-foram-os-crimes-do-ex-presidente-apontados-pela-pf/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

<sup>328</sup> Princípio da presunção de inocência: Constituição Federal – Art. 5º, LVII - ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais [...]. **Diário Oficial da União**, Brasília: DF, 5 out. 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 22 nov. 2024.

<sup>329</sup> BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. Vol. I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 223.

<sup>330</sup> CAMUS, A. **A Peste**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999, p. 269. O romance foi escrito durante os anos que Camus integrou o movimento da resistência francesa ao nazismo e publicado pela primeira vez em 1947.

<sup>331</sup> ADORNO, T. W. **Mínima Moralía**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 43, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30 nov. 2024.

Era uma vez uma menina livre pelo campo, carismática e de mente sã, que ansiava por um porvir feliz na cidade grande. Seu olhar limitava-se ao alcance que findava a estrada de chão batido, donde, portanto, iniciavam suas idealizações. Certa feita, encorajou-se e foi verificar o que havia pós-fronteira. Deparou-se com um colorido aviãozinho de papel. Nele estava a sugestão de uma *playlist: moda sertaneja*.

A romântica menininha, que outrora sentia o pulsar da vida de pés descalços pela mata, agora, de chapéu, bota e fivela — como uma boneca que, ao apertar seu estômago, repete sem refletir: “Sou uma boiadeira” —, suspendeu as possibilidades advindas do silêncio reflexivo e, de modo a ser mais uma dentre tantas, caiu na estatística de Adorno. Isso porque, ao aderir aos *tickets*, que, não raro, estão envoltos nessa cultura, reificou o próprio espírito, pois, nessa medida, a pretensão da arte é a ideologia.<sup>332</sup>

A título de exemplo, nesse conto fictício, o aviãozinho que só alça voo impulsionado pelo sopro dos detentores do poder representa a grande indústria cultural. Dele não se extrai somente o seu conteúdo objetivo, mas também todo o aparato cultural que constitui um sistema.<sup>333</sup> Em seu tempo, num monomotor, Adorno refletia frente às artes do cinema, do rádio e das revistas da época, mas, hoje, trata-se de um *boeing*, que se constitui numa sociedade muito mais moderna, acelerada, com maior poder de alcance e influência.

As ofertas são infinitas nas mãos de quem, como a menina do campo, se sujeita à aventura... No ar, a cultura paira e transcende, de sugestões musicais, séries e *reality shows* a páginas de redes sociais, cujas propagandas sugestivas, dentre tantas, podem ser: “Trabalhe enquanto eles dormem”; ou pior: “Todos temos as mesmas 24hs”. A turbulência é previsível, tem a capacidade de instabilizar mentes livres e predeterminar rotas, visto que “a cultura sempre contribui para domar os instintos revolucionários”<sup>334</sup>.

De acordo com Adorno, isso é um fato inconteste, e essa passagem ilustra o mau tempo para o voo: “A indústria só se interessa pelos homens como clientes e empregados e, de fato, reduziu a humanidade inteira, bem como cada um de seus elementos, a essa fórmula exaustiva”<sup>335</sup>. A fórmula, contudo, resulta previsível: conduzir as massas a jogarem-se em queda livre sem perceber a ausência do paraquedas.

---

<sup>332</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 108.

<sup>333</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 99.

<sup>334</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 126.

<sup>335</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 121.

Sobretudo, a fim de conhecer o destino desse voo capitaneado pelo *Führer*, cuja tripulação são os integrantes da grande indústria, não basta buscar compreender a intenção que ramifica os fins, pois é preciso emergir os mecanismos de reprodução inseridos nos meios. Nesse contexto, a carga transportada está para a propaganda, assim como o *boeing* está a serviço da indústria cultural, de modo que a propaganda está para a indústria, assim como o fascismo esteve para o nacional-socialismo alemão! E essa lógica de manipulação Hitler dominava muito bem:

Sempre me interessei extraordinariamente pela atividade da propaganda, uma arte que, para os partidos burgueses, permanecia quase desconhecida. A propaganda tinha de ser muito anterior à organização e conquistar para ela, antes de tudo, o material humano a ser manipulado.<sup>336</sup>

Goebbels, como um bom aluno-tripulante, logo depois replicou que a propaganda é uma função essencial do Estado moderno, e ninguém levou a tamanho grau de virtuosismo a arte de dominar as massas.<sup>337</sup> Aos olhos do dominador, a manipulação propagandista é uma arte, e essa arte fascista chega ao seu grande público canalizada pela indústria cultural.

Esse estado da arte pode parecer nebuloso; o negacionista, por sua vez, diria se tratar de uma teoria da conspiração, mas é preciso analisar as nuances com cuidado, e este será o nosso trabalho: um sobrevoo aproximativo intuído a verificar o atual cenário da indústria cultural e do poder de influência da propaganda antidemocrática nas massas brasileiras.

Assim, buscar-se-á analisar os seus pontos de encontro, de modo a demonstrar que, no Brasil, há configurações tão antidemocráticas e fascistas quanto às dos Estados Unidos de 1940, à época, terreno de estudo das personalidades fixadas na autoridade por Adorno e seus colegas frankfurtianos.

Sobretudo, antes de alçar maiores voos, a explicação de Adorno acerca da finalidade recreativa da indústria cultural precisa ser destacada:

[...] a afinidade original entre os negócios e a diversão mostra-se em seu próprio sentido: a apologia da sociedade. Divertir-se significa estar de acordo. Isso só é possível se isso se isola do processo civil em seu todo, se idiotiza e abandona desde o início a pretensão inescapável de toda obra, mesmo da mais insignificante, de refletir em sua limitação o todo. Divertir-se significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é a sua própria base. É na verdade uma fuga, mas não, como afirma, uma fuga da realidade ruim, mas da última ideia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir. A liberação prometida pela diversão é a liberação do pensamento como negação. O descaramento

<sup>336</sup> HITLER, 1935 *apud* GUÉRIN, D. **Fascismo e grande capital**. Trad. Lara Christina de Malimpensa. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021, p. 82.

<sup>337</sup> HITLER, 1934 *apud* GUÉRIN, D. **Fascismo e grande capital**. Trad. Lara Christina de Malimpensa. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021, p. 82.

da pergunta retórica: “Mas o que é que as pessoas querem?” consiste em dirigir-se às pessoas como sujeitos pensantes, quando sua missão específica é desacostumá-las da subjetividade.<sup>338</sup>

Para adubar as mentes férteis ao totalitarismo, segundo Adorno, antes, é preciso fazê-las sentir vontade de impotência. Todavia, essa manobra faz pouco barulho e é conduzida de maneira silenciosa pela grande indústria. Sobrevivendo em uma sociedade capitalista, o indivíduo trabalhador, que, a rigor, deveria inclinar-se à busca do conhecimento que o emanciparia e possibilitaria a maioria intelectual, utiliza o próprio tempo de lazer para impulsionar as engrenagens que o ludibriam: porém, incorporando o papel de cliente receptor de ideologias fascizantes.

Nessa trama em que a otimização do tempo livre resvala na indigência racional, as técnicas de submissão ao capital se transmutam em entretenimento indiscriminado.<sup>339</sup> A grande questão é que a arte circense não se limita à atrofiação da subjetividade, mas tem um condão para a subserviência de cunhos ideológico e político. No entanto, o dominado não se deixaria dominar se não tivesse aversão ao pensamento, o qual o possibilitaria antever as consequências lógicas advindas da própria dominação. Em outros termos: “O horror ao pensamento é uma característica fundamental de toda configuração idolátrica”<sup>340</sup>.

Nesse diapasão, o espectador idolátrico se prostra faceiro diante das telas da vida (televisões, celulares, computadores) e se acomoda na ilusão da calmaria fugaz. Assim, modela, projeta e replica comportamentos com os quais sua pobre alma se identifica. Todavia, “na Alemanha, a paz sepulcral da ditadura já pairava sobre os mais alegres filmes da democracia”<sup>341</sup>. Eis, portanto, a pretensão de felicidade cega: à custa da renúncia da contemplação do assombro que comporta *possibilidades* à verdade.

Logo, é preciso coragem para lançar mão dos confetes da razão e, assim, incorporar a pretensão de infelicidade típica das dores do viver. O que significa dizer que nem só de circo e pão deve viver o homem, tendo em vista que, embora as luzes do conhecimento causem espanto aos olhos, a coragem de mantê-los abertos apesar da dor o elevam a um nível maior, o que, em consequência, dificulta a regressão do seu espírito.

<sup>338</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 119.

<sup>339</sup> TORRE, B. D. Adorno, leitor de Marx. **Sociol. Antropol.**, Rio de Janeiro, v. 09, n. 02, maio/ago. 2019, p. 523. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/RcvcsCTz9ZpjRGv67jNSvDsJ/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

<sup>340</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 45.

<sup>341</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 104.

A grande indústria tem, sobretudo, o poder de reificar os bons espíritos e torná-los vagantes em uma existência de pouco sentido e muito desamor às causas sociais. O fim em si é um, como lamenta Adorno:

Ao subordinar da mesma maneira todos os setores da produção espiritual a esse único fim – ocupar os sentidos dos homens da saída da fábrica, à noitinha, até a chegada ao relógio do ponto, na manhã seguinte, com o selo da tarefa de que devem se ocupar durante o dia – essa subsunção realiza ironicamente o conceito de cultura unitária que os filósofos da personalidade opunham à massificação.<sup>342</sup>

Esse cenário construído no seio social acaba por não ter outra imagem senão a de uma população cansada, que investe o próprio tempo num destino cíclico; e de chegada, as gerações vindouras o replicam ao bater o cartão ponto que influi ao mesmo fim. Essas existências dispensáveis ao sistema de trabalho, que pensam não ter alternativa além da labuta pelo pão e da troca do próprio tempo por bens de consumo, são as mesmas dispostas a dar suas vidas à causa de Deus, lar e pátria.<sup>343</sup>

Há, contudo, um tipo de *realização do desejo* a esses cidadãos que em pouco se realizam. E isso, segundo Adorno, molda um importante padrão: as pessoas são convidadas a entrar, tal como se compartilhassem uma droga.<sup>344</sup> O problema, porém, são seus efeitos.

A indústria cultural apresenta-se como um sistema fechado e racionalizado, com suas próprias leis<sup>345</sup>, as quais são impostas de maneira *desinteressada*. Todavia, Adorno alerta que, numa sociedade que sabiamente impõe limites à superabundância que a ameaça, tudo que é recomendado a todos por outras pessoas merece desconfiança.<sup>346</sup> Essa contradição se evidencia no âmbito de sua produção altamente especializada: o cinema e a televisão, de modo geral, sugestionam modas que se tornam estilos de vida.

Um exemplo recente dessa dinâmica foi o filme da Barbie, lançado em 2023 no Brasil, o qual movimentou o sistema financeiro a partir do estilo por ela exibido nas vestimentas cor-de-rosa. Ocorre, sobretudo, a morada desses conteúdos na consciência, os quais são fixados entre a realidade do indivíduo e as imagens que o circundam:

---

<sup>342</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 108.

<sup>343</sup> ADORNO, T. W. **Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 140.

<sup>344</sup> ADORNO, T. W. **Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 140.

<sup>345</sup> TORRE, B. D. Adorno, leitor de Marx. **Sociol. Antropol.**, Rio de Janeiro, v. 09, n. 02, maio/ago. 2019, p. 525. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/RcvsCTz9ZpjRGv67jNSvDsJ/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

<sup>346</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 209.

O que ocorreu há muito com a sinfonia, que o cansado funcionário tolerava a meia orelha tomando sua sopa em mangas de camisa, ocorre agora também com as imagens. [...] Com a justificativa de que ver televisão no quarto escuro seria doloroso, deixa-se à noite a luz elétrica acesa, e recusa-se, durante o dia, a fechar as persianas: a situação deve descolar-se o mínimo possível do normal. É impensável que a experiência da própria coisa permaneça independente disso. Para a consciência, a fronteira entre realidade e imagem é reduzida. A imagem é tomada por um pedaço da realidade, uma espécie de acessório do apartamento que se comprou junto com o aparelho.<sup>347</sup>

Seguindo esse mesmo ritmo, atualmente, as imagens do *YouTube*, num clique, mostram o instante de um pai ensinando o filho a fazer a barba ao dar aulas de como fazer<sup>348</sup>, bem como aconselham maneiras de parecer rico perante a sociedade sem ter dinheiro<sup>349</sup> e, ainda, a ser mais inteligente do que, de fato, se é.<sup>350</sup> Nesse sentido, predomina o ápice da imbecilidade humana, cuja lógica é investir no que aparece, e não no que, em primeiro momento, é invisível aos olhos.

Os blogueiros, nas conhecidas redes sociais — que atualmente se consolidam a serviço da indústria cultural —, ditam a cafonice e a moda do momento. No que tange a esses *influencers*, há uma padronização visual capaz de encher os olhos e reprimir os ouvidos. Na verdade, a tendência é o cultivo de si, uma idolatria da própria imagem, “que toma a si mesmo como objeto de interesse, originando as expressões nosográficas geralmente descritas como megalomania, paranoia, inflação desmedida do ego e semelhantes”<sup>351</sup>.

Além disso, há uma supervalorização da estética em detrimento do cultivo da personalidade, a qual acaba por ficar em segundo plano, e, conseqüentemente, a capacidade reflexiva resta tão fragilizada quanto os corpos, os quais, nesse caso, se entretêm ostentando o que, para Adorno, se trata de um exibicionismo superficial:

As mais íntimas reações das pessoas estão completamente reificadas para elas próprias que a ideia de algo peculiar a elas só perdura na mais extrema abstração: *personality* significa para elas pouco mais que possuir dentes deslumbrantemente brancos e estar livres do suor nas axilas e das emoções. Eis aí o triunfo da publicidade na indústria

<sup>347</sup> ADORNO, 1977, p. 500-501 *apud* TORRE, B. D. Adorno, leitor de Marx. **Sociol. Antropol.**, Rio de Janeiro, v. 09, n. 02, maio/ago. 2019, p. 526. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/RcvsCTz9ZpjRGv67jNSvDsJ/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

<sup>348</sup> APRENDENDO a fazer a barba com o papai. Ensinando meu filho a fazer a barba. [S. l.: s. n.], 07 maio 2018. 1 vídeo (5:06 min.). Publicado pelo canal Alex e Shanna - Família Seabra. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=g5\\_vPa9DR6M](https://www.youtube.com/watch?v=g5_vPa9DR6M). Acesso em: 12 dez. 2024.

<sup>349</sup> COMO parecer rica mesmo sem ter dinheiro | Estilo patricinha elegante. [S. l.: s. n.], 19 abr. 2021. 1 vídeo (8:18 min.). Publicado pelo canal Aesthetic Girls. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GdIYiQdr5RM>. Acesso em: 12 dez. 2024.

<sup>350</sup> COMO parecer mais inteligente do que você é (meu truque). [S. l.: s. n.], 22 fev. 2024. 1 vídeo (13:03 min.). Publicado pelo canal Luana Carolina. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H8sVgw2qR38>. Acesso em: 12 dez. 2024.

<sup>351</sup> SOUZA, R. T. de. **Filosofia da Escravidão**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2024, p. 148.

cultural, a mimese compulsiva dos consumidores, pela qual se identifica às mercadorias culturais que eles, ao mesmo tempo, decifram muito bem.<sup>352</sup>

Dessa redução da dignidade psíquica a que essas pessoas se assujeitam, o empobrecimento subjetivo acaba por ser um receptáculo de propagandas capazes de fabricar o consenso, o convencimento e a naturalização da dominação.<sup>353</sup> Isso ocorre por causa do espetáculo que a indústria não permite findar. Em outras palavras, “a propaganda manipula os homens; onde ela grita liberdade, ela se contradiz a si mesma”<sup>354</sup>.

O exemplo do voo monomotor ao *boeing*, ilustrado inicialmente, faz alusão a este cenário: se no passado a indústria cultural já era causa de preocupação por conta da sua capacidade de alcance, hoje, o poder destrutivo é imensurável, visto que ontem (no passado) não se encontrava nas mãos do indivíduo — e hoje está por meio do aparelho celular —, de modo a ser considerado uma extensão da sua personalidade<sup>355</sup>.

O ser humano tem atualmente a faculdade do mundo em suas mãos e pode usá-la para potencializar o seu conhecimento e aumentar as conexões interpessoais ou, ainda, definhar, porque, com o pensamento forjado, adere ao conhecimento totalitário por ser incapaz de resistir. Por isso, a verdadeira resistência não conhece nenhuma propaganda, pois ela tem em vista que se trata de uma inimiga.<sup>356</sup>

A música popular, criticada por Adorno por conta das repetições no rádio, tem por missão passar uma mensagem. A título de exemplo, o conto que deu largada a esse subcapítulo foi o da menina que se deparou com uma *playlist* sertaneja e, sem pestanejar, aderiu ao estilo festivo *à la direita*. A questão é esta: “O efeito harmônico isolado havia obliterado, na música, a consciência do todo formal; a penetração psicológica no romance, a arquitetura. A tudo isso deu fim a indústria cultural mediante a totalidade”<sup>357</sup>. Trata-se, portanto, de adesão ideológica,

---

<sup>352</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 138.

<sup>353</sup> CASARA, R. R. R. **A construção do idiota**: o processo de idiosubjetivação. Rio de Janeiro: Da Vinci, 2024, p. 278.

<sup>354</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 209.

<sup>355</sup> Sobre tecnologias, Adorno e Horkheimer as abordam sobre o viés da instrumentalização cognitiva por intermédio do uso das máquinas, de modo em que o homem fica à mercê delas. Ou seja, “O procedimento matemático tornou-se, por assim dizer, o ritual do pensamento. (...) ele transforma o pensamento em coisa, em instrumento, como ele próprio denomina” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 37 *apud* PUCCL, B. E a razão se fez máquina e permanece entre nós. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 20, n. 39, jan./jun. 2006, p. 79. Disponível: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/297/434>. Acesso em: 24 dez. 2024).

<sup>356</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 209.

<sup>357</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 104.

e não somente de ingênua predileção musical, porque a falsidade é inseparável da propaganda<sup>358</sup>, a qual, não raro, difunde os ideais do agronegócio e da extrema-direita no Brasil.

Sobretudo, seria um reducionismo afirmar que todos os ouvintes desse estilo musical aderem aos valores reacionários da extrema-direita, pois o problema não reside em passar pela *playlist* quando se sabe da verdade em torno desse mundo que a patrocina. O problema está em aderir aos truques, confundindo-os com a realidade. Noutras palavras: é preciso estar ciente de quão instável é este solo, visto que, ao pisar em falso, corre-se o risco de tropeçar nos ovos da serpente.

No Brasil, a cultura do agro é *tech* sendo *pop* — menos tudo<sup>359</sup> — encarna a difusão que enaltece o capitalismo próspero do campo. Nesse ínterim, a indústria cultural tem por função — fomentada pela Rede Globo de Televisão — difundir os interesses do agronegócio sob um prisma publiteditorial de um setor político-econômico brasileiro. A bancada da bala<sup>360</sup>, cujos integrantes são de extrema-direita, bem como a ruralista labutam em favor dessa causa. No que tange à última, há uma contribuição para o que aqui chamamos de retrocesso:

Essa bancada defende políticas públicas de estímulo ao setor, como o financiamento público e outros subsídios. É importante ressaltar que possui posições políticas e ideológicas conservadoras sobre pontos importantes que envolvem os territórios e áreas rurais do Brasil, atuando fortemente com propostas que tendem a beneficiar o setor do agronegócio e barrando propostas vistas como obstáculo para o seu avanço. Tem, por exemplo, posicionamento contrário a temas como reforma agrária, legislação ambiental que beneficie a conservação do meio ambiente e demarcações de terras dos povos originários, além de buscar maior flexibilização na legislação do trabalho no campo. São questões em que a bancada conseguiu muitas conquistas nos últimos anos, o que trouxe grandes retrocessos à legislação brasileira.<sup>361</sup>

O agronegócio brasileiro desfila pelas passarelas do mundo, apresentando-se como o grande celeiro da prosperidade e desconsiderando pautas importantíssimas, como a reforma agrária, a distribuição de terras e a agricultura familiar. Sob essa perspectiva, Ana Chã destaca que eles constroem essa ideia e, quando não podem ignorar o enfrentamento, criam um discurso

<sup>358</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 209.

<sup>359</sup> SANTOS, A. D. G. dos.; SILVA, D. V. da.; MACIEL, K. N. A campanha publicitária “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”, da Rede Globo de Televisão, como difusora da propaganda sobre o agronegócio no Brasil. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura** - Eptic, Aracaju, v. 21, n. 1, jan./abr. 2019, p. 46.

<sup>360</sup> Trata-se de um termo usado para referir à frente parlamentar composta por políticos que defendem o armamento civil, flexibilização de leis relacionadas a armas e contra políticas desarmamentistas no Brasil.

<sup>361</sup> SANTOS, A. D. G. dos.; SILVA, D. V. da.; MACIEL, K. N. A campanha publicitária “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”, da Rede Globo de Televisão, como difusora da propaganda sobre o agronegócio no Brasil. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura** - Eptic, Aracaju, v. 21, n. 1, jan./abr. 2019, p. 50.

de que tudo faz parte do mesmo. A campanha do "Agro é pop" é muito simbólica nesse sentido.<sup>362</sup>

Nessa campanha intuída ao *marketing* de vitrine, a realidade brasileira de alicerces fascistas é escamoteada. Isso porque a cultura da morte que permeia esses setores é pouco denunciada, resultando em inúmeras fissuras antidemocráticas, as quais uma considerável parcela da população sente na pele.

Dentre tantos outros problemas e dores ocasionadas por esse sistema a serviço do neoliberalismo, as contradições dessa passarela da morte são evidenciadas à medida que a precarização do trabalho torna-se costumeira<sup>363</sup>; a dinâmica escravocrata é cultuada<sup>364</sup>; a demarcação de terras é lograda egoisticamente pelos “reis do gado”<sup>365</sup>; o uso indevido de agrotóxicos delinea destinos e ceifa sonhos<sup>366</sup>; e os povos indígenas são considerados meras peças a serem realocadas para que o culto ao ouro possa continuar.

Sobretudo, no *marketing* do “Agro é tudo”, percebemos que o pano de fundo que enfeita essa busca ilimitada por riqueza não passa de um véu que, estaqueado no cume, descreve a derrota do espírito burguês: aqui jaz o sonho vazio do *bon vivant*, que transbordará sentido nos jazigos mais caros. O sentido se dá na perseguição ao que falta, de modo que, na ausência de si, além do pó, restará ostentar o solo mais caro do cemitério e uma memória fadada ao

---

<sup>362</sup> RAVENNA, M. Ana Chã lança livro "Agronegócio e Indústria Cultural" em Fortaleza. **Brasil de Fato**, Fortaleza, 05 abr. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2019/04/05/ana-cha-lanca-livro-agronegocio-e-industria-cultural-em-fortaleza>. Acesso em: 11 dez. 2024.

<sup>363</sup> “As relações de trabalho no campo, são as mais precarizadas com pouca ou nenhuma proteção de direitos trabalhistas, predominância de contratos precários e permanência de situações de trabalho análoga à escravidão. Existe uma associação perversa entre a sazonalidade de trabalho na agricultura com a falta de direitos na contratação, disseminando o entendimento de que por ser de curta duração, não precisa deste tipo de ‘proteção legal’” (MAFORT, K. Precarização entre os assalariados do campo, uma disparidade histórica. **Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra - MST**, [s. l.], 05 set. 2018. Disponível em: <https://mst.org.br/2018/09/05/precarizacao-entre-os-assalariados-do-campo-uma-disparidade-historica/>. Acesso em: 11 dez. 2024).

<sup>364</sup> “Entre as atividades econômicas com maior número de vítimas na área rural estão o cultivo da cebola (141), da horticultura (82), de café (76) e de alho (59) e cultivo de batata e cebola (84). Na área urbana, destacaram-se os resgates ocorridos na fabricação de álcool (38), administração de obras (24) e atividade de psicologia e psicanálise (18). Houve inspeção em dez ambientes domésticos e duas trabalhadoras foram resgatadas” (BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **593 trabalhadores são resgatados em condições análogas à escravidão na maior operação da história do Brasil**. [Brasília]: MTE, 29 ago. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Agosto/593-trabalhadores-sao-resgatados-em-condicoes-analogas-a-escravidao-na-maior-operacao-da-historia-do-brasil>. Acesso em: 11 dez 2024).

<sup>365</sup> “Em meio à campanha eleitoral, Bolsonaro afirmou que, se vencesse a disputa pelo Palácio do Planalto, não iria demarcar um centímetro a mais para reservas indígenas ou para quilombolas” (BOLSONARO transfere para a Agricultura a demarcação de terras indígenas e quilombolas. **G1**, [s. l.], 02 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/02/bolsonaro-transfere-para-a-agricultura-as-atribuicoes-sobre-demarcacao-de-terras-indigenas-e-quilombolas.ghtml>. Acesso em: 13 dez 2024).

<sup>366</sup> AMÂNCIO, A.; ROSETTI, M. Marcas pelo veneno: agrotóxicos causam infertilidade, abortos e puberdade precoce no Ceará. **Catarinas: jornalismo independente, feminista e antirracista**, [s. l.], 11 dez. 2024. Disponível em: <https://catarinhas.info/marcadas-pelo-veneno-agrotoxicos-causam-infertilidade-abortos-e-puberdade-precoce-no-ceara/>. Acesso em: 14 dez 2024.

esquecimento. Eis o caríssimo preço da ignorância e da maldade: flertar com seu semelhante no plano que lhe é familiar.

O testemunho do Tukano, liderança indígena do Alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, figuraria uma perfeita advertência nos túmulos dos que representam a tirania brasileira: “O ouro é apenas ilusão”<sup>367</sup>.

Contudo, não é possível clarificar essa ilusão sem emergir a grave questão socioambiental advinda da presença de garimpos ilegais na Amazônia. Sobre a experiência do convívio com os garimpeiros, o líder mencionado anteriormente segue corporificando sua angústia nestas palavras: “Nosso povo acreditava que viveria bem, ganhando dinheiro, conseguindo uma casa bonita e comida todo dia, mas hoje vivemos na pobreza, nossas comunidades e roças foram destruídas porque todos queriam ganhar dinheiro com ouro”<sup>368</sup>.

Arapium, presidenta do Conselho Deliberativo da COIAB<sup>369</sup> e do Conselho Indígena Tapajós Arapiuns (CITA), também destaca a dinâmica destrutiva que perpetua esse cenário no Brasil: “As meninas e mulheres são as mais prejudicadas. Elas são cooptadas para o trabalho no garimpo e, chegando lá, são forçadas a se prostituírem”<sup>370</sup>.

Em outras palavras, nesse itinerário maquiado pela mídia e pela indústria cultural, em nome de uma suposta prosperidade estatal, com o pão na isca, prometem o sossego do lar, a vitalidade para sonhar e a humanidade advinda do labor digno. Porém, desdenham ao blefarem, valendo-se da fome e aniquilando as possibilidades éticas dum porvir de esperança, isso em detrimento daqueles contraditórios fins de boas aparências.

Dos corpos emaranhados nessa teia, há os que sucumbem às margens da clandestinidade, cuja desimportância é tamanha que a estatística não se inclina ao destaque de tais existências. A indústria cultural põe a todo volume a arte do seu entretenimento e, assim, distrai os carentes da realidade. Ela dança por entre os corpos, segurando as mãos em rodopio dos indivíduos que a ela se curvam. Também possibilita asas ao pobre de direita, que sonha

---

<sup>367</sup> TAPAJÓS, A.; CASTRO, F. de. Indígenas alertam sobre os graves impactos do garimpo em seus territórios. **World Wide Fund for Nature** - WWF, [s. l.], 26 abr. 2023. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?85520/Indigenas-alertam-sobre-os-graves-impactos-do-garimpo-em-seus-territorios>. Acesso em: 11 dez. 2024.

<sup>368</sup> TAPAJÓS, A.; CASTRO, F. de. Indígenas alertam sobre os graves impactos do garimpo em seus territórios. **World Wide Fund for Nature** - WWF, [s. l.], 26 abr. 2023. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?85520/Indigenas-alertam-sobre-os-graves-impactos-do-garimpo-em-seus-territorios>. Acesso em: 11 dez. 2024.

<sup>369</sup> Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB).

<sup>370</sup> TAPAJÓS, A.; CASTRO, F. de. Indígenas alertam sobre os graves impactos do garimpo em seus territórios. **World Wide Fund for Nature** - WWF, [s. l.], 26 abr. 2023. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?85520/Indigenas-alertam-sobre-os-graves-impactos-do-garimpo-em-seus-territorios>. Acesso em: 11 dez. 2024.

dentre as cifras das músicas populares, porém castra seu voo, condenando-o à marcha que cadencia a ignorância.

Nesse giro, no Brasil, inspirados num modelo ao estilo Thiago Nigro, resta aos homens aspirarem à riqueza para “aposentarem seus filhos aos 18 anos”<sup>371</sup> e às mulheres definharem em vida nas amarras da ideologia cristã — também difundida pela grande indústria gospel, porque são muitas as que renunciam ao caminho anárquico em que a subversão ética possibilitaria felicidade, para viver a maldição herdada por suas antecessoras: a profecia de uma vida linear.

Sendo assim, não raro, as conservadoras reprimem os próprios desejos e, conseqüentemente, a vontade de potência. A vida passa pelos seus olhos e, como covardes, abanam elegantemente com um garfo tridente no peito, cujas pontas estão para um deus com pátria mais família! Disso advém uma infelicidade crônica que potencializa o ódio aos que se assumem num viver apesar das dores, sobretudo deliciando-se porque verdadeiramente são o que são.<sup>372</sup>

Às minorias que nesse quadrado se amoldam resta o desejo de trincarem as próprias cascas e acolherem-se na mesma ninhada, porque, oprimidas, fazem do coração um ninho para os ovos do opressor. O movimento Gays por Bolsonaro, inspirado na onda de “*Gays for Trump*”, por exemplo, ilustra o sadomasoquismo que o desconhecimento da história e da seriedade das próprias causas é capaz de gerar. Ao aderirem às pautas que relativizam a luta LGBTQIAP+, o racismo, o feminismo e as questões sensíveis às minorias invisibilizadas, esses perfis fixados na autoridade nos põe a questionar junto a Adorno: diante da falta de respeito à diversidade, “o que é que as pessoas querem?”<sup>373</sup>.

O furor conservador dessa militância fascista não reside em fortalecer a própria bandeira, mas, na pulsão, em perfurar uma bolha da qual sonham em pertencer. Sendo assim, com pouca força, hasteiam a bandeira “deles”, quando, em verdade, ignoram o “nós”. Logo, não se trata de uma causa social, mas de uma ânsia de inclusão à burguesia que idolatra o ouro e despreza a diferença desse mesmo Outro que deseja ser igual. Entretanto, isso não ocorre às claras, pois, se da *diferença* advir utilidade, eis o engajamento que elege na política de palanque.

<sup>371</sup> PRIMO rico revela investimento milionário para aposentar filho com Maíra Cardi antes dos 18 anos. **ISTOÉ**, [s. l.], 05 dez. 2024. Disponível em: <https://istoe.com.br/primo-rico-revela-investimento-milionario-para-aposentar-filho-com-maira-cardi-antes-dos-18-anos/>. Acesso em: 11 dez. 2024.

<sup>372</sup> “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...” (CAETANO Veloso - Dom De Iludir. [S. l.: s. n.], 27 ago. 2012. 1 vídeo (4:33 min.). Publicado pelo canal Caetano Veloso. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bTh8J6Yo-xM&t=1s>. Acesso em: 12 dez. 2024).

<sup>373</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 119.

Um PIX<sup>374</sup>, infelizmente, não os levaria a repensar seus posicionamentos ideológicos e políticos, porque seus pecados não se limitam à avareza, mas às possibilidades de luxúria típicas desses chiqueiros. Também significa dizer que sonham em chafurdar nas pérolas, pois, na ausência de consciência crítica, o sonho do oprimido é ser opressor.<sup>375</sup>

Toda essa dinâmica exposta, porém, ocorre impulsionada pelas engrenagens da indústria cultural. No que tange aos conteúdos intuídos a influenciar as ideologias aderidas pelos espectadores, Adorno entende que não passam de negócios, visto que eles os utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem.<sup>376</sup> Desse lixo, a música popular brasileira tem um papel significativo a serviço da extrema-direita no Brasil, levando em consideração que “a indústria cultural não só manipula o desejo, através da publicidade, mas o cria ao impor ao indivíduo ‘necessidades retroativas’”<sup>377</sup>. Assim, ele volta a própria libido à conquista daquilo que em sua bolha inexistia, porque é induzido a desejar.

Ela produz um sistema de socialização, do qual resultam impactos políticos significativos. Adorno e Horkheimer estavam preocupados justamente com os desdobramentos políticos do processo de monopolização e mercantilização não só da cultura, mas também da produção da cultura como mercadoria pré-fabricada.<sup>378</sup>

Nessa pré-fabricação cultural, como já mencionado, o gênero musical sertanejo tem o condão de induzir seus ouvintes a pautas reacionárias, como o armamento civil, o saudosismo a um passado ideal e a sofrência que inclina a clientela a preocupar-se tão somente com o (des)amor — como um único projeto de vida. Isso acarreta no entretenimento que os distrai das possibilidades reflexivas e emancipatórias do saber. A própria verdade torna-se para a propaganda um simples meio de conquistar adeptos para sua causa, pois a deturpa ao colocá-la em suas bocas.<sup>379</sup> Disso aparecem todas as questões relacionadas à estereotipia, dos padrões repetitivos, e, por fim, às suas implicações políticas.

---

<sup>374</sup> Pagamento instantâneo brasileiro (PIX).

<sup>375</sup> Conforme Paulo Freire aborda ao longo da sua obra, “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor” (FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987).

<sup>376</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 100.

<sup>377</sup> ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 114 *apud* TORRE, B. D. Adorno, leitor de Marx. **Sociol. Antropol.**, Rio de Janeiro, v. 09, n. 02, maio/ago. 2019, p. 526. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/RcvsCTz9ZpjRGv67jNSvDsJ/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

<sup>378</sup> TORRE, B. D. Indústria cultural por Bruna Della Torre. **Instituto Norberto Bobbio - INB**, São Paulo, 11 abr. 2023. Disponível em: <https://inb.org.br/industria-cultural-por-bruna-della-torre/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

<sup>379</sup> “A própria verdade torna-se para ela um simples meio de conquistar adeptos para sua causa, ela já a falsifica quando a coloca em sua boca” (ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 209).

No Brasil, valendo-se de uma versão tecnológica mais avançada, a indústria atingiu maior potencial propagandístico, o que resulta em pessoas afetadas pelas ideologias conservadoras da extrema-direita brasileira. Todavia, o veneno é levado à boca pelas mãos das próprias vítimas:

[...] concorre para o sucesso desse novo radicalismo de direita o fato de que a indústria cultural, em sua versão digital, continua a se apresentar como “autoridade desinteressada”. Seu caráter econômico se esconde por trás da gratuidade de seus produtos e se torna ainda mais nebuloso pelo fato de que somos nós que produzimos e compartilhamos grande parte dos conteúdos que as alimentam. Como “autoridade desinteressada”, ela não só se apresenta como algo que “paira” acima dos partidos, como torna-se o veículo ideal para uma direita que visa aparecer como alternativa à velha política. O lema bolsonarista “meu partido é o Brasil” visa justamente ultrapassar qualquer sectarismo partidário. Dispensando o partido ou tornando-o secundário, a direita recorre a essa forma acima de qualquer suspeita: as redes sociais.<sup>380</sup>

No compasso do *like* e *dislike*, o fascismo digital<sup>381</sup> performado pela indústria cultural digital assume um papel de desinteresse, porque são os usuários que tomam partidos “livremente”. Sobretudo, tais iniciativas são motivadas por corações viciados nessa dinâmica, pois “o efeito de *lock-in* ligado à monopolização dessas redes e ao risco do vício (comparável ao do açúcar e do tabaco), a manipulação das emoções por meio da propaganda direcionada, a lógica do “cancelamento”, da “lacração” e do “tribalismo””, entre outras, forneceram o modelo da sociabilidade virtual e das formas de socialização a ela conectadas.<sup>382</sup>

Dessa maneira, os próprios indivíduos — os quais estendem o seu horário de trabalho durante o próprio descanso — labutam em favor do capitalismo que alicerça as grandes indústrias e, no mesmo ritmo, laboram enquanto as consomem. Em tela, a todo o momento, fartam-se com recortes políticos, *fake news* e anseiam por novos objetos de desejo para consumo. A ciência dessa lógica possibilita maior senso crítico em relação aos portais que eles

<sup>380</sup> TORRE, B. D. A nova “organização”: Adorno, indústria cultural (digital) e a extrema-direita hoje (2 notícias). **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo** - FAPESP, São Paulo, 24 jun. 2021. Disponível em: <https://namidia.fapesp.br/a-nova-organizacao-adorno-industria-cultural-digital-e-a-extrema-direita-hoje/327571>. Acesso em: 12 dez. 2024.

<sup>381</sup> “Maik Fielitz e Holger Marcks descreveram a gramática da propagação de ideias da extrema-direita contemporânea, constituinte do que denominam fascismo digital: uma variação do fascismo que não precisa de partidos, pois utiliza a estrutura do mundo digital para sua dinâmica. Segundo os autores, a internet tornou-se um território usado pela extrema-direita para minar as sociedades democráticas, usando uma concepção ampliada de liberdade de expressão” (CAPUTO, U. de. N.; ARAGUSUKU, H. A. Donald Trump e o fascismo: uma análise inspirada na teoria crítica. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 35, 2024, p. 6. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psusp/a/XS6wYMCPVm9yRzQH8RxG5CN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 dez. 2024).

<sup>382</sup> LANIER, 2018, p. 142 *apud* TORRE, B. D. A nova “organização”: Adorno, indústria cultural (digital) e a extrema-direita hoje (2 notícias). **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo** - FAPESP, São Paulo, 24 jun. 2021. Disponível em: <https://namidia.fapesp.br/a-nova-organizacao-adorno-industria-cultural-digital-e-a-extrema-direita-hoje/327571>. Acesso em: 12 dez. 2024.

adentram, entretanto, apaixonados pelo sonambulismo que aquieta a mente e conduz a alma, deixam-se conduzir pelos algoritmos que os reificam.

Contudo, o fenômeno das *fake news* no Brasil difundiu com êxito a causa da extrema-direita — a falsa política e os seus verdadeiros mentirosos —, sendo possibilitado e potencializado pelo que Marcia Tiburi chamou de prótese do pensamento:

A racionalidade neoliberal gerou também o fenômeno de pessoas livres do peso de terem que pensar (em certo sentido, a-sujeitos), na medida em que suas ações são direcionadas por modificações do meio, pela manipulação das informações, pela propaganda, pela indústria cultural e, hoje, pelos mandamentos produzidos pelas “telas” (televisões, *smartphones*, computadores ligados à rede etc.), que funcionam como “prótese do pensamento”<sup>383</sup> adequado ao mercado. Essas pessoas, livres do peso de pensar e despidas de valores como a solidariedade, tornam-se o alvo preferencial da propaganda bolsonarista.<sup>384</sup>

Às massas a propaganda é entregue pelo *boeing* da grande indústria, porém, de forma cíclica, o refinamento da manipulação se dá à medida que o fascismo está para a indústria *desinteressada*, a qual está para as massas — as quais fortalecem e eternizam o fascismo. O diferencial nessa dinâmica é que indústria lucra e canaliza os afetos; já às massas resta curvarem-se em investimento a essa canalização sombria que patrocina as cobras e, ainda, potencializa seus venenos.

Contudo, o público à direita na política brasileira fez da verdade dissimulada um culto em adoração às suas fontes. Nem sequer relativizavam-na, aderindo a todas as inverdades que fabricavam consensos. Essas manifestações foram precedidas de processos de subjetivação que recorreram à propaganda, em especial, nas redes sociais, a partir de técnicas que derivam do estudo da psicologia das massas.<sup>385</sup>

Ontem (1933), perante esses mecanismos manipulatórios, a linguagem era formulada por Goebbels — ministro da propaganda nazista —, via *Volksempfänger*, que, em alemão, significa “rádio do povo”<sup>386</sup>. Uma propaganda da época mostrava um dos comícios de Nuremberg, com uma multidão em volta de um rádio, e o *slogan*: “A Alemanha inteira ouve o *Führer* com o *Volksempfänger*”<sup>387</sup>.

<sup>383</sup> TIBURI, 2011 *apud* CASARA, R. R. R. **Bolsonaro**: o mito e o sintoma. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020, p. 42.

<sup>384</sup> CASARA, R. R. R. **Bolsonaro**: o mito e o sintoma. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020, p. 42.

<sup>385</sup> CASARA, R. R. R. **Bolsonaro**: o mito e o sintoma. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020, p. 44.

<sup>386</sup> MELLO, P. C. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre fake News e violência digital. [S. l.]: Companhia das Letras, 2020, p. 16, *e-book*. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7938513/mod\\_resource/content/1/MELLO%20A%20Máquina%20do%20Ódio%20EDITADO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7938513/mod_resource/content/1/MELLO%20A%20Máquina%20do%20Ódio%20EDITADO.pdf). Acesso em: 20 dez. 2024.

<sup>387</sup> MELLO, P. C. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre fake News e violência digital. [S. l.]: Companhia das Letras, 2020, p. 16, *e-book*. Disponível em:

À época, as técnicas radiofônicas eram as principais pontes de ligação entre povo e Hitler. Os ânimos populares oscilavam entre os clássicos cantos líricos e o grito da suástica, que rompia em grave acústico ditando o cálculo da adoração.

Hoje, andar pelas pontes comunicacionais é o mesmo que andarilhar pela *Times Square*, praça de Nova Iorque, porque, incandescentes, reluzem e, logo, tendem a saltar aos olhos as passarelas dos maiores investimentos propagandísticos. Assim, “absorvemos suas urgências ao preço da demência de todos”<sup>388</sup>, tendo em vista que a propaganda não só entretém, como também enaltece e destrói imagens, desperta no indivíduo o desejo consumerista, aproxima e repele corpos, manipula afetos e fomenta o ódio, o amor líquido e, sobretudo, fugaz.

A propaganda é um fantoche que aboba o público pelas mãos da indústria cultural, mas não se contenta adstrita ao enceno do seu recorte artístico, saltando no colo do indivíduo para usurpar seu corpo. Violenta-o *sexualmente* porque é certa ao acariciar — sem pudor — sua libido. Isso leva o oprimido a desejar a opressão, sem perceber, no entanto, o bombear descompassado do próprio coração. A indústria cultural vale-se da força propagandista para beijar espíritos, apalpar mentes e copular corações, que, sem potência, seguirão pulsando, marcando passos em controle ideológico. Sendo assim, a massa (sobre)vive numa dinâmica abusiva ao se deixar *amar*, porque, distraída, goza da cegueira ao prostrar-se em consentimento viciado.

Dos ultrapassados rádios aos modernos meios de comunicação, o ponto crítico em comento é um: o *material* que há no aviãozinho. Na época, mesmo que limitado o potencial de alcance e difusão, dentre a poesia envolta nas canções, aos rádios coube o triunfo de meio ao anunciarem a derrota do nazismo. Eis o seu legado! O problema, aliás, não reside nos meios de comunicação em si, mas no fim a eles dado: dentre as pontes comunicacionais, há possibilidades de democratização do conhecimento e, ao mesmo tempo, disseminação da barbárie, por exemplo.

Sobretudo, num ontem pouco distante, Hitler cedeu para a morte, do mesmo modo que num hoje, envolvido em excessiva realidade, Bolsonaro cedeu para a democracia brasileira. Mas, ainda não há se falar na derrota do fascismo brasileiro — se é que, um dia, será verdadeiramente vencido, porque, em bravura cínica, seus adeptos seguem em produção

---

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7938513/mod\\_resource/content/1/MELLO%20A%20Máquina%20do%20Ódio%20EDITADO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7938513/mod_resource/content/1/MELLO%20A%20Máquina%20do%20Ódio%20EDITADO.pdf). Acesso em: 20 nov. 2024.

<sup>388</sup> AMARAL, A. J. do. Neoliberalismo, contrarrevolução e pós-fascismo no Brasil. **(Des)troços**: revista de pensamento radical, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, jan./jun. 2023, p. 10. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadestrococos/article/view/46400>. Acesso em: 12 dez. 2024.

vergonhosa de materiais antidemocráticos. Atualmente, por meio das redes sociais, como explica a jornalista Patrícia Mello:

Entre 1933 e 1939, estima-se que tenham sido produzidos 7 milhões de *Volksempfänger* para uma população de cerca de 70 milhões. Segundo o historiador Eric Rentschler, em 1941, 65% dos lares na Alemanha tinham um *Volksempfänger*. No Brasil de hoje, com 210 milhões de habitantes, há, segundo estimativa oficial de 2017, a única disponível, mais de 120 milhões de usuários de *WhatsApp*. Na realidade, a cifra deve estar mais próxima de 136 milhões, ou seja: mais de 60% dos brasileiros se servem do aplicativo de troca de mensagens.<sup>389</sup>

Contudo, se ontem a performance autoritária ocorria por intermédio do *fluir* (des)ambicionado dos rádios, hoje foi substituída pela voz universal da *internet*, a qual sofisticou o uivo das sirenes que anunciam a balburdia fascista. No que tange às contradições em torno do rádio, Adorno alerta que, por não condicionar a imposição de tarifas para expor-se, assumia, sobretudo, um papel de indiferença (à medida que parecia não se importar com a própria demanda, visto que, além de não pedir nada em troca, fornecia conteúdos às massas gratuitamente). Assim, agia ocultando o seu verdadeiro papel social:

Deste modo, ele assume a forma de uma autoridade desinteressada, acima dos partidos, que é como que talhada sob medida para o fascismo. O rádio torna-se aí a voz universal do *Führer*; nos alto-falantes de rua, sua voz se transforma no uivo das sirenes anunciando o pânico, das quais, aliás, a propaganda moderna é difícil de se distinguir.<sup>390</sup>

Tradicionalmente, regimes autoritários tentam controlar o fluxo de informação<sup>391</sup>, e a propaganda constitui sua arma principal.<sup>392</sup> Nesse giro, indo ao encontro da crítica feita por Adorno em relação à propaganda de sua época, as *fake news*, atualmente, emergem como a histeria difundida pela propaganda, de modo que a modernização dos meios possibilitou novas roupagens a essa autoridade que de desinteressada não tem nada.

<sup>389</sup> MELLO, P. C. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre fake News e violência digital. [S. l.]: Companhia das Letras, 2020, p. 16-17, *e-book*. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7938513/mod\\_resource/content/1/MELLO%20A%20Máquina%20do%20Ódio%20EDITADO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7938513/mod_resource/content/1/MELLO%20A%20Máquina%20do%20Ódio%20EDITADO.pdf). Acesso em: 20 dez. 2024.

<sup>390</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 132.

<sup>391</sup> MELLO, P. C. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre fake News e violência digital. [S. l.]: Companhia das Letras, 2020, p. 17, *e-book*. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7938513/mod\\_resource/content/1/MELLO%20A%20Máquina%20do%20Ódio%20EDITADO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7938513/mod_resource/content/1/MELLO%20A%20Máquina%20do%20Ódio%20EDITADO.pdf). Acesso em: 20 dez. 2024.

<sup>392</sup> GUÉRIN, D. **Fascismo e grande capital**. Trad. Lara Christina de Malimpensa. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021, p. 82.

Sobretudo, no Brasil, cita-se a modernidade dos *meios de convencimento* das massas com base na deturpação da verdade. Isso porque a Ação Integralista Brasileira (AIB), entre os anos de 1932 e 1937, aderiu à *moda* fascista, à época, lançando-a no país:

Liderado pelo jornalista e escritor Plínio Salgado, o movimento chegou a reunir em suas fileiras, entre aderentes, militantes e simpatizantes, cerca de um milhão de pessoas, o que faz a AIB ser considerada o primeiro movimento de massa no Brasil. A caracterização do integralismo como “fascismo brasileiro”, sendo inclusive o único na América Latina, é hoje aceita pela grande maioria dos autores nacionais como também por importantes especialistas internacionais que analisam o fascismo em perspectiva comparada<sup>393, 394</sup>.

Nesse tempo, a imprensa era uma das armas mais fortes na propaganda<sup>395</sup>, assumindo um verdadeiro aparelho reprodutor<sup>396</sup> de ideologias. Valendo-se dessa possibilidade, Plínio Salgado, como um bom visionário fascista, inspirado em Mussolini<sup>397</sup>, buscou angariar seguidores à causa integralista/fascista. Assim, lançou as bases ideológicas do integralismo a partir de uma missão doutrinária de imprensa no jornal *A Acção*:

<sup>393</sup> “Trindade (no prelo) cita os estudos comparativos de LINZ (1976); MILZA (1985); PAYNE (A995); LARSEN (2001); CAMPI (2003)” (LEAL, C. de. S. **Imprensa Integralista (1932-1937)**: propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30. Orientador: Helgio Henrique Casses Trindade. 2006. Monografia (Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p. 13. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/19101>. Acesso em: 12 dez. 2024).

<sup>394</sup> LEAL, C. de. S. **Imprensa Integralista (1932-1937)**: propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30. Orientador: Helgio Henrique Casses Trindade. 2006. Monografia (Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p. 12-13. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/19101>. Acesso em: 12 dez. 2024.

<sup>395</sup> “Isso não exclui a utilização de outros suportes. Ainda que em menor porte, os integralistas utilizavam-se também de transmissões radiofônicas e contavam com um grupo de produção de filmes propagandísticos exibidos em sessões partidárias, o Sigma-Film” (LEAL, C. de. S. **Imprensa Integralista (1932-1937)**: propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30. Orientador: Helgio Henrique Casses Trindade. 2006. Monografia (Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p. 26. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/19101>. Acesso em: 12 dez. 2024).

<sup>396</sup> “Foi durante o Estado Novo (1937-1945), que se iniciaram os meios de comunicação por parte do governo, especialmente após a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1939, mas, desde 1937, a imprensa passava a atuar atrelada ao Estado” (LEAL, C. de. S. **Imprensa Integralista (1932-1937)**: propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30. Orientador: Helgio Henrique Casses Trindade. 2006. Monografia (Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p. 39. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/19101>. Acesso em: 12 dez. 2024).

<sup>397</sup> “Em 1930, o então jornalista Plínio Salgado viajou à Itália, de onde ele volta bastante impressionado após uma entrevista com Benito Mussolini, [...] o que o impactou sobre suas atividades políticas de líder do primeiro partido nacional de massa no Brasil” (LEAL, C. de. S. **Imprensa Integralista (1932-1937)**: propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30. Orientador: Helgio Henrique Casses Trindade. 2006. Monografia (Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p. 15-42. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/19101>. Acesso em: 12 dez. 2024).

Se no meio de milhões de homens surdos e cegos, houver um só que escute e que enxergue, e se esse único homem ouvir a palavra teimosa, insistente e tenaz, que seja esse o prêmio ambicionado para todo o esforço que pareça inútil e para gesto isolado que se julgou perdido. É que a semente caiu na terra fecunda e já agora não haverá forças em contrário que evitem a sua germinação. Esse homem que escutou e compreendeu transmitirá para diante a palavra ouvida e ela será como um rastilho que prosseguirá irrevogavelmente para fazer explodir um dia a dinamite que deverá extinguir o imenso formigueiro dos erros e dos dolos que estão solapando o organismo do país. E uma nova era de viva consciência nacional deverá chegar, assinalando o advento de uma nova geração realizadora e forte. É para essa geração que a imprensa deverá falar.<sup>398</sup>

Nas entrelinhas dessa mensagem, é possível verificar as nuances da esperança fascista desse pequeno grande homem. Uma esperança, porém, de tocar o espírito das massas por meio da repetição destinada a um homem inexistente, visto que, “se o discurso ainda pode se dirigir a alguém hoje, não é nem às massas, nem ao indivíduo, que é impotente, mas antes a uma testemunha imaginária”<sup>399</sup>. Dessa forma, “a convergência entre esses homens que sonham em ser o *Führer* e seus potenciais seguidores descansa no sentido oculto que, através da repetição incessante, é martelado na cabeça desses últimos”<sup>400</sup>. Assim, é na insistência da palavra que reside a possibilidade do porvir triunfal do líder fascista, porque ele acredita no potencial de adesão à ignorância de seus adeptos — mesmo que imaginários.

Plínio creditava fé no compartilhamento de seus ideais, por isso apelava aos afetos de seus leitores. Tão ardiloso quanto Mussolini e Hitler, ele sabia que a propaganda tinha que se ajustar aos mais estúpidos entre aqueles a quem ela se dirigia, tendo em vista que ela não deveria ser racional, e sim emocional.<sup>401</sup> Sobretudo, com o que Plínio não contava era que houvesse alguém mais autoritário que ele e, por fim, fadasse o seu nome ao antro das galinhas-verdes da história<sup>402</sup>, as quais sucumbiram ao próprio mal que incitavam. Sendo assim, foram extintos

<sup>398</sup> SALGADO, 1936 *apud* LEAL, C. de. S. **Imprensa Integralista (1932-1937)**: propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30. Orientador: Helgio Henrique Casses Trindade. 2006. Monografia (Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p. 44. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/19101>. Acesso em: 12 dez. 2024.

<sup>399</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 210.

<sup>400</sup> ADORNO, T. W. **Liderança democrática e manipulação de massas [1951]**. Trad. Francisco Rudiger Reproduzido de *Gesammelte Schriften*, v. 20. T. I. [Soziologische Schriften] Frankfurt: Surhkamp Verlag, 1986, p. 267-286. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Theodor\\_Adorno\\_-\\_Lideranca\\_democratica\\_e\\_manipulacao\\_de\\_massas.htm](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Theodor_Adorno_-_Lideranca_democratica_e_manipulacao_de_massas.htm). Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>401</sup> ADORNO, T. W. **Liderança democrática e manipulação de massas [1951]**. Trad. Francisco Rudiger Reproduzido de *Gesammelte Schriften*, v. 20. T. I. [Soziologische Schriften] Frankfurt: Surhkamp Verlag, 1986, p. 267-286. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Theodor\\_Adorno\\_-\\_Lideranca\\_democratica\\_e\\_manipulacao\\_de\\_massas.htm](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Theodor_Adorno_-_Lideranca_democratica_e_manipulacao_de_massas.htm). Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>402</sup> “O integralismo brasileiro se humilhou no primeiro evento de grande porte que produziu, pois ao tentar demonstrar força, foi apelidado pelo mundo de galinhas-verdes. Isso porque Anarquistas, sindicalistas, trotskistas e comunistas, unidos na Frente Única Antifascista, entram em confronto com integralistas nas imediações da praça da Sé, no centro de São Paulo” (PRAÇA da sé tem voo de 'galinhas-verdes'. **Memorial da**

junto aos demais partidos políticos em 1937, em função do golpe por meio do qual Getúlio Vargas investiu a ditadura do Estado Novo.<sup>403</sup>

Por fim, do mesmo modo que havia nos Estados Unidos de 1940 e no mundo afora contemporâneo, há, contudo, um espectro fascista incrustado no território brasileiro. Os fantasmas da regressão vagam após a queda dos *boeings* pilotados pelos *Führer* da história. Sobretudo, a partir do voo aproximativo que intentamos, é possível concluir que os três pilares centrais à manutenção do fascismo eterno, de acordo com a *Torre de tráfego aéreo* do filósofo Theodor Adorno, são: a indústria, o Estado e a propaganda.<sup>404</sup>

Atenta aos interesses políticos do Estado, a indústria cultural lança aos céus a propaganda, a qual faz da linguagem um instrumento, uma alavanca, uma máquina, que fixa o modo de ser dos seres humanos, colocando-os num movimento que engendra a injustiça social.<sup>405</sup> Eles dependem dela, e ela, sem piedade, usurpa dos seus afetos.

Intuída à mobilização social por meio de repetição propagandística, a indústria cultural dá vazão ao fascismo para além das raízes do solo brasileiro, pois possibilita sua corporificação pelas telas da contemporaneidade. Assim, faz morada nos lares brasileiros, inclusive nos daqueles que buscam resistir a ele. Isso porque nos observa quando o encaramos diante dos dispositivos eletrônicos e, ainda, quando simplesmente sentimos sua energia fúnebre. Sobretudo, dele não adianta tentar fugir, porque se alimenta do medo que silencia e paralisa. Nesse sentido, em recado à resistência, Adorno lega esta mensagem:

Bom, minhas senhoras e meus senhores, eu repito que estou consciente de que o radicalismo de direita não é um problema psicológico e ideológico, mas um problema muitíssimo real e político. Mas aquilo que é objetivamente falso, não verdadeiro de sua própria substância, o força a operar com meios ideológicos, isto é, nesse caso, com meios propagandísticos. E por isso, além da luta política e dos meios puramente políticos, ele deve ser enfrentado no seu próprio terreno. // Mas não se trata de colocar mentira contra mentira, de tentar ser tão esperto quanto eles, mas de realmente contrapor-se a eles com uma força decisiva da razão, com a verdade realmente não

---

**Democracia**, [s. l.], 07 out. 1934. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/card/revoada-das-galinhas-verdes>. Acesso em: 17 dez. 2024).

<sup>403</sup> LEAL, C. de. S. **Imprensa Integralista (1932-1937)**: propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30. Orientador: Helgio Henrique Casses Trindade. 2006. Monografia (Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p. 8. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/19101>. Acesso em: 12 dez. 2024.

<sup>404</sup> ADORNO, T. W. **Mínima Moralía**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 43, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30 nov. 2024.

<sup>405</sup> “A propaganda faz da linguagem um instrumento, uma alavanca, uma máquina. A propaganda fixa o modo de ser dos homens tais como eles se tornam sob a injustiça social, na medida em que ela os coloca em movimento. Ela conta com o fato de que se pode contar com eles” (ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 209).

ideológica.[...] Como essas coisas vão evoluir e a responsabilidade sobre como elas vão evoluir – isso depende, em última instância, de nós.<sup>406</sup>

Por fim, Adorno encoraja a militância antifascista ao lembrar que a luta deve ser travada no terreno deles, o que significa dizer que temer, silenciar e recuar não deve ser uma opção. No entanto, pelos olhares dos seus, o fascismo fuzila a *vontade de potência* existente naqueles que o observam com altivez, mas essa vontade, porém, deve ser reconstruída diariamente, assim como o brilho dos vaga-lumes, os quais se opõem ao desespero em dança viva que se efetua justamente no meio das trevas.<sup>407</sup>

Contudo, o ontem historicamente vencido está para o hoje em constante levante e alerta, porque o fascismo está vivo entre o abismo que distingue os vencedores dos vencidos. As súplicas destes por amor à humanidade ecoam e atravessam os corações militantes, remetendo-os à urgência de manter vivas suas memórias.

Eis, por fim, o ato de imperar a força incandescente à esperança política...

Eis, por fim, o porvir do último capítulo deste trabalho, o qual abordará a *constelação antifascista* que reluz no coração de quem resiste. Apesar de tudo. Apesar de todos!

---

<sup>406</sup> ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 76-77.

<sup>407</sup> “Mas é preciso se opor a esse desespero ‘esclarecido’ o fato de que a dança viva dos vaga-lumes se efetua justamente no meio das trevas. E que nada mais é do que uma *dança do desejo formando comunidade*” (DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 55).

#### 4 POR AMOR À RESISTÊNCIA: A EDUCAÇÃO COMO MOVIMENTO EMANCIPATÓRIO

[...] A juventude, desculpem-nos a expressão, estava em tempo de muda. Todos se transformavam, mesmo sem notar, pelo próprio movimento do tempo. Os ponteiros que avançam no relógio avançam também nas almas. Cada uma dava adiante o passo que devia dar. [...] Bahorel era alguém de bom humor e de má companhia, intrépido, esbanjador, pródigo a partir da generosidade, tagarela a partir da eloquência, atrevido a partir da petulância; era um diabo da melhor espécie. Usava coletes ousados e ostentava opiniões vermelhas. Criava tumulto em grande estilo, ou seja, gostava de uma briga, mais ainda de uma revolta e ainda mais de uma revolução, sempre disposto a quebrar um vidro, a descalçar uma rua, a demolir um governo, para ver no que dava; estudante profissional. Farejava o direito, mas não o seguia. A sua divisa era: *advogado* nunca; e o seu brasão uma mesa de cabeceira, na qual se via um gorro de dormir. Todas as vezes que passava diante da Escola de Direito, o que raras vezes lhe sucedia, abotoava a sobrecasaca (o paletó não fora ainda inventado) e tomava precauções higiênicas. Dizia do portão da Escola: “Que venerado ancião!” E do reitor, o sr. Delvincourt: “Que monumento!” Via nas aulas apenas temas para canções e nos professores modelos para caricaturas. [...] Flanava. Errar é humano [...] No fundo, mais do que parecia, tinha espírito penetrante e pensativo.<sup>408</sup>

Victor Hugo herdou ao tempo a lembrança da fugacidade do tempo. Este nos escapa, porém, não sem nos modificar, pois “os ponteiros que avançam no relógio avançam também nas almas”<sup>409</sup>, como descreveu acima, fazendo, portanto, alusão à maturação dos corações revolucionários do seu tempo. Membro do ABC<sup>410</sup>, Bahorel ilustra o anárquico de ontem. Um legítimo cidadão em conflito com a lei, a qual buscava, com pouco ânimo, compreender. Porque se constitui num espírito penetrante e pensativo, figura a força que, sem medo, resiste ao poder. Hoje, seria odiado por eles (os potenciais fascistas); logo, amado por nós.

O que tinha em si, mais do que parecia, a muitos sucede. No entanto, tampouco aparentam, visto que as molduras sociais tendem a reprimir os “diabos de melhor espécie”, como elogiou Victor Hugo. Considerado má companhia, tumultuava a ordem imposta ao quebrar janelas e, sobretudo, ao pôr-se sob a cabeceira que testemunhava suas angústias e sua causa.

Bahorel... um brigão petulante que, sem pestanejar, se aprumava de súbito diante da torre de marfim — ciente da pomposidade adstrita ao Direito já naquela época, fazendo o que

<sup>408</sup> HUGO, V. **Os miseráveis**. Trad. Casimiro L. M. Fernandes. Trad. revista Jorge Bastos Cruz. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020, p. 84-91.

<sup>409</sup> HUGO, V. **Os miseráveis**. Trad. Casimiro L. M. Fernandes. Trad. revista Jorge Bastos Cruz. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020, p. 84-91.

<sup>410</sup> Vitor Hugo explica que se trata de uma Sociedade secreta em estado embrionário, dos Amigos do ABC, a qual tinha por finalidade aparente educar crianças, mas, em verdade, se dirigia aos operários e estudantes. HUGO, V. **Os miseráveis**. Trad. Casimiro L. M. Fernandes. Trad. revista Jorge Bastos Cruz. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020, p. 84-85.

hoje chamamos de “ajustar a gravatinha”. Eis as formalidades que, não raro, resultam na justa medida dos operadores, porque, fadados à disciplina dos cálculos, pensam pouco para além do resultado.

Na passagem anterior, Victor Hugo destaca as nuances da violência convertida em revolta ao mencionar que, em grande estilo, Bahorel gostava de demolir um governo como ato de sua revolução. Nesse sentido, são duas as faces da violência, pois, ao passo que faz da barbárie uma potência destrutiva, também possibilita fissurar os pressupostos que a sustentam, subvertendo, assim, a ordem que lhe é imposta.

Sobretudo, empregando esforços junto aos Bahoreis de nosso tempo, será nessa subversão que este capítulo se encaminhará. Por amor às possibilidades de resistência ética, a título de conclusão, teremos por alvo acertar o coração do fascismo. Isso será feito a partir dos conselhos adornianos, os quais apontarão os áridos caminhos para seguirmos enérgicos nessa luta.

Para avançarmos, a pergunta basilar que devemos emergir é esta: o que é resistência? Resposta à qual se dará ao longo de todo o percurso deste capítulo. E, ainda, haverá sugestão de *morte* pelo caminho, como resposta a esta questão: *o que* devemos *matar* em nós mesmos para, ao fim, nos posicionarmos ao lado certo da história? No sentido deste trabalho, a que renunciamos para ombrear os vencidos, oprimidos e humilhados?

Contudo, sujeitamo-nos a alcançar os lenços que enxugariam as lágrimas e estancariam o sangue dos que sucumbiram ao fascismo, a partir da canalização das nossas energias pretensiosamente revolucionárias nas entrelinhas deste escrito.

Sendo assim, disposto a alcançar o lenço, Adorno entende que resistir é sinônimo de empregar energias capazes de fazer frente à superação da barbárie, levando em consideração a primeira exigência de todas: que Auschwitz não se repita:<sup>411</sup>

Eu começaria dizendo algo terrivelmente simples: que a tentativa de superar a barbárie é decisiva para a sobrevivência da humanidade<sup>412</sup>. [...] portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a

---

<sup>411</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 119. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

<sup>412</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 156. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

contradição e para a resistência<sup>413</sup>. [...] Eu diria que hoje o indivíduo só sobrevive enquanto **núcleo impulsionador** da resistência.<sup>414</sup>

Isso mostra que, antes mesmo de resistir, obviamente, o ser humano precisa *sobreviver* — o que já configura um modo de resistir, mas a exigência daquele (resistir) pressupõe a existência deste (sobreviver). Todavia, a superação *do que* sujeita a sua humanidade à mera (sobre)vivência é urgente.

Mesmo diante da *grandeza existencial* possibilitada pelo fato de *estar e ser aqui e agora*, quantas pessoas apenas sobrevivem sem, por fim, *viver*? Plena existência não é sinônimo de vivência plena, porque muitos se contentam, lambeando a vida em superfície, sem dar-se conta, porém, da riqueza de seu tutano. No entanto, para dispor-se a uma vida com propósito existencial, o despertar da consciência também é urgente.

No que tange às urgências mencionadas, Adorno nos adverte: o fantasma que ontem assombrou Auschwitz não pode voltar hoje, tendo em vista que ele foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação.<sup>415</sup> Para isso, a meta educacional deve ser um enfrentamento a partir da resistência para que esse fantasma não ressurgja.

Em que pesem tais aporias, Adorno lamenta ao perceber que “a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstrosidade não calou fundo nas pessoas”<sup>416</sup>. Logo, é na ausência da razão esclarecida que reside a persistência do assombro, o qual possibilita o ressurgimento da barbárie.

Diante desse cenário, mostrar às massas as marcas entranhadas nos lenços da história, os quais cheiram a fumaça humana, é insuficiente para conscientizá-las desse assombro, pois elas próprias originam e fortalecem progressivamente o que é anticivilizatório.<sup>417</sup> Dessa

<sup>413</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 183. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

<sup>414</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 154, grifo nosso. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

<sup>415</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 119. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

<sup>416</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 119. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

<sup>417</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 119. Disponível em:

maneira, felizes porque de antolhos, as massas só conquistarão a liberdade nos matadouros que cultuam e idolatram, ao passo que a inocência das massas subjazem sua culpa: dóceis e inconscientes, ocultam o próprio amargo ao golpear para os lados sem refletir a respeito de si próprias.<sup>418</sup>

Assim sendo, na ausência da consciência *do que* sujeita sua existência à mera sobrevivência, elas voltam contra si mesmas sentimentos de ódio, fúria e desamor, visto que “as tendências destrutivas das massas, que explodem nos Estados totalitários [...] não são tanto desejos de morte quanto manifestações daquilo que elas já se tornaram. Assassina, para que a elas se assemelhe o que vivo se lhes afigura”.<sup>419</sup>

Tendo isso em vista, empregar esforços sob as lentes da ingenuidade, com votos a mudar o destino da manada, resta em vão esforço, pois não adianta apelar a valores eternos, acerca dos quais justamente os responsáveis por tais atos reagem com menosprezo.<sup>420</sup> Há, portanto, insuficiência neste alerta: mate somente em legítima defesa! Isso porque o próprio fascismo as constitui e as desumaniza potencialmente, fazendo-as criar o caos para valerem-se, ilegalmente, da defesa ilegítima.

Entretanto, resistir é necessário, mas não há se falar em resistência de trincheira nesse momento, e sim em resistência à barbárie que possibilita o retorno das atrocidades cometidas em Auschwitz, como alertou Adorno: “Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão”<sup>421</sup>.

A rigor, o ponto em questão é um: apesar das engrenagens sociais fluírem num declarado tempo de paz, o mal-estar na cultura, o qual irrompe no que Adorno chamou de seu elemento

---

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

<sup>418</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 121. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

<sup>419</sup> ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 225, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30. nov. 2024.

<sup>420</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 121. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 24 dez. 2024.

<sup>421</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 119. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

desesperador, é que a barbárie se encontra inserida no princípio civilizatório.<sup>422</sup> Sendo assim, o fantasma que usurpou a dignidade dos empilhados corpos em Auschwitz, sem culpa, desdenha hoje, cumprindo pena em liberdade.

Ontem, o Julgamento de Nuremberg teve por finalidade aparente uma reparação histórica com a memória de Auschwitz, mas, em que pese sua importância, vale ressaltar que nenhuma caneta, nenhum papel ou nenhuma prisão é capaz de inibir a alma do grande mal que permitiu a existência de Auschwitz! Ele está entre nós; logo, resta-nos com ele conviver, porém não felizes, tentando ignorá-lo — como faz a grande massa, mas em alerta às conjecturas que fazem dele uma potência viva. Sejamos, então, mais vivos que ele — hoje, porque os pressupostos sociais do fascismo ainda perduram.<sup>423</sup>

Para isso, passamos a responder à segunda questão feita no início deste capítulo: *o que* devemos *matar* em nós mesmos para, ao fim, nos posicionarmos ao lado certo da história? Diante do nosso contemporâneo sombrio, para convivermos com os fantasmas da regressão, verdadeiramente vivos em resistência, apesar da dor, devemos sentenciar à morte a nossa própria inocência. Uma sentença, porém, divina, de acordo com Didi-Huberman:

A inocência é um erro, a inocência é uma falta, compreendes? E os inocentes serão condenados, pois não tem mais o direito de sê-lo (e *gli innocenti saranno condannati, perché non hanno più il diritto di esserlo*). Eu não posso perdoar aquele que atravessa com o olhar feliz do inocente as injustiças e as guerras, os horrores e o sangue. Há milhares de inocentes como tu através do mundo que preferem se apagar da história ao invés de perderem sua inocência. E eu devo fazê-los morrer, mesmo sabendo que eles não podem agir de outra forma, devo amaldiçoá-los como a figueira e fazê-los morrer, morrer, morrer.<sup>424</sup>

Assim, por amor às vidas, matamo-nos e sugerimos o *morrer...* para, posteriormente, fluirmos ao despertar que possibilita o viver pleno. Desconstruímo-nos para, posteriormente, reconstruímo-nos. Mutilamo-nos para, posteriormente, crescermos... Mas, como requisito, é preciso coragem para curvar-se à dor. Ou seja, trata-se de um trabalho difícil, o qual consiste na reforma da consciência que leva ao despertar.<sup>425</sup> Essa reforma, no entanto, deve ser

---

<sup>422</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 120. Disponível em: [https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

<sup>423</sup> ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 45.

<sup>424</sup> PASOLINI, 2001, p. 1.095 *apud* DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 23-24.

<sup>425</sup> Didi-Hubermann aborda em seu texto essa reflexão de Karl Marx: “A reforma da consciência consiste apenas em despertar (*aufweckt*) o mundo... do sonho que ele faz consigo mesmo” (DIDI-HUBERMAN, 2010, 188-189 *apud* SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 234).

direcionada à conscientização de que estamos imersos, ainda, como já mencionamos, numa sociedade inerte frente aos pressupostos que viabilizam o retorno da barbárie de Auschwitz.

Para isso, como sugere Didi-Huberman, é preciso renunciar à inocência. Os termos dela aqui postos dizem respeito à inocência que ignora o entorno e, desse modo, envolve o indivíduo numa bolha que o impede de enxergar as coisas como realmente são. Isso resulta em problemas oculares advindos da razão, porque, mesmo são, ele torna-se *míope, daltônico e cego*.

Uma vez ingenuamente indisposto, a ignorância, não raro, ramifica sua inocência, visto que não há afronta à verdade ao ignorar a realidade. Em outras palavras, o inocente não resiste ao que não enxerga, pois, antes de canalizar suas energias à resistência, deve canalizá-la a aniquilar o que impede o seu resistir: a inocência que o aprisiona confortavelmente.

Sobretudo, ver é dor<sup>426</sup>; porém, despertar é transformar a promessa alegre de morte na promessa real de vida.<sup>427</sup> Entretanto, não há de se romantizar o processo de *refazer-se* para o novo, mas é fato incontestável que desse luto advém a verdadeira possibilidade de luta! Apesar do sofrimento advindo do olhar que vê, ao menos também passa a enxergar as reais possibilidades de vida, dentre as quais, no sentido Levinasiano, a do amor ao Outro com base na alteridade<sup>428</sup>. Nesse sentido, Souza denuncia a importância de renunciar à ingenuidade a partir do pensamento:

O pensamento inicia o trabalho de perda da ingenuidade; a *suspeita* de ideologia – talvez muito mais que a própria ideologia “desnudada” – apresenta um potencial desestruturante extraordinário, insinuantemente corrosivo e dificilmente perceptível em seu processo, mas apenas por seus resultados. O pensamento obcecado por clareza, perde-se de repente na *obscuridade de suas razões*; as máximas como fogos-fátuos, deixam atrás de si rastros deslumbrantes de luz e cor, e nada mais: percebeu-se que não são sólidas o suficiente para sobreviverem em meio ao mundo da realidade.<sup>429</sup>

Assim, o indivíduo deve ultrapassar o assombro do caminho que antecede a clareza, o que, conseqüentemente, possibilita ao olhar analisar as feridas que revestem o corpo da ideologia “desnudada”, conforme Souza mencionou acima. Mais do que isso, no sentido

<sup>426</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 235.

<sup>427</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 236.

<sup>428</sup> “Pensar no amor a partir da alteridade radicalizada, em Lévinas, é pensar numa relação com o outro que é fundante e estruturante para a subjetividade. O outro é pensado como supremo, como aquele a quem devo tudo e por quem tenho total responsabilidade, esta que me constitui e me faz um eu” (LIMA, M. J. V.; FREIRE, J. C. O lugar do outro nas relações amorosas contemporâneas: uma literatura ética levinasiana. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 8, n. 2, dez. 2017, p. 89).

<sup>429</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 209.

Kafkiano, ao sujeitar-nos ao olhar sem medo, passamos a enxergar a verdade em torno das feridas.

Adorno, por sua vez, mencionou-as ao explicar que as feridas dos que toleraram o assalto de Hitler ao poder não foram tratadas psiquicamente<sup>430</sup>, muito embora faça mais sentido atribuí-las às vítimas, às quais pouco restou além das feridas no corpo, na alma e na memória como sobreviventes.

Tal percepção vai ao encontro da fragilidade dos rastros deslumbrantes, aos quais sucumbem porque diante do real, resta à resistência esperar, apesar da realidade que a assusta, para despertar do sono dogmático e, finalmente, passar a ver as feridas de sua época, como no tempo próprio fizera o médico rural de Kafka:

A ferida está ali. É real, mas não se dá completamente. Há que se aproximar dela, sempre mais, para poder percebê-la. É, ao final das contas, uma exuberante flor nos flancos do paciente, cheia de promessas para o tempo vindouro, as quais o médico rural traduz para si mesmo. E o paciente, que antes desejava morrer, agora, a esse segundo exame, pergunta: “tu me salvarás?”<sup>431</sup>. O choque de realidade conduziu a uma dialética enlouquecida, a um grande embaraço. Houve então, como já referido, nada menos que um *despertar*, um instante de sombria iluminação inaugural; a estranha luz das profundidades da realidade veio à tona sem disfarces, sem pedir licenças. O real intrometeu-se no epicentro da realidade. *O real é o despertar*.<sup>432</sup>

O paciente aqui ilustrado por Kafka esperava acerca do que ignorava, pois, distante da sua verdade, desanimado, ansiava pelo descanso na morte sem cogitar sua repentina presença. A ferida estava ali, em erupção num corpo que, iludido, ignorou suas promessas ao tempo vindouro — ele desconhecia a gravidade do mal que o assolava. No entanto, sua esperança partiu do diagnóstico: “Tu me salvarás?”<sup>433</sup>.

A possibilidade da iluminação inaugural, conforme mencionada, advém da real afronta à verdade, a qual é sombria porque é real, e reverbera caminhos intuídos à solução: no caso do paciente acamado, é despender energias em resistência à doença para sua cura, ou sucumbir em paz ciente *do que*, verdadeiramente, decretou o seu fim.

Nesse mesmo sentido, para creditar fé no tempo iminente, deve-se, como o médico rural, diagnosticar as verdades mergulhadas nas entranhas das feridas, pois, ao verificar o real estado

<sup>430</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 31. Disponível em: [https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

<sup>431</sup> KAFKA, 2018, p. 49 *apud* SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 229.

<sup>432</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 229.

<sup>433</sup> KAFKA, 2018, p. 49 *apud* SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 229.

da arte em tempo, há possibilidades de tratamentos a partir de métodos paliativos. A cura da ferida do nosso tempo, sabemos, visto que a inocência já fora velada, não é possível. Todavia, conter sua metástase, bem como seu progresso, é tarefa da resistência proposta por Adorno.

Dessa forma, refletir sobre as características específicas da nossa sociedade contemporânea, de modo a suscitar atitudes de resistência por meio da educação<sup>434</sup>, é a tarefa mais urgente de todas. E analisar as feridas advindas da semiformação, a qual é inimiga da formação<sup>435</sup>, deve ser o ponto de partida:

A "semiformação" obscurece, mas ao mesmo tempo convence. Vimos que a "indústria cultural" é a cultura totalmente convertida em mercadoria, no plano da totalização da estrutura da mercadoria na formação social, inclusive no plano das próprias necessidades sensíveis a que correspondem os valores de uso dos bens na sociedade de consumo. O esclarecimento como consciência de si, como autoconscientização, já vimos anteriormente, é condicionado culturalmente e, nos termos da indústria cultural, limita-se a uma "semiformação", a uma falsa experiência restrita ao caráter afirmativo, ao que resulta da satisfação provocada pelo consumo dos bens culturais.<sup>436</sup>

Assim sendo, não só Adorno, como também Horkheimer, buscava entender por que “a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal”<sup>437</sup>. Além de o caos corromper o cotidiano por intermédio da grande indústria, ele é, ainda, alastrado pela razão burguesa, a qual angaria forças para nutrir os meios de produção do sistema capitalista. Logo,

---

<sup>434</sup> ZUIN, A. A. S. Auschwitz nunca mais: educar como resistência ao autoritarismo e à barbárie. In: ALVES JÚNIOR, D. G. (org.). **A Personalidade autoritária**: ontem e hoje. 1. ed. São Paulo: Editora Bregantini, 2022, p. 90.

<sup>435</sup> ZUIN, A. A. S. Auschwitz nunca mais: educar como resistência ao autoritarismo e à barbárie. In: ALVES JÚNIOR, D. G. (org.). **A Personalidade autoritária**: ontem e hoje. 1. ed. São Paulo: Editora Bregantini, 2022, p. 93.

<sup>436</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 22-23. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCIPAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCIPAÇÃO.pdf). Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>437</sup> ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19 *apud* BANDEIRA, B. S.; OLIVEIRA, A. da R. Formação cultural e semiformação: contribuições de Theodor Adorno para pensar a educação hoje. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, maio/ago. 2012, p. 225. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/reveduc/v35n02/v35n02a10.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2024.

é nesse cenário que a formação se converte em semiformação, haja vista o espírito ser “conquistado pela lógica do fetiche<sup>438</sup> da mercadoria<sup>439,440</sup>”.

Tendo isso em vista, ao condicionar o esclarecimento a partir dos termos da indústria cultural, a semiformação passa a constituir o indivíduo, o qual restará castrado das possibilidades de desenvolver a própria razão. Na verdade, “à desbarbarização [...] impõem-se dificuldades dificilmente transponíveis, pois os potenciais formativos que poderiam fomentar a liberdade encontram-se travados por um estado generalizado de semiformação”<sup>441</sup> por conta dos meios impostos pela lógica instrumental. Eis, contudo, o triunfo da grande calamidade, como lamentaram Adorno e Horkheimer.

No que tange ao conceito de semiformação, Barja e Lemes pontuam com precisão:

Desenvolvido por Adorno a partir da Teoria Crítica, o conceito de semiformação refere-se ao processo de decadência e retrocesso das capacidades humanas promovido pela diluição da formação cultural. A semiformação impõe limites aos processos emancipatórios do homem em favor da lógica instrumental da razão, supervalorizada numa sociedade cada vez mais administrada pelo capitalismo e estruturada pela indústria cultural, que tende a formar pessoas fechadas em si mesmas, sem preocupação com o bem comum. Enredados no processo de expansão da semiformação, os indivíduos progressivamente tornam-se frágeis, passivos e dependentes do consumo dos chamados “bens culturais”.<sup>442</sup>

A partir desse processo semiformativo, o indivíduo definha porque está padronizado aos ditames da grande indústria, conforme já mencionamos ao longo do trabalho, ao esclarecermos as intenções da difusão dessa (in)cultura. E, “como resultado dessa aporia, a civilização moderna e tecnologicamente desenvolvida encontra-se tomada por impulsos destrutivos e

<sup>438</sup> O que significa o fetichismo da mercadoria?: “O fetichismo da mercadoria foi a compreensão que Marx teve de que o capital se tornou o novo deus. Ele fundamenta as bases e movimenta a sociedade onde reina a mercadoria, dá a impressão que os produtos do trabalho humano se tornam autônomos ante seus produtores pelas forças irreconhecíveis do capital e do mercado, organizando a própria subjetividade dos indivíduos” (BARROS, D. R. O que significa o fetichismo da mercadoria? **Blog da Boitempo**, São Paulo, 06 set. 2023. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2023/09/06/o-que-significa-o-fetichismo-da-mercadoria/>. Acesso em: 25 dez. 2024).

<sup>439</sup> “Adorno parte dos conceitos inicialmente estabelecidos por Marx, particularmente a questão do fetichismo da mercadoria em geral, a fim de examinar essa face objetiva da industrialização da cultura como produto coletivo. É evidente também a influência de Freud, cuja teoria focaliza o plano individual-psíquico e o modo como se estrutura o psiquismo e suas patologias nos sujeitos inseridos na esfera socioeconômica” (NEIVA, L. B.; FREITAS, V. O Fetichismo cultural em TH. W. Adorno: Contribuições de Freud e Marx. **Problemata**: R. Intern. Fil. v. 12. n. 1, 2021, p. 169. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/57332/34045>. Acesso em: 25 dez. 2024).

<sup>440</sup> ZUIN, A. A. S. Auschwitz nunca mais: educar como resistência ao autoritarismo e à barbárie. In: ALVES JÚNIOR, D. G. (org.). **A Personalidade autoritária**: ontem e hoje. 1. ed. São Paulo: Editora Bregantini, 2022, p. 92.

<sup>441</sup> BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021, p. 73.

<sup>442</sup> BARJA, P. R.; LEMES, C. R. Por que ler Adorno hoje? Uma reflexão sobre semiformação institucionalizada. **Linha Mestra**, São Paulo, n. 36, set.-dez. 2018, p. 198. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/97/106>. Acesso em: 25 dez. 2024.

anticivilizatórios”<sup>443</sup>. Contudo, todo esse processo se inicia pela necessidade de se inserir na comunidade, passando a ser aceito pelo sistema que dita as regras<sup>444</sup>, isto é, da vontade de pertencer, nasce nas massas o não pertencimento à verdade, bem como sua cafonice idolátrica e ausência de sofisticação cultural.

Carentes dessa sofisticação e da autonomia, de maneira contrária ao indivíduo emancipado que percorre outros caminhos — porque é livre —, as massas propiciam a energia reprodutora da barbárie. Entretanto, diferentemente de ontem, hoje, mesmo com o mundo em mãos por intermédio do aparelho celular, “a experiência da formação se esvazia para dar lugar ao conhecimento rápido, sem que haja tempo para a construção de sentidos para as vivências”<sup>445</sup>. Isso significa dizer que, não raro, a fonte de conhecimento da grande massa é a *internet* e as redes sociais, o que resulta numa massa acrítica que dá *likes* ao que vai ao encontro de suas ideologias e íntimas convicções, e *dislikes* ao que vai na contramão dos seus pensamentos prontos e acabados.

Tal fato retrata um grande problema social, uma vez que “é da imaturidade dos dominados que se nutre a hipermaturidade da sociedade”<sup>446</sup>. Ingênua por ser ignorante, a massa não busca confrontar o conhecimento, atritando-o aos seus, mas, por intermédio dos deturpados meios, a (des)informação é enaltecida pela propaganda que, a serviço da grande indústria, delinea o tom da idiotia. Há, sobretudo, de acordo com Hannah Arendt, uma mistura de credulidade e cinismo que permeiam essa dinâmica de sujeição:

Certa mistura de credulidade e cinismo havia sido importante característica da mentalidade da ralé antes que se tornasse fenômeno diário de massa. Num mundo incompreensível e em perpétua mudança, as massas haviam chegado a um ponto em que, ao mesmo tempo, acreditavam em tudo e em nada, julgavam que tudo era possível e que nada era verdadeiro. A própria mistura, por si, já era bastante notável, pois significava o fim da ilusão de que a credulidade fosse fraqueza de gente primitiva e ingênua, e que o cinismo fosse o vício superior dos espíritos refinados. A propaganda de massa descobriu que o seu público estava sempre disposto a acreditar no pior, por mais absurdo que fosse, sem objetar contra o fato de ser enganado, uma vez que achava que toda afirmação, afinal de contas, não passava de mentira. Os líderes totalitários basearam a sua propaganda no pressuposto psicológico correto de que, em tais condições, era possível fazer com que as pessoas acreditassem nas mais fantásticas afirmações em determinado dia, na certeza de que, se recebessem no dia seguinte a prova irrefutável da sua inverdade, apelariam para o cinismo; em lugar de abandonarem os líderes que lhes haviam mentido, diriam que sempre souberam que a afirmação era falsa, e admirariam os líderes pela grande esperteza tática.<sup>447</sup>

<sup>443</sup> BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021, p. 73.

<sup>444</sup> BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021, p. 198.

<sup>445</sup> BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021, p. 199.

<sup>446</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 41.

<sup>447</sup> ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013, p. 331-332, *e-book*. Disponível em:

Arendt nos remete ao cinismo bolsonarista de hoje, visto que seus seguidores, com frequência, advogam a seu favor, alegando a falsa tese de que estão a falar de um grande homem que, por sua vez, é pequeno por ser humilde e do povo. Isso, porém, não coincide com essa verdade<sup>448</sup>: “Em público, Bolsonaro se esforçava para demonstrar simplicidade; no privado, brigava para levar joias”<sup>449</sup>. Ora, pouco importa às massas bolsonaristas o fato de seu líder apropriar-se dum patrimônio nacional; a elas, mais vale negar a verdade — por ser incapaz de vê-la e supor a honestidade — porque admiram sua grande esperteza tática.<sup>450</sup>

No que tange a esses falsos propagadores da verdade, Adorno denuncia o que há nessas boas intenções que antecedem o mau tempo:

A condição de alheio é o único antídoto da alienação. A efêmera imagem de harmonia com que se deleita a bondade não faz mais do que realçar tanto mais cruelmente na inconciliação o sofrimento que loucamente nega. O atentado ao bom gosto e ao respeito - de que nenhuma ação bondosa se livra - consoma o nivelamento a que se opõe a impotente utopia do belo. Assim, desde os começos da sociedade industrializada, a decisão pelo mal foi sempre não só precursora da barbárie, mas também máscara do bom. A sua nobreza transmutou-se em maldade, ao atrair todo o ódio e todo o ressentimento da ordem que inculcava nos seus subordinados o bem, para poder continuar a ser impunemente mau.<sup>451</sup>

Tão bom nisso quanto Hitler, Bolsonaro bem sabe manipular os afetos das massas e arquitetar em benefício próprio sua adoração. Bancando “gente como a gente”, por exemplo, não raro, pousou nas redes sociais, e até mesmo em eventos oficiais do governo, de chinelo e moletom<sup>452</sup>, personificando, dessa forma, a falsidade desenhada por Adorno: “Só o espírito

---

<https://alegre.ifes.edu.br/images/stories/Arquivos/Ifes-em-casa/historia/Renata-Alves/Origens-do-Totalitarismo-Hannah-Arendt.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

<sup>448</sup> “A Polícia Federal indiciou o ex-presidente e outras 11 pessoas pela suspeita de apropriação indevida de joias milionárias dadas de presente pelo governo da Arábia Saudita, quando era presidente do Brasil. As joias foram recebidas por Bolsonaro durante seu mandato e não foram declaradas como patrimônio do Estado, o que é exigido por lei” (VIVAS, F. PF já indiciou Bolsonaro por caso das joias sauditas e cartões de vacina, além do golpe; relembre. **G1**, Brasília, 21 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/11/21/pf-ja-indiciou-bolsonaro-por-caso-das-joias-sauditas-e-cartoes-de-vacina-alem-do-golpe-relembre.ghtml#2>. Acesso em: 23 dez. 2024).

<sup>449</sup> EM PÚBLICO, Bolsonaro se esforçava para demonstrar simplicidade; no privado, brigava para levar joias. **Pragmatismo**, [s. l.], 08 mar. 2023. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2023/03/bolsonaro-homem-simples-joias-milhoes.html>. Acesso em: 23 dez. 2024).

<sup>450</sup> ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013, p. 332, *e-book*. Disponível em: <https://alegre.ifes.edu.br/images/stories/Arquivos/Ifes-em-casa/historia/Renata-Alves/Origens-do-Totalitarismo-Hannah-Arendt.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

<sup>451</sup> ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 83, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30. nov. 2024.

<sup>452</sup> “Com Bolsonaro de chinelos, presidente e ministros fazem "registro histórico" após reunião da Previdência” (AMADO, G. Com Bolsonaro de chinelos, presidente e ministros fazem "registro histórico" após reunião da

deforme necessita do ódio a si mesmo para, com uma força braquial, manifestar o seu modo de ser espiritual, que é o da falsidade”<sup>453</sup>. Por fim, o embuste que ilustrou o exemplo brasileiro investe esforços para mostrar-se um grande homem. Mas a ferida está ali... E, ao encará-la de perto à moda kafkiana, percebemos quão pútrida é.

Em acordo ao pensamento adorniano, é a semiformação que viabiliza a banalização, bem como a inversão dos valores, as quais figuram as imundícias que a cultura bárbara depositou no indivíduo: semiformação, indolência, credulidade grosseira e brutalidade.<sup>454</sup> Nesse sentido, “a semiformação é ‘o espírito tomado pelo caráter fetichista da mercadoria’”<sup>455</sup>. Em outras palavras, ela é o espírito obsessivo que destina os corpos à subjetividade *encantada* pela indústria. Uma vez por ele possuídos, aos fins da indústria, eles entregam a própria existência.

Nessa linha de raciocínio, ao passo que compreendemos que a ferida da semiformação encontra-se, originariamente, na *psique* das massas fascistas, verificamos que ela também reside na “base social de uma estrutura de dominação”<sup>456</sup>. Por conseguinte, Adorno destaca que “a regressão das massas [...] nada mais é senão sua incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos”<sup>457</sup>. Logo, um dos sintomas da ferida imbuída nas massas é a paralisia, que a torna incapaz duma vida autônoma. Assim, a emancipação torna-se um sonho — não delas! — por serem incapazes de sonhar — mas da resistência —, que faz desse sonho um projeto à esperança.

A partir desse entendimento, seguimos intuídos à compressão dos fins da estrutura de dominação mencionada por Adorno anteriormente, pois “o próprio processo que impõe a barbárie aos homens ao mesmo tempo constitui a base de sua sobrevivência”<sup>458</sup>.

---

Previdência. **O Globo**, [s. l.], 14 fev. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/guilherme-amado/com-bolsonaro-de-chinelos-presidente-ministros-fazem-registro-historico-apos-reuniao-da-previdencia-23453884>. Acesso em: 23 dez. 2024).

<sup>453</sup> ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 83, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30. nov. 2024.

<sup>454</sup> ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 18, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30. nov. 2024.

<sup>455</sup> MAAR, W. L. Adorno, semiformação e educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 83, ago. 2003, p. 469. Disponível: <https://www.scielo.br/j/es/a/zwmw6CFVH4zMQ9RW8zvGvMf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 dez. 2024.

<sup>456</sup> MAAR, W. L. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 23. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCIPAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCIPAÇÃO.pdf). Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>457</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 41.

<sup>458</sup> MAAR, W. L. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 11. Disponível em:

Nesse giro, no que diz respeito às intenções basilares da estrutura de dominação, “é preciso elaborar o passado e criticar o presente prejudicado, evitando que este perdure e, assim, que aquele se repita”<sup>459</sup>. Contudo, direcionar luzes ao passado, em busca de clarificar as motivações do seu declínio, é essencial para compreender as aporias da contemporaneidade, uma vez que “as energias culturais supostamente libertas de modo algum foram absorvidas pelo domínio técnico, político e militar. A barbárie é realmente o todo e triunfa ainda sobre o seu próprio espírito”<sup>460</sup>.

A suposição de liberdade apontada por Adorno é parte resultante do processo semiformal do sujeito. Dessa forma, a vulnerabilidade emocional ao fascismo advinda desse processo, é o que viabiliza o triunfo da barbárie no seio social. Essa tendência, portanto, “fomenta posturas reativas e hostis contrárias aos próprios elementos culturais que são essenciais para a realização do indivíduo como núcleo de resistência ao fascismo”<sup>461</sup>.

Nesse diapasão, para avançarmos ao entendimento sobre *com o que* se nutre a ferida residente no coração do fascismo, de acordo com Adorno, é preciso clarificar o que são as massas aos olhos do totalitarismo:

[...] Devemos ter em mente que o totalitarismo considera as massas não como seres humanos autodeterminados que decidem racionalmente seu próprio destino a que devem, portanto, ser tratados como sujeitos racionais, mas sim que ele os trata como meros objetos de medidas administrativas, ensinados, acima de tudo, a se autoanular e a obedecer ordens.<sup>462</sup>

Assim sendo, o sonho do opressor é realizado à medida que recebe do oprimido a adoração, de modo que o trágico fim deste é a administração reificada. O problema em questão é que as pessoas não sabem que sofrem desse mal, visto que “é próprio do mecanismo de dominação impedir o conhecimento do sofrimento que provoca”<sup>463</sup>.

---

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>459</sup> MAAR, W. L. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 11. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>460</sup> ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 97, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30. nov. 2024.

<sup>461</sup> BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021, p. 74.

<sup>462</sup> ADORNO, 2015, p. 168 *apud* BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021, p. 142.

<sup>463</sup> ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 53, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30. nov. 2024.

No que tange a esses mecanismos, Adorno não tinha a pretensão de emergir, especificamente, prognósticos econômicos, mas, como membro da teoria crítica, herdou do marxismo reflexões acerca das relações contraditórias da sociabilidade burguesa e as transformações sócio-históricas em curso.<sup>464</sup> Assim, para Adorno, “o fascismo mostra-se como a forma de organização política própria ao capitalismo monopolista”<sup>465</sup>.

Todavia, “a aparência de uma sociedade que administra seus conflitos e crises oculta, na verdade, a desordem de sua essência”<sup>466</sup>. Ou seja, partindo do entendimento de que a sociedade é vista desde o prisma da economia, e não o contrário<sup>467</sup>, a desordem cultural ocorre sob o primado da felicidade tóxica, a qual enraíza no olhar das massas lentes à base de purpurinas douradas.

Como resultado dessa alegria instantânea, porém violenta, Souza explica que até as tais purpurinas estão à venda no mercado: “O mundo *totalizou-se* em mercadoria. Por isso, o neoliberalismo e o fascismo são [...] expressões de uma mesma lógica totalitária. São *totalitarismos*”<sup>468</sup>. Assim, essa alegria que tomou o mundo oculta a violência que é velada, uma vez que essa violência econômica diz respeito ao exercício de formas múltiplas de negação da alteridade.<sup>469</sup>

A partir dessa verificação, de que o mundo *totalizou-se* em mercadoria<sup>470</sup>, e que tudo está em favor das forças que manivelam as engrenagens do mercado neoliberal, pensamos que a ferida que metastatizou o coração do fascismo contemporâneo chama-se Neofascismo. Isso se dá porque a lógica do capital administrado bombeia no coração das massas e dos que — de cima — perpetuam o fascismo.

---

<sup>464</sup> VASCONCELLOS, C.; PUZONE, V. Estática e dinâmica do capitalismo tardio na teoria crítica. **Tempo Social:** revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 30, n. 3., set./dez. 2018, p. 86. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/QJ63Sxpjn3tBKbyYX3FH4mS/>. Acesso em: 25 dez. 2024.

<sup>465</sup> VASCONCELLOS, C.; PUZONE, V. Estática e dinâmica do capitalismo tardio na teoria crítica. **Tempo Social:** revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 30, n. 3., set./dez. 2018, p. 88. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/QJ63Sxpjn3tBKbyYX3FH4mS/>. Acesso em: 25 dez. 2024.

<sup>466</sup> VASCONCELLOS, C.; PUZONE, V. Estática e dinâmica do capitalismo tardio na teoria crítica. **Tempo Social:** revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 30, n. 3., set./dez. 2018, p. 88. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/QJ63Sxpjn3tBKbyYX3FH4mS/>. Acesso em: 25 dez. 2024.

<sup>467</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica:** tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 111.

<sup>468</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica:** tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 117.

<sup>469</sup> SOUZA, R. T. de. **Ética como fundamento II:** pequeno tratado de ética radical. Caxias do Sul, RS: Educus, 2016, p. 101.

<sup>470</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica:** tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 111.

Destarte, *o que* corrói os corações dos adoradores reluz nos corações dos adorados como *antídoto*, pois a desgraça daqueles fortalece as feridas destes. Nesse giro, Max Horkheimer adverte que essa administração do mundo alude ao porvir totalitário:

Chegamos à convicção de que a sociedade se desenvolverá no sentido de um mundo administrado totalitariamente. Que tudo será regulado, tudo!... Então será possível regular-se tudo automaticamente, seja quando se trata da administração do Estado, seja quando se trata da regulamentação do tráfico ou da regulamentação do consumo.<sup>471</sup>

Dessa administração, de acordo com Adorno e Horkheimer, viabiliza-se o totalitarismo, uma vez que, do controle administrado dos céus, a vida simplesmente não vive<sup>472</sup> — isto é, por si só, ela não anda, pois, no seu marchar, subjazem as cordas do sistema opressor que a norteiam. Contudo, em resposta à Adorno sobre essa questão, Horkheimer comentou: “As pessoas ainda agora fazem suas histórias, elas apenas não o sabem. Elas ainda tomam decisões, mas decidem participar do sistema”<sup>473</sup>. Nessa mesma linha de pensamento, um possível diálogo de Deleuze e Foucault aqui foi delineado:

Gilles Deleuze, em conversa com Foucault, dizia que: “é preciso ouvir a exclamação do Reich: não, as massas não foram enganadas, em determinado momento elas efetivamente desejaram o fascismo”; Foucault, concordando, acrescentaria: “as relações entre desejo, poder e interesse são mais complexas do que geralmente se acredita”.<sup>474</sup>

Em 1967, em conferência à Universidade de Viena sobre os aspectos do novo radicalismo de direita, Adorno, por sua vez, complementa o raciocínio de Horkheimer, Deleuze e Foucault ao decretar:

**Os pressupostos dos movimentos fascistas, apesar de seu colapso, ainda perduram socialmente, mesmo se não perduram de forma imediatamente política.** Em primeiro lugar; penso na tendência ainda dominante de concentração do capital [...] Além disso, essa tendência de concentração ainda significa a possibilidade da desclassificação permanente de camadas que eram completamente burguesas de acordo com sua consciência de classe subjetiva e que querem fixar seus privilégios e

<sup>471</sup> HORKHEIMER, 1976, p. 59 *apud* IANNI, O. Neoliberalismo e nazi-fascismo. *In*: Dossiê: Neoliberalismo e neofascismo. **Crítica Marxista**, São Paulo, Xamã, v. 1, n. 7, 1998, p. 117. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/ianni/1998/mes/40.pdf>. Acesso em: 24 dez 2024.

<sup>472</sup> O MUNDO administrado ou: a crise do indivíduo – Theodor W. Adorno & Max Horkheimer. Trad. Felipe S. Vieira. **Zero à esquerda**, 08 ago. 2024. Disponível em: <https://zeroaesquerda.com.br/index.php/2024/08/08/o-mundo-administrado-ou-a-crise-do-individuo-theodor-w-adorno/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

<sup>473</sup> O MUNDO administrado ou: a crise do indivíduo – Theodor W. Adorno & Max Horkheimer. Trad. Felipe S. Vieira. **Zero à esquerda**, 08 ago. 2024. Disponível em: <https://zeroaesquerda.com.br/index.php/2024/08/08/o-mundo-administrado-ou-a-crise-do-individuo-theodor-w-adorno/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

<sup>474</sup> FOUCAULT, 2003, p. 77 *apud* FRAGOSO, C. F. **Autoritarismo e Sistema Penal**. Editora Lumen Juris, 2015, p. 135.

seu status social, e possivelmente fortalecê-los. Esses grupos continuam a tender a um ódio ao socialismo ou àquilo que eles chamam de socialismo.<sup>475</sup>

Adorno, no seu tempo, em tempo e, sobretudo, o tempo todo, adverte: os pressupostos... há pressupostos... noutras palavras: olhem as feridas por trás dos bonitos panos!!! Ele nos invoca ao despertar quando denuncia a razão autoritária e, ainda mais, quando nos recorda de que não devemos acreditar na bondade dos bons.

Ele, ainda, nos questiona: que é que esta cultura ainda aguarda?<sup>476</sup> Enquanto ambicionarmos a transformação da base social, em resistência à finitude proposta por Wotan de Richard Wagner<sup>477</sup>, temos por dever ético enxergarmos para além do Outro, militando em movimento pela total elaboração do passado — porque as macerações em torno das feridas jamais permitirão a sua total cicatrização; logo, cabe à resistência providenciar os curativos.

Mormente, o tempo permitiu não só a maturação dos corações revolucionários, como mencionado no início do capítulo por Victor Hugo, mas também a maturação e transmutação do fascismo, que hoje vive sua adolescência centenária à moda neoliberal. Cabe a resistência, ainda, também questionar: o que lhe aguarda no futuro?

É preciso despertar à realidade, tendo em vista que “quem quiser experimentar a verdade sobre a vida imediata deve indagar a sua forma alienada, os poderes objetivos que determinam, até ao mais recôndito, a existência individual”<sup>478</sup>. Sobretudo, pensamos que os poderes objetivos encontram-se ramificados nos recônditos das feridas na seguinte ordem:

- 1) Indústria cultural: por intermédio dela, ocorre a propagação de conteúdos intuídos à manipulação das massas e ao vilipêndio do processo reflexivo;
- 2) Semiformação: na ausência do pensamento capaz de performar à reflexão, ocorrem a redução das capacidades cognitivas do indivíduo e, conseqüentemente, a emersão da lógica instrumental que o aprisiona em sua minoridade intelectual;

---

<sup>475</sup> ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 45-46, grifo nosso.

<sup>476</sup> ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 46, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30 nov. 2024.

<sup>477</sup> “Para quem não vê nada diante de si e não deseja a transformação da base social, não sobra nada, senão dizer, como o Wotan de Richard Wagner: ‘Sabes o que Wotan quer? O fim’”. “Referência a um verso da ópera *O anel do Nibelungo*, de Richard Wagner. (N. T.)” (ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 169).

<sup>478</sup> ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 4, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30 nov. 2024.

- 3) Aniquilação do processo emancipatório: trata-se da impossibilidade de percorrer pelo caminho que viabiliza o despertar à emancipação política, bem como à maioria intelectual;
- 4) Sociedade administrada pelo capitalismo: difundida pela indústria cultural e fomentada pela razão burguesa, a administração neoliberal tende a relativizar o valor das pessoas e reduzi-las em meios de produção;
- 5) Neofascismo: inerte após a dinâmica mencionada, o sujeito é visto pelo sistema que idolatra como uma peça útil; isto é, ao consumir os *manuals de idolatria* do opressor, torna-se parte da massa amorfa, a qual incita o retorno à barbárie.

O estado da arte de dominação social, de modo geral, passa por esse toque cíclico em derredor da pele macerada, o que, de acordo com Adorno, faz do retorno de Auschwitz uma realidade pungente.

Em vista das más lembranças de ontem, como afirma Victor Hugo, devemos pensar: “Os ponteiros que avançam no relógio avançam também nas almas”<sup>479</sup>, de modo que, mesmo sem notar, o próprio movimento do tempo impele todos à transformação.<sup>480</sup> Essa mutação está para a resistência, que tão gente quanto as de almas corrompidas, precisam estar em constante alerta para não perder de vista os próprios ideais voltados à emancipação, conforme propõe Adorno.

Bahorel sempre flanava: errar é humano<sup>481</sup>, mas, por amor à humanidade, devemos inicialmente resistir ao fascismo<sup>482</sup> que assombra a *todos*<sup>483</sup>; portanto, mais que descalçar ruas

---

<sup>479</sup> HUGO, V. **Os miseráveis**. Trad. Casimiro L. M. Fernandes. Trad. revista Jorge Bastos Cruz. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020, p. 84-91.

<sup>480</sup> HUGO, V. **Os miseráveis**. Trad. Casimiro L. M. Fernandes. Trad. revista Jorge Bastos Cruz. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020, p. 84-91.

<sup>481</sup> HUGO, V. **Os miseráveis**. Trad. Casimiro L. M. Fernandes. Trad. revista Jorge Bastos Cruz. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020, p. 84-91.

<sup>482</sup> Em Introdução à vida não fascista, Foucault faz essas importantes considerações e questionamentos a cerca do fascismo: “Enfim, o inimigo maior [...]: o fascismo. E não somente o fascismo histórico de Hitler e de Mussolini - que tão bem souberam mobilizar e utilizar o desejo das massas -, mas o fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora. [...] Como fazer para não se tornar fascista mesmo quando (sobretudo quando) se acredita ser um militante revolucionário? Como liberar nosso discurso e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres do fascismo? Como expulsar o fascismo que está incrustado em nosso comportamento” (FOUCAULT, M. **Por uma Vida Não-Fascista**: Coletânea Michel Foucault Sabotagem. Coletivo Sabotagem (org.), 2004. Disponível em: <https://cesarmangolin.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/08/foucault-por-uma-vida-nao-facista-pdf.pdf>. p.5-6. Acesso em: 25 dez. 2024).

<sup>483</sup> Em resposta, ele emerge uma série de princípios, destacando que são essências para resistir ao fascismo, sendo, portanto, estes: “[1.] Libere a ação política de toda forma de paranoia unitária e totalizante; [2.] Faça crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, mais do que por subdivisão e hierarquização piramidal; Libere-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, a castração, a falta, a lacuna), que o pensamento ocidental, por um longo tempo, sacralizou como forma do poder e modo de acesso à realidade. Prefira o que é positivo e múltiplo; a diferença à uniformidade; o fluxo às unidades; os agenciamentos móveis aos sistemas. Considere que o que é produtivo, não é sedentário, mas nômade; [3.] Não

e nutrir desafetos para subverter a ordem opressora, devemos subverter – sob um prisma ético, a nós mesmos primeiro.

Escolher um lado é a decisão primeva, mas isso demanda coragem, principalmente para não se deixar embalar pela canção de ninar inocentes. Com a mesma ousadia do nosso amigo Bahorel, a disposição para quebrar vidros tem que correr nas nossas veias, cientes, porém, das *consequências* atinentes a esse *vandalismo ético*.

Ora, cortar-se não deixa de ser uma *possibilidade*, mas seguir adiante, estancando-se, sobretudo, pelos mesmos lábios que desestabilizam a serenidade falsa, é o mais doce dos problemas, uma vez que, antes de mais nada, resistir a si antecede o resistir ao outro.

Por fim, a resistência é a personificação da esperança. Ontem, Adorno a ela legou seu trabalho. Sendo assim, machucados ou não, cabe à ela seguir tentando conscientizar as pessoas do seu elemento desesperador. Sobretudo, por intermédio do conhecimento emancipatório e da educação política, por todo sempre, o dever ético da resistência será gritar: Auschwitz nunca mais!

#### 4.1 Enriquecimento subjetivo: pensar e amar a justiça

Ao expor o poder, você faz desses homens um alvo. E depois deles virão talvez outros piores. – A mentira diz a verdade. Quando os assassinos fascistas estão às portas, não se deve açular o povo contra o governo fraco. Mas nem mesmo a aliança com o poder menos brutal tem por consequência lógica a necessidade de se calar sobre as infâmias. **O risco de prejudicar a boa causa com a denúncia da injustiça que nos protege do diabo foi sempre menor do que a vantagem que o diabo tirava quando se deixava a seu cargo a denúncia da injustiça.** A que ponto deve ter chegado uma sociedade na qual só os crápulas ainda dizem a verdade e onde Goebbels mantém viva a lembrança dos linchamentos alegremente perpetrados! Não é o bem, mas o mal, que é objeto da teoria. Ela já pressupõe a reprodução da vida nas formas determinadas em cada caso. Seu elemento é a liberdade, seu tema a opressão. Quando a linguagem se torna apologética, ela já está corrompida [...] **Será que você não pode mostrar o lado bom e proclamar como princípio o amor, ao invés da amargura infinita? – Só há uma expressão para a verdade: o pensamento que nega a injustiça.** Se a insistência

---

imagine que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo que a coisa que se combata seja abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga, nas formas da representação) que possui uma força revolucionária; [4.] Não utilize o pensamento para dar a uma prática política um valor de verdade; nem a ação política, para desacreditar um pensamento, como se ele fosse apenas pura especulação. Utilize a prática política como um intensificador do pensamento, e a análise como um multiplicador das formas e dos domínios de intervenção da ação política; [5.] Não exija da ação política que ela restabeleça os “direitos” do indivíduo, tal como a filosofia os definiu. O indivíduo é o produto do poder. O que é preciso é “desindividualizar” pela multiplicação, o deslocamento e os diversos agenciamentos. O grupo não deve ser o laço orgânico que une os indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de “desindividualização” e [6.] Não caia de amores pelo poder” (FOUCAULT, M. **Por uma Vida Não-Fascista**: Coletânea Michel Foucault Sabotagem. Coletivo Sabotagem (org.), 2004. Disponível em: <https://cesarmangolin.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/08/foucault-por-uma-vida-nao-facista-pdf.p.5-6>. Acesso em: 25 dez. 2024).

nos lados bons não for superada no todo negativo, ela transfigurará seu contrário: a violência.<sup>484</sup>

Quanto à resistência, temos por dever proclamar como princípio o amor e denunciar as injustiças. Faremos isso, como já mencionamos, à custa de cortar-nos como Bahorel, cujo espírito anarquista o levava a ferir as mãos em consequência de sua rebeldia, porque era “[...] diabo da melhor espécie [...] sempre disposto a quebrar um vidro [...] a demolir um governo”<sup>485</sup>. Em outras palavras, romper as vidraças que circundam o poder é necessário para expor os diabos de pior espécie. Independentemente dos riscos, as infâmias por trás dos vidros devem aparecer, e os esforços que viabilizam luzes a essa verdade devem ser empregados por uma resistência ética.

Assim, inspirado em Adorno, nosso ponto de partida se dará frente a dois caminhos, os quais, para o bem ou para o mal, se delineiam entre *gotas de sangue*. Na primeira passagem destacada acima, Adorno emerge o grau de periculosidade ao nos expormos à toxidade do inferno, de modo a destacar: 1º: o risco atinente ao expor a injustiça é menor do que / 2º: a vantagem que o diabo tira ao expor a injustiça à sua maneira.

A partir desse contexto, pensamos que as *possibilidades* que permeiam o exato instante de *decisão*<sup>486</sup>, em que o sujeito é impelido a decidir pela trilha justa ou injusta, são estas: 1º: quebrar os vidros do governo à moda Bahorel — por serem obcecados por justiça; ou: 2º: calar-se sobre as infâmias dos crápulas de mandatos e, assim, fazer parte da massa abjeta, os quais, fartos, se lambem sorrindo e ostentando nos lábios sangue inocente.

Os exemplos, sobretudo, são figurativos, pois, obviamente, não cabe a nós resvalar na contradição de falar sobre o não retorno de Auschwitz fomentando a violência. Porém, a ênfase reside na radicalidade da escolha. É preciso escolher o caminho a ser seguido e, superado o *instante de decisão*, fazer dele um *propósito obsessivo* de vida — *pela vida* — no caso de a trilha escolhida ser a 1ª, dos espíritos livres.

---

<sup>484</sup> ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 180-181, grifo nosso.

<sup>485</sup> HUGO, V. **Os miseráveis**. Trad. Casimiro L. M. Fernandes. Trad. revista Jorge Bastos Cruz. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020, p. 84-91.

<sup>486</sup> A vida se desenrola por emaranhados instantes, de modo que cada instante é um instante de decisão. Nesse sentido, Ricardo Timm de Souza explica: “[...] antes de se pensar a justiça enquanto possibilidade da realidade, há que, inversamente, pensar a realidade enquanto possibilidade da justiça. ‘Justiça’ é a efetivação de si mesma e, decorrentemente, da realidade enquanto tal, apenas e na medida enquanto o encontro com a alteridade radical se efetiva no tempo que nós mesmos somos e em que cada instante é um instante de *decisão* – decisão pela justiça ou pela injustiça” (SOUZA, R. T. de. **Filosofia da Escravidão**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2024, p. 130).

Adorno, por sua vez, explica que os *riscos* são inerentes à decisão — porque eles *vivem*; porque estão ao nosso entorno, independentemente de quão acordados estejamos. Noutras palavras: mais vale o enfrentamento ético intuído à busca por justiça do que se omitir frente ao poder brutal, visto que a própria omissão já figura uma escolha:

É muito grande o número daqueles que pretendem, na ocasião, não ter tido conhecimento dos acontecimentos que sucediam, embora por toda parte os judeus tenham desaparecido, e embora seja pouco provável que aqueles que viram o que acontecia no Leste tenham silenciado acerca do que deve ter sido um fardo insuportável.<sup>487</sup>

Abster-se da responsabilidade de seguir por uma trilha ou outra, ficando, nesses termos, em cima do muro (como fazem os que rasgam o próprio título de cidadania ao votarem nulo, por exemplo), já é a tomada de decisão frente ao *instante* que a antecedeu. Tomam, assim, partido junto às massas que mal entendem o que está, de fato, acontecendo. Ou sabem, pelo mediano *saber* advindo da propaganda, o que a essas alturas já sabemos: de *saber* não tem absolutamente nada, senão — em se tratando da política pela direita *à la extrema* — intenções bem empregadas pela indústria publicitária de palanque.

Precisamos, portanto, da insistência nos lados bons, de modo a superá-los no todo negativo, para que a violência não siga como clima que predomina no Brasil.<sup>488</sup> Superar o bem no próprio negativo, tomando um partido que não seja o silêncio, no sentido adorniano, impele a resistência à reformulação do passado, mas isso, por fim, de modo algum, se faz calando-se. Pelo contrário, a reformulação aqui é empregada como sinônimo de ação.

Todavia, antes de agir e pela *trilha da razão ética* passar a seguir, deve-se ter em vista que “o passado só estará plenamente elaborado no instante em que estiverem eliminadas as causas do que passou [...]”<sup>489</sup>. Logo, elaborá-lo, reunindo esforços para que tais causas propulsoras da tragicidade não se repita, tem de estar no campo de visão dos educadores. Mas, levando em consideração que a ingenuidade e a inocência já foram sentenciadas à morte no

<sup>487</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 30. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

<sup>488</sup> “Se a insistência nos lados bons não for superada no todo negativo, ela transfigurará seu contrário: a violência” (ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 180-181).

<sup>489</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 49. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

capítulo anterior, pensamos que a eles não cabe o fardo da utopia de salvarem o mundo e hastearem a bandeira da paz por intermédio da educação.

Muito menos cabe o desesperançar, porque “a ideia de esperança permanece, mas não como ideia, e sim como *condição de qualquer ideia*, dimensão ontológica do agir que lhe dá sentido”<sup>490</sup>. Ao esperançarem, os educadores representam os *grãos* que propiciam fertilidade ao solo do futuro, legando a ele possibilidades de um porvir menos pior. São *sementes*, enquanto elas (as massas fascistas) são *serpentes* fadadas a engolir-se miseravelmente dentre uma cauda e outra, seguindo uma lógica necrótica de sofrimento ao cultuarem as próprias feridas necrosadas.

Nesse ínterim, Adorno disse que o revigoramento direto ou indireto do fascismo representa sofrimento e miséria.<sup>491</sup> É sabido que a miséria que ele emerge nessa passagem diz respeito à devastação socioeconômica própria do fascismo, mas, após todo o exposto ao longo do trabalho, sabe-se também das miserabilidades que constituem o âmago do espírito fascista.

Nesse aspecto, temos um difícil caminho pela frente, mas, como já mencionado logo no início da nossa viagem junto ao Rilke, “quase tudo o que é sério é difícil; e quase tudo é sério”<sup>492</sup>. Sendo assim, trilha adentro, deparamo-nos com um grande painel que reluz em letras garrafais, cujas letras dançam umas com as outras, porém, por trás de um vidro escuro que as turvam. Sem pestanejar, nós o quebramos, e a mensagem salta aos olhos: a tarefa de contenção do revigoramento do fascismo que irrompe em barbárie só é possível mediante a educação.<sup>493</sup> Logo, para avançarmos, precisamos, antes, compreender de que educação se trata esta que, ao fim, carrega em seu coração a grande responsabilidade de impedir o retorno de Auschwitz. Então, do painel passamos a ouvir Adorno:

Quando falo de **educação após Auschwitz**, refiro-me a **duas questões: primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao esclarecimento geral**, que produz um clima intelectual, cultural e social que não

---

<sup>490</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 279.

<sup>491</sup> “Lembremos às pessoas o mais simples: que o revigoramento direto ou indireto do fascismo representa sofrimento e miséria num regime autoritário” (ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 49. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.).

<sup>492</sup> RILKE, R. M. **Cartas a um jovem poeta**. Trad. Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 16, *e-book*. Disponível em: <https://rathziel.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/11/rainer-maria-rilke-cartas-a-um-jovem-poeta.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2024.

<sup>493</sup> “desbarbarização mediante a educação” (ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 163. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.).

permite tal repetição; portanto, **um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes.**<sup>494</sup>

Adorno nos aconselha, portanto, o óbvio: *não ousem caminhar pela trilha sem, antes, olhar com atenção para baixo*. Noutras palavras: o futuro ser humano espelha o ser humano que foi no passado; o adulto de amanhã está contido — em desenvolvimento — nos pequenos corpos das crianças de hoje; o melhor para o amanhã está no *vigor educacional* contra o pior que hoje há. Convocamos, dessa forma, um olhar atento a essa questão para, posteriormente, seguirmos às próximas sugestões destacadas na citação acima — o esclarecimento geral que dita o clima às trilhas; se chuva, com nuvens que nebulam o entendimento; se sol, capaz de clareá-lo.

Nesse diapasão, para Adorno, a educação após os acontecimentos bárbaros de Auschwitz tem de ser voltada ao enriquecimento subjetivo da criança. E a dimensão dessa responsabilidade abarca o comprometimento ético do educador junto ao educando; mais que isso, um comprometimento com o futuro. A criança em processo formativo hoje pode vir a ser o mestre educador do porvir. Contudo, a esperança da verdadeira eficácia desse ofício reside na fusão desse sério *encontro* no tempo.

Aliás, é no *encontro* ético que a possibilidade de resistência é deflagrada, como disse Rosenzweig: “A diferença entre o velho e o novo pensamento expressa-se [...] na necessidade do Outro e, o que dá no mesmo, no levar a sério o tempo”<sup>495</sup>. Levemos a sério, portanto, em tempo, o tempo que *investimos* na subjetividade do Outro, que no tempo próprio se valerá dela para enriquecer ou empobrecer o seu e o tempo de Outrem. Assim, deve-se levar a existência a sério em todas as dimensões possíveis do real.<sup>496</sup>

Sobretudo, a ninguém se delega a tarefa de pensar — nem aos professores —, o que significa dizer que não é deles o papel de ensinar uma criança a pensar, porque “criança sabe pensar”<sup>497</sup>. O papel atinente à tarefa do magistério é instigar a racionalidade ética na criança

<sup>494</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 123, grifo nosso. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

<sup>495</sup> ROSENZWEIG, 1984, p. 387 *apud* SOUZA, R. T. de. **O pensamento e o outro, o outro do pensamento: a questão da alteridade em configurações contemporâneas**. Porto Alegre: Zouk, 2022, p. 290.

<sup>496</sup> “[...] Nós existimos num circuito de inteligência com o real – a inteligência é o próprio acontecimento que a existência articula’. Compreender significa, portanto: levar a existência realmente a sério em todas dimensões possíveis do real, ou seja, empenhar a inteligência além dos “limites do existir”” (SOUZA, R. T. de. **O pensamento e o outro, o outro do pensamento: a questão da alteridade em configurações contemporâneas**. Porto Alegre: Zouk, 2022, p. 110).

<sup>497</sup> “Ensinar crianças a pensar é em princípio uma postulação quase inteiramente falsa, porém, naquilo que tem de verdadeiro, deve assinalar como uma das principais consequências de seu exercício a desmistificação de estruturas hierárquicas pretensamente naturais a processos de desenvolvimento, referentes a enquadramentos

que diz respeito ao agir como filosofia primeira, da qual tudo o mais, todas as explicações e todas as infindas derivações e complexidades derivam.<sup>498</sup> No entanto, do seio do lar ao âmbito escolar, também se deve preservar a vida da própria filosofia no coração infantil, como adverte Souza:

[...] sabemos que uma das principais estruturas sociais esterilizantes da semente crítica presente da criança é a desqualificação aberta ou velada da sadia curiosidade infantil a respeito da vida e do mundo; **a transformação desta curiosidade em incomodidade ou inadequação [...] “primeira ameaça de morte da filosofia”**<sup>499, 500</sup>

Além do educador, também é papel da família não matar a filosofia que compõe a essência da criança e cultivar o jardim reflexivo que comporta as flores do pensamento na infância. Sabemos que no cenário brasileiro — além dos fascistas mundo afora — residem personalidades autoritárias, as quais legam aos seus berços valores contraditórios e, assim, eternizam o ciclo da ignorância basilar dos ideólogos e adoradores.

Diante da totalidade vigente, resta aos educadores, professores, mestres e interessados na difusão do conhecimento — que, assim, representam a resistência que faz frente a ela — não se curvarem à educação adequada e, dessa forma, canalizarem suas energias ao fomento da educação desadequada, subvertendo, com efeito, a lógica de ensino dos contos da carochinha, como advertiu Adorno:

[O] sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nesta medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação. [...] Todas as iniciativas da chamada reforma educacional realista, por exemplo de Montessori, no fundo eram hostis em relação à imaginação. **Elas conduzem a uma aridez e até mesmo a um emburrecimento a que precisamos nos opor sem que, por outro lado — tudo é complicado — caíamos nas mentirosas ficções de uma tia dos contos da carochinha.**<sup>501</sup>

---

prévios distintivos entre a maturidade e a ingenuidade, entre a sapiência e a ins(c)ipiência. Pensar com crianças pressupõe uma convicção básica prévia: criança sabe pensar” (SOUZA, R. T. de. **Ética como fundamento II: pequeno tratado de ética radical**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016, p. 255).

<sup>498</sup> SOUZA, R. T. de. **Ética como fundamento II: pequeno tratado de ética radical**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016, p. 259.

<sup>499</sup> SOUZA, 2003, grifo nosso *apud* SOUZA, R. T. de. **Ética como fundamento II: pequeno tratado de ética radical**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016, p. 255.

<sup>500</sup> SOUZA, R. T. de. **Ética como fundamento II: pequeno tratado de ética radical**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016, p. 255, grifo nosso.

<sup>501</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 151, grifo nosso. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

O ensino que é difundido nas escolas, como já mencionado, deve ir ao encontro do ato de resistir à difusão do ensino adequado dos supérfluos contos, conforme ensina Souza:

**Educação Adequadora** pretende conservar intocado o autoritarismo internalizado pelo estudante em seu processo de socialização – intocabilidade fundamentada até mesmo no *excesso de estímulos e liberdade* de certas escolas experimentais, verdadeira nuvem de fumaça que impede a percepção da realidade –, a **Educação desadequadora** pretende trazer este autoritarismo internalizado à consciência, submetê-lo à “crítica” no sentido etimológico do termo: “julgar”, “distanciar-se para avaliar”. “romper com” – a fim de que seu real conteúdo enquanto *sustentação do status quo* possa ser realmente compreendido.<sup>502</sup>

Contudo, além de incentivar o processo reflexivo na criança, fazendo nela sobreviver a filosofia, a educação desadequadora tem um papel primordial ao enfrentamento do Neofascismo, pois é justamente isto que os potenciais fascistas querem evitar: que o educado se deseduque à medida que é chacoalhado pelos mestres sobre a sua real condição de oprimido. Sejam, portanto, o terror do sistema, porque “a educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica”<sup>503</sup>.

Ora, pois, se o campo educacional fosse um jardim, aos mestres seria incumbida a linda missão de jardineiros ao exporem suas rosas (seus alunos) no sol à base d’água, a fim de nutri-las — o vigor científico do conhecimento figura a água; o esclarecimento ético figura o sol. No mais, resta aos jardineiros armarem-se de inseticidas e, ainda, atentarem para o excesso de adubo em suas flores — possivelmente, originário dos lares autoritários.

Nesse sentido, subverter a ordem educacional intuída ao enriquecimento subjetivo dos alunos é a missão primeva da resistência, como pontuou Wolfgang Leo Maar ao prefaciar a obra *Educação e emancipação* de Adorno:

Não há sentido para a educação na sociedade burguesa senão o resultante da crítica e da resistência à sociedade vigente responsável pela desumanização. **A educação crítica é tendencialmente subversiva. É preciso romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência, insistindo no aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro não idêntico, o diferenciado.**<sup>504</sup>

<sup>502</sup> SOUZA, R. T. de. **Em torno à diferença**: aventuras da alteridade na complexidade da cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2008, p. 161, grifo nosso.

<sup>503</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 121. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCIPAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCIPAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024..

<sup>504</sup> ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 27, grifo nosso, e-book. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30 nov. 2024.

Em outras palavras, a educação voltada à instrumentalização do pensamento deve ser combatida. Sobre essa lógica da razão maniqueísta a serviço do desenvolvimento das grandes indústrias à prosperidade capitalista, já mencionamos ao longo do trabalho e, junto ao Adorno, é válido lembrar: “No começo, as pessoas desse tipo se tornam [...] iguais a coisas. Em seguida, na medida em que o conseguem, tornam os outros iguais a coisas”<sup>505</sup>.

Esse movimento de reificação do pensamento vai ao encontro da quarta variável abordada no segundo capítulo deste trabalho (Anti-intracção)<sup>506</sup>, visto que se trata do investimento por parte dos *educadores coisificados* à oposição da introspecção. No tocante ao perfil, é preciso estar sempre alerta, pois, não raro, eles promovem a difusão da barbárie, porque, se não estão a serviço de um projeto educacional voltado à emancipação do pensamento, acabam por ser eles mesmos os meios difusores da barbárie. Valem-se, porém, cinicamente, do *selo de autenticação* que valida sua autoridade professoral. Nesse giro, a energia cultural — supostamente liberta — está ramificada na cultura do domínio nos âmbitos técnico, político e militar. E isso significa dizer que a barbárie triunfa sobre o espírito da contemporaneidade.<sup>507</sup>

Dois casos brasileiros, em tempo, ilustram o potencial da educação inversa à subversiva e desadequadora, porque vão ao encontro da totalidade neoliberalista e necropolítica vigente no país. O primeiro caso diz respeito à Escola de Brasília, que foi premiada por ensinar alunos de 6 a 11 anos a empreenderem.<sup>508</sup> Observa-se que o problema não reside em ensinar (no tempo próprio a isso) a importância de empreender eticamente (no próprio tempo e com os próprios recursos financeiros), mas, sim, em destacar essa pauta na grade curricular infantil, arvorando a *causa* do capitalismo nos corações inocentes.

---

<sup>505</sup> ADORNO, 2021, p. 141 *apud* DAVID, R. O *ethos* neoliberal e o bacilo do fascismo. **Outras Mídias**, São Paulo, 17 jun. 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-ethos-neoliberal-e-o-bacilo-do-fascismo/>. Acesso em: 29 out. 2024.

<sup>506</sup> **Anti-intracção:** (oposição ao subjetivo, ao imaginativo, a um espírito compassivo). *Introspecção* é um termo introduzido por Murray e refere-se à predominância de sentimentos, fantasias, especulações, aspirações, representando, assim, um perfil humano imaginativo e subjetivo. A Anti-intracção caracteriza-se pela falta de interesse em voltar-se para dentro e refletir sobre si e seu entorno. O cotidiano é dominado pela praticidade, levando o sujeito a um subjetivismo raso e a um objetivismo maniqueísta. Significa, portanto, uma reação extrema contra tudo que é subjetivo ou imaginativo. Dessa tendência à ignorância emerge o empobrecimento subjetivo.

<sup>507</sup> Nas palavras do Adorno: “as energias culturais supostamente libertas de modo algum foram absorvidas pelo domínio técnico, político e militar. A barbárie é realmente o todo e triunfa ainda sobre o seu próprio espírito” (ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 97, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30 nov. 2024.).

<sup>508</sup> PREMIADA, escola ensina alunos de 6 a 11 anos a empreender. **Terra**, [s. l.], 19 maio 2015. Disponível em: <https://www.terra.com.br/economia/meu-negocio/premiada-escola-ensina-alunos-de-6-a-11-anos-a-empreender,1c25cdade85684806bccd3ea5541088ilaiRCRD.html>. Acesso em: 25 dez. 2024.

Ao fazerem isso, não enaltecem possibilidades de emancipar a razão por meio do verdadeiro esclarecimento, mas preparam as crianças para o futuro promissor de mercado — ou seja, a ser mais do mesmo, ao estilo *poderosos chefinhos*, desenvolvendo neles princípios de comandos e lideranças, difundidos magistralmente pela indústria cultural no filme *O Poderoso chefinho*<sup>509</sup>, por exemplo.

As escolas das grandes periferias brasileiras, obviamente, não recebem acesso a esse tipo de educação. Logo, o que acaba por ser cultivado para esses pequenos aprendizes é a cultura do “nós e eles”. “Nós” (os empreendedores) representamos a prosperidade do país, a parte limpa da sociedade, em contraste a “eles” (pobres e periféricos), que representam o regresso econômico e a sujeira social — quando não racial. A esse respeito, Paulo Freire disse o seguinte:

É que para eles, pessoa humana são apenas eles. Os outros, estes são “coisas”. Para eles, há um só direito – o seu direito de viverem em paz, ante o direito de sobreviverem, que talvez nem sequer reconheçam, mas somente admitam aos oprimidos. E isto ainda, porque, afinal, é preciso que os oprimidos existam, para que eles existam e sejam “generosos”.<sup>510</sup>

Há também como exemplo a oração sincera desses generosos: *Pai **nosso** que testemunha meus empreendimentos, dai-me tanto ao ponto de sobrar para que, matando dois coelhos numa cajadada, eu exerça a generosidade para dar um bocado a **eles** e, ainda, alimente assim o meu pobre ego (vou até filmar para postar nas redes sociais, cuja legenda será: eu e meu espírito solidário). Juro depositar em ti, senhor dos vencedores, fé diária em troca de muito progresso. Assim, transforme minhas lágrimas em dinheiro, para que meu vazio existencial seja suprido. Por fim, prometo até doar uns sapatos de marfim, os quais já saíram de moda e, assim, exerço com plenitude minha caridade humana e já renovo meu closet.*

O capitalismo tardio faz com que o indivíduo seja governado pelo aparato material, e os impulsos do Id são diretamente administrados e canalizados a serviço da totalidade social.<sup>511</sup> Noutras palavras, Bueno explica essa dinâmica de generosidade que vai do berço ao túmulo:

[...] a vulnerabilidade dos indivíduos à frieza e ao fascismo deriva de sua conversão em insignificantes átomos sociais submetidos ao gigantesco aparato burocrático dos

<sup>509</sup> O PODEROSO chefinho. Direção: Tom McGrath. Produção: Ramsey Naito, Rebecca Huntley e Jed Schluger. Estados Unidos da América: DreamWorks Animation, 2017.

<sup>510</sup> FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 25.

<sup>511</sup> “Para Adorno, em virtude da abolição das mediações materiais que no capitalismo liberal conduziam à formação da personalidade, no capitalismo tardio, o indivíduo é governado pelo aparato material, e os impulsos do Id são diretamente administrados e canalizados a serviço da totalidade social” (BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021, p. 138).

monopólios econômicos e estatais que governam a sociedade administrada do berço ao túmulo.<sup>512</sup>

Sobretudo, nesse mesmo sentido, porém performando a totalidade de um projeto da necropolítica, que, de acordo com a Renata Guadagnin, “estende seus tentáculos elegendo quais as vidas são vivíveis e quais são matáveis”<sup>513</sup>, o segundo caso brasileiro que ilustra essa passagem da Guadagnin ocorreu em novembro de 2024, em que alunos de um colégio militar de Tocantins, conduzidos por um policial, cantavam em marcha pelas ruas da cidade: “Tu vai lembrar de mim [...] E vou pegar você/ E se eu não te matar/ Eu vou te prender/ Vou invadir sua mente/ Não vou deixar tu dormir/ E nas infiltrações você vai lembrar de mim”<sup>514</sup>.

Esse acontecimento — que não é isolado, porque é rotina das escolas militares e dos cursos preparatórios à polícia no Brasil — ilustra o culto ao fascismo que permeia a realidade do país. Konder, no seu tempo, já dizia: “*Não há fascismo sem apoio militar*”<sup>515</sup>. A esse fato, no nosso tempo, podemos complementar com convicção: não há fascismo sem idiotas!

Por fim, seguir pela *trilha da razão* demanda não só esforços da própria razão para verificar o estado da arte e, com isso, não sucumbir ao adoecimento que todo esse clima de morte é capaz de gerar. Mas, como mencionamos no início deste capítulo, Adorno nos legou, e não podemos esquecer: “A única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência”<sup>516</sup>.

Os riscos atinentes a essa escolha — ou a serem escolhidos para trilhar na direção apontada por Adorno — são muitos e, por amor à própria vida, demandam muita preparação — intelectual, psicológica, emocional, espiritual (de acordo com a crença ou a descrença de cada um) e até mesmo física, para suportar o estresse ao qual nos submetemos como resistência dessa totalidade obscura.

<sup>512</sup> BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021, p. 135.

<sup>513</sup> GUADAGNIN, R. Vida danificada, vida adoecida: um ensaio sobre sofrimento e necroética. In: AMARAL, A. J. do. (org.). Dossiê: Biopolítica(s) no século XXI. **Revista Opinião Filosófica**, [s. l.], v. 11, n. Ed. esp. 2, 16 ago. 2020, p. 5. Disponível em: <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/974>. Acesso em: 25 dez. 2024.

<sup>514</sup> ALUNOS de colégio militar cantam palavras de ódio em TO; diretor e policiais são afastados. **Folha de São Paulo**, Porto Alegre, 22 nov. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/11/alunos-de-colegio-militar-cantam-palavras-de-odio-em-to-diretor-e-policiais-sao-afastados.shtml>. Acesso em: 25 dez. 2024.

<sup>515</sup> KONDER, L. **Introdução ao Fascismo**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 136.

<sup>516</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 183. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

Mais que isso, demanda um preparar-se para preparar o Outro; um resistir-se para incitar a resistência no Outro; um celebrar-se para incitar a celebração do Outro. No entanto, não se trata de prepará-lo incentivando-o a meter coturnos nos pés e, como idiota, valendo-se de uma razão ardilosa, bater palmas e pular como orangotango em culto às canções toscas, como no caso da marcha exemplificada anteriormente. Mas, sim, preparar-se, resistir-se e celebrar-se, munido do amor que possibilita o despertar à consciência ética à justiça, por fim.

Ainda sobre a primeira questão emergida por Adorno, no que tange à educação como caminho inviabilizador do retorno de Auschwitz, precisamos trazer à baila a conversão da experiência, que atualmente, mesmo com tantas portas e janelas abertas ao mundo pela internet, faz do ato de experimentar não mais um ato de experienciação em si, em que os sentidos verdadeiramente se voltam ao *instante*, e sim uma busca desenfreada por capturá-lo e ostentá-lo aos outros — como se fosse possível guardar a *verdade do todo presente* e, ainda, presentear-lo.

Um exemplo disso é o fenômeno datado que, de modo geral, une as massas para, juntas, celebrarem o *Réveillon*... Por volta da meia-noite, veem-se multidões com seus celulares enristes, já entorpecidas e embaladas por músicas populares, registrando os fogos que cortam o céu noturno e experienciando, assim, o *instante* por trás das máquinas que preenchem suas mãos e esvaziam as possibilidades de eternizá-lo no coração e na mente. Elas mal vivem esse momento para refletirem sobre as próprias vidas, de modo que, de forma cega e misteriosa, preparam um desfecho feliz<sup>517</sup>, ansiando por um novo ano, apregoadas nas velhas crenças que fazem dele o mesmo palco de circo do ano que findou. Tudo feitiçaria!<sup>518</sup>

Na realidade, “o mundo se transformou num imenso cômodo espelhado, e a ilusão do infinito está ao alcance da mão. [...] O desejo adoeceu, e o déficit de capacidade se suportar a realidade criou uma realidade paralela e adorada: o objeto idolatrado”<sup>519</sup>. Assim, enfeitizadas, unem-se às famílias e, não raro, mal se olham, mas encaram-se dentre um *like* e outro por meio do aparelho que as desunem, mesmo supostamente unidas.

Elas capturam obsessivamente o *instante*, sobrecarregando a memória das máquinas sem se ater às próprias memórias não vividas. Mas, como cantou Roberto Carlos: “É preciso

---

<sup>517</sup> ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 34, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30 nov. 2024.

<sup>518</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 279.

<sup>519</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 279.

saber viver”<sup>520</sup>. Ou é preciso não substituir o viver pelo simples ver — sem enxergar e sentir, pois não há vida verdadeira na falsa.<sup>521</sup> Logo, não se delega o *vibrar pulsional* da existência que constrói o momento ao reduto do experienciar tecnológico.

Acerca dessa crise da experiência, Didi-Huberman a ilustra evocando o tempo presente como uma situação de *apocalipse latente* e destacando esta passagem de Agamben:

[...] O homem moderno volta para casa, à noite, extenuado por uma mixórdia de eventos – divertidos ou maçantes, banais ou insólitos, agradáveis ou atroz – , entretanto, nenhum deles se tornou experiência. É esta incapacidade de se traduzir em experiência que torna hoje insuportável – como em momento algum passado – a existência cotidiana. [...] Uma visita a um museu ou a um lugar de peregrinação turística é, desse ponto de vista, particularmente intrusiva. Posta diante das maiores maravilhas da terra (digamos, o *patio dos leones*, no Alhambra) a esmagadora maioria da humanidade recusa-se hoje a experimentá-las: **prefere que seja a máquina fotográfica a ter experiência delas. Não se trata aqui, naturalmente, de deplorar essa realidade, mas constatá-la.**<sup>522</sup>

No entanto, o que tem a ver tudo isso com a educação após Auschwitz? Pensamos que muito, porque não se educa, bem como não se é educado, descolando-se do *susto* do despertar advindo da *verdadeira experiência* (ninguém aprende a ler fitando uma parede branca sem, antes, entregar-se ao contato com as letras e, ainda, praticá-las ao escrevê-las e ouvi-las).

Todavia, diante das paisagens por trás das janelas *on-line*, as quais também viabilizam o despertar, do mesmo modo que saber viver é preciso, é fundamental utilizar bem tais ferramentas e, com efeito, vislumbrar o todo. Sobretudo, isso só é possível por meio de uma razão ética, esclarecida e emancipada.

Em vista disso, ao encontro do exaurimento da experiência, Adorno traz o caso da criança que, ao deleitar-se no próprio instante, fez de uma quinta-feira dia de festa:

À criança, cujos pais recebem hóspedes, bate-lhe o coração com mais ansiedade do que na véspera de Natal. Não pelas prendas, mas pela mudança na sua vida. O perfume que a dama convidada deixa na cômoda, enquanto lhe é permitido olhar na abertura da sua bagagem tem, ao respirá-lo pela primeira vez, um aroma que é uma evocação. [...] **ficam à mercê da insaciável curiosidade** [...] E assim como nos contos as fadas falam aos meninos, assim fala a convidada, séria e sem afetuosidade, à criança da casa. Esta, logicamente, pergunta pelos países e pelos povos [...] A criança sente-se assim, de repente, incluída na poderosa e misteriosa comunidade dos adultos, no círculo mágico da gente sensata [...] **A visita faz de Quinta-feira um dia de festa,**

<sup>520</sup> Roberto Carlos: “É preciso saber viver” (ROBERTO Carlos - É Preciso Saber Viver (Áudio Oficial). [S. l.: s. n.], 31 jan. 2020. 1 vídeo (3:30 min.). Publicado pelo canal Roberto Carlos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xM4JFJYSkw4>. Acesso em: 31 dez. 2024.).

<sup>521</sup> ADORNO, T. W. *Minima Moralia*. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 29, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30 nov. 2024.

<sup>522</sup> AGAMBEN, 2008, p. 21-23 *apud* DIDI-HUBERMAN, G. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 75-76, grifo nosso.

**em cujo bulício se está pretensamente sentado à mesa com a humanidade inteira.**<sup>523</sup>

Essa quinta-feira ilustrada por Adorno nos leva a perceber a euforia da criança ao ter seu mundo rompido pelo êxtase advindo do novo, nesse caso, da visita que mudou a linearidade da sua rotina. A criança, curiosa, observa as bagagens... sente o perfume... questiona sobre o mundo e seu habitantes... sente-se, portanto, pertencendo ao grupo e acolhida pela humanidade inteira. Mas o que isso tem a ver com Auschwitz? Respondemos junto a Ricardo Timm de Souza: “É na interpenetração da vontade de lucidez com a concretude do mundo que o ser se vai *dando*”<sup>524</sup>.

Isso significa que a vontade de lucidez acaba por ser suprimida pela relativização da experiência — a vontade ou, conforme elaborou Bloch, *o germe da vontade*<sup>525</sup>, que diz respeito à vontade última de estar verdadeiramente presente, de tal modo que o instante vivido pertencesse a nós e a ele fosse possível dizer: “Dure eternamente!”<sup>526</sup>. Contudo, é impossível a reformulação do passado abstendo-se da *vontade* de experienciar a história no sentido de olhar para trás, com verdadeiro interesse, e, assim, evocar à razão o ponderar reflexivo que possibilita a clareza.

Por fim, o que Auschwitz tem com isso a ver? Adorno nos lembra:

[...] aquilo que gera Auschwitz, os tipos característicos ao mundo de Auschwitz, constituem presumivelmente algo de novo. Por um lado, eles representam a identificação cega com o coletivo. Por outro, são talhados para manipular massas, coletivos, tais como os Himmler, Hoss, Eichmann. **Considero que o mais importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita é contrapor-se ao poder cego de**

<sup>523</sup> ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 168, grifo nosso, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30 nov. 2024.

<sup>524</sup> SOUZA, R. T. de. **O pensamento e o outro, o outro do pensamento**: a questão da alteridade em configurações contemporâneas. Porto Alegre: Zouk, 2022, p. 110.

<sup>525</sup> “E. Bloch constrói justamente um modelo de pensamento que posta a dimensão da vontade em seu núcleo, ou melhor, que dimana a partir da fecundidade do *germe da vontade*. A dimensão das ‘utopias concretas’ é de tal forma sadiamente afirmativa que reúne em sua formulação estritamente filosófica a dimensão inteira da potência de Eros” (SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 277).

<sup>526</sup> “A vontade última é a de estar verdadeiramente presente. De tal modo que o instante vivido pertencesse a nós a ele e fosse possível dizer a ele: “Dure para sempre!”. O ser humano quer finalmente estar no aqui e no agora sendo ele mesmo, sem adiamento nem distância entrar na sua vida plena. A vontade utópica autêntica não é de forma alguma um almejar infinito, ao contrário: ela quer o meramente imediato e, dessa forma, o conteúdo não possuído do encontrar-se e do estar-aí [*Dasein*] finalmente mediado, aclarado e preenchido, preenchido de modo adequado à felicidade. Este é o conteúdo utópico limítrofe, pretendido no ‘Dure eternamente! És tão lindo!’ do projeto do Fausto. Assim, *as imagens objetivas da esperança, no processo de construção, impelem irrecusavelmente em direção às imagens do próprio ser humano plenificado e do seu ambiente plenamente mediado por ele – portanto, à sua pátria*” (BLOCH, 2005/2006, p. 26 *apud* SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 278).

**todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente aos mesmos por meio do esclarecimento do problema da coletivização.**<sup>527</sup>

A contraposição ao poder cego, conforme já emergimos antes, diz respeito a ir de encontro e, sobretudo, resistir à racionalidade burguesa, pois “Auschwitz nada mais foi do que a racionalização instrumental centralizada pelos meios bárbaros despertados por ela mesma”<sup>528</sup>. Assim, resistir ao relativismo que o experienciar tem se tornado é necessário para impedir o retorno de Auschwitz, no sentido adorniano.

Contrapor, acima de tudo, o poder cego fomentado pela indústria cultural e pelas propagandas que saltam aos olhos das crianças da contemporaneidade também é urgente. As novas tecnologias estão marcando uma geração e reduzindo a capacidade de entrega às experiências quotidianas, porque, se antes uma criança sentia-se feliz pela quebra da sua rotina que a fazia pulsar e experienciar verdadeiramente o momento, hoje, a experiência da imersão no ato de brincar está sendo substituída pela encenação que monetiza através dos *likes*. Não raro, pais criam perfis nas redes sociais até mesmo do feto em desenvolvimento dentro da barriga, porque apostam no futuro promissor do *influencer* que, ainda, precisa sobreviver.

Nesse mesmo sentido, no exemplo de Adorno, a criança que sentiu-se diante da humanidade inteira porque esteve envolta em assuntos dos mais variados e, ainda, diante da visita — experienciou, ao fim, uma linda novidade no seu pequeno mundo. Hoje, porém, são muitas as crianças que estão com a humanidade inteira em suas pequenas mãos, pequenos olhos e, sobretudo, influenciando a sua pequena razão que diariamente se desenvolve. Sem contar, ainda, que o próprio ato de escrever resta influenciado, visto a facilidade advinda do *touch screen*. Eis, portanto, o estado da arte no Brasil acerca da utilização das máquinas pelas crianças:

Os impactos aterrorizantes para a saúde mental aparecem nos gráficos com dados que comparam o ano de 2022 ao de 2010. Nesse período, os índices de ansiedade, depressão e anorexia cresceram 134%, 106% respectivamente. O resultado, quando não há suporte psicológico, pode ser devastador. Um levantamento da Fiocruz apontou aumento de 6% na taxa de suicídio no Brasil no período de 2011 a 2022 entre pessoas de 10 a 24 anos – o índice de mutilações cresceu 29%. **Os cientistas e clínicos que se debruçaram sobre o fenômeno são unânimes em dizer que é necessário despertar um movimento amplo, englobando governos, pais, educadores e as empresas responsáveis pelas tecnologias.** “Quando surgiram, esses recursos digitais traziam a ideia de entreter e conectar pessoas, mas acabaram se pautando por uma série de

<sup>527</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 127, grifo nosso. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

<sup>528</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 127. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.

manipulações comportamentais. Isso fez com que uma geração ficasse absolutamente perdida”, diz o psicólogo Cristiano Nabuco, da PUC-SP. “Ou a gente começa a olhar para essa questão como algo grave ou corre o risco de perder esses jovens”.<sup>529</sup>

Não só as possibilidades de experiências foram transformadas, como também a forma de sentir a vida. A dinâmica cultural dessa nova era fez a sociedade progredir, dizem... Mas qual é a qualidade desse progresso que se passa no desenvolvimento interno cognitivo da criança? Quem mata a sua filosofia primeira? A família ou a humanidade prostrada em suas mãos? Ou será a própria máquina? Porque a inteligência artificial encontra-se à disposição para ocupar o papel de servo e trabalhar em favor dos “*poderosos chefinhos do futuro*”.

As questões estão postas, e este trabalho não dá conta de responder a todas as perguntas. O tempo presente movimenta-se depressa, e tais questões precisam do próprio tempo para vir à tona. Resta-nos, portanto, emergi-las e transformá-las em angústias do pensamento. Sobretudo, em vista disso, lembramo-nos de Adorno: o esclarecimento geral, capaz de produzir um clima intelectual, cultural e social que não permita a repetição de Auschwitz, de modo a conscientizar as pessoas do horror ocorrido no passado, deve ser a prioridade.<sup>530</sup>

Apesar de tudo, além dos esforços à educação, Adorno nos aconselha a fomentar o esclarecimento geral capaz de modificar o clima cultural. Tal clima, sabemos, não é promovido somente pelas crianças — aqui, esperança para o amanhã, mas quem participa da *dança da chuva* e influencia diretamente o clima cultural vigente são os próprios adultos, que figuram as crianças de ontem, que foram, porém, educadas e cultivadas pelos adultos de ontem. Eis o ciclo da vida, ou da morte — cuja educação tem o condão de modificar.

No que tange às *gentes grandes*, é preciso, necessariamente, conscientizá-las de que elas precisam de uma abertura no pensamento para sujeitar-se ao novo e, assim, esclarecer-se. Noutras palavras: precisam saber que necessitam desse saber, pois o não saber sentenciará suas vidas à eterna infância, como disse Adorno: “Experimenta de uma maneira drástica como

---

<sup>529</sup> FELIX, P. Novos estudos revelam os graves impactos do uso de celulares por crianças. **Veja**, [s. l.], n. 2892, 10 maio 2024, grifo nosso. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/novos-estudos-revelam-os-graves-impactos-do-uso-de-celulares-por-criancas>. Acesso em: 30 dez. 2024.

<sup>530</sup> “Quando falo de educação após Auschwitz, refiro-me a [...] ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto, um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes” (ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 123. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCIPAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCIPAÇÃO.pdf). Acesso em: 21 dez. 2024.).

questão vital a lamentável alternativa perante a qual o capitalismo tardio, dissimuladamente, coloca todos os seus dependentes: tornar-se adulto ou permanecer na infância”<sup>531</sup>.

É lastimável o fato de que a vida segue um curso natural, e, dentro de grandes corpos maduros, permanecem pequenos aqueles que, passivamente, aceitam a própria condição da razão empobrecida. A consequência disso, do berço ao túmulo, é o destino marcado pela opressão, pelo sofrimento e pela felicidade falsa. Esse absurdo se perpetua por meio dos próprios oprimidos, e a dominação transmite-se por intermédio dos próprios dominados.<sup>532</sup>

Todavia, a pobreza subjetiva, como solo fértil às doenças da razão, também é característica da burguesia não oprimida, mas reprodutora da opressão, como já mencionamos ao longo do trabalho. Mesmo com o *céu* aos pés, ela desperdiça a vida num corpo cuja razão é abestalhada, ardilosa e extremamente idiota. De que vale ser aparentemente rico se for miserável cognitivamente? Este odeia os pobres, mas, na verdade, projeta em si o ódio que nutre em desfavor da própria pobreza que constitui o âmago do seu Ser.

No que tange à condição dos oprimidos, Paulo Freire nos adverte:

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua ‘convivência’ com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental, é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis.<sup>533</sup>

Nesse caso, trata-se de um processo voltado a um projeto educacional, em que a insistência no esclarecimento dos educandos em relação aos educados deve ser necessária. Essa educação, como já mencionamos, tem de ser subversiva, de modo que o “educar” seja apenas uma forma de pôr à disposição os conteúdos e, mais que isso, fomentar o questionamento.

O “educar” aqui posto não se trata de ditar o ensino, mas de promover o engajamento à dúvida e, assim, ao pensamento; se for necessário, deseducando o já educado, que mostra-se oprimido em sua razão. Assim sendo, “só há pensamento se existir a dúvida, a possibilidade de uma negação ou do constrangimento daquilo que se apresenta como evidência”<sup>534</sup>.

<sup>531</sup> ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 124, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30 nov. 2024.

<sup>532</sup> “O absurdo perpetua-se por meio de si mesmo: a dominação transmite-se através dos dominados” (ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 174, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30 nov. 2024).

<sup>533</sup> FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 29.

<sup>534</sup> CASARA, R. R. R. **A construção do idiota**: o processo de idiosubjetivação. Rio de Janeiro: Da Vinci, 2024, p. 316.

Educar, portanto, pressupõe enfrentar — eticamente — a cultura em que perfis autoritários sentem-se à vontade para cultivar-se em idolatria à política de morte, a qual exemplificamos exaustivamente ao longo do trabalho por meio dos casos brasileiros. Acerca disso, Guadagnin explica:

[...] qualquer “política” de morte, não é outra coisa do que a morte da ética. Precisamente por isso, todos nós que nos pretendamos éticos, carregamos conosco os ecos das vozes emudecidas, como diria Benjamin<sup>535</sup>, na responsabilidade dessa herança de um novo imperativo categórico: que Auschwitz não se repita, de nenhum modo, com nenhum meandro e em nenhum lugar.<sup>536</sup>

A ética posta como um esteio que ramifica todas as outras questões é “[...] a questão filosófica fundamental: a condição humana. Na verdade, a Ética é o fundamento da *própria possibilidade de pensar o humano*. [...] a *própria ideia de pensar* pressupõe a Ética”<sup>537</sup>. Na realidade, a busca por emancipação e o enriquecimento subjetivo só são possíveis se ambos fluírem ao pensamento do Outro por intermédio da Ética. Para isso, plantar na *trilha da razão* rosas da ética, do amor e da justiça é o dever dos jardineiros da educação.

Em relação ao exposto, questionamos junto a Souza: “Qual é o sentido do mundo sem a nossa fidelidade na busca da justiça?”<sup>538</sup>. Não buscamos por emancipação da razão para superar a minoridade cognitiva e, no fim, fazer justiça nem que seja denunciando os antolhos que limitam o Outro? “O tema da justiça é uma ansiedade literal de todo e qualquer pensar”<sup>539</sup>. É, por fim, a base que fundamenta esta passagem de Adorno: “Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação”<sup>540</sup>.

O que há nesse pedido de Adorno, senão clamor por justiça, amor ao próximo e, ainda, ética para tornar realizáveis essas urgências? É a própria possibilidade de justiça que

<sup>535</sup> BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. (Obras escolhidas; v. 1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 223.

<sup>536</sup> GUADAGNIN, R. Vida danificada, vida adoecida: um ensaio sobre sofrimento e necroética. In: AMARAL, A. J. do. (org.). Dossiê: Biopolítica(s) no século XXI. **Revista Opinião Filosófica**, [s. l.], v. 11, n. Ed. esp. 2, 16 ago. 2020, p. 6-7. Disponível em: <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/974>. Acesso em: 25 dez. 2024.

<sup>537</sup> SOUZA, R. T. de. **O pensamento e o outro, o outro do pensamento**: a questão da alteridade em configurações contemporâneas. Porto Alegre: Zouk, 2022, p. 291.

<sup>538</sup> SOUZA, R. T. de. **O pensamento e o outro, o outro do pensamento**: a questão da alteridade em configurações contemporâneas. Porto Alegre: Zouk, 2022, p. 317.

<sup>539</sup> SOUZA, R. T. de. **O pensamento e o outro, o outro do pensamento**: a questão da alteridade em configurações contemporâneas. Porto Alegre: Zouk, 2022, p. 317.

<sup>540</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 119. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCIPAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCIPAÇÃO.pdf). Acesso em: 14 nov. 2024.

fundamenta as estruturas das relações humanas<sup>541</sup>, as quais são existentes a partir de pressupostos éticos capazes de viabilizarem o existir. Sobre essa ansiedade literal, Souza clarifica:

Justiça é uma ansiedade, é uma dimensão de construção que se constrói com tijolos infinitamente pequenos, porém infinitamente recorrentes, incansáveis, sólidos e delicados. **Justiça é o objeto das ciências e da filosofia, porque é o conteúdo da própria humanidade, sem o qual a humanidade torna-se vazia.** Como conceber a condição humana sem a ansiedade por justiça? [...] Levada a argumentação nesse sentido, não há pensamento e construção humana digna deste nome que não seja expressão, mais ou menos bem-sucedida, da reparação desta ansiedade por justiça.<sup>542</sup>

Noutras palavras, mas agora com Derrida: *A desconstrução é a justiça*<sup>543</sup>. No contexto deste trabalho, a construção da justiça — *pari passu* — permeia a razão emancipada, ao passo que é a própria perseguição à justiça em seus termos que pulsa no coração da resistência. As energias são canalizadas por ela, para, assim, seguir firmes – em sentido derridiano, desconstruindo dogmas, conceitos e crenças que residem na razão ardilosa.

Por fim, chegando ao final da *trilha*, nota-se uma porta de vidro, pela qual a resistência adentra a seu modo — machucados, sujos, cansados, maltrapilhos, porém em posse das suas aporias e, sobretudo, felizes por serem loucos de maneira sóbria. A exaustão os fez curvar-se ao chão e, ajoelhados, encontraram nele um envelope vermelho deixado por Adorno. Nele havia um pequeno papel e dois *instantes* capturados no tempo. No bilhete, um lembrete: “[...] Proclamar como princípio, o amor!”<sup>544</sup>, no verso, mais um: “[...] o próprio Nietzsche ensinou o *amor fati*, o ‘deves amar o teu destino’”<sup>545</sup>. Em resposta, o sobrevivente que liderou a empreitada trilha adentro levantou o braço direito, fechou a mão vermelha enriste e aos seus falou com ternura: “*Somos o tempo que ainda não é e, portanto, nosso nome é esperança*”<sup>546</sup>. Disse também:

<sup>541</sup> “[...] *a questão da justiça como fundamento da estrutura das relações humanas*” (SOUZA, R. T. de. **O pensamento e o outro, o outro do pensamento**: a questão da alteridade em configurações contemporâneas. Porto Alegre: Zouk, 2022, p. 317).

<sup>542</sup> SOUZA, R. T. de. **O pensamento e o outro, o outro do pensamento**: a questão da alteridade em configurações contemporâneas. Porto Alegre: Zouk, 2022, p. 318, grifo nosso.

<sup>543</sup> DERRIDA, 1990 *apud* SOUZA, R. T. de. **O pensamento e o outro, o outro do pensamento**: a questão da alteridade em configurações contemporâneas. Porto Alegre: Zouk, 2022, p. 319.

<sup>544</sup> “Será que você não pode mostrar o lado bom e proclamar como princípio o amor, ao invés da amargura infinita? – Só há uma expressão para a verdade: o pensamento que nega a injustiça” (ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 180-181).

<sup>545</sup> ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001, p. 87, *e-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30 nov. 2024.

<sup>546</sup> SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020, p. 279.

O desentranhamento que o estranhamento do mundo significa ao pensamento leva à estranha combinação de categorias que permite a louca ousadia que a “louca obsessão” pela justiça – que a indomesticável repugnância pela injustiça – exige e propõe [...] Essa é, então, a expressão para a verdade além da mera ideia de verdade: “o pensamento que nega a injustiça”, o que significa a árdua passagem da razão vulgar-ardilosa – da razão instrumental – à racionalidade ética.<sup>547</sup>

“Sejamos loucos então!”, bradou feliz a nova integrante da resistência, sabendo que, em verdade, sempre fora — por ser constituída num espírito anárquico; só não sabia, porém, o sentido da força que direcionava seus passos àquele *instante*... tocada por Paracelso, analisa as fotografias nas mãos de seu mestre *deseducador* e, cortada da cabeça aos pés, sem forças por ora, sussurra: *Quanto maior é o conhecimento inerente a uma coisa, maior é o amor*<sup>548</sup>; *portanto, sigo daqui com uma causa para amar*. E, também seguirei falando em resistência... Sobretudo, como falar nela sem levar os pensamentos às vielas do Gueto de Varsóvia<sup>549</sup>? onde:

[...] Resistiu quem contrabandeou um pão; Resistiu o que ensinou em secreto; Resistiu o que escreveu e publicou e advertiu e rompeu ilusões; Resistiu o que contrabandeou um rolo da Torá; Resistiu o que ajudou aos fugitivos em sua fuga; Resistiu o que escreveu o que ocorria e o ocultou [...]; Resistiu o que desarmado se levantou contra seus assassinos. [...]; Resistiu o que sobreviveu; Resistiu o que se rebelou nos guetos, entre paredes que caíam, na rebelião mais desesperada de todas.<sup>550</sup>

<sup>547</sup> SOUZA, R. T. de. **Ética do escrever: Kafka, Derrida e literatura como crítica da violência**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2018, p. 49.

<sup>548</sup> PARACELSO *apud* MORAIS, E. Quem nada conhece nada ama. **Espaço Filosófico**, Campinas, SP, 19 mar. 2021. Disponível em: <http://edmcultura.blogspot.com/2021/03/quem-nada-conhece-nada-ama.html>. Acesso em: 03 jan. 2024.

<sup>549</sup> **O Levante do Gueto de Varsóvia**: “A tentativa mais lembrada, dentre as lutas judaicas pela libertação contra um inimigo muito mais poderoso, foi a corajosa revolta armada ocorrida no gueto de Varsóvia, conhecida como “O Levante do Gueto de Varsóvia”. No verão de 1942, cerca de 300.000 judeus foram deportados de Varsóvia para Treblinka. Quando as informações sobre os assassinatos em massa nos centros de extermínio vazaram, e chegaram ao gueto de Varsóvia, um grupo de israelitas, em sua maioria jovens, formou uma organização chamada Z.O.B. (Organização Judaica Combatente, em *polonês, Żydowska Organizacja Bojowa*). A Z.O.B., liderada por Mordecai Anielewicz, de apenas 23 anos, divulgou um manifesto no qual pedia aos judeus que resistissem contra a embarcação nos vagões de trens [OBS: os judeus não sabiam para onde estavam sendo levados]. Em janeiro de 1943, combatentes do gueto de Varsóvia atiraram nos soldados alemães enquanto eles tentavam agrupar outro grupo de moradores para deportá-los do gueto. Os *partisans* usaram as poucas armas feitas por eles mesmos e as obtidas por meio de contrabando, e após alguns dias de luta os soldados alemães recuaram. Aquela pequena vitória deu alento aos lutadores do gueto para se prepararem para novos conflitos. Em 19 de abril de 1943, quando as tropas e a polícia alemã entraram no gueto para levar mais judeus para os campos de extermínio, “O Levante do Gueto de Varsóvia” teve início. Setecentos e cinquenta combatentes judeus, pobremente armados e enfraquecidos por doenças e pela fome, lutaram contra um número muito maior de bem alimentados soldados alemães fortemente armados e bem treinados. Os combatentes do gueto conseguiram se defender por quase um mês mas, em 16 de maio de 1943, a revolta chegou ao fim. Lentamente, os alemães subjugaram a resistência. Dos mais de 56.000 judeus capturados, cerca de 7.000 foram assassinados a tiros e o restante foi deportado para os campos onde foram mortos” (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. O levante do gueto de Varsóvia. **Enciclopédia do Holocausto**, Washington, EUA, [202-?]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/the-warsaw-ghetto-uprising>. Acesso em: 03 jan. 2024.).

<sup>550</sup> RAPOPORT, 2000, p. 144 *apud* SOUZA, N. N. **Gueto de Varsóvia: Educação clandestina e resistência**. Orientador: Ana Szpiczkowski. 2013. Dissertação (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura

Resistiu, ainda, o que a si mesmo resistiu porque foi salvo pela arte, como esta criança do registro que segura seu violino como quem segura a esperança materializada... No olhar, expectativas e, possivelmente, apreensão:

Fotografia 1 – Esperança no Gueto de Varsóvia.



Fonte: Heydecker (1941).<sup>551</sup>

No segundo registro, deparamo-nos com a face inocente deste pequeno ser humano, por meio do qual um sorriso fácil e doce nos remete à liberdade que transcende o *instante*. Apesar dos esfarrapados panos que o encobrem, o recorte da sua face livre e desinteressada ao entorno de opressão nos remete a esta passagem que Virginia Woolf legou ao tempo, como um ato próprio de resistência: “Me recuso a permitir que você, embora seja o bedel, me enxote da grama. Tranque suas bibliotecas se preferir, mas não há nenhuma porta, nenhuma tranca,

---

Judaicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 55. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002412608>. Acesso em: 03 jan. 2024.

<sup>551</sup> “Artista de rua do Gueto de Varsóvia: Um menino judeu tocando violino para se sustentar [...]” (HEYDECKER, J. J. Warsaw Ghetto Busker: A Jewish boy playing a violin to support himself in the Warsaw ghetto. **Hulton Archive (Galerie Bilderwelt)**, Polônia, fev. 1941. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornal%C3%ADstica/jewish-boy-playing-a-violin-to-support-himself-in-foto-jornal%C3%ADstica/89115362?adppopup=true>. Acesso em: 03 jan. 2024).

nenhum ferrolho que você pode colocar sobre a liberdade da minha mente”<sup>552</sup>. Resistiram, portanto, também aqueles que sorriram e não entregaram as chaves que aprisionariam suas mentes, nem seus corações.

Fotografia 2 – Pulsão à existência – apesar de tudo.<sup>553</sup>



Fonte: The ghetto [...] (1943).<sup>554</sup>

<sup>552</sup> WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Trad. Adriana Buzzeti. 1. ed. São Paulo: Lafonte, 2020, p. 96.

<sup>553</sup> **O Levante do Gueto de Varsóvia**: “A tentativa mais lembrada, dentre as lutas judaicas pela libertação contra um inimigo muito mais poderoso, foi a corajosa revolta armada ocorrida no gueto de Varsóvia, conhecida como “O Levante do Gueto de Varsóvia”. No verão de 1942, cerca de 300.000 judeus foram deportados de Varsóvia para Treblinka. Quando as informações sobre os assassinatos em massa nos centros de extermínio vazaram, e chegaram ao gueto de Varsóvia, um grupo de israelitas, em sua maioria jovens, formou uma organização chamada Z.O.B. (Organização Judaica Combatente, em *polonês*, *Zydowska Organizacja Bojowa*). A Z.O.B., liderada por Mordecai Anielewicz, de apenas 23 anos, divulgou um manifesto no qual pedia aos judeus que resistissem contra a embarcação nos vagões de trens [OBS: os judeus não sabiam para onde estavam sendo levados]. Em janeiro de 1943, combatentes do gueto de Varsóvia atiraram nos soldados alemães enquanto eles tentavam agrupar outro grupo de moradores para deportá-los do gueto. Os *partisans* usaram as poucas armas feitas por eles mesmos e as obtidas por meio de contrabando, e após alguns dias de luta os soldados alemães recuaram. Aquela pequena vitória deu alento aos lutadores do gueto para se prepararem para novos conflitos. Em 19 de abril de 1943, quando as tropas e a polícia alemã entraram no gueto para levar mais judeus para os campos de extermínio, “O Levante do Gueto de Varsóvia” teve início. Setecentos e cinquenta combatentes judeus, pobremente armados e enfraquecidos por doenças e pela fome, lutaram contra um número muito maior de bem alimentados soldados alemães fortemente armados e bem treinados. Os combatentes do gueto conseguiram se defender por quase um mês mas, em 16 de maio de 1943, a revolta chegou ao fim. Lentamente, os alemães subjugaram a resistência. Dos mais de 56.000 judeus capturados, cerca de 7.000 foram assassinados a tiros e o restante foi deportado para os campos onde foram mortos” (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. O levante do gueto de Varsóvia. **Enciclopédia do Holocausto**, Washington, EUA, [202-?]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/the-warsaw-ghetto-uprising>. Acesso em: 03 jan. 2024).

<sup>554</sup> “O gueto de Varsóvia antes da revolta. Um pedaço de bolo foi a fonte de alegria desta criança sorridente [...]” (THE GHETTO of Warsaw before the uprising: a piece of cake was the source of joy of this smiling child unaware of his tragic future. Warsaw Ghetto. About 1943. Photograph. **Hulton Archive (Votava/Imagno)**, Polônia, 1943, tradução nossa. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto->

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que aqui não se acaba porque transcende precisa, porém, por essas entrelinhas, findar. Encontramos o final da trilha arduamente percorrida, juntos de todos os membros da resistência que contribuíram para a construção desse caminho. Possibilitaram-nos o avistar da chegada os pensadores que nos antecederam e, ainda, os da contemporaneidade. Isso foi possível a partir das suas afiadas lâminas do esclarecimento, sem as quais seria impossível pôr a mata abaixo e, finalmente, notar as serpentes do caminho.

A promessa vindoura que nos muitos ninhos avistamos nos assustou — porque o assombro da realidade, verdadeiramente, assusta. Nesse clima de tensão, pelos mestres de facões afiados, fomos intimados: *Matem a própria inocência para finalmente enxergarem!* Prostramo-nos diante deles e, por fim, fomos mutilados. Contudo, a ingenuidade e o amor pueril se transmutaram em potência para, enfim, trazer a verdade à tona sem sucumbirmos.

Com o mapa em mãos, trilhamos rumo à superação da minoridade, cuja grande chegada foi a trilha do despertar à resistência — o nosso triunfo; a nossa esperança. Eis, sobretudo, a ordem que cronologicamente percorremos: perdidos na floresta, avistamos um vaga-lume brilhando em cima de um rolo preto... aproximamo-nos, e, ao abri-lo, tratava-se de um mapa cujo título era: *As faces do fascismo por Theodor Adorno*. O vaga-lume que nos observava a nós sorriu e desejou boa sorte. Foi então que tudo começou...

Em que pese tenhamos passado pelos empreendimentos teóricos de outros intelectuais ao longo do trabalho, foram as teorias adornianas ao clima frankfurtiano que nortearam todo o trajeto. Tal fato foi possível junto aos escritos do Horkheimer — que, em parceria com Adorno, emergem as aporias fascistas do pós-Segunda Guerra.

Não há se falar, no entanto, em clarificação do fascismo institucional histórico — de Mussolini e do Nazifascismo de Hitler —, mas no fascismo que constitui o fascista como ser humano.

O que passou marcou a história, mas Adorno e seus colegas — que, na pele, sentiram a dor da perseguição — dedicaram suas vidas a responderem a perguntas assim: por que as pessoas fazem o que fazem? Como podem ousar gostar de quem as oprimem? Essas questões os impulsionaram a investigar o fascismo que corrompe as entranhas do próprio ser humano e, com efeito, o desumaniza.

A questão posta não se baseou *nos* acontecimentos em si, mas *no que* fizeram tais acontecimentos — como a existência dos campos de concentração nazistas *ser* uma realidade. Como pode um ser humano dotado de razão esclarecida cometer uma das maiores atrocidades já vistas? Levantar máquinas para reduzir o ser humano ao pó? E, ainda, fazer experimentos indignos com *seus semelhantes* nos campos? Fuzilar sem razão aparente... Não se comover com a fome, a dor, a desesperança, o desespero, a miséria, a morte... Como? Por que o ser humano é assim? “*A terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal*”<sup>555</sup>, disseram Adorno e Horkheimer acerca disso. Entretanto, o que explica a atração do oprimido pelo opressor?

Do início ao fim, foram essas questões que marcaram este trabalho, o qual, definitivamente, foi escrito à base de muita dor — porque a dor do Outro, necessariamente, tem que nos tocar. Movidos por ela, dentre outras obras, baseamo-nos nas obras *Dialética do Esclarecimento* e *Estudos sobre a personalidade autoritária*. A partir delas, emergimos questões abordadas por Adorno e Horkheimer, como a importância da razão esclarecida para a emancipação social, a qual é necessária para a oposição à barbárie.

No subcapítulo 2.1, abordamos a Escala F, cuja ênfase foi dada ao estudo social que dedicaram a ela, em que foram analisadas técnicas psicológicas mobilizadas por líderes fascistas, bem como o fascismo oculto nos cidadãos comuns. Como mencionamos no resumo e ao longo do trabalho, a referida Escala F suscitou 9 variáveis da personalidade potencialmente antidemocrática: 1. Convencionalismo; 2. Submissão autoritária; 3. Agressão autoritária; 4. Anti-introspecção; 5. Superstição e estereotipia; 6. Poder e dureza; 7. Destrutividade e cinismo; 8. Projetividade; e 9. Atitude obsessiva com relação ao sexo.

Nesse ponto, empreendemos esforços para clarificar as características dos perfis acima, os quais são fundamentais para delinear o perfil autoritário e potencialmente fascista para Adorno e seus colegas frankfurtianos. Horkheimer, ao prefaciar a obra, disse que o trabalho girava em torno de “um conceito relativamente novo — o surgimento de uma espécie ‘antropológica’ que chamamos de tipo autoritário de homem”<sup>556</sup>.

Posteriormente, no subcapítulo 2.2, debruçamo-nos no artigo *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista*, elaborado por Adorno junto a Horkheimer. Nesse ensaio

---

<sup>555</sup> ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19 *apud* BANDEIRA, B. S.; OLIVEIRA, A. da. R. Formação cultural e semiformação: contribuições de Theodor Adorno para pensar a educação hoje. *Educação*, Porto Alegre, v. 35, n. 2, maio/ago. 2012, p. 225. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/reveduc/v35n02/v35n02a10.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2024.

<sup>556</sup> HORKHEIMER, 1950, p. 9 *apud* COSTA, V. H. F. da. Resumo de The Authoritarian Personality. *In*: ADORNO, T. W. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 29.

inserido na obra *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*, eles buscaram compreender aqueles cuja estrutura psicológica os tornava especialmente suscetíveis à propaganda antidemocrática e, ainda, à manipulação resultante de cálculos psicológicos.

Nesse artigo, eles denunciaram a alma coletiva daquele tempo; inspirados, sobretudo, no trabalho de Freud, *Psicologia das massas e análise do eu* (1920), e também no do Gustave Le Bon, *Psicologia das multidões* (1895). Contudo, Adorno vai desmembrando o sujeito para entender o que se passa nas bases de suas intenções. Sendo assim, ele destaca *algo* que une a pessoa às massas... Esse *algo* advém de uma natureza libidinal que, de modo geral, vincula o indivíduo, transmutando este *algo* em amor.

Porém, não se trata de amor verdadeiro, pois inexistente amor onde há idolatria, a qual é a base da relação entre o líder adorado e o liderado adorador. Acerca desse assunto, concluímos isto ao longo do trabalho: *o fascista não ama pela pureza do amor, mas pela possibilidade de amar algo tão destrutivo quanto ele mesmo.*

Para Adorno, a psicologia do fascismo é engendrada pela manipulação dos demagogos interessados em usar as massas para fins próprios, que são domínio político, ideológico e econômico. Ele pontua, aliás, que o fascismo não é um problema exclusivamente psicológico, mas está ramificado na base social; articulado pelos grandes aparatos socioeconômicos e culturais. Nesse sentido, afirmou: “Os pressupostos sociais do fascismo ainda perduram, sendo sua condição primeira a concentração do capital”<sup>557</sup>.

No ponto 3 do mapa, encontramos sérias razões para discorrermos sobre *A razão fascista da extrema-direita no Brasil*. A fim de identificar o espírito antidemocrático brasileiro, elencamos as variáveis da Escala F junto aos casos ocorridos no país, os quais ilustram perfeitamente a referida Escala em todas as suas dimensões. No que tange à delimitação, trabalhamos com enfoque nos tempos de obscurantismos que se seguiram de 2018 em diante, no governo do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Nesse aspecto, concluímos que a sua política fora exercida como um sintoma da razão ardilosa e fascista da extrema-direita, visto que tanto os seus atos quanto os dos que o representavam e nele se inspiravam performavam o delírio encapsulado das massas denunciado por Adorno. Logo, o autoritarismo é basilar na sociedade brasileira e se torna mais potente como

---

<sup>557</sup> ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 46.

regime político, uma vez que “o autoritarismo [...] é sustentado por bajuladores e adoradores fervorosos”<sup>558</sup>.

Essa constatação inclinou Adorno à melhor compreensão do fenômeno que afeta as massas, no sentido de que muitos indivíduos se perdem em suas solidões, de modo que somente se encontram quando acompanhados de seres tão estúpidos quanto eles mesmos. Juntos são mais, porque sozinhos não sabem ser. Portanto, amam o barulho que a multidão emana, porque sozinhos não suportam o barulho da própria indigência mental.

Assim, juntos, eles caminham na mesma direção. Contudo, ao buscarmos aproximar as ações políticas de 2018 em diante, deparamo-nos com tais fatos: 1º. A Massa: bolsonaristas armamentistas; machistas, sexistas; homofóbicos; anti-intelectuais; anticiência; criminosos e, por fim, a cereja desse grande bolo envenenado: 2º. O líder: Jair Bolsonaro — foi descoberto envolvido em uma grande trama de um golpe de Estado. Logo, concluímos: a Escala F é mais atual do que nunca, e, pelos fatos que dão sentido a ela no Brasil, pensamos que a pesquisa acerca do (Neo)Fascismo tem por dever ético seguir.

Ao encontro da teia de manipulação, no ponto 3.1, abordamos a Indústria Cultural. Inicialmente, nós a conceitualizamos com base nos escritos do Adorno e, posteriormente, abordamos as propagandas antidemocráticas ocorridas no Brasil, dando ênfase ao papel que elas exercem nas opiniões públicas por intermédio das *fake news*, músicas populares e redes sociais, as quais contribuem para o empobrecimento subjetivo. Concluímos, assim, que, aos olhos do dominador, a manipulação propagandista é uma arte, e essa arte fascista chega ao seu grande público canalizada pela indústria cultural — que manipula afetos e distrai os desavisados da realidade.

Diante de todo o exposto, conforme já abordamos ao longo da pesquisa, pensamos que os poderes objetivos se encontram ramificados nos recônditos das feridas da democracia brasileira na seguinte ordem:

- 1) **Indústria cultural:** por intermédio dela, ocorre a propagação de conteúdos intuídos à manipulação das massas e ao vilipêndio do processo reflexivo;
- 2) **Semiformação:** na ausência do pensamento capaz de performar à reflexão, ocorrem a redução das capacidades cognitivas do indivíduo e, conseqüentemente, a emersão da lógica instrumental que o aprisiona em sua minoridade intelectual;

---

<sup>558</sup> SAWAIA, B. O autoritarismo entre potência e poder, multidão e massa, paixão e emoção. In: SAWAIA, B.; ALBUQUERQUE, R.; BUSARELLO, F. (org.). **Afeto e autoritarismo:** expressões psicossociais da política brasileira. 1. ed. Taubaté - SP: Letra Selvagem; Manaus, AM: Edua/AM, 2023, p. 8. Disponível em: [https://www5.pucsp.br/nexin/livros/Afeto\\_and\\_Autoritarismo\\_Expressoes\\_Psico.pdf](https://www5.pucsp.br/nexin/livros/Afeto_and_Autoritarismo_Expressoes_Psico.pdf). Acesso em: 14 nov. 2024.

- 3) **Aniquilação do processo emancipatório:** trata-se da impossibilidade de percorrer pelo caminho que viabiliza o despertar à emancipação política, bem como à maioria intelectual;
- 4) **Sociedade administrada pelo capitalismo:** difundida pela indústria cultural e fomentada pela razão burguesa, a administração neoliberal tende a relativizar o valor das pessoas e reduzi-las a meios de produção;
- 5) **Neofascismo:** inerte após a dinâmica mencionada, o sujeito é visto pelo sistema que idolatra como uma peça útil; isto é, ao consumir os manuais de idolatria do opressor, torna-se parte da massa amorfa, a qual incita o retorno à barbárie.

Em vista disso, a pergunta de Adorno serviu para nortear este trabalho, a qual fora emergida no resumo: *Como é possível que indivíduos, filhos de uma sociedade liberal, competitiva [...], condicionados a se manterem como unidades independentes e autossustentáveis, possam integrar-se passivamente a aglomerados fascistas?*<sup>559</sup> Após todo o conteúdo desenvolvido, pensamos que essa integração passiva a aglomerados fascistas ocorre porque, distantes da *vontade de potência ética à própria alteridade – vontade –*, sobretudo, no sentido empregado por Ricardo Timm de Souza, que tem esta concepção:

[...] quem vê, quem entende algo, quem aplica a inteligência na solução de um problema ou na análise dos elementos constituintes de uma questão, não o faz, em último termo, à revelia de sua vontade, mas exatamente, porque essa vontade se faz inteligência e se dirige ao interior do objeto para compreendê-lo. [...] “...tratar-se-ia de entender toda a alteridade que se reúne, que se acolhe e se sincroniza na presença ao interior do *eu penso* e que, assim, se assume na identidade do *Eu* – trata-se de entender esta alteridade como *sua* e, pelo próprio fato, de reconduzir seu *outro* ao *mesmo*”<sup>560, 561</sup>

Todavia, não se resume a isso. Além da falta de vontade para o ato de despertar, em que a pulsão do *movimento*, da força interior e, ainda, da *obsessão por justiça* – que são pressupostos necessários, estão ausentes no oprimido. A sua linguagem é corrompida pela indústria cultural, e, na ânsia de pertencer, bem como de fazer reluzir em seu corpo o brilho que reluz de seu líder, ser o objeto adorado torna-se um grande ideal ao homem pequeno. Sobre isso, tratamos com mais vigor no subcapítulo 2.2: *Psicologia das massas e anulação do Eu*, em que Adorno aprofunda as pulsões da psique autoritária com base nas teorias advindas de Freud.

<sup>559</sup> ADORNO, T. W. **Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 168.

<sup>560</sup> “Diacronia e representação” (LEVINAS, E. **Entre nós**: Ensaio sobre alteridade. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 207).

<sup>561</sup> SOUZA, R. T. de. **O pensamento e o outro, o outro do pensamento**: a questão da alteridade em configurações contemporâneas. Porto Alegre: Zouk, 2022, p. 157-158.

De modo geral, pensamos que isso se dá porque o fascista acha que gosta o seu líder, quando, na verdade, gosta da podridão ideológica que comporta no finito corpo opressor.

Por fim, não é possível concluirmos um trabalho que levante toda essa dinâmica de sofrimento — a qual aniquilou a vida de milhões de inocentes e, como disse Adorno, “[...] só o simples fato de citar números já é humanamente indigno, quanto mais discutir quantidades”<sup>562</sup> —, sem não restarmos indignados. No entanto, tal incômodo nos levou a falar sobre resistência no capítulo 4 e no subcapítulo 4.1. É preciso *ter e ser resistência* para que Auschwitz não se repita, e Adorno levanta essa questão emergindo a educação geral (desde a infância) e a conscientização política como possibilidade de resistir.

Todavia, ele aborda a superação da minoridade cognitiva por intermédio do conhecimento como um primeiro passo, visto que, antes de resistir ao retorno da barbárie ocorrida nos campos nazistas, em um primeiro momento, a resistência deve pulsar no próprio sujeito. Ele precisa saber que é oprimido e que se curva docilmente às rédeas do seu opressor, e isso só é possível deseducando-se à medida que se educa para subverter a ordem que o escraviza.

É no *lapso temporal* que ocorre na vida de um indivíduo — do berço ao túmulo — que ele tem a chance de abrir os olhos... Senão, chegará, viverá e partirá dormindo — e é entre o chegar e o partir que está o pesadelo. Logo, despertarão dele aqueles que, em tempo, enfrentarem os fantasmas da regressão; não, porém, sem antes radicalizar o próprio espírito regressor.

---

<sup>562</sup> ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021, p. 120. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCI PAÇÃO.pdf). Acesso em: 14 nov. 2024.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. *In*: ADORNO, T. W. **Ensaios sobre psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020.
- ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCIPAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCIPAÇÃO.pdf). Acesso em: 14 nov. 2024.
- ADORNO, T. W. **Ensaios sobre a psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. Excurso I: Ulisses ou Mito e Esclarecimento. *In*: ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ADORNO, T. W. **Liderança democrática e manipulação de massas [1951]**. Trad. Francisco Rudiger. Reproduzido de *Gesammelte Schriften*, v. 20. T. I. [Soziologische Schriften] Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1986. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Theodor\\_Adorno\\_-\\_Lideranca\\_democratica\\_e\\_manipulacao\\_de\\_massas.htm](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Theodor_Adorno_-_Lideranca_democratica_e_manipulacao_de_massas.htm). Acesso em: 14 nov. 2024.
- ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Artur Morão. 1. ed. [S. l.]: Edições 70, 2001. *E-book*. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/adorno-minima-moralia.pdf). Acesso em: 30 nov. 2024.
- ADORNO, T. W. **Minima Moralia**. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Ática, 1992.
- ADORNO, T. W. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. *In*: ADORNO, W. T. **Ensaios sobre psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. São Paulo: Editora UNESP, 2015.
- ALENCAR, M. L.; SANTANA, E. A sinistra damares e seu projeto de destruição. **Carta Capital**, [s. l.], 04 dez. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaao/a-sinistra-damares-e-seu-projeto-de-destruicao/>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- ALUNOS de colégio militar cantam palavras de ódio em TO; diretor e policiais são afastados. **Folha de São Paulo**, Porto Alegre, 22 nov. 2024. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/11/alunos-de-colegio-militar-cantam-palavras-de-odio-em-to-diretor-e-policiais-sao-afastados.shtml>. Acesso em: 25 dez. 2024.

ALVES JÚNIOR, D. G. Theodor Adorno e a psicologia do anti-semitismo. **Revista de Estudos Judaicos**, Belo Horizonte, p. 50-58, ago. 2001. Disponível em: [https://www.academia.edu/36491581/Adorno\\_e\\_a\\_psicologia\\_do\\_antissemitismo](https://www.academia.edu/36491581/Adorno_e_a_psicologia_do_antissemitismo). Acesso em: 14 nov. 2024.

AMADO, G. Com Bolsonaro de chinelos, presidente e ministros fazem "registro histórico" após reunião da Previdência. **O Globo**, [s. l.], 14 fev. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/guilherme-amado/com-bolsonaro-de-chinelos-presidente-ministros-fazem-registro-historico-apos-reuniao-da-previdencia-23453884>. Acesso em: 23 dez. 2024.

AMÂNCIO, A.; ROSETTI, M. Marcas pelo veneno: agrotóxicos causam infertilidade, abortos e puberdade precoce no Ceará. **Catarinas: jornalismo independente, feminista e antirracista**, [s. l.], 11 dez. 2024. Disponível em: <https://catarinas.info/marcadas-pelo-veneno-agrotoxicos-causam-infertilidade-abortos-e-puberdade-precoce-no-ceara/>. Acesso em: 14 dez 2024.

AMARAL, A. J. do. A “mediocracia brasileira” e o Brasil que não hesita em resistir. **Instituto Humanitas Unisinos**, [s. l.], 20 fev. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/586765-a-mediocracia-brasileira-e-o-brasil-que-nao-hesita-em-resistir>. Acesso em: 19 nov. 2024.

AMARAL, A. J. do. Neoliberalismo, contrarrevolução e pós-fascismo no Brasil. **(Des)troços: revista de pensamento radical**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 1-20, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadestrococ/article/view/46400>. Acesso em: 12 dez. 2024.

APRENDENDO a fazer a barba com o papai. Ensinando meu filho a fazer a barba. [S. l.: s. n.], 07 maio 2018. 1 vídeo (5:06 min.). Publicado pelo canal Alex e Shanna - Família Seabra. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=g5\\_vPa9DR6M](https://www.youtube.com/watch?v=g5_vPa9DR6M). Acesso em: 12 dez. 2024.

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal**. Trad. José Rubens Siqueira. Companhia das letras, 1963.

ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013. *E-book*. Disponível em: <https://alegre.ifes.edu.br/images/stories/Arquivos/Ifes-em-casa/historia/Renata-Alves/Origens-do-Totalitarismo-Hannah-Arendt.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

ARONSON, E; ARONSON, J. **O animal social**. Trad. Marcello Borges. Editora Goya, 2023.

BANDEIRA, B. S.; OLIVEIRA, A. da. R. Formação cultural e semiformação: contribuições de Theodor Adorno para pensar a educação hoje. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 225-232, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/reveduc/v35n02/v35n02a10.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2024.

BARJA, P. R.; LEMES, C. R. Por que ler Adorno hoje? Uma reflexão sobre semiformação institucionalizada. **Linha Mestra**, São Paulo, n. 36, p. 197-200, set.-dez. 2018. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/97/106>. Acesso em: 25 dez. 2024.

BARROS, D. R. O que significa o fetichismo da mercadoria? **Blog da Boitempo**, São Paulo, 06 set. 2023. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2023/09/06/o-que-significa-o-fetichismo-da-mercadoria/>. Acesso em: 25 dez. 2024.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEHNKE, E. Michelle cita "guerra espiritual" em encontro com evangélicas. **Poder 360**, [s. l.], 30 ago. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/michelle-cita-guerra-espiritual-em-encontro-com-evangelicas/>. Acesso em: 17 nov. 2024.

BELIC, G. Autor de atentado contra STF em Brasília não foi morto por bomba que ‘quicou’ em estátua da Justiça. **Estadão**, [s. l.], 14 nov. 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/bomba-quicou-estatuja-justica-atentado-brasilia-stf-enganoso/?srsltid=AfmBOoqKixDYQ3koafs0-2D9XcT02rz26vzPOWPSIvxnsc16p7jMsU0G>. Acesso em: 19 nov. 2024.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. Vol. I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. (Obras escolhidas; v. 1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOLSANELLO, M. A. Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. **Educar**, Curitiba, n. 12, p. 153-165. 1996. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-da-regiao-da-campanha/direito-civil-iii/darwinismo-social-eugenia-e-racismo-cientifico-sua-repercussao-na-sociedade-e-na-educacao-brasileira-maria-augusta-bolsanello/66214252>. Acesso em: 17 nov. 2024.

BOLSONARISTAS ajoelham e oram em frente ao muro do Exército no RJ; vídeo. **UOL**, São Paulo, 08 nov. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/08/bolsonaristas-ajoelham-e-oram-em-frente-ao-muro-do-exercito-no-rj-video.htm>. Acesso em: 13 nov. 2024.

BOLSONARO guerreiro orgulho brasileiro. [S. l: s. n.], 21 ago. 2015. 1 vídeo (3:25 min.). Publicado pelo canal Esse Bicho É Animal (Robson J. Dos Santos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BxDNhqLacyI>. Acesso em: 17 nov. 2024.

BOLSONARO transfere para a Agricultura a demarcação de terras indígenas e quilombolas. **G1**, [s. l.], 02 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/02/bolsonaro-transfere-para-a-agricultura-as-atribuicoes-sobre-demarcacao-de-terras-indigenas-e-quilombolas.ghtml>. Acesso em: 13 dez 2024.

BONIN, R. Bolsonaro invade festa de petista e mata aniversariante. **Veja**, [s. l.], 10 jul. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/bolsonarista-invade-festa-de-petista-os-dois-trocam-tiros-e-morrem/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

BONIN, R. Bolsonaro ganha estátua de concreto em feira ruralista no RS. **Veja**, [s. l.], 29 abr. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/bolsonaro-ganha-estatua-de-concreto-em-feira-ruralista-no-rs>. Acesso em: 13 nov. 2024.

BONIN, R. Em 2018, Bolsonaro defendeu 'fuzilar a petralhada'. **Veja**, [s. l.], 10 jul. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/em-2018-bolsonaro-defendeu-fuzilar-a-petralhada>. Acesso em: 19 nov. 2024.

BRAGA, J. PF indica que autor de plano terrorista esteve com Bolsonaro em pelo menos duas ocasiões. **G1**: Globo News, [s. l.], 19 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2024/11/19/pf-indica-que-autor-de-plano-terrorista-esteve-com-bolsonaro-em-pelo-menos-duas-ocasioes.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2024.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 4.931, de 2016 (Do Sr. Ezequiel Teixeira)**. Dispõe sobre o direito à modificação da orientação sexual em atenção a Dignidade Humana. Dep. Ezequiel Teixeira. Brasília: DF, 06 abr. 2016. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=10CE0096CBD49679451AE377200DE689.proposicoesWeb1?codteor=1452043&filename=Avulso+-PL+4931/2016](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=10CE0096CBD49679451AE377200DE689.proposicoesWeb1?codteor=1452043&filename=Avulso+-PL+4931/2016). Acesso em: 17 nov. 2024.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais [...]. **Diário Oficial da União**, Brasília: DF, 5 out. 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 22 nov. 2024.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **593 trabalhadores são resgatados em condições análogas à escravidão na maior operação da história do Brasil**. [Brasília]: MTE, 29 ago. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Agosto/593-trabalhadores-sao-resgatados-em-condicoes-analogas-a-escravidao-na-maior-operacao-da-historia-do-brasil>. Acesso em: 11 dez. 2024.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Por maioria de votos, TSE declara Bolsonaro inelegível por 8 anos**. [Brasília]: TSE, 30 jun. 2023. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>. Acesso em: 17 nov. 2024.

BUENO, S. F. A crítica dialética de Theodor Adorno ao fascismo: Implicações no campo formativo. **Educação**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 492-500, set.-dez. 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/25982>. Acesso em: 14 nov. 2024.

BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2021.

BUENO, S. F. **O fascismo em dez lições**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2022. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/h77ny/pdf/bueno-9786557143049-00.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2024.

CAETANO Veloso - Dom De Iludir. [S. l.: s. n.], 27 ago. 2012. 1 vídeo (4:33 min.). Publicado pelo canal Caetano Veloso. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bTh8J6Yo-xM&t=1s>. Acesso em: 12 dez. 2024.

CAMUS, A. **A Peste**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

CAPUTO, U. de N.; ARAGUSUKU, H. A. Donald Trump e o fascismo: uma análise inspirada na teoria crítica. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 35, p. 1-9, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/XS6wYMCPVm9yRzQH8RxG5CN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 dez. 2024.

CASARA, R. R. R. **A construção do idiota**: o processo de idiosubjetivação. Rio de Janeiro: Da Vinci, 2024.

CASARA, R. R. R. **Bolsonaro**: o mito e o sintoma. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

CASARA, R. R. R. **Sociedade sem lei**: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COMO parecer mais inteligente do que você é (meu truque). [S. l.: s. n.], 22 fev. 2024. 1 vídeo (13:03 min.). Publicado pelo canal Luana Carolina. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H8sVgw2qR38>. Acesso em: 12 dez. 2024.

COMO parecer rica mesmo sem ter dinheiro | Estilo patricinha elegante. [S. l.: s. n.], 19 abr. 2021. 1 vídeo (8:18 min.). Publicado pelo canal Aesthetic Girls. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GdIYiQdr5RM>. Acesso em: 12 dez. 2024.

COSTA JÚNIOR, J. Darwin foi um darwinista social? **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 254-275, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/6056>. Acesso em: 17 nov. 2024.

COSTA, V. D. F. de C. e. Sociologia, reificação e dialética no pensamento de Theodor W. Adorno. **Revista Habitus**: Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 1-13, mar. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus/article/view/11488>. Acesso em: 14 nov. 2024.

COSTA, V. H. F. da. **A personalidade autoritária**: antropologia crítica e psicanálise. São Paulo, 2019.

COSTA, V. H. F. da. As contradições da personalidade autoritária, segundo Theodor W. Adorno. In: ALVES JÚNIOR, D. G. (org.). **A Personalidade autoritária**: ontem e hoje. 1. ed. São Paulo: Editora Bregantini, 2022.

COSTA, V. H. F. da. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. COSTA, V. H. F. da. (org.). Trad. Virginia Helena Ferreira da

Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

COSTA, V. H. F. da. Resumo de The Authoritarian Personality. *In*: ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

CRAVO, A. Em evento com Bolsonaro, Michelle diz que mulher tem que ser 'ajudadora do esposo': 'É a gente que aguenta, né?'. **O Globo**, Brasília, 14 set. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2022/09/em-evento-com-bolsonaro-michelle-diz-que-mulher-tem-que-ser-ajudadora-do-esposo-e-a-gente-que-aguenta-ne.ghtml>. Acesso em: 13 nov. 2024.

DAVID, R. O *ethos* neoliberal e o bacilo do fascismo. **Outras Mídias**, São Paulo, 17 jun. 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-ethos-neoliberal-e-o-bacilo-do-fascismo/>. Acesso em: 29 out. 2024.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Coletivo Periferia, 2003. *E-book*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2024.

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DOS EUA, Bolsonaro chama estudantes de “idiotas úteis”. **Hora do povo**, [s. l.], 15 maio 2019. Disponível em: <https://horadopovo.com.br/dos-eua-bolsonaro-chama-estudantes-de-idiotas-uteis/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

DUARTE, R. **Adorno**: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

DUARTE, R. Rastreando o autoritarismo. *In*: ALVES JÚNIOR, D. G. (org.). **A Personalidade autoritária**: ontem e hoje. 1. ed. São Paulo: Editora Bregantini, 2022.

EM PÚBLICO, Bolsonaro se esforçava para demonstrar simplicidade; no privado, brigava para levar joias. **Pragmatismo**, [s. l.], 08 mar. 2023. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2023/03/bolsonaro-homem-simples-joias-milhoes.html>. Acesso em: 23 dez. 2024.

EM VÍDEO, Damares diz que 'nova era' começou: 'meninos vestem azul e meninas vestem rosa'. **G1**, Brasília, 03 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2024.

FAGUNDES, E. Descubra a curiosa origem da expressão "maria vai com as outras". **Aventuras na história**, [s. l.], 10 jul. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/almanaque/origem-expressao-maria-vai-com-as-outras.phtml>. Acesso em: 19 nov. 2024.

FELIX, P. Novos estudos revelam os graves impactos do uso de celulares por crianças. **Veja**, [s. l.], n. 2892, 10 maio 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/novos-estudos-revelam-os-graves-impactos-do-uso-de-celulares-por-criancas>. Acesso em: 30 dez. 2024.

FERREIRA, V. H. da C. **A personalidade autoritária: antropologia crítica e psicanálise**. São Paulo, 2019.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

FOUCAULT, M. **Por uma Vida Não-Fascista: Coletânea Michel Foucault Sabotagem**. Coletivo Sabotagem (org.), 2004. Disponível em: <https://cesarmangolin.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/08/foucault-por-uma-vida-nao-facista-pdf.pdf>. p.5-6. Acesso em: 25 dez. 2024.

FRAGOSO, C. F. **Autoritarismo e Sistema Penal**. Editora Lumen Juris, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GHIVELDER, Z. O estigma do Pogrom. **Morashá**, [s. l.], abr. 2024. Disponível em: <https://www.morasha.com.br/antissemitismo/o-estigma-do-pogrom.html>. Acesso em: 1 out. 2024.

GIRALDI, R. O que se sabe sobre o plano golpista para matar Lula, Alckmin e Moraes. **Correio Braziliense**, [s. l.], 20 nov. 2024. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/politica/2024/11/6992552-o-que-se-sabe-sobre-o-plano-golpista-para-matar-lula-alckmin-e-moraes.html>. Acesso em: 22 nov. 2024.

GUADAGNIN, R. Vida danificada, vida adoecida: um ensaio sobre sofrimento e necroética. *In*: AMARAL, A. J. do. (org.). Dossiê: Biopolítica(s) no século XXI. **Revista Opinião Filosófica**, [s. l.], v. 11, n. Ed. esp. 2, p. 1-16, 16 ago. 2020. Disponível em: <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/974>. Acesso em: 25 dez. 2024.

GUÉRIN, D. **Fascismo e grande capital**. Trad. Lara Christina de Malimpensa. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

HEYDECKER, J. J. Warsaw Ghetto Busker: A Jewish boy playing a violin to support himself in the Warsaw ghetto. **Hulton Archive (Galerie Bilderwelt)**, Polônia, fev. 1941. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornal%C3%ADstica/jewish-boy-playing-a-violin-to-support-himself-in-foto-jornal%C3%ADstica/89115362?adppopup=true>. Acesso em: 03 jan. 2024.

HORKHEIMER, M. Fascismo e capitalismo. *In*: POULANTZAS, N. **Fascismo e ditadura**. Trad. João G. P. Quintela e M. Fernanda S. Granado. Rev. Carlos Roberto F. Nogueira. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

HUGO, V. **Os miseráveis**. Trad. Casimiro L. M. Fernandes. Trad. revista Jorge Bastos Cruz. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

IANNI, O. Neoliberalismo e nazi-fascismo. *In*: Dossiê: Neoliberalismo e neofascismo. **Crítica Marxista**, São Paulo, Xamã, v. 1, n. 7, p. 112-120, 1998. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/ianni/1998/mes/40.pdf>. Acesso em: 24 dez 2024.

INIMIGO da educação, bolsonaro corta novamente verbas de universidades e institutos federais. **Federação Nacional dos Sindicatos de Trabalhadores em Saúde, Trabalho, Previdência e Assistência Social – FENASPS**, [s. l.], 07 out. 2022. Disponível em: <https://fenasps.org.br/2022/10/07/inimigo-da-educacao-bolsonaro-corta-novamente-verbas-de-universidades-e-institutos-federais/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

JAY, M. **A imaginação dialética**: história da escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisa Sociais, 1923/1950. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

KIERKEGAARD, S. **Ou-Ou**: um fragmento de vida. Trad. Elisabete M. de Sousa. [S. l.]: Relógio D'Água Editores, 2013.

KONDER, L. **Introdução ao Fascismo**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LEAL, C. de S. **Imprensa Integralista (1932-1937)**: propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30. Orientador: Helgio Henrique Casses Trindade. 2006. Monografia (Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/19101>. Acesso em: 12 dez. 2024.

LEVINAS, E. **Entre nós**: Ensaio sobre alteridade. Petrópolis: Vozes, 2005.

LIMA, M. J. V.; FREIRE, J. C. O lugar do outro nas relações amorosas contemporâneas: uma literatura ética levinasiana. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 8, n. 2, p. 85-99, dez. 2017.

MAAR, W. L. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. *In*: ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod\\_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCIPAÇÃO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCAÇÃO%20E%20EMANCIPAÇÃO.pdf). Acesso em: 14 nov. 2024.

MAAR, W. L. Adorno, semiformação e educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 83, p. 459-476, ago. 2003. Disponível: <https://www.scielo.br/j/es/a/zwmw6CFVH4zMQ9RW8zvGvMf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 dez. 2024.

MAFORT, K. Precarização entre os assalariados do campo, uma disparidade histórica. **Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra - MST**, [s. l.], 05 set. 2018. Disponível em: <https://mst.org.br/2018/09/05/precarizacao-entre-os-assalariados-do-campo-uma-disparidade-historica/>. Acesso em: 11 dez. 2024.

MARTINS, C. F. Viva la Muerte! **UOL**: Opera Mundi, São Paulo, 04 abr. 2021. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/opiniaio/carlos-ferreira-martins-viva-la-muerte/>. Acesso em: 28 dez. 2024.

MARTINS, L.; MAIA, E. Bolsonaro indiciado: saiba quais foram os crimes do ex-presidente apontados pela PF. **CNN Brasil**, São Paulo, 21 nov. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-indiciado-saiba-quais-foram-os-crimes-do-ex-presidente-apontados-pela-pf/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

MELLO, P. C. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre fake News e violência digital. [S. l.]: Companhia das Letras, 2020. *E-book*. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7938513/mod\\_resource/content/1/MELLO%20A%20Máquina%20do%20Ódio%20EDITADO.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7938513/mod_resource/content/1/MELLO%20A%20Máquina%20do%20Ódio%20EDITADO.pdf). Acesso em: 20 dez. 2024.

MOLITERNO, D.; VARELA, G. Bolsonaro puxa coro de “imbrochável” em discurso no Dia da Independência. **CNN Brasil**, [s. l.], 07 set. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-puxa-coro-de-imbrochavel-em-discurso-no-dia-da-independencia/>. Acesso em: 21 set. 2024.

MORAIS, E. Quem nada conhece nada ama. **Espaço Filosófico**, Campinas, SP, 19 mar. 2021. Disponível em: <http://edmcultura.blogspot.com/2021/03/quem-nada-conhece-nada-ama.html>. Acesso em: 03 jan. 2024.

MOREIRA, A. C. G. O conceito freudiano de regressão e a prática da psicoterapia em ambulatório de hospital universitário. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, ano X, n. 1, p. 1-12, mar. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2330/233017474005.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2024.

“NÃO SOU coveiro”, diz Bolsonaro ao ser questionado por mortes por COVID-19. **CNN Brasil**, São Paulo, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/nao-sou-coveiro-diz-bolsonaro-ao-ser-questionado-por-mortes-por-covid-19/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

NEIVA, L. B.; FREITAS, V. O Fetichismo cultural em TH. W. Adorno: Contribuições de Freud e Marx. **Problemata**: R. Intern. Fil. v. 12. n. 1, p. 168-182, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/57332/34045>. Acesso em: 25 dez. 2024.

NUNES, V. ‘A cabeça dele explodiu!’: os minutos seguintes ao ataque terrorista em Brasília. **Intercept Brasil**, [s. l.], 14 nov. 2024. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2024/11/14/minutos-seguintes-atentado-brasilia/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

O MUNDO administrado ou: a crise do indivíduo – Theodor W. Adorno & Max Horkheimer. Trad. Felipe S. Vieira. **Zero à esquerda**, 08 ago. 2024. Disponível em: <https://zeroaesquerda.com.br/index.php/2024/08/08/o-mundo-administrado-ou-a-crise-do-individuo-theodor-w-adorno/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

O PODEROSO chefinho. Direção: Tom McGrath. Produção: Ramsey Naito, Rebecca Huntley e Jed Schlander. Estados Unidos da América: DreamWorks Animation, 2017.

ORWELL, G. **Por que escrevo e outros ensaios**. Trad. Claudio Marcondes. 1. ed. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021.

PARIS, R. **As origens do Fascismo**. Trad. Elisabete Perez. Rev. Mary Amazonas Leite de Barros. Paris: Flammarion, 1972.

PARIS, R. Documento 4: Os fascistas e o 1.º de maio de 1919. *In*: PARIS, R. **As origens do Fascismo**. Trad. Elisabete Perez. Paris: Flammarion, 1972.

PEDRON, L. L. **Razão e reificação em Lukács**: Estudos sobre a consciência reificada. Orientador: Paulo Vieira Neto. 2019. Dissertação (Pós-Graduação em Filosofia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/62950/R%20-%20D%20-%20LUCAS%20LIPKA%20PEDRON.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 nov. 2024.

PIMENTEIRA, M. L. de A. Capitalismo e roteiro de gozo: o sujeito diante da dessimbolização. **Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, Recife, v. 2, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/praca/article/view/236200>. Acesso em: 19 nov. 2024.

PINHEIRO-MACHADO, R.; BULGARELLI, L. Entrevista: 'Damares e Guedes são parte do mesmo projeto político', diz pesquisador. **Intercept Brasil**, [s. l.], 01 set. 2020. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2020/09/01/entrevista-lucas-bulgarelli-damares-guedes-conservadorismo/>. Acesso em: 17 nov. 2024.

PIZZI, J. **Ética do Discurso**: a racionalidade ético-comunicativa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

POULANTZAS, N. 2. O processo de fascização. *In*: POULANTZAS, N. **Fascismo e ditadura**. Trad. João G. P. Quintela e M. Fernanda S. Granado. Rev. Carlos Roberto F. Nogueira. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

POULANTZAS, N. **Fascismo e ditadura**. Trad. João G. P. Quintela e M. Fernanda S. Granado. Rev. Carlos Roberto F. Nogueira. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

PRAÇA da sé tem voo de 'galinhas-verdes'. **Memorial da Democracia**, [s. l.], 07 out. 1934. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/card/revoada-das-galinhas-verdes>. Acesso em: 17 dez. 2024.

PREMIADA, escola ensina alunos de 6 a 11 anos a empreender. **Terra**, [s. l.], 19 maio 2015. Disponível em: <https://www.terra.com.br/economia/meu-negocio/premiada-escola-ensina-alunos-de-6-a-11-anos-a-empreender,1c25cdade856848060bccd3ea5541088ilaiRCRD.html>. Acesso em: 25 dez. 2024.

PRIMO rico revela investimento milionário para aposentar filho com Maíra Cardi antes dos 18 anos. **ISTOÉ**, [s. l.], 05 dez. 2024. Disponível em: <https://istoe.com.br/primo-rico-revela>

investimento-milionario-para-aposentar-filho-com-maira-cardi-antes-dos-18-anos/. Acesso em: 11 dez. 2024.

PUCCI, B. E a razão se fez máquina e permanece entre nós. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 20, n. 39, p. 71-88, jan./jun. 2006. Disponível: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/297/434>. Acesso em: 24 dez. 2024.

RAVENNA, M. Ana Chã lança livro "Agronegócio e Indústria Cultural" em Fortaleza. **Brasil de Fato**, Fortaleza, 05 abr. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2019/04/05/ana-cha-lanca-livro-agronegocio-e-industria-cultural-em-fortaleza>. Acesso em: 11 dez. 2024.

RILKE, R. M. **Cartas a um jovem poeta**. Trad. Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2009. *E-book*. Disponível em: <https://rathziel.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/11/rainer-maria-rilke-cartas-a-um-jovem-poeta.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2024.

ROBERTO Carlos - É Preciso Saber Viver (Áudio Oficial). [*S. l.: s. n.*], 31 jan. 2020. 1 vídeo (3:30 min.). Publicado pelo canal Roberto Carlos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xM4JFJYSkw4>. Acesso em: 31 dez. 2024.

ROITBERG, G. P.; SILVA, M. B. D.; SOUZA, E. G. de; GOMES, L. R. Fascismo e antissemitismo à brasileira. **Revista Devir Educação**, Lavras, v. 5, n. 2, p. 126-147, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/492>. Acesso em: 17 nov. 2024.

ROUANET, S. P. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.

ROUANET, S. P. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionários de Psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1998.

SANTOS, A. D. G. dos.; SILVA, D. V. da.; MACIEL, K. N. A campanha publicitária “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”, da Rede Globo de Televisão, como difusora da propaganda sobre o agronegócio no Brasil. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura - Eptic**, Aracaju, v. 21, n. 1, p. 46-61, jan./abr. 2019.

SANTOS, B. M. dos; DAMICO, J. G. S. A interpretação metapsicológica do fascismo na abordagem freudo-adorniana. **Acta Scientiarum: Human and Social Sciences**, v. 44, p. 1-13, 2023. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/373693992\\_A\\_interpretacao\\_metapsicologica\\_do\\_fascismo\\_na\\_abordagem\\_freudo-adorniana](https://www.researchgate.net/publication/373693992_A_interpretacao_metapsicologica_do_fascismo_na_abordagem_freudo-adorniana). Acesso em: 14 nov. 2024.

SANTOS, G. dos.; OLIVEIRA, T. de. Capítulo II: Conflito e medo: aproximação de teorias e confrontação de aspectos biológicos, psicológicos e sociais na arqueologia do autoritarismo. *In*: SAWAIA, B.; ALBUQUERQUE, R.; BUSARELLO, F. (org.). **Afeto e autoritarismo**:

expressões psicossociais da política brasileira. 1. ed. Taubaté - SP: Letra Selvagem; Manaus, AM: Edua/AM, 2023.

SANTOS, M. L. dos. **Constelação vital**: da vida excitada à vida incitada um ensaio sobre o pensamento de Theodor W. Adorno. Orientador: Ricardo Timm de Souza. 2010. Tese (Programa de Pós-Graduação em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2842>. Acesso em: 17 nov. 2024.

SAWAIA, B. O autoritarismo entre potência e poder, multidão e massa, paixão e emoção. *In*: SAWAIA, B.; ALBUQUERQUE, R.; BUSARELLO, F. (org.). **Afeto e autoritarismo**: expressões psicossociais da política brasileira. 1. ed. Taubaté - SP: Letra Selvagem; Manaus, AM: Edua/AM, 2023. Disponível em: [https://www5.pucsp.br/nexin/livros/Afeto\\_and\\_Autoritarismo\\_Expressoes\\_Psico.pdf](https://www5.pucsp.br/nexin/livros/Afeto_and_Autoritarismo_Expressoes_Psico.pdf). Acesso em: 14 nov. 2024.

SILVA, A. M. V. B. da. A concepção de liberdade em Sartre. **Revista Filogênese** – Revista Eletrônica de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP, Marília – SP, v. 6, n. 1, p. 93-107, 2013. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SILVA, P. F. Psicologia Social de Adorno: Resistência à violência do mundo administrado. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, p. 35-46, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/gLzxwRWZp9Hx4tVgNQ3BTs/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

SILVA, T. C. F. C. da; CAMINHA, I. de. O. O fascismo e as massas: uma análise da teoria freudiana sobre o contágio do ódio. **Problemata**: R. Intern. Fil. v. 10. n. 5, p. 178-187, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/47439>. Acesso em: 14 nov. 2024.

SONTAG, S. **Sob o signo de saturno**. Trad. Rubens Figueiredo. Companhia das Letras, 1980.

SOUZA, N. N. **Gueto de Varsóvia**: Educação clandestina e resistência. Orientador: Ana Szpiczkowski. 2013. Dissertação (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002412608>. Acesso em: 03 jan. 2024.

SOUZA, R. T. de. **Adorno & Kafka**: paradoxos do singular. Passo Fundo: IFIBE, 2010.

SOUZA, R. T. de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

SOUZA, R. T. de. **Em torno à diferença**: aventuras da alteridade na complexidade da cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2008.

SOUZA, R. T. de. **Ética como fundamento II**: pequeno tratado de ética radical. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016.

SOUZA, R. T. de. **Ética do escrever**: Kafka, Derrida e literatura como crítica da violência. Porto Alegre, RS: Zouk, 2018.

SOUZA, R. T. de. **Filosofia da Escravidão**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2024.

SOUZA, R. T. de. **O pensamento e o outro, o outro do pensamento**: a questão da alteridade em configurações contemporâneas. Porto Alegre: Zouk, 2022.

TAPAJÓS, A.; CASTRO, F. de. Indígenas alertam sobre os graves impactos do garimpo em seus territórios. **World Wide Fund for Nature - WWF**, [s. l.], 26 abr. 2023. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?85520/Indigenas-alertam-sobre-os-graves-impactos-do-garimpo-em-seus-territorios>. Acesso em: 11 dez. 2024.

TEÓFILO, S. Militar questionou sobre campo de prisioneiros de guerra em grupo que tratou sobre golpe: 'Auschwitz!'; leia mensagem. **O Globo**, Brasília, 27 nov. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/11/27/militar-questionou-sobre-campo-de-prisioneiros-de-guerra-em-grupo-que-tratou-sobre-golpe-auschwitz-leia-mensagem.ghtml>. Acesso em: 01 dez. 2024.

THE GHETTO of Warsaw before the uprising: a piece of cake was the source of joy of this smiling child unaware of his tragic future. Warsaw Ghetto. About 1943. Photograph. **Hulton Archive (Votava/Imagno)**, Polônia, 1943. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornal%C3%ADstica/the-ghetto-of-warsaw-before-the-uprising-a-piece-of-foto-jornal%C3%ADstica/503021615?adppopup=true>. Acesso em: 03 jan. 2024.

TIBURI, M. Turbofascismo: Fascismo na era digital e o caso brasileiro. *In*: SABARIEGO, J.; AMARAL, A. J. do.; SALLES, E. B. C. (coord.). **Algoritarismos**. Valencia: Tirant lo blanch, 2020.

TORRE, B. D. A nova “organização”: Adorno, indústria cultural (digital) e a extrema-direita hoje (2 notícias). **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP**, São Paulo, 24 jun. 2021. Disponível em: <https://namidia.fapesp.br/a-nova-organizacao-adorno-industria-cultural-digital-e-a-extrema-direita-hoje/327571>. Acesso em: 12 dez. 2024.

TORRE, B. D. Adorno, leitor de Marx. **Sociol. Antropol.**, Rio de Janeiro, v. 09, n. 02, p. 519-541, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/RcvsCTz9ZpjRGv67jNSvDsJ/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

TORRE, B. D. Indústria cultural por Bruna Della Torre. **Instituto Norberto Bobbio - INB**, São Paulo, 11 abr. 2023. Disponível em: <https://inb.org.br/industria-cultural-por-bruna-della-torre/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

TREULIEB, L.; DIAS, M. Arco entrevista Ricardo Timm de Souza sobre necropolítica. **Revista Arco: Jornalismo Científico e Cultural**, Santa Maria: RS, 13 maio 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/arco-entrevista-ricardo-souza-necropolitica>. Acesso em: 18 nov. 2024.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. O levante do gueto de Varsóvia. **Enciclopédia do Holocausto**, Washington, EUA, [202-?]. Disponível em:

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/the-warsaw-ghetto-uprising>. Acesso em: 03 jan. 2024.

VASCONCELLOS, C.; PUZONE, V. Estática e dinâmica do capitalismo tardio na teoria crítica. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 85-102, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/QJ63Sxpjn3tBKbyYX3FH4mS/>. Acesso em: 25 dez. 2024.

VIVAS, F. PF já indiciou Bolsonaro por caso das joias sauditas e cartões de vacina, além do golpe; relembre. **G1**, Brasília, 21 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/11/21/pf-ja-indiciou-bolsonaro-por-caso-das-joias-sauditas-e-cartoes-de-vacina-alem-do-golpe-relembre.ghtml#2>. Acesso em: 23 dez. 2024.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Trad. Adriana Buzzeti. 1. ed. São Paulo: Lafonte, 2020.

ZUIN, A. A. S. Auschwitz nunca mais: educar como resistência ao autoritarismo e à barbárie. *In*: ALVES JÚNIOR, D. G. (org.). **A Personalidade autoritária**: ontem e hoje. 1. ed. São Paulo: Editora Bregantini, 2022.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo  
Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone: (51) 3320-3513  
E-mail: [propesq@pucrs.br](mailto:propesq@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)